Sousa Costa
Da Academia das Sciências de Lisboa

Ressurreição dos Mortos

Romance

Scenas da vida do Douro

Ressurreição dos Mortos

SOUSA COSTA

Da Academia das Sciencias de Lisboa

Ressurreição dos Mortos

ROMANCÉ

(Scenas da vida do Douro)

1.° MILHAR

PORTVGALIA
EDITORA

LISBOA : R. DO CARMO, 75 — RIO DE JANEIRO : R. BUENOS AYRES, 145

DE SOUSA COSTA

Os que triunfam — novela romantica, 2.ª edição.......	$40
Excentricos — contos, 3.ª edição.......................	$50
Fruto Proíbido — romance — Scenas da vida de Coimbra.	$70
Os meus pecados..................................	$60
A mulher na Renascença...........................	$10
Sempre Virgem — romance — Scenas da vida de Lisbôa, 2.ª edição..................................	$70
Coração de Mulher................................	$70
Regresso á Felicidade — novela naturista............	$50
Como se vingam mulheres — comedia................	$20
A Pecadora — romance, 2.ª edição....................	$80
Romeu e Julieta — novela em cartas..................	$60
Que Vergonha! — farça...............	$30
Ressurreição dos Mortos — romance — Scenas da vida do Douro..	$80

Paginas de Sangue, Brandões, Marçais & C.ª — no prélo.

EM PREPARAÇÃO:

... *de Portugal e dos Algarves*.

Quorium de ressurrectione mortuorum ego judicor hodie a vobis.

S. PAULO, AT. DOS AP., CAP. XXIV

A ALBERTO D'OLIVEIRA

— PELO MUITO QUE ADMIRO O SEU TALENTO E PELO MUITO QUE DEVO Á SUA AMIZADE.

I

QUILO não era frio. O vento assobiava nas ruas e nos telhados. A noite devia ser das mais geladas de novembro. Mas muito atabafada no seu lenço de três pontas, farto e de lã, sentindo o proximo e esperto crepitar do lume na lareira, Aninhas arripiava-se e tremia, não de frio—do que ouvia na sala contigua, e tanto do que ouvia como do que adivinhava.

Andava desconfiada do padrasto. Nos ultimos cinco dias, sobre tudo, enxergara-lhe na cara, e nas falas, e nos modos qualquer coisa de «notorio» que a desassocegára. «E' talvez por'môr da tunda que as tropas do governo deram nas do Sá da Bandeira, em Valpassos»—pensou. O padrasto, cabralista dos quatro costados, ao sabê-lo, déra vivas á Rainha, á Carta, ao Costa Cabral, mandára distribuir farta maquia de figos sêcos e aguardente pelo pessoal da póda. Queria certificar-se. Tratou de o espiar. Receava tambem que fôsse qualquer armadilha contra o namorado, o seu Ernesto, que, por ser pobre, êle trazia entre dentes. Receava ainda que fôsse qualquer tramoia contra seu irmão, o Duarte, que deixára os estudos de Coimbra, e apezar do padrasto ser cabralista, se puzera do lado dos patuleias no regimento do Vilas-Bôas. Mas quê? Não era por ali que o rato ia ás filhós—o caso era outro. E tremia de pavôr diante da verdade que se lhe revelava!

Tornou a aplicar o ouvido. Parlamentavam, outra vez, num tom quasi normal:

—Nem pio ao Peludo, ouviste?—ordenava o padrasto, o José Leandro, a um dos quatro homens que pelo buraco da fechadura via na sala, três de pé e um sentado, como êle á mêsa do centro em que palpitava a luz de azeite dum candieiro de três bicos.—O Peludo é um pimpão no trabalho. Ninguem mais «curgidôso» não no ha no mundo. Agora lá pr'a isso... não vale agua!

—Ah, isso não...—confirmou a voz efeminada e cauta do Zé da Dorna, que era dos que se conservavam de pé.

—E é um cão de 'stalagem. Tão depréssa 'stá comigo, como c'o fidalgo—acentuou o Leandro, convincente.—Vós quatro chegaveis p'r'as tropas do Antas, quanto mais pr'aquilo! Que quant'aos galêgos, vós vereis... não se mexem na cardenha.

Tornavam a falar nos Marçais. Compreendia tudo. O que não ouvia, reconstituia-o pelo que adivinhava.

Tinham mandado um proprio aos Marçais, a Fozcôa, pedindo-lhes que viessem á Pesqueira. Era precíso acabar com a raça dos da Junta Governativa—formada a seguir á Maria da Fonte pelo conselheiro Manoel de Castro Pereira, ex-ministro de Estado, pelo Manoel Antonio Pinto Soveral, ex-coronel das melicias de Moncôrvo e deputado ás Côrtes de 22, pelo Costa Seixas e Caiado de Almeida, dos maiores do concêlho, tudo gente de estimação, e que porisso só os de fóra, e com fôrça a valêr, podiam sem risco liquidar.

Os Marçais, com o seu sinistro e temido batalhão, chegariam nessa madrugada. Haviam descido a Provezende para castigar os que no Douro tomaram os barcos com cereais destinados ás tropas do Casal. Aproveitando a ruidosa vitoria dêste em Valpassos—a vitoria que esmagára os patuleias do norte, reduzindo a um esfarrapado zéro as unidades belicosas do Sá da Bandeira—castigavam os de Provezende, e passando á outra margem do rio, acabavam com os «junteiros» da Pesqueira.

Os Marçais deviam chegar de madrugada—observava Aninhas. Vinham apanhar no «quente», desarmados e a dormir, os inimigos do partido do Costa Cabral. E o seu padrasto, que se mostrava unha e carne com o fidalgo da quinta da Valeira, que havia uns tempos não pensava senão na quinta do fidalgo, pois ela era toda a sua ambição, aproveitava-se do «barborinho» e da fama dos Marçais, tudo gente do seu partido, para um assalto ao solar nessa propria noite — assalto que todos atirariam depois p'r'as costas largas dos de Foz-côa!

O fidalgo era miguelista. Os Marçais, na sua sanha cabralista, perseguiam, fuzilavam, espoliavam indistinctamente patuleias e miguelistas—aliados por conveniencias politicas.

De maneira que, realisado o assalto á hora em que os cabralistas arcabusassem o Castro Pereira, o Seixas, o Caiado, ninguem se lembraria de procurar os seus autores fóra dos contigentes do batalhão—que contava sicarios, adestrados no assassinio e no roubo, como o *Rá-rá*, o *Estafeta*, cujos nomes exalavam sombras, capazes de assassinarem santos, de roubarem Deus nas Sagradas Particulas.

A Valeira assaltada! Era certo que o padrasto recommendara que não matassem, fazendo aquilo só p'ra afugentar o fidalgo, p'r'o resolver a abandonar e a vender a quinta—pois tambem fugira de Provezende por causa de outro assalto. Mas via o fidalgo, teimoso e destemido, resistindo a tiro ao ataque dos assaltantes. Via Frei José Mendes, o capelão da casa, trémulo de mêdo, escondido na capéla. As irmãs do fidalgo, as snr.as D. Isabel Maria e D. Carlota, rezando e gemendo ao pé do frade. A menina Maria do Rosario, tão sua amiga, tão amiga do seu Duarte, a esconder-se e a chorar entre as tias. E o escudeiro, e restantes criados, a defenderem os seus amos, e os galêgos da plantação, e os «marinheiros» do rio, correndo em seu auxilio!

—Mas que voz!—disse Aninhas, para consigo, pela se-

gunda vez intrigada com a voz do desconhecido sentado ao lado do padrasto, um pouco de costas contra a porta, custando-lhe a convencer-se de que fôsse de quem lhe parecia.— Não, não é dêle...

Tocaram ás almas na torre de S. João. Leandro, e os companheiros, todos de pé, calaram-se, cabisbaixos, a rezar.

—E' êle!—e Aninhas, ao certificar-se de que se não enganara, quasi bradava alto a sua amarga certeza.

O Roque da Silvana, o Pinguinhas, o feitor do fidalgo! Sentiu uma ansia enorme de gritar a sua revolta contra aquele «fatinario», que assim atraiçoava o seu amo! Afigurou-se-lhe mais negro o quadro do assalto, porque seria menor o numero dos defensôres da quinta.

Receou que o Pinguinhas, para facilitar a proêza, abrisse as portas aos assaltantes, enfraquecendo a resistencia. E' verdade! E não estava na Valeira o administradôr, o João Caitano, que fôra ás compras ao Porto na semana anterior!

Pensou em descer a escada e chamar á porta, tão perto da de sua casa, o visinho boticario, o Vitorino Teixeira, velho amigo do fidalgo, para que mandasse um proprio á quinta, para que prevenisse o snr. D. Antonio dos provaveis acontecimentos graves dessa noite. Mas como? A que pretexto? E se o padrasto desconfiava—ou se a sentia descer?

—Bem entendido...—corroborou o Leandro, depois de se persignar e de se sentar.—Tu prendes o cão. Cá os rapazes avançam e batem á porta, do lado de S. Salvadôr...

—Aninhas!—chamaram de dentro.

Aninhas, meio transtornada pela comoção, meio sufocada pelo desespero de não lhe deixarem ouvir o resto, meteu á cosinha, correndo nos bicos dos pés, esforçando-se por tornar a expressão e o olhar calmos.

—Aninhas!—lamuriou a mesma voz.

—Minha mãe!

—E' por'môr da ceia...—elucidou a Januaria, de cocoras á lareira, com o avental a espertar o fôgo, cujos braços faulhantes abraçavam os bojudos potes de ferro perfilados em volta, emquanto o feitor velho, o Joaquim Lanzudo, sentado no escano farto de espaldar, de calças e meias pardas de lã, os pés empinados ao lume e os calcanhares assentes nos tamancos, rezava as suas contas e dormitava o primeiro sôno. E continuou, de mau humôr :—'Stá feito! O senhor seu pai, tambem! Mete-se pr'a lá co' aqueles «politrões» e não vem cear! Tudo chisnado! Já me doem os joelhos de 'star p'r'aqui «acocrinhada» a abanar e a mexer os pótes!

—Aninhas!

—Estava a ouvir a Januaria.

Passou á sala de jantar—uma sala ampla e negra, de tectos de caixotão em castanho nu, mêsa vasta ao meio, cercada de pesadas cadeiras de assento de madeira, alumiada por um candieiro de azeite, de pé alto e de três bicos, tendo ao fundo, no intervalo de duas janelas de portas cerradas, um grande armario com louças.

—Dormias, aposto...

—A'gora dormia.

—Pois eu já cabeceei dois sônos... e teu pai sem vir. Quando vier, encontra tudo chisnado. Se isto são horas de cear! Vai-lho dizer, anda. E que deixe p'ra depois da ceia lá esses negocios de pódas e plantações! Eles que 'sperem, que lho manda a obrigação.

—Mas...—hesitou, indecisa.

—Anda, vai!

Olhou a mãe, resoluta, como na intenção de lhe confiar o que ouvira e o que adivinhára. A mãe, gôrda, vermêlha, afogada em espessos tecidos de lã, sentada á mêsa em que a toalha de linho branquejava, com os pratos e talheres em ordem, com a infusa de barro vidrado cheia de vinho, e um pão de trigo alveiro, de quatro cantos, a par da infusa, bocejava, fa-

zia cruzes sobre o bocejo, e pronunciava silabas mal distintas. Aninhas teve mêdo. Ela não seria mulher para se opôr ao intento do marido. Alem disso, muito simples, era o que o marido lhe chamava—«uma campainha da rifa». Iria logo badalar-lhe tudo, e a toda a gente—o que poderia trazer desgostos, perseguições.

—Então? Ainda 'stás com sôno, mulher! Ai Virgem!

—Lá vou, minha mãe.

Arrastou-se a custo, parando aqui, tropeçando alem. Agora o padrasto e os seus homens conversavam em tom nitido, naturalmente. Bateu á porta com timidez.

—O que é?—inquiriu Leandro.

—Sou eu.

—Abre.

Abriu. O Roque, e os serviçaes da confiança do padrasto, o Carriço, o Toninha e o Zé da Dorna voltaram-se, sorriram, deram as bôas-noites.

—Nosso senhor lhe dê as bôas-noites, snr.ª Aninha.

—Bôas-noites.—E ao padrasto, uma tremura agitando-lhe o limpido cristal da voz:—E' a mãe que quer cear. Diz que já passa das séte.

—Bem sei. Já tocou ás almas. Estivemos a combinar aí uns serviços na quinta cimeira, e a ouvir o Roque da Silvana que é entendido nessas coisas. Pudéra! Feitor do fidalgo de Provezende ha mais de quinze anos!—E noutro tom, intimativo:—Or'olha... Vai lá dentro, e traz um pichôrro de vinho p'ra dar de beber a estes homens.

—Obrigado, patrão... — resmungou o Toninha, espadaúdo, desgrenhado e ramelôso:—Não 'steja a enfadar-se.

Aninhas saíu, numa especie de vertigem, provocada pelo fumo do tabaco que saturava o ar e pela nausea de se abeirar daquêles homens. Voltou pouco depois, com o cangirão vidrado da sala de jantar, em que o vinho resplandecia.

O padrasto, tomando-o na mão, entregou-o ao Roque.

—Bebe.

—Beba «voncê» primeiro.

—Não tenho sêde...—retorquiu Leandro.—E tirava-me a vontade á ceia.

O outro condescendeu, passeou as costas gretadas da mão pela bôca barbuda resmungando:

—Então lá vai. P'ra que viva—e bebeu pela infusa, sofregamente, os olhos arregalados.

—Pega tu....—disse, limpando de novo a bôca ás costas da mão, passando o vinho ao Carriço.

O Carriço aceitou-o e ofereceu-o, ceremonioso, ao Zé da Dorna.

—'Stá em bôa mão. «Bô proficio»—acentuou o Zé da Dorna, recusando e desejando-lhe o melhor proveito.

Quando o ultimo bebedor esvasiou o cangirão, o Roque, que ainda ia dali para a Valeira, acendeu um lampeão de lata pousado a um canto, junto do réfle, renovou a escórva do réfle, e deu as bôas-noites.

—Não sei para que levas a lamparina acêsa...—comentou o Toninha.—C'um luar que se vê como de dia!

—E' p'ra afugentar os ladrões!—retorquiu o Carriço.

—Ah bô!—replicou êle, corajôso.—Os ladrões andam lá p'r'a 'Stuarda. Não saem ao caminho da Valeira. E que saíssem!...—Apagou o lampeão:—Nem me lembrei que havia luar... E quer não, sempre afugentava as bruxas...

Leandro acompanhou-os, desceu com eles á porta da rua. O luar, claro e frio, desenhava no chão as fachadas dos predios fronteiros, deixando a rua, do seu lado, num vago lusco-fusco de penumbra. Não passava viv'alma. E apenas ao cimo da Praça, em que a silhueta do pelourinho se recortava nitidamente, escorrendo luar, se via a facha de luz da porta entreaberta da botica do Joaquim José—onde se cavaqueava até tarde, onde, ao calor da brazeira, se batia o gamão e se pleiteava o voltarête.

Ao despedir-se do Roque fez-lhe qualquer observação

em voz baixa, a que êle correspondeu com um gesto de entendimento. O Toninha, aplicando o ouvido ao badalar de chocalhos, vindo dos lados da rua da Albergaria, anunciou:

—Olhe. O almocreve, o Serrano, que chega do Pôrto.

—E' êle, é...—confirmaram os outros, a um tempo, reconhecendo-o pelo badalar particular da chocalhada.

—Chega tarde—disse o Leandro.—Quando Deus quer... viu-se na «rua dos ataqueiros» p'ra passar na barca co'a arreata. O rio vae de monte a monte.—E despedindo-se de vez:—Vou cear. E ainda o «pregunto» hoje, que deve trazer novidades a respeito dos senhores «junteiros» do Pôrto.—Mais alto para os serviçais, que já seguiam em direcção á Praça:—A'manhã, han? Todos a postos. Quero a terra bem surribada. Covas fundas, e o bacêlo das Carvalhas!

—Descance. Lá estaremos.

Subiu as escadas, meteu á sala de jantar, atarracado e vigorôso, sentou-se á mêsa, cabisbaixo e recolhido.

A Januaria trouxe a ceia. Ele serviu-se, começou a comer á pressa—e distraído, em vez de vinho, deitou azeite no copo.

—Ai Virgem!—acentuou a snr.ª Inacinha persignando-se.—Nem vês o que bebes. Esses Cabrais, ou o que são, nem te deixam socegada a hora do comer, que é a mais curta. E quer queiras, quer não, não deixo de dizer que não sei o que isto me parece, depois do nosso Duarte andar na guerra contra o Saldanha.

Leandro encarou-a de frente, franziu a testa curta, piscou os olhos negros—que pareciam duas luras, de que espreitassem ratos, sob a densa espessura das sobrancêlhas demarcadas pelo espinhaço do grôsso nariz enrubescido. Cofiou o bigode, meio branqueado pelos anos, que lhe caía em franja sôbre a bôca carnuda, declarando, rosnando:

—O' mulher! Mete-te lá na tua vida, e deixa-me a mim co'a minha. Sou pelos Cabrais? Sou p'los que teem que perder. O rapaz deixou os estudos p'ra ir contra o Saldanha e o

Cabral? Ele é que as ha-de pagar.—Bebeu um copo de vinho, limpou o bigode e a bôca, concluiu:—E daí... se vencerem os da Junta, nunca fico mal. Sempre lá tenho o rapaz...

O Roque, de lampeão na mão esquerda e o réfle alapardado sob o capote, seguiu com os companheiros rua da Barreira acima, em silencio.

Parou na Praça, em frente da Camara. E em silencio ainda, olhou em volta, como que a espiar os recantos negros da sombra. Da botica do Joaquim José vinha o ruido dos discos do gamão batendo no taboleiro. A fachada da Misericordia, do lado opôsto ao da Camara, resplandecia banhada de luar. E o arco ogival da rua Direita, iluminado em cheio, lembrava a entrada para uma fortaleza medieval, de que a torre do relogio, perfilada no extremo da linha de arcos abatidos que se prolongava para lá do arco em ogiva, era a vigilante e grossa albarrã.

Como não visse, como não ouvisse ninguem, o Pinguinhas relembrou, para que não os esquecessem, certos pormenores essenciais ao bom exito do assalto. Era preciso arranjar as mascaras, han? Um lenço dos de «vára» cobrindo a cabeça e a cara, com buracos nos olhos e na bôca, a apertar «no cachaço». Não saíam da vila sem entrarem os dos Marçais... não fôsse ás vezes o Diabo tecê-las. Ele, chegava a casa, e a primeira coisa que fazia, era deitar agua nas caçoletas das duas espingardas reiunas do fidalgo, que depois não haveria escorva que pegasse. Mas, botassem bem sentido, não se disparava tiro que não fôsse p'ra assustar.

—E' quanto bonda...—afirmou o Zé das Dornas no seu aspero falsête, sorrindo.—As velhas caem de susto. O frade... até fica co'as maleitas. A morgada já lá não dorme mais... vem logo p'ra casa dos fidalgos do Cabo. E o snr. D. Antonio torna p'ra Provezende, e desfaz-se da quinta.

—E então, upa! o patrão deita-lhe a unhas, e a Valeira é toda dêle...

—O pior é se o snr. Caitano já chegou do Porto...—comentou o Toninha, num prudente receio.—O snr. João Caitano não é p'ra brincadeiras...

—O' homem! Cala o bico e deixa isso por minha conta...—interveiu o Roque, energico.—E vai daí, se tiver chegado? Eu já disse que me parece que não chegou. Esperavam-no hoje. Mas saí da quinta ao largar do trabalho, e nem «rascas» dêle. Quando Deus quer, emborrachou-se por lá com o tal inglez dos miguelistas, o *Macadona* ou como lhe chamam, e nem mais se lembrou da Valeira. Porque, rapazes...—acentuou, confidencial—eu não quiz dizer isto ao snr. Leandro, não julgasse que 'stou de candeias ás avessas cô'êle: quant'a mim, o sr. João Caitano não foi ao Porto, foi levar vinho e dinheiro ao inglez, á casa de Melres, lá p'r'o pé de Paiva, que é por onde êle anda p'ra fazer virar isto a favor dos *corcundas*.

Os outros aprovaram a ideia com calôr. Falaram em tiros e zagalotes. O Roque, afirmando que sim, que era o que êle merecia, «um zagalote p'las trombas», pôz-se de nôvo em marcha. Acompanharam-no até ao Extremadoiro.

—'Stá um «cieiro» que corta—disse o feitor, friorento, erguendo a góla do capóte contra o vento agreste e gelado de léste.

—Vento suão... alcoviteiro da chuva...—sentenciou o Toninha, olhando o céo limpo em que as estrelas tiritavam e resplandeciam.

Ao despedirem-se, ao comprometerem-se a cumprir o programa á risca, notaram luz atravez das janelas da casa das fidalgas Ferrôas—onde os chefes patuleias, com o Caiado de Almeida, irmão das fidalgas, reuniam e deliberavam.

O Carriço indicou a casa, riu dos patuleias, lembrou que já ali não estavam, se desconfiassem de que ia estalar-lhes

a castanha na bôca nessa mesma noite. E baixo, galhofeiro:

—Quando as sentirem zenir... ha-de ser bonito vê-los porem-se «a cavalo nas atacas»!

—Hum...—rosnou o Toninha.—O snr. Caiado é «tésto». E o snr. coronel. Não são dos que fogem...

—Adeus. Olhai agora o que fazeis...—recomendou o Roque.—Coragem e bico calado. O snr. Leandro, vós ouviste-lo, ha-de «convidar-vos» bem. Vou-me lá que senão já encontro tudo no «quente».

E o Roque meteu ao Extremadoiro a passo largo,—fazendo ranger a carda dos sapatões de bezerro no chão empedrado, num ruido de cavalo comendo grão de milho. Na casa do Cabo havia tambem luz— os fidalgos jogavam a partida habitual de voltarête com os Sousas do Adro e os Soverais de Sidrô. Nas proximidades do convento um cão de guarda, do pastôr que ali pernoitava com o rebanho, veiu ladrar ao caminho, num furôr de arremetida. Tirou o réfle debaixo do capote, bradou para dentro da cêrca:

—Eh pastôr! Cuidado c'o cão!

—Bôxo, bôxo! *Piloto!* Aqui!—interveiu uma voz intimativa e rascante.

O cão obedeceu. Roque subiu ao cruzeiro, e do cruzeiro, descobrindo-se, cortou à esquerda pelo caminho suave de carro. O pinhal de Sidrô, larga mancha azulada que se estendia à direita, zumbia, ressonava, embalado pelo vento, projectava na estrada, por cima do alto muro da cêrca, a escuridão da sua sombra, aqui e alem esgarçada em rasgões lacteos e movediços.

O feitor nem dava pelo sussurro profundo do pinhal, nem pelo cascalho em que de momento a momento topava—ali pôsto pelo snr. Eduardo de Soveral para cobrir as regueiras cavadas pelas ultimas enxurradas, que por pouco lhe cortavamo caminho dos passeios frequentes à vila e à Valeira. Absorviam-no tôdo, como que lhe amorteciam mesmo a

sensibilidade fisica, as promessas do Leandro—a cantarem-lhe, sereias tentadoras, a aria cariciosa da riqueza proxima. O fidalgo desfazia-se da quinta por «tuta e meia» — já assim fôra co'o casal de Provezende, quando o assaltaram por ser p'los *corcundas*. Era o Leandro, preparado p'ra ser o primeiro a oferecer, quem lhe ficava co' ela. Então, o João Caitano ia-se embora, com D. Antonio. E êle trepava dum salto de feitor a administrador—não sómente da quinta fundeira, da do fidalgo, tambem da meeira, que Leandro tinha apalavrada, e da cimeira, e da do abade de Sant'Iago, que pouco valia e êle logo comprava.

E via-se quasi senhor de tudo aquilo, toda a encosta da Valeira fechada ao alto por um portão, de que tinha a chave, vivendo na casa do D. Antonio como em propriedade sua, amealhando os saldos do ordenado e dos negocios, e até com rebanho seu—porque Leandro lhe prometêra, alem do mais, quinze ou vinte cabeças de gado «ovelhum».

O ribeiro das Vergadas bramia em baixo, arremessando-se de encontro às fragas que lhe estorvavam a passagem. A encosta sobranceira ao ribeiro, escalonada em socalcos de vinha, parecia ascender sob a algida mortalha da luz inerte. E o caminho, descendo entre a massa escura do pinhal e a livida brancura das Vergadas, era como uma fenda aberta entre o negro misterio da noite e a anunciação acolhedôra da madrugada.

De subito, o solo abatia-se—o caminho tomava o aspecto duma ponte levadiça. Do termo da quinta de Sidrô estendia-se, desamparado, debruçando-se á esquerda para as fundas ravinas da Valeira, à direita para os despenhadeiros cultivados do Vale-de-Carvalho, a entestar com o môrro conico de S. Salvador do Mundo—que se empinava em frente, no seu ar tragico de castelo lendario, com os passos da Via Dolorosa, de alto a baixo em capelinhas brancas, miniatura rustica do Bom Jesus do Monte, e ao cimo o vulto dominante do santuario e do eremiterio.

O Roque, tirando o chapeu e genuflectindo, quebrou á esquerda para a Valeira, pelos zig-zagues, pela fita em laçarotes que levava á quinta dos fidalgos e ao rio Douro.

Estugou o passo. Abeirava-se da casa da quinta cimeira —a do Leandro. Deitou os olhos ao chão, benzeu-se, mascou orações objurgatorias—não fosse aparecer-lhe a alma penada do P.e Francisco do Lodeiro, que por ali andava de noite, transformada em burrico, ou que de traz dos vidros das janelas acenava e assombrava os que passavam.

Na profundidade esbatida pelo luar, e atravez da copa das oliveiras, distinguia o solar, com as parêdes luzentes de cal e as piramides esguias de dois ciprestes aos flancos. A sua casa, a cardênha dos galegos, o cilindro do pombal definiam-se um pouco acima.

A meio da ravina começou a perceber sons de banza, ferrinhos e bombo—eram os «marinheiros» nos barcos rabêlos, durante a noite abrigados no «porto» da Valeira da furia dos «pontos», da furia dos cachoeiras.

No scenario dantêsco, cortado em cerros hirsutos, em vertentes convulsas, com esgares de misterio e sombras impenetraveis, a que o rugir do cachão visinho comunicava solenidade, a musica barbara e dolente parecia o latejar da propria sombra, o soluçar do torvo misterio. O rio desenhava, á luz indecisa, a curva que do cachão se estende ao da Gadanha. Os picos da margem fronteira, as capelas de S. Salvador do Mundo, as lombas crêspas do Pelão chapavam-se no céo em atitudes esfingicas, em arrogancias de pesadêlo.

—Eh! *Tua*! Gente de paz!—gritou ao cão da quinta, que ladrava ameaças.

O *Tua* calou-se, correu para ele, saltando-lhe à cinta, lambendo-lhe as mãos.

Nem foi por sua casa. Torneou o solar, para entrar pela porta da cosinha, pousou o lampeão, abriu a porta, e entrou cabisbaixo, de chapeu na mão.

—Nosso Senhor lhes dê muito bôas-noites.

—Nosso Senhor te dê as mesmas— correspondeu o frade da lareira.

Num relance descobriu todos os que estavam ao redôr do lume—entre êles o João Caitano, que sempre regressára nessa tarde.

—Demoraste-te! São quasi nove horas...—disse o fidalgo, olhando-o face a face.

O Roque, depois de pôr o refle e o chapeu a um canto, explicou a causa da demora— as voltas da «venda» do João Honrado, onde encomendára as duas arrobas de bacalhau, para a venda do Lourenço, que lhe não queria fazer o desconto no sabão; a 'spera numa e na outra até que aviassem os freguezes chegados primeiro...

Todos lhe prestaram atenção—D. Antonio, de calva lustrosa e face escanhoada, sentado no escano de castanho, de alto espaldar, que encostava á parêde do fundo, os pés ao calôr dos tóros esbrazeados na pedra da lareira; as duas irmãs, D. Izabel Maria e D. Carlota á sua direita, aquela de cabêlos em bandós, levemente branqueados e as contas de azeviche na mão, esta de aparencia mais nova, de oculos no nariz e *crochet* entre os dedos afadigados; á esquerda do fidalgo a filha, Maria do Rozario, vinte anos frêscos de flôr cuidada a preceito, os olhos castanhos sorrindo, os cachos dos caracois sobre as orêlhas; e do lado da porta, resfastelados em bancos de pinho, os pés em meias de lã grossa, Frei José Mendes, gôrdo e de solidéo, e João Caitano, vermêlho e espadaúdo.

Havia ainda, na espaçosa cosinha, trabalhando e escutando o feitor, as criadas do serviço interno—a Tomazia, acocorada no chão e de róca á cinta; a Angelina, de pé, a agitar a caldeira de cobre, suspensa da chaminé por uma cremalheira de ferro, em que ferviam batatas e castanhas para os porcos; e no extremo opôsto, o lenço traçado no peito, as

mangas arregaçadas, a saia apanhada, a Soledade a amassar o pão na maceira á luz da candeia espetada na parêde.

—E a pomada ? Trouxeste a pomada ?—inquiriu Frei José.

—Sim senhor. Fui merca-la à botica do snr. Vitorino Teixeira. Tenho-a aqui—e tirou do bôlso da vestia de burel uma caixa embrulhada em papel de jornal.—Depois, á saída, encontrei-me co'o snr. Leandro...

—Ah, estiveste com o Leandro...

—Estive, fidalgo.

—Já sabe da derrota do Sá da Bandeira ?—tornou o frade.

—Isso agora é que lhe não «procurei». Chamou-me p'ra lhe rogar duas «Campeleiras», que as precisa p'r'a apanha das vides na quinta cimeira.

—As mulheres de Campélos não entram «naquilo» dos maçons...—comentou D. Izabel Maria, num tiritar de contas.

—Meu pai...—implorou Maria do Rosario, em voz de musica clara e macia :—Estava a gostar tanto de ouvir o João Caitano...

D. Antonio, ordenando á Angelina que désse de cear ao Roque, fez sinal ao administrador para que continuasse.

João Caitano, fanhôso e lento, retomou a narrativa quebrada, evocou scenas a que assistira durante a sua viagem—o ultimo dia passado na quinta de Linhares, no concêlho de Paiva, onde Macdonell, disposto a restaurar o velho regimen, estabelecera o seu quartel general, desde agosto dêsse ano de 46 ; os preparativos realistas, dia dia, hora a hora animados pela fé e pelo desinteresse de Custodio de Magalhães, dono da quinta, de Frei José da Graça, da casa de Melres, de Sousa Couto e Pinho Leal, legitimistas graduados; os tiros disparados pelo batalhão de Paiva, acantonado em Ancêde e Porto Manso, contra os treze barcos em que fugiam para o Pôrto as tropas vencidas de Sá da Bandeira, que Macdonell resolvera aprisionar—e o administradôr descrevia os treze rabêlos, voando na corrente brava do rio, indiferentes aos tiros e ás guerrilhas,

Sá da Bandeira num dêles, de oculo em punho, a desafiar as balas e a observar os movimentos dos realistas.

—Que confusão!—acentuou Maria do Rosario.—Então os patuleias são aliados dos realistas, e os realistas atiram contra êles?

—E' bem feito!—aplaudiu D. Izabel Maria.—Era matalos a todos. Todos os mesmos *malhados!*

—Amen!—corroborou Frei José.

—Tudo a mesma gente...—avançou a escandalisada senhora:—Patuleias, cartistas, cabralistas.. tudo maçons, gente gerecida do Inferno. E' bem feito!

O Roque, com o pretexto da ceia e de levar a pomada ao quarto de Frei José, acendia um candieiro, resolvido a aproveitar o ensêjo para inutilisar as escorvas das espingardas. Mas sentiu-se, inesperado, o toque duma buzina a roncar no rio.

—O que será?—disse o fidalgo, surpreendido por aquêle toque, áquela hora da noite.

—Vai vêr o que é, Soledade...—mandou D. Carlota, igualmente intrigada.

—Está a «governar o pão». Vai lá antes a...

—Vou eu—acrescentou o feitôr.

E o Roque ficou atonito, quando chegou ao terrádo sobranceiro ao rio, e viu saltarem da barca de passagem cinco homens encapotados. Eram militares. Conheceu-os pelos capotes. Seriam praças dos Marçais estraviadas do batalhão?

E como, ao aproximarem-se, reconhecesse num dêles o fidalgo de Lobrigos, murmurou, para comsigo:

—«Rai» partam o Diabo! Là se vai tudo por agua abaixo!

II

oi um alvorôço na cosinha á entrada dos cinco encapotados—á frente dos quais avançava a figura roliça e meã de D. José de Mascarenhas, fidalgo de Lobrigos, primo de D. Antonio, noivo oficioso de Maria do Rosario.

Maria do Rosario recebeu-o com uma exclamação de surpreza e um gesto de contrariedade.

D. Antonio levantou-se, caminhando para ele—e com D. Antonio levantaram-se as senhoras, o frade, o administradôr.

—Que significa isto? Donde vem o primo D. José a esta hora? Pelo rio não, que de noite não era possivel...

—Julguei não tornar a vê-los! Mas graças a Deus, cheguei—disse D. José, apertando nos braços o senhor primo D. Antonio, de chapeu braguez na mão, apezar do capote de cavalaria, apezar da farda de botões dourados, e dos vivos vermelhos que lhe luziam sob o capote.

—Mas ainda não referiu donde vem e por onde veiu?

—Vim á beira do rio e de noite para não ser visto. Fui dos derrotados de Valpassos...—E para as senhoras, a esperarem os seus cumprimentos:—Desculpem-me, senhoras primas. Como teem passado?

Apertou a mão ás fidalgas, que se retraíram com desconfiança ao ouvil-o falar em Valpassos, depois a Frei José e a João Caetano.

—Perdão...—interrompeu D. Antonio, de pé, erecto e baixo, a fisionomia grave e acolhedôra.—Não é a cosinha apro-

priada á recepção dos hospedes.— Dirigiu-se ao escudeiro: — José, acende o lustre e fogão da sala grande.

—Se o senhor primo D. Antonio dá licença, antes me quero aqui. Venho gelado... O esperar na outra margem que o barqueiro acordasse e se vestisse, e a passagem na barca, gelaram-me o sangue. Antes quero o lume da lareira.

—Vem mandar, não obedecer.

—E peço licença para que comigo recebam gasalhado, por dois ou quatro dias, os soldados meus companheiros de desdita.

Todos os olhares se fixaram nos quatro soldados, perfilados junto da porta, dois de chapeu e os outros de carapuças negras na mão, tambem de capotes de cavalaria e fardas militares.

—Ficam os dias que lhes aprouver...—acentuou bizarramente o fidalgo. E á cosinheira:—Angelina, prepara a ceia. O' José... vae á capoeira e traz o que de melhor lá encontrares...

—Desta fórma... se o fidalgo quer, trago um perú...— gàguejou o Zé da Riça.

—Perú agora, não...—elucidou D. Carlota.—Uma galinha, duas galinhas bôas.

Frei José, roçando pela bôca a mão beatifica num movimento de afago e de congratulação, segredou á irmã do fidalgo:

—Uma peruasinha á franceza, sobre sôpa dourada... seria conselho da Arte de Cosinha do nosso Domingos Rodrigues, cosinheiro de El-Rei.

D. Antonio concedeu licença aos soldados para tirarem os capotes e aproximarem-se do lume. Eles foram coloca-los num banco, perto da Soledade, pondo as clavinas encostadas ao fôrno.

—Soledade—ordenou ainda o dôno da casa.—Traz uns bancos a estes rapazes.

A criada, largando a faina do «governo do pão», chegou-

lhes os bancos para a lareira. E sentaram-se, uns e outros, depois de D. José entregar o seu capote ao Roque da Silvana — que mirou, curiôso, a pistola que lhe brilhava á cinta.

—Mas como foi isso? Porque motivo se encontrava o primo D. José ao lado do Sá da Bandeira?

D. Isabel Maria, quasi hostil, murmurou:

—Eu nem estou em mim! O primo D. José ao lado do hereje do Sá Nogueira... com republicanos e maçons! Cruzes, cruzes! —e desenhava sobre o peito a cruz purificadora dos exorcismos.

D. José explicou-se. D. José justificou-se — na sua voz lamurienta de quem reza, na sua acentuação barbaresca de quem claudica. Estava no solar de Lobrigos, no cuidado da plantação das vinhas, quando surgiu a coluna do Sá da Bandeira, em marcha para o norte de Tras-os-Montes e em perseguição do Casal, que de Chaves descera ao Pôrto, com muita gente de pé e de cavalo, disposto a libertar o duque da Terceira, encarcerado no castelo da Foz pelos da Junta Suprema — ah, já sabiam! Era natural... Pois o Sá da Bandeira aboletára-se no solar. Falaram da guerra civil, do José Passos, rei do Pôrto, da Junta Suprema, do Costa Cabral e do seu projecto de mobilisação dos bens das Misericordias, e do horrôr de mandar enterrar fóra das igrejas, como cães, cadaveres cristãos confortados com todos os sacramentos. O Sá da Bandeira, então, mostrára-lhe carta em que o general Povoas, servidôr dos mais leais da causa realista, lhe manifestava o proposito de abandonar o isolamento da sua quinta da Véla, na Guarda, e de se pôr em campo contra o negregado governo da Rainha.

—O primo D. José lêu essa carta?

—Vi-a.

—Sabe tambem o que se diz de Macdonell: que veiu da Inglaterra com o Saldanha, de peito feito com o chefe dos cartistas para abafar o movimento popular provocando a intervenção espanhóla?...

—Foi o que me assegurou o Sá da Bandeira.

—Li-o no *Periodico dos Pobres*. Não lhe dou credito. Precisamos seguir parecer confórme à nossa razão e brio do velho militar. Alem de que, o Macdonell tem consigo gente dada ao dever e á honra!

D. Isabel Maria interveiu, acalorada:

—Tambem, quando estive em Braga, ao chegar S.ª Magestade Imperial o sr. D. Miguel...

—Bem sabemos... Quando esteve em Braga... Mas a mana consinta agora que fale o primo D. José...

D. Isabel Maria obedeceu, mordendo os labios.

O fidalgo de Lobrigos atribuiu a essa carta a responsabilidade do seu alistamento. Alistára-se na coluna do Sá da Bandeira, acompanhara-a com doze homens de cavalo, seus serviçais, cinco dêles mortos na batalha de Valpassos — que fôra um desastre, que fôra uma derrota, porque o 3 e o 5 de infantaria, da coluna do Sá, se bandearam com os cartistas. O proprio Sá estivera muito em risco — teria morrido, talvez, se a sua ordenança, um tal José do Telhado, antigo lanceiro da Rainha...

—Ah, Telhado!...—disse D. Antonio, ironico.—José do Telhado... parente talvez dum capitão de ladrões, o Joaquim do Telhado, que saía ao Marão...

Filho dêsse — confirmou D. José. Revelara-se na revolta dos marechais, em 37. Batera-se ao lado do Saldanha, que lhe notára a bravura, em Chão da Feira e Ruivães. Schwalback, ao emigrar para Espanha, levara-o na sua companhia. Concluido o convenio de Chaves, de nôvo em Portugal, entrára na revolução da Maria da Fonte, colocára-se ás ordens da Junta do Pôrto, como patuleia. Sá da Bandeira tinha-o de ordenança em Valpassos. Ali, vendo um dos soldados traidores a abocar a espingarda contra o general, lançara-se com o cavalo á sua frente. A bala matara-lhe a montada, que no arranco inesperado se empinára, aparando o tiro. Sá da Bandeira, reconhecendo dever-lhe a vida, agraciára-o no mesmo momento com a Torre-e-Espada.

D. Isabel Maria e Frei José benzeram-se, assombrados do que ouviam—de que a Torre-e-Espada já andasse cobrindo o peito de filhos de salteadores.

D. Antonio recalcou por sua vez a surpreza, perguntou, no intento de chamar a conversa ao primitivo rumo:

—E mortos, houve muitos?

Bastantes, de parte a parte. E mais haveria se os patuleias, enfraquecidos pela deserção dos dois regimentos, não houvessem retirado em ordem. A êle é que conseguiram cortar-lhe a retirada—e a quatro dos seus homens. Por isso fugira mais para o norte. Com muitos trabalhos fôra dar a Rebordães. E só depois de afastado o perigo de deixar o esconderijo a que se ativéra durante uma semana, se dirigira a caminho de casa, de noite, por atalhos conhecidos dum dos soldados. Não entrára em Lobrigos, porém, por ter sabido a tempo que Vinhais, com suas fôrças, rondava nas visinhanças de Vila Rial. Lembrara-se então da Valeira—e desse módo descêra a Vila Chã, onde pousára em todo esse dia, na residencia dum padre patuleia, um tal Luiz Pinto Furtado, homem grôsso e de boas ações, que tambem havia dado gasalho a Sá da Bandeira, na vespera de embarcar no Pinhão. Pelo padre Furtado soubéra da coluna haver sido sorriada na Régoa pelo batalhão realista do primo major Figueirêdo, em Arêgos e Pôrto-Manso pelos guerrilheiros de Macdonell. Por êle soubéra que o Macdonell carregara a caminho de Braga, a juntar-se ao batalhão do Padre Casimiro, e que todo o Minho sublevado aclamava o sr. D. Miguel.

—Por toda a parte! Deus Nosso Senhor amerceou-se de nossas miserias, e promete exterminar a praga dos pedreiros livres, os da Carta maldita, do codigo infernal do Nabucadonosôr do Brazil!—sentenciou, numa atitude profetica, frei José Mendes.

O fidalgo e as irmãs referendaram a profecia.

D. José, confirmando-a sem rebuço, confessou-se . repen-

dido do seu acto impensado. Saira de casa do padre Furtado ao escurecer, dispôsto a não mais caír em aventuras; viera pelos carreiros das quintas marginais do rio com risco e dificuldades, até á barca do Diogo Madeira, censurando-se por seu passo errado; e agora, que ali estava, entre parentes e amigos, salvo e são, protestava de nôvo seu arrependimento, afirmava sua contrição pela leviandade praticada.

—Ainda bem que V. Ex.ª se arrependeu... —comentou Frei José.

D. Isabel Maria lembrou que se agradecesse ao Senhor a salvação daquela alma, sem a bemaventurada derrota do Sá Nogueira—teimava em não lhe chamar da Bandeira—perdida nas chamas do inferno, com os Passos, os Saldanhas, com toda a herética gente que trazia o reino a ferro e fôgo para castigo de seus pecados.

D. Antonio e Frei José concordaram—mas Frei José resmuneou contrariedades viscerais ao ouvir propôr que se agradecesse na capéla, enquanto as criadas preparavam a ceia.

Por ordem do fidalgo a Tomazia foi acender as vélas da capéla—quadra retangular, entre a sala de visitas e a livraria, ocupada por um altar de talha dourada em que se venerava a S.ª da Conceição, e conjuntamente o mais fiel dos seus vassalos, D. Miguel, o de Giovanni, reprodução do retrato historico de Queluz, em que o filho de Carlota Joaquina, alto, franzino, de farda constelada, a mão direita sustentando o capacête emplumado e a esquerda assente no punho de luzente espada, soberbo de elegancia marcial, parece impôr á Historia o cancelamento da fama de toureiro e de brigão que o sagrou entre o seu pôvo.

—A mana Carlota fique a vigiar a ceia, sim?—disse D. Izabel Maria, já de pé, e lamuriando.—Só Deus sabe quanto me doi o mexer-me. Os trabalhos que me vieram aos pés, mal me deixam andar...

Encaminharam-se para a capéla. Frei José, á rectaguarda

de todos, hesitou um momento, sorveu uma pitada de simonte, voltou atraz, insinuou a D. Carlota:

—A ceia é para êles... Ainda assim... seria de sã prudencia não esquecer aquele saboroso caldo de galinha com sôpas torradas. *Prudentia in omnibus.*

O Roque da Silvana escutára a conversa sentado ao pé do fôrno, comendo uma fatia de pão e um naco de presunto. Vendo saír os fidalgos, e o frade, e o administrador, pensou em descer á adega, em trazer vinho e embebedar os soldados —que ficaram ao lume, encolhidos e timoratos.

Mas de subito, no cerebro fosforejou-lhe uma idêa—idêa que seria, simultaneamente, a vitoria do Leandro, com a mais facil aquisição da quinta, e o castigo daqueles beatos e beatas que tão mal queriam aos liberais.

Sim. Se trepasse á Pesqueira, e dissesse aos do batalhão de Fozcôa que 'stava ali D. José e seus soldados, vindos da guerra contra o Casal, nem fazia minga que o Toninha, e o Carriço, e o Zé das Dornas, e êle mesmo se metessem em nada.

Levantou-se. Preguntou a D. Carlota se lhe queria alguma coisa. Obtida resposta negativa, pôz o capote, pegou no réfle e deu as bôas noites.

—Vou-me á «deita»—explicou, de peito para a fidalga.— São horas... Senão, amanhã, não ha quem me tire do «quente» p'ra vigiar o pessoal da plantação...

O *Tua* tornou ao seu encontro. Afagou-lhe a cabeça, e subiu a rampa que da cosinha dos fidalgos se empinava para sua casa—um casebre terreo, onde o feitor vivia com o mulher e os filhos, assente ao fundo do refêgo das hortas da Gregoria, com a porta voltada para o rio e os alicerces dianteiros quasi á altura do telhado da casa senhorial.

A mulher dormia e ressonava. Não a acordou. Bebeu duas goladas de aguardente. Sorrindo de ironia e de maldade por cantarem na capéla o *Rei chegou*, num côro vibrante e abafado, renovou outra vez a escorva do réfle, outra vez o escon-

deu sob o capote. E retomou o caminho da Pesqueira, a rosnar por entre dentes.

—Cantai... que ides beber, «num» tarda nada...

O luar, agora poeirado a prumo sobre o pendôr da encosta, como que a ampliava, avultando-lhe os contornos mais salientes, semelhando rêdes de fio de prata pendentes dos fraguedos—reflectindo-se no rio, que resplandecia e palpitava, que inalteravelmente rugia no cachão. Perto, á direita, o ribeiro da Curvaceira, mais além o do Pelão, sob despenhadeiros eriçados de carrascos e oliveiras, juntavam ás do rio as suas vozes de cantochão noturno. O êrmo de S. Salvador do Mundo empolava-se no espaço, incrustado de rochas que o luar embranquecia nuns pontos e noutros ensombrava—e sob a sua luz crepuscular, visto do caminho, era uma onda colossal, negra e espumejante, colerica e revôlta, prestes a arremessar-se sobre o Douro.

O côro da capéla amortecia-se, tornava-se murmurio confuso á medida que se afastava. E Roque, ao chegar ao alto, ao descobrir-se diante da capéla de S. Francisco, á beira da estrada, levava já em mente o nôvo plano do assalto pelas tropas dos Marçais.

Resmungava, para comsigo, a mira posta no administrador:

—Eu môrra se lhe não abrirem ao vêrde!—E antevendo o panico provocado pelo ataque:—Aquilo vai ser lá o grito das almas!

Aninhas não pregou ôlho em toda a noite. Deitou-se, como de costume, em seguida á ceia. O padrasto ainda saíu, com o pretexto, a que não deu fé, de que ia saber pelo Serrano novidades frêscas a respeito dos barulhos do Pôrto. Sentiu-o entrar, já haviam caído as onze horas do relogio da torre.

Ah, que se não estivesse nesse quarto interior, em que a encerravam no receio de que falasse ao Ernesto, ela havia de os avisar, havia de arranjar a avisa-los a tempo de evitar desgraça!

Porque não se convencia de que não houvesse sangue. Os serviçais do padrasto levavam ordem de não matar. Mas começavam aos tiros. Aos tiros dêles, por mais que o Roque fizesse a favor dos do assalto, responderiam os tiros do fidalgo — que não era homem p'ra recuar nem na frente dum regimento. O escudeiro, á certa, e os galêgos assustados, e os «marinheiros» dos rabêlos — e tambem o Cardôso da quinta do abade de Sant'Iago, dali perto e atirador muito aprovado — armavam-se e punham-se a favor do sr. D. Antonio. E da resistencia com que não contavam, podiam saír raivas danadas, tiros certeiros, ferimentos, mortes!

O seu padrasto! Nunca fôra á missa dêle—pois sempre a fizera sofrêr. Fazia-o sofrêr, agora mais que nunca, por ela querer casar cô'o Ernesto, que não sendo rico, tinha dos bocadinhos mais geitosos da Pesqueira, e êle pensar em casa-la cô'o Menezes de Ervedosa, fidalgo mal governado e sem rendas. Naquela maluqueira, que o cegava a ponto de não vêr a desgraça da prima Josefa, casada com o filho segundo duma casa fidalga, a encher-se de dividas p'ra viver no Porto, a atolar-se até ao pescoço, a dar conta do que tinha e do que não tinha, não havia maldade a que a poupasse.

Já o detestava p'las desfeitas sofridas, e mais p'las que havia sofrido o Ernesto. Desde essa noite maldita passava a ter-lhe mêdo. Não o duvidava — era capaz de a mandar matar, ou ao Ernesto, pagando p'ra isso a um dos serviçais!

Pouco depois de uma hora teve a impressão confusa, inquietante, de luta para os lados do Extremadoiro — e, simultaneamente, figurou-se-lhe o quadro negro da luta na Valeira.

Se o seu Duarte ali 'stivesse! Era amigo do fidalgo como

se fôsse filho — e o fidalgo a bem dizer que lhe queria como á filha. Era amigo da snr.ª morgada como irmão — e a menina Maria do Rosario não lhe quereria mais se fôsse irmã. Valente como as armas, alma e coração de todo o mundo, o seu Duarte! Se ali 'stivesse, tinha a certeza, levantaria o pôvo da Pesqueira, todo o pôvo, sendo preciso, só p'ra que não tocassem naquela gente.

Aplicou mais o ouvido. Desvanecera-se o ruido que lhe parecera sentir pouco antes. Ouvia apenas, aqui, alem, o pigarro aspero da Januaria, o tossir bronquitico dum visinho — mais longe o ladrar dum cão, o zurrar dum jumento. Os Marçais tinham chegado, á certa, e punham o cêrco á casa dos patuleias, muito «sutis», p'ra que ninguem os sentisse. Estava a vêr que só os atacavam ao amanhecer, não lhes fugisse algum dos mais graúdos protegido p'la escuridão.

O Toninha, o Carriço, o José das Dornas é que deviam andar já p'la Valeira a fazer das suas...

O seu padrasto! Ele, que apanhára ao fidalgo, por tuta e meia, a quinta de Gouvães, queria apanhar-lhe tambem a da Valeira, «deixando-o a pão pedir» — indiferente á sua miseria, á miseria de toda aquela bôa familia, só na gana de «amochilar»!

Porque o fidalgo, afinal de contas, pouco mais teria alem da quinta. Fôra talvez tão rico como os fidalgos do Cabo, nos tempos em que o pai do Leandro morava no palacio de Provezende como escudeiro. A guerra civil, os gastos com as tropas do sr. D. Miguel, depois as tais *indemnisações* aos liberaes vencedores, em que tanto ouvia falar ao Duarte, deixaram-no reduzido a menos de terço.

Como sua mãe, vivendo tão feliz com os dois filhos, com ela e o Duarte, das grandezas que lhe ficaram por morte do seu paisinho, que Deus tivesse em descanço, se recebêra segunda vez — e com esse monstro! Tinha-lhe mêdo — detestando-o mais e mais a cada hora que batia na tôrre. Detesta-

va-o por si, p'lo Ernesto, por todos os que padeciam com a sua ambição, que não se fartava nem se doía, da ambição que o levava a prometer que ainda havia de montar todos os fidalgos da Pesqueira!

Que tempos aqueles, Santo Crísto! Não se ouvia senão falar em assaltos e roubos, em sangue e mortes! Eram as revoluções em Lisbôa e no Porto — de mez a mez, quasi de dia a dia! Eram os assaltos e os assassinios p'r'as bandas de Taboa, onde os Brandões e os Crêspos traziam tudo aterrado! Eram os Marçais ali perto, em Fozcôa, de quem se contavam crimes «que até arrepiavam os cabelos da cabeça»!

Os galos começavam a cantar. Aninhas espiava sofregamente a telha de vidro que do telhado deixava caír a luz no seu quarto, na esperança e no desejo do dia. Não ouvia tiros, nem gritos, nem alarido de gente a correr. Isso só a convencia, no entanto, de que os patuleias, apanhados a dormir nas suas camas, não oferecendo resistencia, haviam sido cosidos a faca e baioneta. E logo que amanhecêsse, logo que o padrasto saísse, arranjaria a ir á quinta cimeira para «procurar» o que acontecêra aos fidalgos.

Ao ouvir os primeiros sócos batucando na rua fitou a telha de vidro com redobrada insistencia. E mal a manhã, indecisa e triste, espreitou de cima, levantou-se açodada.

Encontrou o padrasto a pé e com cara de poucos amigos. Muito preocupado, muito abstrato, nem lhe correspondeu ás bôas horas — e nem se despediu á saída, depois de emborcar um copo de aguardente e de enfiar o capóte de saragoça.

Foi direita á cosinha, enevoada de fumo. A Januaria, de cócoras como na vespera á noite, abanava ao lume, dispunha os potes em linha, assentava a lenha na almofada da plombeira para ardêr melhor. Resmungava, impacientada pelo grunhir dos porcos na loja:

— Ai virgem! Este lume sem pegar e são mais que horas de levar «a vianda aos récos»! — E respondendo á Aninhas,

que lhe déra os bons dias: — Nosso Senhor lhe dê os mesmos.

Aninhas estranhou o seu silencio ácerca das coisas graves que deviam ter ocorrido durante a madrugada. Queria interroga-la. Mas como? Lembrou-se de lhe dizer que tivera um sonho terrivel nessa noite. Disse-lho. Sonhára com homens armados, que haviam entrado na Pesqueira e matado muita gente...

—Toma lá! — retorquiu a Januaria, retomando a faina interrompida, considerando: — Lá capazes disso são êles! O snr. seu pai não quer que lho diga. Mas olhe que no tempo do snr. D. Miguel não havia estas «sarrabulhadas».

Vencendo a incredulidade da criada, teimosa em garantir que «aquilo não fôra senão sonho», Aninhas conseguiu resolve-la a descer á botica do snr. Victorino Teixeira, a abrir por essa hora, e a informar-se... «como quem não queria a coisa».

—O pior é os «récos»! — comentou, apontando a loja, onde os porcos pranteavam a esterilidade da pia sem «vianda».

—Eu fico ao lume. E se a mãe «procurar» por ti... digo-lhe que te doía um dente, que fôste á botica.

—Ah, bô! Se me doêsse um dente, não ia ao snr. Vitorino, ia ao mestre barbeiro *Bumba*, que é quem nos arranja...

A Januaria apertou mais á cabeça o lenço ramalhudo de lã, escondeu as orêlhas, embrulhou-se muito no josésinho de baêta negra, e foi «tirar nabos da pucara» do boticario. Voltou pouco depois. Não soubera nada. E o snr. Vitorino até «se prantára a rir quando lhe disse que sonhára com barulhos».

—Deviam ser as bruxas a chamar por ti, ó Januaria! — alanzoara, a troça-la.

Aninhas não se convencia. Foi ter com a mãe, que fazia a cama — e que lamuriou a má noite passada entre as inquiectações e o desassocego do marido.

—Bem haja quem não quer nada co'a politica. T'arrenego! — apostrofou, mal humorada.

Leandro apareceu para o almôço ás oito horas em ponto — mais sombrio, mais enigmatico do que céo nevoento.

—Então os Marçais não vieram?—inquiriu a snr.ª Inacinha cançada do seu silencio.

—Não. 'Inda têm medo a estes senhores da Junta! Pois que se arranjem! Cá por mim... varreram!

Ah, porisso! Não tinham vindo os Marçais! E o assalto á quinta? — observava Aninhas, de si para si, auscultando-lhe a fisionomia impenetravel.

Terminado o almoço, e logo que o padrasto desandou — dizendo que ia ao olival da Casa da Lousa — pediu licença á mãe para chegar á Valeira.

—A quê?

Perdera lá, na antevespera, a chave da garrafeira. Só nessa manhã déra p'la falta. Se o pai lha pedia... pintava o inferno por causa de a ter perdido!

—Pois então vai. Mas não demores. A Januaria que rogue a Joaquina Melra p'ra ir comtigo. E se topares no caminho co'o Ernesto, não pares. Olha que o pai sabe-o logo... por essas «inzoneiras» que andam na apanhada das vides, e faz-te aí uma guerra pegada.

Prometeu não falar ao Ernesto — que a essa hora andava no seu trabalho. Vestiu-se á pressa. Pôz na cabeça um lenço branco de linho. Lançou aos hombros a capucha de casimira azul. E com a outra, a Joaquina Melro, vestida de burel, de pés rubros e gelados ao léo, penerou-se direita á Valeira.

Meteu ao caminho do Montenegro — mais aspero, mais curto. Um vento humido da barra zumbia nos pinheiros, Andavam nuvens no céo. Pararam ao alto da Curvaceira, meio esfalfadas pelo acelerado da marcha.

Aninhas hesitava. Não sabia se entrar na quinta cimeira, p'ra fazer que «preguntava» a chave, aconchegada no seu bôlso, se cortar á dos fidalgos, a informar-se directamente.

O anfiteatro da Valeira desdobrava-se-lhe aos pés. Domi-

nava dali toda essa bocarra enorme de cratera extincta—que lembra, ao mesmo tempo, as ruinas de vasto coliseu romano, fendidas ao meio pela corrente impetuosa do rio, e da margem fronteira tombando, convulsas, desmanteladas, sobre a agua que espumeja e ruge. E dominando-as, sondava com o olhar inquiecto os sectores da margem direita — em socalcos plantados de olivêdo e vinha, que se recurvam como bancadas sobrepostas, no pendor do largo anfiteatro, a nascente fechado pelas escarpas do S. Salvador do Mundo, jacto imponente de terra e granito coroado de capélas e azinheiras, a sul contornado pelos declives hirsutos do cêrro da Garrida, e rematado a poente pelas cristas arborisadas do Pelão.

Distinguia o solar dos fidalgos, intacto, lá ao fundo, junto «ao porto da Valeira» — onde destacava a linha esbelta dos barcos rabêlos, á distancia reduzidos a miniaturas infantis. Parecia-lhe divisar alguem, que pelo trajo devia ser o fidalgo, tranquilamente dirigindo o labôr dos galêgos — e a ranchada de homens a abrir valados para o bacêlo, perto do pombal, alvo de neve, postado á esquerda do solar, á altura da casa do feitor e da cardênha dos serviçais.

Não teria havido nada? De facto, nada de anormal lhe suscitava a atenção, correspondendo ao seu desassocêgo. O solar mantinha a sua calma habitual. Os serviçais mourejavam como de costume. No cais o trafego de sempre — barcos rabêlos recebendo e despejando mercadorias; operarios trazendo e levando fardos; carros de bois e almocreves carregando e descarregando. Pelo caminho em zig-zagues chiadeiras monotonas e o chocalhar das récuas dos almocreves. E barcos na descida do rio, ao sabôr da corrente, ao ranger da espadéla; e barcos na subida do rio, de velas pandas, em fórma de guião das procissões minhôtas, aproveitando o vento caritativo da barra.

Ainda assim torceu á quinta cimeira, ali perto, á sua direita. Simulou a busca da chave e que a encontrara nas pro-

ximidades da adéga. Falou ás mulheres da apanha das vides decapitadas na póda.

Ah! lá estava o Zé da Dorna, a servir de feitôr — vigiando os podadôres.

—E se nós fossemos têr cô'a snr.ª morgada á quinta fundeira? — propôz á Joaquina.

—Vamos lá. Eu gosto muito dela. Tem sempre modo jovial p'r'o pobre e p'r'o rico. Senhora melhor não na ha no mundo.

Desceram mais. O sol, saindo de entre as nuvens, espargia oiro fulgido sobre a crósta negra dos rochêdos de Alem-Douro, deixando na sombra a concha da Valeira. Ao alto, o céo azul, manchado de cirros, era um esmalte nôvo lascado de fresco.

—Arre, que isto é frio, menina! E' muito «abixeiro» — asseverou a Joaquina Melro, descontente com o sol, um prodigo para as fragas da outra vertente, um aváro para a encosta avesseira.

—Lá «abixeiro» é. Mas quando pega o frio, é frio em toda a parte. Isto é até talvez mais quente do que as sólheiras, por ser mais «agachado». Olha se sentes o vento como nos altos... — E num sobressalto, a voz sumida: — Ah, cá estamos!

Estavam na verdade a alguns passos da ranchada que plantava vinha nova surribando a terra — emquanto outro rancho, sob as ordens do Roque, mais acima, podava a vinha velha.

O fidalgo, de capote de saragôça, abordoado a um páo de lodão, perfilado num comoro, sentiu-as, voltou-se, cumprimentou a enteada do Leandro.

—Bons dias! Então por aqui, a esta hora?

—Tive de vir á quinta cimeira... e desci cá baixo, p'ra vêr a snr.ª morgada...

—Está em casa. Sabe onde é... — Dirigiu-se a um

rapasito que chegava as ferramentas aos serviçais: — Eh, ó «paquête»!... Olha se o *Tua* está prêso! — Noutro tom: — A Aninhas póde ir com o «paquête».

Ela agradeceu, dispondo-se a seguir o rapaz.

Os galêgos, de blusa de ganga e calças de belbutina, nem olharam para ela. Curvados, resfolegavam, domavam o dôrso aspero do chisto, a alavanca, a picarêta e a enxada, para lhe entregar, convertido em seio amorôso, as virgens de nobre estirpe, as futuras mães dos melhores vinhos de feitoria e embarque.

O rancho era de vinte. O *rei*, o mais possante, na extrema direita, atirava a alavanca com o aprumo dum hercules na arena dum círco — como se pretendesse reconstituir a epoca orgulhosa daquele coliseu formidavel. O *rainha*, de mais modesto aspecto, na extrema esquerda, espalhava com a enxada a terra e os pedregulhos das bordas do valado. E entre os dois, os *vassalos*, enterrados até á cinta, abriam o leito em que a videira e o chisto iam celebrar as suas bôdas, iam ser beleza, abundancia e regosijo.

O «paquête», que corrêra na sua frente, veio dizer-lhes que o *Tua* estava prêso.

Avançaram para o solar — num só pavimento, pèsado e robusto. com escada nóbre de pedra para o terreiro, do lado de S. Salvador do Mundo, com dois ciprestes aos flancos, com varandas de ferro para o rio, e a entrada da cosinha voltada ao Pelão — tendo daquele lado, exteriormente, a casa do lagar e deste a do feitor. Contornaram o predio, passando á frente dos armazens, instalados nas lojas, e subiram á cosinha.

Aninhas adquirira a certeza de que se não déra o assalto. Amiga da fidalga, porem, não queria deixar de a saudar.

Foi recebida com exclamações de bôas-vindas pela Soledade, e com manifesta reserva pela Tomazia — ficando muito surpreendida na presença de quatro soldados á brasa da lareira.

—Quer falar á snr.ª morgada, p'los modos?—disse a Soledade depois dos cumprimentos mais efusivos.—Pois 'stá ali na sala... Venha comigo, menina...

Joaquina ficou na cosinha. Aninhas acompanhou a criada. E a sua surprêza atingiu o maximo quando entrou na sala de jantar, ampla e solene, com mobiliario holandez e lustre de quinze vélas,—porque, junto da alegria acolhedôra de Maria do Rosario, descobriu o vulto bisonho do primo D. José, encadernado numa farda militar que nunca lhe tinha visto.

Explicou a sua visita—gaguejando, atrapalhando-se. Agradeceu a bondade da snr.ª morgada—ao pedir-lhe que jantasse com ela. Conversou pouco e mal, estranhando a frieza de D. Izabel Maria e de Frei José, a falarem-lhe á sobre posse. Despediu-se com timidez—prometendo a Maria do Rosario voltar em breve e com mais vagar.

Disse adeus ao fidalgo. O *rei* erguia o tôrso enorme, descobria-se, bradando, num tom gutural e sêco:

—Ah comer!

Em cima, no Ermo, abafadas pelo vento, gemiam as lentas badaladas do meio-dia.

—Tão tarde, Santo Deus! Meio dia!—anotou, sem saber como explicar á mãe e ao padrasto a sua demora.

E no fundo da caldeira colôsso em que o rio escachoava e refervia, em que os «marinheiros» gritavam e suavam, em que os socalcos se preparavam para a aleluia das colheitas, Aninhas, calcando o caminho ingreme, correspondendo ás saudações de carreiros e almocreves, não sabia mesmo para que viera á Valeira—perdida, confundida no redemoinho das suas angustias da vespera, das suas certezas e incertezas desse dia.

III

enhora prima...—insistiu D. José, na sua voz arrastada, fixando, num misto de ternura serafica e de serenidade amorosa, a figurinha gentil de Maria do Rosário.—Precisa decidir: sim ou não...

—Senhor primo—respondeu, acentuando ironicamente o senhor... primo—quantas vezes lhe tenho dito: sim, não; não, sim...

—Vá, não ria. As raparigas de agóra...

—Já sei. As raparigas de agóra... são umas estouvadas. Riem de tudo. Não eram assim as raparigas de outros tempos...—e Maria do Rosario, precioso *biscuit* de olhos castanhos, de pele branca e assetinada, de caracois em espiral sobre as orêlhas e estatura delicada de haste que não parece disposta a ser tronco, ao acentua-lo tomou a compostura ritual de Frei José no santo sacrificio da missa.

Estavam no pomar, à beira do río, para onde tinham ido no intuito de admirar, mais de perto, os efeitos da segunda cheia do mez agreste de dezembro que morrêra dois dias antes. A agua levara duas arvores do conchêgo manso do pomar. E ainda agora, temerósa, espumante e rugidora, irrompia em cima, ao fundo da fraga de S. Salvador do Mundo, da guela negra do cachão da Veleira, resfolegava na bacia ampla do pôrto, onde os barcos atracavam fortemente, vinha em redemoinhos, em «brulhas» voluptuosas enroscar-se à raiz das arvores mais proximas, e abraçando pelo meio o bôjo farto do *Caúnho*, grave penêdo da outra margem, quasi sem-

pre à flôr da corrente, seguia num impeto feroz, espadanando, bramindo, até se perder na curva dos contrafortes do Pelão.

—Ouça, senhora prima...

—Sou toda ouvidos.

—Já estou em casa do senhor primo D. Antonio ha para mais dum mez. Mandei os meus homens embora, e fiquei eu, com prejuizo de minha casa e fazenda... Fiquei... para ouvir a resposta da senhora prima. Preciso da sua resposta...

E ela, num repente salvador, aconchegando a capa de cachemira ao pescôço em coluna, apontando-lhe a fraga das Andorinhas—enorme lasca de granito milagrosamente suspensa da muralha aprumada da vertente fronteira, sobre o cachão:

—Olhe, uma garça, a espreitar o rio!

De facto, uma garça, branca e pernalta, o longo bico scismador, parecia medir a altura do precipicio, ou um fino *bibelot* descançando numa peanha selvagem..

D. José mascou em sêco, agitou os braços sob o capote, e encolhendo os hombros à vista da garça, pousou os olhos descoroçoados na herva tristonha, que a geada durante a noite embranquecera e cristalisara.

—Vamos até ao cais?

—Vamos...—E noutro tom, num passo carregado e curto:
—Para toda a gente a senhora prima é minha noiva. Só eu é que não sei ainda se o é ou não... Não ata, nem desata...

Maria do Rosario conteve o riso. Deu à voz infantilidades ingenuas de menina pequena. Retorquiu, muito seria:

—Áto e desato quando preciso...

—Senhora prima!—suplicou D. José, lamuriante:—Sabe que lhe quero desde tamaninha... e revela-se contra a minha fraquêza...

Não lhe respondeu. Avançaram em silencio. No extremo do pomar, na descida do caminho do pôrto, ela parou, inclinou-se para traz:

—Senhor primo, repare como os pobres «marinheiros» puxam o barco á sirga, com um rio dêstes.

Ele parou com ela. Debaixo, vencendo o turbilhão do «ponto» da Gadanha, vinha um rabêlo arrepiado de pipas—de arrais ao alto da «apégada», a ponte de manobra, movendo pelo «cabrêsto» o comprido leme em rabo, a «espadéla», num aspero ranger. A' prôa, o feitôr, de carapuça vermêlha, bradava:

—«Peija» á terra!—se o barco seguia demasiado contra o grôsso da corrente.—«Peija» ao pégo!—se se aproximava em excesso dos alcantis marginais.

E oito homens, descalços, de cuecas, como o feitôr de carapuças felpudas, equilibrando-se em estreitas verrugas abertas na rocha—«o caminho dos marinheiros»—puxavam-no á corda, gritavam em côro, enrouquecidos:

—Upa! Eh barquinho! A' tona! A' tona!

Ficaram-se pensativos, observando o duro labôr daqueles esforçados e anonimos colaboradores da grandeza dionisica do Douro—sem o seu concurso, pela dificuldade de transporte dos vinhos em via sêca, esses vinhos, encravados em fundos quasi inacessiveis, seriam privados do culto dos seus melhores devotos.

Chegavam em frente do *Caúnho*—o bojudo rochêdo de alem-rio, recortado ao geito de barrete canonico, com a borla, uma figueira, sustentada no cucuruto fendido ao meio.

As mulheres da azeitona, espalhadas pela escosta, derreadas sob as oliveiras, como galinhas no pasto, endireitaram-se, clamaram:

—Eh, pata rachada! Eh, boi da areia! Puxa! Puxa! Deixaste o pai no lameiro! Eh, boi da areia!

Os «marinheiros» olhavam-nas rancorosos e ameaçadores. E só por verem Maria do Rosario ao rez da agua, e um fidalgo ao lado déla, lhes não correspondiam com os costumados gestos e palavras de licencioso desforço.

—Pobre gente!—murmurou, dolorida, Maria do Rosario.

—Que vida tão dura! E sempre sujeita a morrer num naufragio, de encontro ás fragas dum desses «pontos»...

—Deixe lá a pobre gente que não é do seu nascimento e gravidade, senhora prima. Fale comigo no que nos interessa...

Maria do Rosario alteou o nobre busto de patricia sobriedade. E acentuou que a pobre gente, era gente como os fidalgos—mais estimavel do que os fidalgos, porque trabalhava. Os senhores de grandes titulos e maiores prosapias, regalavam-se com o fruto da sementeira alheia.

—A senhora prima lê muito... mas não livros entendidos e de estimação. Lê os *Panoramas*, os *Nacionais*, escritos da pedreirada. Depois, quando por aí vem o tal Duarte, o enteado do Leandro, toda se consola de o ouvir contar as luzes de Coimbra... que é como os maçons chamam ás letras que tantas sombras trouxeram ao reino.

Ela ria. E declarou o primo injusto no seu rancor contra o *Panorama*, que publicava versos tão lindos, contra o Duarte, o mais inteligente rapaz daquelas redondezas—e, como num contundente proposito, sublinhou a sua admiração pela inteligencia do Duarte.

D. José emudeceu, amuado. Abeiraram-se do pôrto da Valeira—vasto pôço, em forma de funil, com o bico dobrado para o cachão, a rugir estrangulado entre as muralhas formidaveis da fraga do Ermo e a da fraga de Campélos, na margem contraria. O movimento do pôrto havia diminuido com a cheia,—e porisso, nessa manhã de janeiro e de sol, sol convalescente, estendendo-se em metade do pôço e nas ribas estereis da outra banda, só três barcos trafegavam.

«Marinheiros» e carreiros cumprimentaram-nos, desbarretaram-se. O Diogo Madeira, herculeo, cara escanhoada, maxilas salientes, barqueiro que fazia o serviço de passagem dalem para aquem Douro—Caronte colétado daquele Stigio—foi ao encontro dos fidalgos, sorridente, de carapuça em reverencia.

—Ah, fidalgos!—exclamou, alegre—que se ali o cachão não tôsse féro como vai, davamos uma volta até á fraga da Abelheira!

—Eu ia, mesmo assim, se não receasse que à tia D. Isabel Maria e o pai me ralhassem—afirmou Maria do Rosario, varonilmente corajósa.

—Ah, bô! Cô' aqueles «palheiros de agua» e esta «chincha» desta barca—apontou as ondas revoltas e o seu barco de reduzidas proporções—iamos mas era malhar ao pégo! Nem que fossemos alados p'lo sarilho... Olhe, snr.ª morgada, lá 'stá o Cardôso na fraga do Altar, c'um «marinheiro», p'ra alarem este barco—e indicava, sobre a fenda estreita donde irrompia a furia do cachão, do lado de lá, para onde passaram por um veio de dois palmos de largo, rasgado no flanco granitico da vertente, dois homens que contornavam uma fraga quadrilonga, rochêdo cortado em altar, a fim de lançarem a um barco rabêlo, carregado de pipas e fardos, o «cabo de aladura», a corda do guindaste que devia faze-lo galgar o impeto da corrente.—Mas, snr.ª morgada, lá p'r'o S. Pedro, desde que o rio «vá na mãe», cá tem às ordens a barca do Diogo...

Maria do Rosario agradeceu. D. José, ainda amuado, lembrou a conveniencia de regressarem a casa. E a prima, compreendendo-lhe a intenção do alvitre, desejando desviar ou retardar a sua insistencia idilica, retorquiu:

—O' snr. Diôgo... O primo D. José diz que o sobrado dos barcos rabêlos, à frente, se chama «taburno de ávante». Eu digo que é «chilreira de ávante». Quem tem razão?

—Tem razão a snr.ª morgada e o snr. D. José. Tanto monta chamar-lhe «chilreira» como «taburno».

E pôz-se a inventariar a terminologia propria dos rabêlos—por um que estava mais perto, grande barco de oitenta pipas, ajoujado de cascos e madeira, o solido cavername ao lume de agua, a prôa esbelta de trireme a afocinhar num geio de vinha, para o rio a pôpa alongàda em cauda.

Abriu pelo «coqueiro», á ré, especie de cacifo afunilado, onde os «marinheiros recolhem mantimentos, enxergas, cordagens e a véla destinada aos ventos de feição. Depois indicou a «apégáda», a ponte de governo, alta, quadrangular, firmada em quatro «escamões», quatro pranchas a prumo, e sobradada de castanho. Da «apégáda» parte a «espadéla», o leme daquelas naus das tormentas, comprida como um mastro, assentando a meio no espigão da ré, a «chumaceira», e indo mergulhar no pégo o leque vigoroso do «pail». O «sagro» era o fundo dos barcos—deposito da agua que nos cachões, na agitação dos «pontos» e das «galeiras», salta para dentro. E entre a «apégada» e a «chilreira de ávante», onde assenta a piramide macissa da carga, levanta-se o mastro e a véla que nos dias de vento da barra se enfuna, quadrada e bojuda, vencendo resistencias e alegrando corações.

O rabêlo que pouco antes vinha em frente do *Caúnho*, acabava de entrar no «porto», recebido com barbaro e festivo alarido pelo pessoal dos outros barcos.

Em cima, ao lado da fraga do Altar começavam a ensarilhar o barco que seguia a sua róta. E quando os «marinheiros» do que chegára, se dispunham a refazer fôrças comendo a costumada «pá de peixe» e bebendo o tradicional «atestador de vinho»—Maria do Rosario e D. José, despedindo-se do Diôgo, dizendo adeus aos barqueiros, subiram ao solar.

Subiram em silencio—ela sorrindo à recordação dos recursos de que se valêra para estancar o fluxo amorôso do primo, êle cabisbaixo, na disposição de se entender com o D. Antonio e informa-lo do que se passava.

Sentia-se o varejar das oliveiras. Uma voz de mulher, esganiçada, dolente, cantava:

> Atirei co'a laranja ao ar,
> A laranja ao ar caiu na areia...

O côro das companheiras, monotonamente, repetia os dois versos garganteados em sólo. E a solista completava a quadra, logo completada pelas outras, numa toada que repercutia ao longo das ravinas:

A' vista desses teus olhos,
Quem tem juizo «vareia».

—Senhora prima...—tornou D. José, obstinado, vendo-a pôr o pé na escada nobre.—Preciso disto aclarado, hoje mesmo.

Maria do Rosario hesitou, olhou-o com doçura, prometeu com decisão:

—Bem. Deixe passar a guerra civil, deixe-nos socegar. Falaremos então, primo D. José.

Não lhe deu tempo à replica. Galgou a escada a corrêr. A Tomazia, que trastejava perto, ouvindo-lhe os passos, veiu ao seu encontro, traçou sobre a bôca o ponto de suspensão do dêdo indicador, intimou:

—Schiu!—E baixo, respeitosa, os olhos na porta entreaberta da capéla:—Dão graças p'las bôas novas da Régoa. Temos aí o snr. D. Miguel...

Pé ante pé insinuaram-se na capéla, onde o fidalgo, as irmãs, o frade, o administrador, de joelhos e mãos convulsas, em frente do altar, serrinavam uma ladainha.

As vélas de cêra bruxoleavam. D. José ajoelhou junto de D. Isabel Maria. E como os dela, os seus olhos fixaram, na luz que parecia anima-lo, dar-lhe vida e movimento, o retrato marcial do snr. D. Miguel—para quem eram, mais do que para a Senhora da Conceição, os versiculos da ladainha e a sua intenção congratulatoria.

D. José de Mascarenhas, morgado dum dos mais nobres

solares de Lobrigos, o solar da Feitosa, orgulhava-se de ter nas veias tumidas e nas carnes solidas o sangue heraldico que desabrochou na epopeia portugueza de terra e mar. Proximo parente, por varonia, do ultimo capitão-mór de S.ta Marta de Penaguião, D. Rodrigo Pedro Anes de Sá Almeida e Menezes, senhor da honra de Fontes, considerava-se — e era esse o titulo maximo da sua distinção — descendente de D. Nuno Alvares Pereira. O quinto conde de Penaguião, vigesimo marquez de Fontes, casára com D. Isabel de Lorena, consanguinea do condestavel.

Primo de D. Antonio da Paz de Sousa Pereira e Vasconcelos, nenhum dos fidalgos-agricultôres do Douro mais lhe trilhara, no periodo brilhante de Provezende, os tapetes dos ricos salões brazonados.

Estava na força dos vinte anos ao amanhecer a graça festejada de Maria do Rosario. Marcavam-se na fronteira da Galiza os compassos preliminares da proxima guerra civil — Vila Flôr acabava de vencer os soldados apostolicos da Fé, que em terra hespanhola, protegidos pelo governo espanhol, estimulados pelo duque de Angoulême, haviam jurado, com crucifixos na mão, sentar no trôno portuguez o rei D. Miguel. Dera-se depois a vitoria do miguelismo. Viéra a reacção do liberalismo — com o desembarque em Mindelo. E ele fôra, com os dois filhos varões de D. Antonio, dos primeiros a apresentar-se no cêrco do Porto. Vira morrêr os primos, com intervalo de quatro dias, no forte de S. Gens. Levára à mãe dos dois môços moribundos, D. Ana Maria Pimentel da Cunha e Sepulveda, as suas ultimas palavras. Vira morrer a triste senhora, em pleno triunfo liberal, na noite em que os inimigos politicos do marido lhe assaltaram e saquearam o solar. Assistira à saída de Provezende de D. Antonio, jurando não voltar à sua terra, consumida no fôgo e na desordem da guerra civil, perdido no sorvedoiro da lei das *Indemnisações*, que Manuel Passos riscou a tempo da legislação do paiz, a maior parte

do seu vasto patrimonio. Acompanhara-o no exôdo para a Valeira — quinta que êle muito estimava por ter nascido ali sua mãe, numa epoca feliz de vindimas. Confortára as irmãs do fidalgo, noite e dia carpindo saudades da terra e da casa natalicias,—pois o administrador, o João Caitano, de Provezende, e Frei José, ex-profésso do convento de S. Francisco, da Pesqueira, não faziam senão agravar com lamentações os prantos das exiladas. E se não evitára que D. Antonio, mais tarde, ainda para auxiliar a causa realista, vendêsse a quinta de Gouvães ao Leandro, filho do escudeiro de seu pai, fôra por que D. Antonio, escrupulôso como um santo, rigido como um ascéta, se negára a aceitar a leal prontidão do seu dinheiro.

Estivera ao lado dêle na fortuna e na desfortuna. E assim, a seu lado crescêra, medrára, florira o encanto, delicado e varonil, de Maria do Rosario. Habituára-se a querer-lhe como a irmã mais nova. Durante os três anos de convento nas Chagas, em Lamêgo, onde ela aprendera, sob a direcção da prima abadessa, a tocar minuetes no cravo e a trautear modinhas brazileiras, vizitava-a todos os mezes. E ia vêl-a à cidade dos arcebispos, quando o pai lhe consentia umas temporadas de ferias em casa dos fidalgos do Campo da Vinha. De maneira que, D. Antonio, sensibilisado com a sua afeição pela prima, prometera-lha para mulher.

D. José não se conformava, porisso, com o desamôr de Maria do Rosario. O pai prometera-lha — ela era sua noiva. E como noiva, devia-lhe devoções, devia-lhe obrigações a que persistentemente se furtava.

Resolvera entender-se, duma vez para sempre, com D. Antonio. Entrára no solar nessa disposição. Mas o aspecto da capéla iluminada, e o alvorôço comovido da ladainha, amorteceram-lhe o primeiro impulso.

—O que foi?—inquiriu, mais intringado ao vê-los levantarem-se e abraçarem-se, de lagrimas nos olhos, e um sorriso de plenitude a fulgurar-lhes nas lagrimas.

—Boas novas! Boas novas! — clamou frei José, calorôso, as carnes curtidas na folga do Ripanso e nos chorumes do fumeiro em tremuras gelatinosas.

D. Antonio tomou-lhe o braço, saiu com êle, e as senhoras, e o frade, para a sala de visitas — deixando o administrador a apagar as vélas do altar. Na sala de visitas havia ainda os restos do explendor do solar de Provezende—dois panos murais de Arrás com scenas olimpicas da liturgia pagã, contadores da India e tremós de talha doirada, um vasto Gobelin amaciando o sobrado, e a um canto, entre a parêde e a janela, um cravo de mestre holandez. Encostando a porta, sentando-se com D. José no grande sofá D. João V, de pau santo e damasco vermêlho—passou a comunicar-lhe, sobrio e satisfeito, as gratas noticias recebidas.

O primo visconde do Real Agrado remetera-lhe carta da Regôa, por «marinheiro» dum rabêlo que pouco antes atracara ao cais.

—Vi a chegada do barco... — interrompeu D. José, ainda a pestanejar no incerto da supreza. — Mas, entretido em conversa com o Diôgo...

Nem chamára logo o primo D. José para não dar aos «marinheiros» a impressão de que se tratava de coisa de maior. O primo visconde referia-lhe, n'essa carta, que a todo o momento se aguardavam novas da restauração do trôno e da santa religião.

Todo o Minho aclamava D. Miguel, saido de Roma, no disfarce de criado dum tal Bennett, capitão realista da França. A essa hora ou vinha de Londres a caminho da terra redimida, do seu querido Portugal, ou estava já em Portugal, prestes a juntar-se às guerrilhas de Macdonell e do P.e Casimiro, senhoras e depositarias de Braga, com a adesão plenaria de Guimarães, de Traz-os-Montes, das Beiras, do reino em pêso.

—O nosso arcanjo S. Miguel! — murmurava, quasi rezava

D. Isabel Maria, a beijar na medalha de oiro, suspensa do pescoço por fita de seda azul e encarnada, a efigie do Rei exilado.

—O paiz está cansado de pelejas, sangue e expoliações! —afirmava D. Antonio, na severidade convicta dos apostolos. —Nas cadeias, em Lisbôa, já não cabem legitimistas e patuleias. Estes, sem força e energia para dominar Costa Cabral, deixam-se bater em Valpassos, um mez depois em Torres-Vedras, onde o Bomfim se rendeu às armas de Saldanha. O nosso dever é tomarmos as redeas disto... se queremos salvar Portugal!

Frei José exultou, citou David na restauração da Judeia, agradeceu ao Senhor em nome dos que o veneravam, concluindo:

—E oxalá Sua Magestade Imperial, ajudador dos bons, se não esqueça de que desejo acabar meus dias como deão da Sé de Lamêgo...

—E escrivão da mêsa grande da Alfandega do Porto... ha-de ser o João Caetano—prometeu D. José.

Bateram à porta. Era a Tomazia. Tinha dado o meio dia. Estava o jantar pronto. O fidalgo, exacto, pontual, caminhou para a sala de jantar. E à cabeceira da mêsa, patriarcalmente, enquanto o primo D. José saboreava a sôpa de galinha e salpicão, enquanto o frade sorvia a sôpa do seu prato da India e antegosava as prebendas do deado, D. Antonio saudava a aurora nascente, D. Antonio confrontava com os direitos dos constitucionais os direitos dos legitimistas ao trôno luzitano.

D. Miguel era portuguez—e amado por seu pôvo. D. Maria II era estrangeira—e aborrecida por todo o reino. Ele nascera em Portugal, entre portuguezes. Ela, nascida no Brazil, de mãe austriaca, nada tinha de comum com a nação de que teimava ser rainha. Como se bem quizesse acentua-lo, casára primeiro com um austriaco, D. Augusto, em segundas nupcias com D. Fernando, um alemão. Eram alemães o méstre e

o médico do Paço—o Dietz e o Kessler. Eram inglezas as amas de leite dos principes. Era inglez o seu cocheiro, franceza a sua modista. Portuguez, junto dela, só P.e Marcos, um renegado!

—Como renegados são todos os padres, todos os bispos que aceitam o poder desta gente! Renegados e malditos!—sentenciou D. Isabel Maria.

Frei José desceu da sé de Lamego à mêsa de jantar pela escada de alusão aos bispos. E lambendo os beiços grossos, exclamou:

—Eles serão humilhados. Nós, os humildes de hoje, seremos exaltados. *Ponit humiles in sublime!*

—Amen...—concordou D. Isabel Maria.

Terminado o jantar ergueram-se todos com unção. De pé, em volta da mêsa, levantaram as mãos. O fidalgo, hieratico, em voz pausada, declamou as *graças a Deus:*

Senhor que nos deste p'ra agora,
Dai-nos para toda a hora!
Que bom proveito nos faça,
Mantenha-nos Deus na sua divina graça.

E em voz baixa, recolhidamente, o Padre Nosso, depois a Avé-Maria, fremeram, ciciaram. D. Isabel Maria apresentou o alvitre de ser tocada no crávo a musica do *Rei chegou*, mandada dias antes de Braga pelos primos Barbosas. Maria do Rosario foi solicitada a tocal-a. Tornaram á sala de visitas. Mas, mal entraram, sentiu-se no terreiro o ladrar do *Tua* e resfolegar dum cavalo.

—Quem será?—indagou D. Carlota.

—Talvez o Salvador Pais—disse o fidalgo.—Tem-nos prometida uma visita.

O administrador surgia daí a pouco com uma carta—trouxera-a um proprio, que da Regôa viera a cavalo à Valeira.

—Da Regoa?—observou D. Antonio.—Ah! E' do primo visconde do Real Agrado...

Abriu a carta, supondo ir lêr a confirmação da que recebêra pelo barqueiro, escrita na vespera à tarde. Começou a lêr. E logo, no seu olhar, na sua atitude, estremeceu e palpitou a surpreza de má nova inesperada.

Deu ordem para que servissem jantar ao portador. Mandou fechar a porta. Em silencio, entregou a carta a D. José.

D. José fitou-a, passou a mão pelos olhos, gaguejou enrubescido:

—Á saida com o Sá da Bandeira esqueceram-me os oculos... Não sei lêr... sem eles. Deixei os oculos em Lobrigos...

—Estamos mal!—disse D. Antonio, pegando de nôvo no papel.

—O que foi?—preguntaram todos, a um tempo.

—A derrota dos nossos em Braga, ante-ontem, no ultimo de dezembro! O primo Visconde, receando que exultassemos com a carta mandada pelo «marinheiro», apressou-se a enviar portador com esta, na esperança de que chegasse primeiro.

Uma noite de tristeza pesou sobre o ambiente. Ele leu a carta, funebremente—como uma sentença de morte. Braga, e todo o Minho, estavam em armas pelo snr. D. Miguel. Casal aproximára-se da cidade no ultimo dia do ano que findára. As forças de Macdonell e do P.^e Casimiro déram-lhe batalha. Derrotou-as. As ruas ficaram juncadas de cadaveres realistas—cadaveres do clero, nobreza e pôvo. E os sobreviventes e seus chefes haviam-se refugiado, em desordem, nas serras visinhas.

—Vence Satanaz mais uma vez!—clamou Frei José, taciturno.

O fidalgo, severo, calmo, acentuou:

—Mais uma vez vence Costa Cabral! O Anti-Cristo impera!

Na verdade Costa Cabral vencia mais uma vez — ou venciam por êle os que representavam a sua politica, agora que o senhor da situação precavidamente se entrincheirara na embaixada de Madrid.

O homem de ferro, o homem de bronze, mesmo do estrangeiro dominava e vencia.

Vindo do nada, tornara-se tudo. Entrára no ministerio Rodrigo da Fonseca escorrendo aderencias jacobinas. Chegava do Club dos Camilos, em que o seu republicanismo relampejara e troára baforando faúlas revolucionarias.

Mas, a breve praso, éle é no ministerio a valvula de segurança do conservantismo — o ministro da ordem, o ministro dos que teem que perder.

Em sua volta organisa-se a nova aristocracia do capital — a classe fomentista, que encabeça o seu programa utilitario pela construção do caminho de ferro de Lisbôa a Badajoz, tão combatido, como impraticavel, como esbanjamento perigôso de energias e de dinheiro pelos partidos da oposição.

Baixo, magro, macilento, agressivo, tenaz, beirão, Costa Cabral ama o combate, estimula-se na luta — sendo a oposição o impulso creador de toda a sua forte atividade.

O demagôgo dos Camilos, que nos Camilos, à Robspierre, ditava guerra de morte à Egreja, que nos Camilos, à Danton, pedia a cabeça perjura da Rainha, integra-se tão intimamente na alma da Rainha, que dentro em pouco a consideram sua amante, encarna tão decididamente as aspirações da Egreja, que em curtos mezes restaura com a Santa Sé as relações cortadas desde 34—recrutando eleitores nos bispados vagos que preenche, nos canonicatos e abadias que distribue.

Palmerston receia a influencia de Guizot, transmitida atravez da Espanha, no gabinête portuguez. Palmerston, continuando na politica ingleza a tradição liberal dos *whigs*, resistindo à corrente conservadora dos *torys*, chefiada por Wellington, alarma-se em face das tendencias de Costa

Cabral. E no intuito de o esmagar, exige a satisfação de velhos compromissos de dinheiro, ameaçando com a tomada da Madeira, de Gôa, de Macau no caso do governo não obedecer e cumprir.

Repetia-se a historia. Repetia-se a intervenção do mesmo Palmerston, em 31, contra o governo de D. Miguel, auxiliando a intervenção Perier, que em nome de Luiz Filipe apresou e levou do Tejo a esquadra miguelista. Simplesmente — ao contrario dos ministros legitimistas, que sofreram a afronta sucumbidos, Costa Cabral ergueu a cabeça, falou alto, dominou a crise mandando a Londres o marechal Saldanha — o seu braço direito, o Messias da epoca, especie de *Mascotte* politica furiosamente requestada por todos os partidos.

Sublinhando a intervenção ingleza José Estevão, Lavradio, Garrett, Aguiar clamam no parlamento. Costa Cabral fecha o parlamento. Varios funcionarios protestam. Demite esses funcionarios. Ha militares descontentes. Sacode esses militares.

Os partidos coligam-se contra a sua audacia e contra a sua força. Os proprios miguelistas se movimentam, favoraveis à oposição liberal, um pouco por espirito combativo — bastante na esperança de conseguirem pela desordem o que as batalhas lhes negaram.

Em seguida às sedições militares de Torres-Novas e Almeida, breve sufocadas, José Estevão, a corrente magnetica da inssurreição, interna-se em Tras-os-Montes. Leva às populações serranas, na sua palavra incandescente, a labarêda da revolta. Herculano pontifica em Lisbôa, lança excomunhão maior contra o ditador. Bertiandos secunda-o no Minho. Em Guimarães è o visconde da Azenha o porta-voz dos sagrados principios violados. Rezende brada em Aveiro. E indo da palavra à acção o conde de Vila Rial e Carvalhais preparam o levantamento das unidades trasmontanas. O conde de Mélo agita os batalhões de Portalegre.

Em Santarem o verbo apaixonado de Passos Manoel encontra um calmo executôr no barão de Almeirim.

Indiferênte ao fôgo que crepita e alastra, Costa Cabral marca mês e dia para as eleições de 45.

Fundam-se associações secretas — a da venda, a dos templarios, a dos carbonarios, com as suas choças, o seu rito, o seu misterio.

Mas o ministro de ferro, inflexivel, hirto, soberbo, triunfa nas eleições—prescrevendo, prendendo, caceteando, fusilando.

Muitas das camaras municipais protestam — dissolve essas camaras.

Cresce em odios e prestigio. A gloria dos vencedores faz-se de punhos cerrados e de gestos de benção.

Compra o velho castelo templario de Tomar — e a Rainha dá-lhe o titulo de conde de Tomar, e a Rainha visita-o no seu castélo feudal.

Os murmurios estalam em gritos. Por toda a parte se gritam as relações adulterinas da Rainha com o ministro.

E' então que Costa Cabral, sentindo-se inabalavel, resolve cobrar a decima a rigôr, resolve mobilisar os bens das Misericordias, resolve abrir cemiterios e proíbir enterros nas igrejas.

E' então que o fôgo irrompe, que a colera popular, atiçada pelos politicos, deflagra na guerra civil da Maria da Fonte.

Abril de 46 sorria, cheio de rebentos castos e de festivos gorgeios. A revolução estala por entre o regorgitar e o sorrir das seivas.

O conde de Tomar dispõe-se a sufocal-a. Entrega o Porto, conferindo-lhe poderes discricionarios, a seu irmão José — o José dos Conegos.

Ele fica em Lisbôa, visitando quarteis, organisando a vitoria.

A Espanha incita-o e aplaude-o, oferece-lhe homens e armamento.

Apezar de tudo a revolução vinga no norte. José Cabral foge. Constitue-se na cidade. outra vez praça forte do liberalismo, a Junta Suprema, presidida pelo chapeu alto e o sorriso bonacheirão de José Passos — o rei do Porto.

E como o exercito, primeiro no Porto, a seguir em Lisbôa, pegue em armas pelos patuleias, Cabral demite-se, Cabral some-se na Espanha.

Reaparece na praça o papel moeda. Decreta-se a bancarrôta. E' chamado ao poder o liberal Duque de Palmela. A agitação. em vez de decrescer, intensifica-se. E a 6 de outubro, a Rainha, fiel ao valído exilado, chama Palmela a palacio, fecha-o numa sala, exige-lhe a demissão — e impõe-lhe a assinatura do decréto que entrega o poder a Saldanha. A historia mais uma vez se reproduz. E' a repetição da scena da *belemsada*— no mesmo paço de Belem. com a mesma Rainha, o mesmo Rei Fernando, o mesmo mestre Dietz, o mesmo medico Kessler, o mesmo padre Marcos.

Só Palmela — não era o mesmo Manoel Passos.

Manoel Passos, coração em que pulsava toda a indomita altivez da alma popular, olhou desdenhoso as tropas inglezas, desembarcadas para assegurar a vontade real, sorriu ao estralejar das ameaças e dos protestos, ditou á Rainha a vontade do pôvo.

Palmella curva-se, conforma-se e assina.

E logo Saldanha regressa ao reino. O avançado de hontem, o exaltado das *archotadas* de 28, que fôra aclamado Consul e proclamara a Republica, regressa porém amolecido no religiosismo dos sermões da Belgica e no ambiente apostolico de Viena — para onde transitára, desfeitas as nuvens acumuladas no céo de Londres.

E em face da atitude da Rainha, que se inclina audaciosamente para Costa Cabral, que num impeto de viril coragem se declára pronta a correr ás barricadas — Saldanha aceita o governo sob a tutela cabralista, Saldanha torna-se

em Lisbôa o mandatario do Conde de Tomar, que é em Madrid o nosso embaixadôr.

O Club do Sacramento, em que se ergue, formidavel, a voz de José Estevão, fulgura e estrondeia. A proclamação do povo contra a Rainha lateja odio e espumeja sangue. A Junta Suprema, no Porto, organisa as suas forças, dispõe-se para a batalha.

O miguelismo absolutista acorda e coliga-se aos setembrismo republicano.

A guerra civil define-se. E' um facto e uma fatalidade. Reaparecem as antigas guerrilhas. Macdonell, desde agôsto em Paiva assistindo ao desenrolar dos acontecimentos, prometendo emprêgos, fazendo desembargadores teoricos de camponios credulos, bispos *in partibus* de abades sofregos, bebe mais cognac, exige mais Douro, fala mais espanhol, decide iniciar o assalto.

P.e Casimiro, fanatico e profetico, aclama-se o defensor das *Cinco Chagas* e convulsiona o Minho. Os miguelistas, mais do que os patuleias activam-se e exultam — convencidos de que vai nascer o dia da redenção, saido da noite da confusão.

Terceira, em nome do governo, sobe ao Pôrto — e o José Passos prende-o, encerra-o no castélo da Foz.

Antas reune com Bomfim as guarnições patuleias do norte, e desce ao sul, a caminho de Lisbôa.

Ao mesmo tempo, num solavanco inesperado, o governador de Tráz-os-Montes, o barão de Casal, pronuncia-se pela Rainha — e marcha sobre o Pôrto, decidido a libertar Terceira.

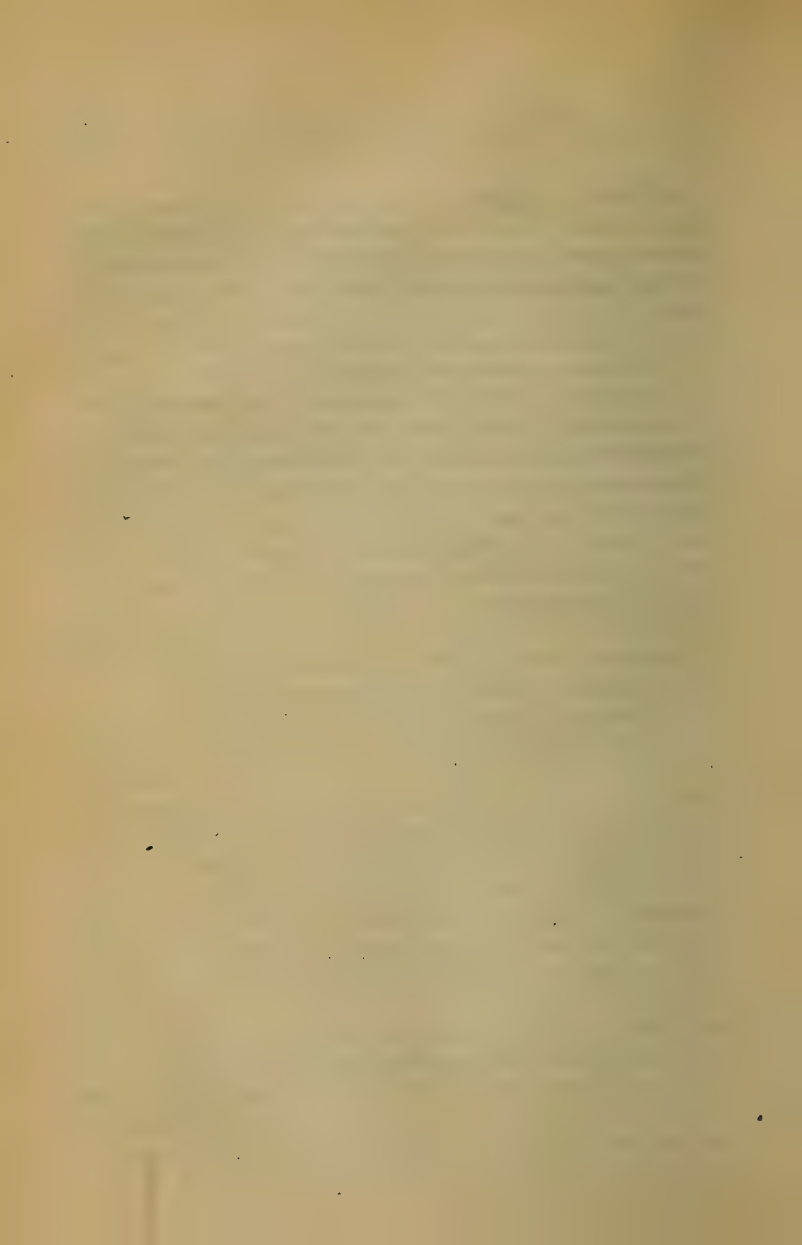
Sá da Bandeira, o manêta heroico, o paladino destemido da Patuleia, de que Manoel Passos é a alma luminosa e candida, cai sobre ele, obriga-o a recuar até Chaves, sofre o desastre de Valpassos.

Atacado por Saldanha, Bomfim é vencido em Torres-Ve-

dras. Casal, em seguida, avança contra o Minho insurreccionado—e fecha o ano de 46, e o activo sangrento das suas lutas internas, com a derrota dos legitimistas de Braga, colmando as ruas de cadaveres, cortando pela raiz o sonho da restauração.

—Viva Costa Cabral!—clamam os vencedores.

—Abaixo o Anti-Cristo!—rugem os vencidos.

Ha fome em Lisbôa. A vida torna-se um pesadêlo. Como no tempo de D. Miguel não se paga aos funcionarios publicos. Os patuleias não desarmam. E cartistas e cabralistas, desejando dormir em paz, desejam e preparam a intervenção da Espanha.

IV

RA que espére e desespére! — acentuou Leandro, quando Aninhas, pela segunda vez, lhe anunciou o snr. morgado de Ervedosa, á espera na sala grande.

E sentado á mêsa de jantar, com um caderno sujo de papel e um largo tinteiro de metal amarélo á frente dos dêdos nodosos e da pêna de páto, fazia as contas da jorna da semana ao pessoal das quintas, em algarismos hidropicos, aleijados, cambaleantes, ronronando para a mulher, de pé á sua beira:

—Isso não... não queria que o rapaz se privasse do seu gôsto dêle por' môr de mim. E tanto é sabado p'r'ó padrasto como p'r'ó fidalgo. Agora o que podia, era tratar da escrituração do fidalgo, depois de tratar da do padrasto. que a bem dizer é dêle. Além de que... o fidalgo tem lá o frade, tem o administradôr...

—A escrituração do fidalgo! — disse a snr.ª Inacinha, com incredulos retorcidos de bôca e acênos de cabeça: — Bôa escrituração! Nessa não me finto eu! Ai homem, não posso! Que queres? Vê-lo ir p'ra Valeira é deitarem-me sal nos olhos.

Leandro encolheu os hombros, marcou com uma cruz duas parcelas em cheiro de scismaticas. E a coçar a cabeleira enovelada, a atenção fita no papel:

—Quer queiras, quer não, mulher, quem manda, quando lhes chega e vez, são êles. E assim com' assim, deixa lá. Antes por ali, que por alguma estrumeira. — Aproveitou o silen-

cio indeciso da mulher, concluiu: — O pior de tudo 'inda é aquele fastio, que o traz estranho e macambuzio. Desde que veio dos «junteiros» não leva á bôca senão «ingalhos», coisas que não poem sustancia. Isso é que é o pior.

—E olha que é p'la morgada 'star apregoada cô o fidalgo de Lobrigos.

—Já te disse... apregoada não 'stá.

—Bem sei quê...

—Pois é isso. Se não se lêram os pregões na igreja, não 'stá. E o pai querer o casamento cô'o primo, porque tem dinheiro como terra, não é o mesmo que casa-los. Que quant' a dinheiro... — resmuneou, enviezando para a mulher o ôlho ambicioso — se êle souber do Duarte, não te digo nada... — E lembrando-se, a proposito: — Ah, escuta. Encontrei-me hontem cô'o Roque. E p'los modos, o D. José foi-se p'ra Lobrigos de cára á banda. A morgada não o quer... nem pintado.

—Seja o que fôr, p'ra que diga que gósto, não gósto. — Afagou com os dêdos distraídos as costas da cadeira que dava assento ao marido, observou, supersticiosa: — Hum... e quem fóra da terra vai casar, ou se engana, ou vai enganar...

José Leandro contestou. A morgada não era, a bem dizer, de fóra da terra. Nada em Provezende, fôra criada ali, naquilo que já lhe vinha dos «avôs» e das avós, desde «franganinha». Depois, embora o fidalgo andasse por baixo no respeitante a bens, a sua Valeira 'inda dava de setenta a oitenta pipas do melhor vinho de embarque. O pé de olival, sim senhor, não era dos mais cerrados, mas estava nôvo, forte e todo em bôa terra «asseçoada». A horta, a pegar cô' aquilo da Gregoria, no amago da regueira, c' um «caldo» verde, mais «louquinho» do que alfaces, e um pomar de se lhe tirar o chapeu, valia um par de cruzados. O lodeiro, á beira do rio, em frente do *Caúnho,* dava por ano oitenta a cem sacos de milho. A azenha rendia vinte moedas, p'ra cima que não p'ra baixo. E as pratas, e as joias, e as «limpezas», um poço sem

fundo de «limpezas», todas do melhor bragal, e outro recheio da casa, não eram p'ra desprezar. Só o grilhão que a morgada apresentára na ultima festa da Senhora dos Remedios, valia p'ra mais de setecentos cruzados. Deixasse lá. Não ia mal de tôdo. Além de que... cortava as barbas a certos fidalgotes de *cá ca rá cá,* sem terem onde cair mortos, e que lhe falavam por demais. E sempre era fechar a Valeira. Não a fechava o padrasto? Fechava-a o «não filho», que tudo vinha a dar no mesmo. Fazia-lhe de sórte as quintas cimeira e meeira. Apanhada a quinta fundeira, comprava-se a do abade de Sant'Iago, que p'r'a largar não havia de querer nenhum Brazil. Depois a horta da Gregoria, e punha-se um portão no tôpo do caminho, á capela de S. Francisco...

Calaram-se — a snr.ª Inacinha mal estrebuchando já na rêde que o marido armára á sua condescendencia pela inclinação do Duarte, êle contemplando, de pupilas fixas na mêsa, humedecidas de gôso e dilatadas de plenitude, a Valeira fechada á chave todas as noites, abrindo todas as manhãs á ordem do enteado para o transito de carros e almocreves que trafegavam com o cais.

Aninhas, encolhida no seu chale de três pontas, espreitou á porta, tornou a lembrar o snr. morgado de Ervedosa.

—Irra! Já disse... que espere! — rosnou, em surdina, incomodamente arredado do seu jardim de delicias.

A snr.ª Inacinha. pestanejando, abanando a cabeça, agora entre credula e incredula, interveiu:

—Olha que deve 'star «enfariado» de esperar, o pobre do homem...

—Já te disse... — insistiu, baixo, convincente. — Quanto mais esperar, menos péde. Deixa-me cá, que eu é que os conheço. Não que o dinheiro custa a ganhar...

—Mas já lá 'stá p'ra mais duma hora.

Leandro, fleugmatico, tirou a prova dos noves á soma que se contorcia, epilética, sobre o papel. E concluida a operação,

disciplinarmente ortodoxa, levantou-se, compôz o cós das calças, meteu á sala grande. Antes de entrar bateu com a mão pesada na parêde, rugiu, olhos fitos no vago:

—E se cá tornar o «fatinario», rua! Rua cô' ele!

Caminhou para a sala, a mesma em que a enteada surpreendera as suas conjuras com o Roque e os serviçais, quasi nua, quasi miseravel, com uma mêsa de mogno ao centro, sobre a mêsa um candieiro de três bicos, com um canapé de palhinha e meia duzia de cadeiras esfiampadas, e na parêde um espêlho baço como charco limôso. Avançou de fisionomia colerica, os olhos debruados de vermêlho, as mãos enterradas nos bôlsos.

—Nosso Senhor lhe dê as boas tardes, snr. Leandro—cumprimentou o morgado, obêso e fulvo, surprezo em face daquela colera.

—Nosso-Senhor lhe dê as mesmas—correspondeu, laconico.

O morgado, não encontrando modo de se pôr á vontade, não sabendo se devia sorrir ou entristecer, inquiriu, a mêdo:

—O snr. Leandro passa mal de sua saude?

Não passava—declarou, sentando-se, indicando ao morgado uma cadeira para que se sentasse. O que 'stava—era farto. Farto de «inzoneiros», de «fatinarios», de ladrões. E a afirma-lo, marreteou com o pêso bruto da mão a mêsa de mogno, grunhiu:

—«Rai» me parta se qualquer dia não saio da Pesqueira. E que se arrangem!

—Mas... que foi, ainda que mal pregunte?

—O que foi?—resingou, encarando-o de frente, catadura espessa, pupila fusilante:—Foi p'r' aí um «fatinario», a quem emprestei cem moedas, e quer não, que tinha muito em casa quando lhas empestei! e que além de mas não tornar, 'inda diz que mas não deve! Ladrões!

Como se a ira o estrangulasse e o emudecêsse, cravou os olhos esbrazeados no chão. Sobre a sala derramou-se a algi-

dez e a sufocação do silencio. O sol entrava pelas janelas, deitava-se mansamente no soalho encardido em que punha manchas obliquas de oiro em fusão.

Na rua passava o lento taramelar de sócos.

E mais além, na Praça, os teares da Antonia Grande e da Margarida do Galêgo palpitavam, matraqueavam, *tlac-tlac, tlac-tlac,* na alegre agitação do trabalho.

—Vão uns grandes calôres—arriscou o morgado, reagindo contra a dolorosa asfixia.—E não são de seu tempo. E' verdade que março já vai entrado.— Como Leandro se não apiedasse, desapertando-lhe a corda que o garrotava, tentou outra via:—E' verdade... constou-me em casa do primo Manoel Antonio Soveral que o seu «não filho» já recolheu da guerra, com o Julio Ferreira...

—Pudéra!...—resmuneou Leandro, ainda de olhos no chão:—Não que o tempo não vai atreito a pandegas...

—Vai mau, vai, assim para os grandes como para os miudos. Não lembra aos nados: o pão, que «antes disto virar» se vendia a cem reis o alqueire, já chegou a quinhentos e vinte. P'los modos em Lisbôa reina a fome, e já se distribue pão p'las ruas aos menos ajudados da sorte. E pior será se os espanhoes entram no reino, como se diz...

—Pior? Não vejo em quê! O que se quer é socego, p'ra tudo tornar ao antigo. Que quant' a entrarem os espanhois, tanto monta que entrem os espanhois como os inglezes, ou os portuguezes. E' tudo gente.

—Sim, a bem dizer...

Não concluiu. E como Leandro se remetesse ao silencio de ha pouco, de olhos sempre no chão, de aspecto sempre carregado, decidiu-se, gaguejou:

—Não sei se sabe ao que cá venho, snr. Leandro.

—Não sei.

—Ah, já se não lembra. E' por via daquele caso em que falamos outro dia, no entrudo...

—No entrudo?! Não tenho de memoria...

O morgado torceu e retorceu entre os dêdos gôrdos a aba do chapeu, aludiu magoadamente ás despezas com os filhos nos estudos, á desordem politica «que causava a carestia nos mantimentos e a esterilidade nas terras». E dessa sórte, como lhe disséra no entrudo, á porta das casas da Camara, precisava que lhe désse de emprestimo, sobre hipoteca da quinta de Vale-de-Mendiz, duzentas e cincoenta moedas.

—Duzentas e cincoenta?! — sublinhou Leandro.

—Foi o que combinamos. Mas... ou duzentas... — condescendeu.

—O pior é que o «casco» da quinta não pertence ao snr. morgado — arriscou Leandro, entre convicto e duvidôso. — A mim quer-se-me parecer, não botei sentido em quem mo disse, pois não cuido dos negocios alheios, que a snr.ª sua sogra lhe fez em terça o usofruto, e a raiz á sua filha mais velha...

—Não é essa. E' a que fica p'ra cima do Pinhão, quasi a pegar com a do Noval...

—Hum... é a de Vale de Mendiz!... — E meio desdenhôso, encolhendo os hombros: — Já sei, já sei qual é. Não é má, p'ra que digamos. Mas está fraquita. E tem por lá uns «lastrões» que não dão palha nem grão. Precisa dumas voltas, que 'inda levam os seus centos de cruzados. Depois... fica «rédia», a mais de três horas da Pesqueira...

—Mais longe fica a do snr. Leandro, a de Gouvães, e o caminho é a bem dizer o mesmo...

Ele pendulou gravemente a cabeça, aceitou a pitada de simonte que o morgado lhe ofereceu, afagantemente, na caixa aberta de prata lavrada. E fungando, e discorrendo, avultou a «qualidade pessima dos tempos» a guerra civil, que trazia tudo numa desordem. num «badanau», e que porisso não deixava coalhar no bôlso duas de cinco. A propriedade perdêra o seu justo valôr. A quinta das Figueiras, da Ferreirinha, um condado, daí a pouco não valia quatro patacos dos cunha-

dos no Porto p'lo patéta do Zé Passos... Além de que, aquelas cem moedas que o tal «fatinario» lhe negára, na sua propria cára, por pouco o não haviam deixado co'a «séla na barriga»...

Discutiram. Argumentaram. E de transigencia em transigencia convieram na hipotéca por cento e cincoenta moedas — a juro de dez por cento, por ser p'r'o snr. morgado, crescendo cinco a mais por cada ano que se vencesse.

E quando o morgado retirou, e a snr.ª Inacinha, fervendo de curiosidade, apareceu a preguntar «se sempre lhe emprestára o dinheiro», Leandro, triunfante, as mãos mais afundadas nos bolsos das calças, afirmou:

—Emprestei. Apanhei-lhe a quinta... que já a não resgata, verás... por cento e cincoenta moedas. Pois vale bem, a olhos fechados, p'ra cima de mil. Só as hortas, lá em baixo, co' aquele «caldo» sempre verdinho, de inverno e de verão, que até parece que o sol o réga, vale as cento e cincoenta moedas. São uns «bostélas» estes snrs. fidalgotes. Não pescam patavina de administração de casais. — E noutro tom, dispondo-se a saír: — Vou-me lá á quinta do Lodeiro, a falar ao cirurgião Teixeira por causa des febres e á cóca de novidades do Porto...

—Já te disse. Não fales nas febres. E olha que 'stá na sala de jantar o *Bumba*, p'ra te fazer a barba.

—Ah, já veio! — Arrastou os dêdos tacteantes pela barba aspera de oito dias; considerou: — Vou-me então ao mestre, p'ra que me despache depressa, que quero apanhar o cirurgião antes de saír p'r'os Casais. E até falo nas febres ao mestre. E' mais entendido do que os doutores...

O mestre Francisco cumprimentou ceremoniosamente. Pequenino, magro, ôlho perfurante, pêra de chibato nôvo, véstia curta de saragoça, poz-se de pé, dobrou e devolveu ao bôlso o lenço estendido na cadeira em que se sentára, prometendo avial-o sem tardança. E enrolando-lhe ao pescoço a toalha branca de linho, e ensaboando-lhe a cára com a mão

—sobre a bacia de fôlha a aparar a escorrencia do queixo rombo—deu-lhe a ultima noticia politica. Dizia-se que o Sá da Bandeira embarcara no Porto, saltara em terra dos Algarves e subia por'i a fóra, até Lisbôa, p'ra destronar a Rainha.

Leandro encapelou-se. A sua face, que era vermelha, aqueceu ao rubro das brasas. E declarou-se capaz de ir ao Porto... só p'ra dar um tiro a esse ladrão.

—As balas não querem nada co'os valentes, snr. Leandro —observou o mestre, numa ironia mal rebuçada.—E' vêr o snr. Duartinho. Andou lá p'la guerra, esteve na acção de Torres Novas, em que «'stonaram» tanta gente, e nem um «arrebunhão»...

Resfolegando, meio congestionado sob a onda de colera que o agitára, Leandro rosnou, em surdina:

—As balas não querem nada... mas é com coisas ruins..,

Mestre Francisco perfilou-se, amaciou o fio da navalha cantadeira no assentador de sola, enfiado no indicador esquerdo e encastoado na palma da mão. E a sorrir enternecidamente ás virtudes do enteado do snr. Leandro, contrapôz:

—Toma lá! Olha coisa ruim o snr. Duartinho! Não é por ser seu «não filho»: é delicado que nem uma dama. «Repentinôso» do genio, mas em aliviando não faz mal a uma môsca. E p'los modos, em Coimbra, tanto ele como o Julio, o do João Bernardo, obraram à laia de pimpões! E no Porto, cô'os patriotas da Junta, o Passos, o Almeida e Brito, o...

—O' mestre!—atalhou Leandro, o beiço tremulo, os olhos injectados, a voz estorcegada:—Deixe lá essa gente! Só de ouvir o nome dos patuleias até se me atranca a fala nas guélas...

—O snr. Duartinho tambem...

—Pois sim. Mas foi-o sempre contra o meu entender. Desde que p'r'aí veiu, nem pio quant'a politica! E que continue, que ha-de dar bôa burra ao dizimo!

O mestre mascou em sêco, contemporisou com os engu-

lhos do snr. Leandro. A bem verdade... os republicanos da Patuleia haviam posto «isto num barborinho». Ninguem se entendia, nem os de cima nem os de baixo. Já o disserá ao mesmo snr. Duartinho, que por tal sinal ainda conversara cô'êle nesse dia, pouco alem do jartar. Ia p'ra Valeira, p'los módos. Até o achara magróte, bastante «estranho».

—Ah, bô! Não que andar na guerra, não é 'star em casa, com de comêr e de beber à farta!—Numa intenção reservada e cauta acrescentou:—Devia ir p'ra Veleira, devia. O fidalgo, em no apanhando cá, já o não larga, por'môr da escrituração. O João Caitano é um «bostéla». Não pesca da póda.

—E o snr. Duartinho, a respeito de memoria, não ha outro. E' fino que nem fel da terra. Tem uma memoria imortal.

Mas o mestre, ensaboados os queixos rijos do Leandro para os retoques no escanhoado, assoou-se num som nasal de cornêta—serviu-se do lenço numero um, que o numero dois era o que lhe servia para se sentar, e o numero três para apoiar ás mezas dos freguezes a forquilha do cotovêlo. Aprimorando o retoque, anatematisou a guerra civil. Aquela guerra! Não lembrava. Os filhos contra os pais e os pais contra os filhos! Nem quando fôra «p'ra isto virar». E era que se não falava senão na intervenção estrangeira.

—Que quant'a intervenção 'strangeira—arriscou, dissimulado—ha quem diga que o mesmo Macdonell, que lá ficou «estrumado» em janeiro, p'r'os lados de Vila Pouca de Aguiar, e sepultado em Sabrôso, andava feito cô'os do governo p'ra que ela viesse...

—Cantigas! Cantigas desses pulhas dos patuleias!

—Lá isso... talvez—disse o mestre. E como tivesse concluido a sua obra, em requintes de escrupulo e prodigios de diligencia, tirou-lhe a toalha do pescôço, ergueu-a pelas pontas à altura do peito, como um Santo-Sudario, baixou cortezmente a cabeça, agradeceu:—Viva, snr. Leando.

—Viva, mestre.—E Leandro, de pé, a repuxar o cós das

calças, ofereceu: — Vão agora duas laranjas das de Gouvães, ó mestre! E uma pinga do de consumo.

—Bem haja. Ando enfreumado do estomago, Se não, não lhe guardava «decóro».

—Ao menos beba, mestre. Não lhe faz mal. Olhe que é moiro.

—Bem sei que não baptisa o vinho. Mas agora não vai.

Despediu-se. Ainda tinha cinco freguezes a aviar. Os sabados e as caniculas de agôsto eram a sua matação.

—Or' olhe... — Leandro, lembrando-se das febres da mulher, aferrou-o por um braço. — A minha tem tido umas febres, dia sim dia não, que a queimam por dentro e por fóra.

—A sn.ª Inacinha?

—Nem mais.

—Hum... — resmuneou, o ôlho infalivel perfurando a espectativa do Leandro.— Quando Deus quer... temos febres terçãs.

—E' o que se me parece.

—Chame-a cá, snr. Leandro. Eu vejo-a.

—Ah, bô! Não vem. Diz que não consulta.

O mestre coçou a cabeça. E de repente, retesado, na vitoriosa certeza dum oraculo sob a luz milagrosa da inspiração, sentenciou:

—Pois bote-lhe p'ra dentro co'a raiz da tanchagem pisada, e o sumo misturado com egual porção de agua e vinho.

—Lá isso faço eu. Assim ela melhore.

Para o caso de não melhorar, prescreveu nôvo elixir, «que faria obra saudavel, e com o favor de Deus, lhe traria perfeita saude». Bebia em jejum, antes da terçã, duas onças de sumo de romãs. Logo a seguir untava os pulsos e plantas dos pés com unguento populeão e duas dragmas de teias de aranha.

Despediu-se. Leandro agradeceu-lhe. E ao apertar-lhe os

dêdos esguios, afeiçoados a gestos e movimentos suaves, lembrou-se ainda de que a mulher tinha uns frenesis que a não deixavam pregar ôlho.

—E' da febre. Ponha-lhe na cabeça, antes de deitar, os rins dum carneiro acabado de morrêr, ou então um pombo negro aberto p'las costas.

Duarte, alto e magro, pele morena e olhos castanhos, o cabêlo aberto ao lado e a caír em bambinela sobre as orêlhas, o bigode e a môsca a desenharem escrupulosamente um T sobre as maxilas, conversava com as senhoras na sala de visitas.

A luz era branda — filtrada pela abertura dos reposteiros de damasco. O calôr apertava — reflectido pela soalheira da encosta da outra margem. Os moveis, o sofá de damasco, os contadores de pau santo, o cravo de Holanda pareciam adormecidos sob uma penumbra de docel.

Contava-lhes scenas da batalha de Torres Vedras. Contestava que Bomfim se tivesse escondido num confessionario. Concordava com a superioridade de Saldanha, que tivera a seu lado, batendo-se como leão, um dos moços mais valentes da cavalaria portugueza — D. Alexandre de Sousa Coutinho. E espargindo louvores sobre as virtudes guerreiras do comandante do seu batalhão, o coronel Chichôrro Vilas Boas, e confiando nos rasgos heroicos de Sá da Bandeira, agora no Algarve e a caminho do Alemtejo, protegido de flanco pela bravura de Schwalback e a astucia do Conde de Mélo — declinou a convicção do proximo triunfo patuleia, que evitaria ao paiz a afronta e o desaire da intervenção espanhola.

—Vê? E de quem é a culpa, se os espanhois vierem por aí dentro? — inquiriu D. Isabel Maria. — Dos senhores liberais, que a estrangeiros doaram o reino. Antes de «isto virar»

não era assim. Mandavam em Portugal os portuguezes. Quem mandava era sua Magestade Imperial — dizêndo-o, soergueu-se, em geito de pura beatitude. — E porisso, assim grandes como pequenos, todos lhe queriam do coração. Quando estive em Braga, e sua Magestade entrou na cidade, com as serenissimas Infantas, por causa do cêrco do Porto... toda a gente ajoelhava. Todos lhe beijavam ou a espada ou a mão...

—Todos, tia D. Isabel Maria? — interpelou a descrença irreverente de Maria do Rosario.

—Todos... ou pouco menos de todos...

—Sim, porque havia muitos... que se lembravam dos parentes e dos amigos mortos na Praça Nova. Pelo menos é o que diz a tia D. Carlota, que estava tambem em Braga... Assim como estava no Porto quando o carrasco, escarranchado nos hombros dos padecentes, tirava a navalha do bôlso e lhes cortava o pescôço... em nome de sua Magestade Imperial...

—E' verdade, é... — confirmou D. Carlota, de oculos apoiados no nariz, e os dêdos girando na lufa-lufa do *crochet.*

D. Isabel Maria, ruminando a indignação, contorcendo-se no damasco vermêlho do sofá, fitou severamente a sobrinha, resfolegou:

—Continuas a falar alto! Raparigas de agora! Havia de ser no meu tempo!

Calou-se. Todos ficaram calados, a sobrinha a sorrir, D. Carlota a trabalhar, Duarte a olhar a janela entreaberta, donde vinha a bafagem do sol e o eterno rumôr do cachão — agora, nas aguas medeas de março, semelhante ao tropear afastado de grossa cavalaria. Mas a escandalisada senhora aproveitou aquela mudez propicia às proveitosas lições. No seu tempo não se falava alto — avançou. Havia decencia nos actos e compostura nas palavras. O snr. Intendente, em Lisbôa, até prendêra na rua certa francêsa, por se demaziar na voz em que falava — julgara-a, porisso mesmo, um maçon vestido

de saias. Nos tempos correntes, não haveria aljubes que chegassem para todas essas meninas — que todas pareciam vir das terras livres da pedreirada.

Tomazia, a choramingar, a limpar as lagrimas à ponta do avental, assomou à porta da sala.

—O que é? — preguntou D. Carlota alvoraçada.

—E' o «réco» de Linhares que 'stá a acabar...

—O «réco»! — observou Maria do Rosario, ironica. — Já te disse, mulher, não è «réco», ê pôrco!

—Tanto monta, menina. Foi assim que me ensinaram...

—A acabar... com quê? — inquiriu D. Isabel Maria.

Com o quê, não o sabia ela — respondeu a criada, sempre choramingando. — Fôra ao cortêlho, co'a Soledade, p'ra acomodar o «vivo», que 'stava cheio de fome. Entraram e toparam o «réco estrumado» no chão, a roncar, a espernegar-se, e os outros «récos» a foçarem p'r'o comer...

—Foi de vir a pé de Linhares para aqui — concluiu D. Carlota. — Vamos lá vêr o animalsinho.

—Vá a mana, vá. E' uma obra de caridade — aconselhou D. Isabel Maria, em suspirosa lamuria. — Eu não posso, por causa dos trabalhos que me vieram aos pés. — Gemeu, a arrastar os passos atraz da irmã, a coxear e a encostar-se aos moveis: — Ai, os meus trabalhos! Mas vá, vá... e eu vou pedir a frei José que a não desampare... e entregar o pobre animal a St.º Antonio, que bem póde ser que o salve.

Duarte e Maria do Rosario, que os seguiram até á porta, voltaram à sala, sentaram-se no sofá.

—Já leu as *Viagens na minha terra?* — preguntou Duarte, os olhos ungindo-a de natural e calma ternura.

—Comecei hontem. Muito a mêdo, não me descubram o livro... Garrett, cá na casa, è um herege, não se póde ler. Só não são hereges o Filinto Elisio, o primo João de Lemos, o...

—E o exercicio de escrita que lhe trouxe na sexta? — resumiu, interrompendo-a.

Ela escondeu o riso sob a concha rosea da mão direita — deixando-o fugir, esgarçado e tilintante, atravez dos dêdos tremulos. O exercicio de escrita! Fizera-o logo. Mas em que receios!

Escondida, fechada no quarto, como se praticasse o maior dos crimes! Ah, se as tias adivinhassem, se o pai soubesse, se o frei José suspeitasse, caía sobre a sua pobre e fraca cabeça o pêso de todas as escomunhões!

—Da tia snr.ª D. Carlota... talvez não...—observou Duarte.— A tia snr.ª D. Carlota amou, sabe o que é amar, não receia por certo que a sobrinha venha a servir-se da pena para expressar o seu amôr... os seus sentimentos...

—Amou!—disse Maria do Rosario, com enlêvo!—Tem quarenta e três anos. Amou aos vinte e um. Ha vinte e dois anos. E o que lhe ouvi dizer do seu amôr à prima viscondessa de Linhares, ainda na ultima vindima, sem que me suspeitasse perto de si! Não perdôa ao irmão o tê-la contrariado. Foi daí que lhe ficou a doença no coração.

Duarte, com reservas na voz e nó gesto, abafando-lhes a vibração e o calôr, insurgiu-se contra os morgadios — contra a regra desumana que entre irmãos elegia um, a quem entregava tudo, até a vida do coração, em prejuizo dos outros e das proprias leis naturais do equilibrio—pois elegia por edade, não por competencia. E no receio de se exceder, e de que alguem fóra da sala o ouvisse, repisou discréto o têma clandestino da escrita.

—Bem. Mas... a respeito de exercicios de escrita. Espero que não se esqueça. Fui eu o seu mestre. A primeira carta...

Ela atalhou, a sorrir, num sorriso que o acariciava e batia as azas irisadas, prêso da luz viva dós seus olhos:

—Não, a primeira... tenha paciencia, a primeira è para o primo D. José. Ao recebe-la, esquece-se dós oculos. Dá-a a lêr ao administrador. E ao saber que é minha, julga-me em pacto com Satanaz, e deixa-me em socêgo.

—Maria do Rosario! — disse ele, sobressaltado.

—O que é?

—Não faça isso! Não escreva por enquanto a D. José!

—Mas... se eu o aborreço! Se eu...

Não concluiu. Os seus olhos castanhos, duma doçura quente de veludo e duma firmeza leal de convicção, fitaram-se, perturbados, na tremulina do ar e no triangulo vasio dos reposteiros abertos sobre o rio.

No silencio avultou o ranger da «espadéla» e o ulular dos «marinheiros» alando um barco ao revez das aguas do cachão. E estavam ainda em silencio, quando a calva religiosa de Frei José espreitou à porta.

—Ah! cuidei que tivessem saído. Não ouvia falar...

—Esperavamos que as tias chegassem — respondeu, com segura ligeirêza, Maria do Rosario. — Elas é que saíram ha pouco...

—Bem sei — replicou Frei José entrando, a limpar o suor que lhe gotejava da carne olvidada dos longos jejuns martirisantes, e a garnacha meio desabotoada. —Foram acudir à vitima deste calor, improprio da epoca, e que torna o homem mole e para pouco. A snr.ª D. Carlota ficou no cortêlho com as môças. A snr.ª D. Isabel Maria está na capela responsando o animal a St.º Antonio...

—Logo podiamos ir lá acima, ao S. Salvador do Mundo, aspirar o ar do alto — lembrou Maria do Rosario. — E viamos o eremitão, o nosso Frei João, que já não vem pela esmola ha mais de duas semanas.

Frei José, agora espapaçado e a abanar-se ao lenço num cadeirão de couro pregueado, declarou que não iria a S. Salvador, nem que o transportassem na liteira das senhoras. A Frei João não lhe faltava a esmola, pois nunca o esquecia o snr. D. Antonio, tão ajudador de pobres e humildes. E lá em cima não encontrariam senão uma diferença — sentir o calôr mais de alto.

—Abençoado calôr, mesmo estemporaneo—observou Duarte, refeito já da contrariedade da visita indiscréta.—Sem ele, a temperar o schisto das escarpas, não teriamos o grande vinho do Douro.

—Perdoava-lhe que fôsse pior, sendo menos o calôr... Por pouco... não caiem as cotovias!

—Apezar disso—contrapoz Maria do Rosario, repreensiva—se o vinho não è do mais fino, Frei José logo lhe torce o nariz...

—Pudera! Sacrifico-me... requeiro compensações. Alem de que...—concluiu, de olhos em âlvo:—è das Sagradas Escrituras:—*vinum bonum loetificet cor hominis.*

—Que mania! Já sabe que o não percebo...

—Deus Nosso Senhor nos livre que percebesse. De mulher que sabe latim, e de mula que faz *im... livre nos, Domine!* — Resfastelou-se, correu a doçura da mão polpuda pela curva abdominal, traduziu:—O bom vinho alegra o coração do homem.

E afirmando-se em Duarte, preguntou se sabia o que se passava no Pôrto—nessa terra de demencia e de desgraça, desde que os *casacas de briche* de *vinte* a transformaram em velhacouto de republicanos e pedreiros-livres.

—Ha dois dias—sublinhou Duarte, risonho—nada sei de nôvo.

—O João Caitano deve chegar ámanhã à Regoa no barco da carreira... O mais tardar depois de ámanhã temo-lo aí. E ele referirá o que se passa, sob a ameaça da invasão pelos soldados espanhois...

Lamentou as desgraças de Portugal. Vira vencer a causa infernal importada do estrangeiro, havendo de sustentar um exercito estrangeiro de maltrapilhos. Ficara sob a tutela duma Rainha estrangeira, para o que fôra destituido do trono o rei legitimo, portuguez de alma e nascimento. De desgraça em desgraça caíra na guerra civil entre os causadores de seus

dias tenebrosos. Ensopara-se em sangue e lagrimas — mui ferido nas duras pelejas do cêrco do Porto, de Valpassos, de Torres Novas, de Braga, e naquela que expulsara de Vila Real, sob a neve e o vento, a coluna de Macdonell, na que dera afrontosa morte, em Sabrôso de Aguiar, ao velho general inglez. E como se tudo isto fôsse pouco, inclinava-se à vergonha doutra intervenção estrangeira.

—O Deus de Ourique e Aljubarrota abandona-nos ao castigo de nossos pecados!... — clamou, o lenço a sorver o suor do pescôço.

Duarte contraditou-o. Duarte recordou que sempre portuguezes, em luta com portuguezes ou com estranhos, recorreram ao auxilio alheio em beneficio proprio. Citou o auxilio dos cruzados do norte a D. Afonso e a D. Sancho na expulsão do mouro. O auxilio de inglezes a D. João I na vitoria de Aljubarrota. A necessidade de Schomberg para a segurança de D. João IV. Wellington e a guerra peninsular. Beresford, durante o absolutismo, com direito de véto sobre a vontade real — e expulso do reino pelos *vintistas*.

Desenhava-se a ameaça da intervenção espanhola sob o liberalismo? Com D. Miguel sofrera-se a afronta da intervenção franceza, que levara do Tejo a esquadra realista e obrigàra o paiz a pagar-lhe oitocentos mil francos. Sofrera-se a intervenção ingleza, que obrigàra a demitir funcionarios publicos e aplaudira a atitude da França. Alem disso, o chefe da esquadra miguelista era Eliot, um estrangeiro. O assalto ao Porto, a que D. Miguel assistira do forte de S. Gens, fôra comandado por Baumont, um extrangeiro. Extrangeiros eram os oficiais vendeanos, como D'Almer e Crouet, a combaterem ao lado dos miguelistas. Estrangeiro era Macdonell, destinado a chefiar a causa nacional, e em janeiro ultimo môrto em Sabrôso...

—Mas, perdão... — clamou Frei José, solevado na cadeira. — Deve explicar que...

—Perdão, digo eu. Ouvi o snr. Frei José em silencio. Peço para ser ouvido tambem...

—Isso mesmo! Isso mesmo!—aplaudiu Maria do Rosario.

Falara-lhe de sangue e de lagrimas. Choraram muitas lagrimas, verteram muito sangue as vitimas dos senhores Inquisidores, e ha pouco as victimas dos senhores caceteiros apostolicos—às ordens de José Verissimo e de José Agostinho. Devia lembrar-se dos enforcamentos a que as senhoras fidalgas concorriam dando palmas. Devia lembrar-se do Teles Jordão e dos martirios de S. Julião da Barra, da cadeia de Extremoz e do massacre dos prêsos, a machado—em que o coronel Silva, e a mulher, e a filha, embora suplicando misericordia, haviam sido esquartejados.

—Basta!—ordenou Frei José, agora de pé, hirto, solene, fulminante.

—V.ª Reverendissima tem razão—continuou Duarte, em tom calmo, e como se não o ouvisse:—em protestar contra o sangue vertido, contra os crimes que se praticam dia a dia, à sombra do liberalismo. Mas, esses crimes, não são um producto do liberalismo. São-no da educação do pôvo, feita nas fogueiras dos autos de fé, no espectaculo dos enforcamentos, na lição do desprezo pela vida humana...

—Nesse caso...—observou o frade, de nôvo sentado, rubro de afrontamentos:—se o liberalismo não cura o mal, para que vem agrava-lo com novas lutas, com mais sangue, com mais vergonhas?

Ouviu-se no corredor a voz lamentosa de D. Isabel Maria. E como ela entrasse na sala, no encalço de D. Carlota, a conversa desviou-se insensivelmente, sem solavanco ou esfôrço, apenas sob a abstenção amuada de Frei José, das sangueiras e êrros politicos para a morte natural do pobre pôrco—que lá ficára no cortêlho, chorado pela Tomazia, assistido do feitôr e serviçais. O responso a St.º Antonio não fôra ou-

vido, porque D. Isabel Maria, no reza-lo, se enganara ao meio.

—Minhas senhoras!—explodiu o frade, logo que Duarte se despediu, e porque Maria do Rosario o acompanhou à escada.—Este homem traz perigo a esta casa. *Primo:* pedreiro livre, a todos contamina com a falsidade das suas palavras. *Secundo:* já avisei disto a V. Ex.ª, snr.ª D. Isabel Maria: a snr.ª morgada ouve-o e honra-o com excesso de... de zêlo. *Prudentia in omnibus!* A prudencia è a melhor guia da virtude—refluiu em remate e em condimento da pitada que elevou ás purpuras nasais.

D. Carlota abanou a cabeça incredula, observando, sorrindo:

—Ora! O Duarte è um bom rapaz.

—Mana Carlota—contrapôz D. Isabel Maria, com gravidade:—Frei José está na razão. E eu abriria desde já os olhos ao mano D. Antonio, que o tem na conta de pessôa comedida e o estima por fazer a escrita ao João Caitano, se não receasse pela Maria do Rosario. Julga que um enteado do José Leandro, antigo serviçal da casa, não póde pensar numa sua filha... senão para a servir...

—Sempre è homem que levou sua audacia e descompostura a encarecer, na presença de V. Ex.ªs, aquela dama do Porto que toma banho todas as semanas!—estigmatisou Frei José, num golpe expurgatorio de esconjuro.—Em «coiro», a vêr-se em «coiro» na banheira! O impudor do seculo! O relaxamento dos costumes! *O' tempus, ó mores!*

V

UANDO Deus quer, houve por lá novidade. Esta demora! — suspirou D. Carlota, de face contristada para os cimos do caminho. — E è que se faz tarde.

— Saindo até às oito... saímos muito a tempo. — Duarte sacou do bôlso do colête de sêda azul, listrado de branco, o relogio de oiro, considerou: — São sete e meia. Demais, o sol não ha-de molestar-nos.

— Talvez...

Olhou o céo enodoado de nuvens. Nesse momento, como que a preveni-los contra falsos juizos, como que recostado à aresta das brenhas de S. Salvador do Mundo, o sol entremostou-se e fulgiu abençoando o rio e o patamar da escada em que êle, e D. Carlota, e Maria do Rosario, aguardavam a chegada duma das senhoras do Cabo, para subirem com D. Antonio, em barco de passeio, à quinta nova do Cachão — onde passavam esse e o dia imediato. E maravilhado pelo efeito da luz jorrando da corôa dos penhascos:

— E' curiôso. V.as Ex.as veem? A Valeira, com o sol entre nuvens, debruçado dos rochêdos do Ermo, os socalcos afestoados de videiras, as escarpas enfeitadas de giestas em flôr, lembra um trôno de altar-mór. As oliveiras... são as serpentinas de prata velha. E, reparem V.as Ex.as, o sol parece a calva do Padre-Eterno, entre as nuvens de sempre, a espreitar, a resplandecer...

—Tem graça!—acentuou Maria do Rosario, num gesto de desvanecida concordancia.

D. Carlota lançou a sua aprovação num sorriso. E o Diogo Madeira, herculeo e infantil, no terreiro às ordens das fidalgas, escancarou a bôca sem perceber—as pupilas esgazeadas, a fisionomia ingenua a perscrutar o invisivel.

Trepavam na direcção da vila os primeiros almocreves carregados. As enxadas grasnavam, mordiam a terra dos socalcos. No rio, no aproveitamento das aguas velhas do começo de maio—um maio sêco e ardido—ia rude azafama de barqueiros e carregadores.

—Se «Vossorias» querem—disse o Diogo, desistindo de enxergar o que se não via—chega lá riba o Zé Nevoeiro, o do Cardôso, p'ra saber da demora da fidalga. Vai num pé e vem noutro...

—Não seria mau...—arriscou Duarte, no desejo de largar depressa, de se vêr na quinta em festa, longe da vigilància inquisidôra de D. Isabel Maria, e mais perto do coração de Maria do Rosario.

As senhoras acharam conveniente. Então o barqueiro recuou um pouco, gritou, fazendo buzina da mão enconchada, atirando o vozeirão para a quinta do abade de Sant-Iago—entre a do fidalgo e o Pelão:

—O' Zé... é... é...

A sua voz dura, dum folego extenso, soou ao largo, despertou no silencio hirto das ravinas outras vozes, que se repetiram e se cruzaram. E como o Zé Nevoeiro respondesse ao chamado, pediu-lhe, no mesmo tom, no mesmo gritar e espaçar as palavras, que falasse ao tio em ir à vila, que o rogavam as fidalgas.

A Soledade, aparecendo à raiz da verêda, enfarinhada da azenha onde levára o pão a moer, disse que êle já aí vinha, numa corrida. Andava aos figos lampos, o marôto.

—O' «escalafrino»!—comentou o Diogo, ao vê-lo perto. —Andavas aos figos lampos! 'Inda vêrdes!

—Ah, bô! «Canalha». A «canalha»—arengou, entendida, a Soledade—onde vir fruta, não lhe guarda «decóro». E ao Zé nem a vêrde lhe 'scapa. «Rabaceiro» como aquilo não ha.

O rapaz, de grenha a descoberto, o peito nu, os ossos descarnados, descalço e rôto, aproximou-se desconfiado.

—Ai Virgem!—disse a Soledade, benzendo-se da sua magrêza.—'Stás mesmo um «ingarilho». «Rai» te péle. Parece que não comes pão de vida...

—Pois tem moela de «pita», aí onde o vês... —declarou o barqueiro.—Come mais que um homem. Olha as fidalgas, ó rapaz!

O Zé Nevoeiro abeirou-se da escada. Duarte, descendo alguns degraus, direito e vistôso na sua sobrecasaca verde garrafa de cinta de véspa, e nas suas calças azueis esticadas à perna, deu-lhe instruções. Era preciso ir à vila, á casa do Cabo, mas depressa, han?, muito depressa, e saber, de mando da snr.ª D. Carlota, se a senhora fidalga estava incomodada, se havia qualquer coisa que impedisse o passeio à quinta do Cachão.

—Depressa, rapaz!—recomendou o Diogo, a espertar-lhe a agilidade.

Mas não havia chegado às alturas da quinta meeira, quando o barqueiro pôz a mão em pala sobre os olhos, a afirmar-se.

—O que é?

—E' p'la certa a fidalga...—respondeu.

Duarte e Maria do Rosario, querendo certificar-se, baixaram ao terreiro, contornaram a casa dos lagares, decidiram a um tempo:

—E' ela, é!

Na estrada, ao chouto brando de duas mulas enguizalhadas, bamboleava uma liteira. D. Carlota foi comunicar à irmã

e a D. Antonio a vinda da prima. E esta, no apear da liteira, em cumprimentos efusivos, justificava a demora com subito incomodo do mano Salvador, que graças a Deus ficára melhor, aceitando a chavena de chá que se combinara tomar à hora da partida.

Embarcaram no rabêlo de recreio do fidalgo do Cabo, barco meão e aparatôso, com a «apégáda» em castanho polido, o «taburno» tapetado de vermêlho, com bancos e cadeiras de encôsto, e coberto da «apégáda» à «óca de avante» por um tôldo impermeavel — nessa manhã desarmado por não recearem o sol. E foi numa mudez inquieta que assistiram à manobra da aladura contra a torrente do cachão — ao lançamento do cabo, prêso ao espigão da prôa e esticado pelo sarilho sobranceiro à pedra do Altar, à voz de comando do arrais, erecto na «apégáda», a mão firme sujeitando a «espadéla» no torvelinho das aguas.

—Desta escapamos! — respirou D. Carlota, mal o barco se embalou na zona calma do rio.

—P'ra cima não è que ha perigo... — disse um dos «marinheiros», a enrolar o cabo sôlto do sarilho.

Passaram então a admirar as escarpas aprumadas, a fraga da Andorinha, alpendre granitico sobre o abismo, em que as andorinhas fazem ninho, a inscrição de bronze, fronteira áquela fraga, atestando solenemente a abertura do cachão às necessidades do trafego fluvial, em tempos de D. Maria I.

D. Antonio, taciturno, a sobrecasaca negra, a gravata em garrote, o chapeu alto, recordou o cachão dessa era e as obras que o reduziram e domaram. Trêz vezes havia sido tentada essa empreza — no reinado do snr. D. João III, no do snr. D. Pedro II, e depois no do snr. D. João V. Mas Deus reservára à snr.ª D. Maria I, de mui virtuosa memoria, a gloria de a levar a termo — de dar curso à navegação até á raia de Espanha. A P.º Antonio Camêlo cometera primeiro, a regia Senhora, o encargo de rasgar o rochèdo que tornava o rio impra-

ticavel dali para cima, — no que consumira, sem vantagem, oito anos e milhares de cruzados. Viera em seguida o engenheiro idraulico Yola, italiano que da Italia trouxera, «com sua sciencia, os meios necessarios para tal obra» e a quem pertencera o espadim cravado na fraga, por baixo da inscrição. E D. Antonio, como se estivesse a vê-las, como se as tivesse presentes, descreveu as festas da sua meninice, no dia em que o primeiro barco investiu contra as furias inuteis do leão mutilado — a que assistiram representantes da Rainha e do Infantado, capitães-móres e corregedores das comarcas, directores e deputados da companhia Vinicola, os maiores viticultores e os maiores fidalgos do Alto Douro e do Douro Superior.

—Devia ser soberbo o aspecto do cais da Valeira antes da abertura — interveiu Duarte. — Devia ser o melhor cais do Douro. Era aqui que estacionavam os barcos ao serviço de todos esses concêlhos, até à raia... Devia ter estaleiros como os do Pinhão, pelo menos como os da Regoa e Porto-Manso...

—E o peixe que aí ficava? — acentuou o feitor do barco.
—Nem era preciso armar-lhe a «cabeceira». Agarrava-se à mão. Era o savel, a lampreia, o sôlho, aos cardumes. Porisso cá a terra de Vossorias se «anomeava» a Pesqueira...

D. Carlota, informou:

—Lampreias e saveis ainda os ha, embora menos. E sôlhos... apanhou um o Diogo, no ano passado, que pesava seis arrobas.

—E' verdade! E eu que o vi... — referendou um «marinheiro». — Seis arrobas! Era grande que nem um pinheiro! Estava a dormir. Bem se diz que dorme como um sôlho. O Diogo viu-o do barco, botou-lhe a rêde, e zup, fincou-lhe as unhas às guelas... Mas se o Cardôso não acode, ia cô, ele ao charco...

Cingido pelas vertentes marginais, imponentes no seu aprumo arrogante, o rio tinha agora a mansa quietação dum lago. O barco subia de vagar, ao chapinhar lento dos remos,

ao esforço surdo das varas fincadas nos rochêdos. Do seio das escarpas, reflectindo-se na agua, batiam as azas revoadas de pombas bravas. A fraga de S. Salvador, quebrando-se de repente numa corcova hirsuta, dava saída ao curso dum riacho —vomitava no poço de Caçarelhos aguas torvas, num fragôr ruidôso de protesto.

—E' o ribeiro das Vergadas, não é?—inquiriu Maria do Rosario.

—E' o das Vergadas... —confirmou Duarte.— Mas aqui deixou de ser das Vergadas, para ser *Rompelapéle*. Foi preciso romper, rasgar a péle aspera da montanha para chegar ao seu destino...

As senhoras oscilavam as cabeças, em gestos lentos de concordancia. E daí a pouco, èntre a riba da esquerda e a fraga da direita, que ao alto se boleava em cone, da concordancia muda transitavam para a exclamação de surprêza—glosando o entusiasmo de Duarte, que aproveitava a beleza sobrenatural daquelas vertentes para inflar a frase, para lantejoular o periodo, para levar ao coração de Maria do Rosario, com a pressão dôce dos seus olhos cautelosos, o calôr vivo do seu lirismo exaltado.

Estavam na fraga da Abelheira—onde a agua adormece, no extase do que vê ou do que adivinha. Dum lado e do outro a massa granitica dos margens cai a prumo sobre o rio. E como os seculos e as torrentes têm os seus caprichos de artistas de nascimento, os seculos, num labor pacientè, quasi invisivel, as torrentes, no seu impeto romantico, a cabeleira e as atitudes desgrenhadas, fizeram daquele granito, compuzeram naquelas ribas o modelo das catedrais em que o homem, mais tarde, havia de louvar o Senhor pelas maravilhas que lhe deu, e procurar desencardir a alma do sujo contacto dos instinctos de que o armou. Porque, de facto, aquilo não è o corte de passagem dum rio—è uma nave primitiva de catedral.

Duarte acentuava, e era verdade, que de tão alta, pare-

cia ter as nuvens por abobada—as nuvens, que nesse dia algodoavam o céo, eram o frêsco duma cupula assente em colossais capiteis. E reparassem nas colunas—pedia, enlevado, mostrando-as nos seus logares. Tinham a lizura das pedras polidas e uma quasi cuidada simetria de proporções. Ao esboço dos baldaquinos, reproduzidos no liquido pavimento lustrôso, só faltavam os Apostolos e as Virgens. Os pórticos como que foram apontados pelo fio dum escopro afeito a grandes ornamentações arbustivas. Num tumulo a descoberto, lavrado com sobriedade, estendia-se e dormia o vulto indeciso duma estatua jacente—talvez a dalgum bíspo longinquo, o que abençoou a terra ao acordar dos negrumes do cáos. E como as cheias do inverno, todos os anos, lhe lavam as paredes estilisadas mais de quatro metros acima do curso estival do rio, a facha branca que corria ao longo dessas paredes, semelhava um lambris de marmore, muito brunido, muito luzente.

—Sentimo-nos menos que poeira transitoria no meio deste scenario de grandes deuses desconhecidos!—acentuava Duarte, no seu falar desempenado, que Maria do Rosario sublinhava com um traço carinhoso de comoção.

Subiram calados o resto da soberba nave. No silencio austero o rangido da «espadela» ecoava, ampliava-se, e o baque dos remos, mergulhando e erguendo-se, lembrava estalidos de lingua dum paladar satisfeito. E só ao recuar das escarpas, a alargarem-se para a direita nos fundos do Vale de Carvalho, junto do «ponto» da Abrulha no vale planturôso das Canameiras, e para a esquerda nos declives rochosos do Cortiçal, arripiados de sobreiros, tornaram a reacender o fôgo lento da conversa.

—Cá está o *Cavacas* a armar á lampreia...—disse o o feitor, os olhos postos num rapaz vigôroso, debruçado duma barca de passagem perto das aguas escachoantes do «ponto» da Abrulha.

Duarte categorisou o *Cavacas* do melhor pescador do

sitio. Desde o Tua ao Côa não havia pôço, não havia lura ignorada do seu instincto apurado. Era capaz de dizer, de repente, quantos saveis tinha o poço da Valeira.

Falaram-lhe. Estimularam-no. Desejaram-lhe abundancia de peixe.

Perto da Ferradosa cruzaram com um barco ostentôso de recreio. O arrais na «apégada» tinha o ar majestôso dum rei no seu trono. O «taburno da ré», envidraçado, fumegava por um cano de fogão. O «taburno de avante» era ocupado por duas cabinas, tambem envidraçadas, — com mêsa e louças de jantar uma delas, e na da frente, onde um homem loiro, de suiças ruivas e chapeu claro, escrevia a uma mêsa elastica, cheia de livros, frêsca de flores, via-se o mobiliàrio duma bôa sala de leitura.

O homem das suiças, perto do barco, levantou-se, descobriu-se, cumprimentou gravemente. D. Antonio e Duarte, que se ergueram como ele, corresponderam ao cumprimento. O arrais e «marinheiros», em maneiras de respeito, fizeram a comparsaria das saudações.

—Este barão de Forrester—perorou D. Antonio, ao sentar-se—è amigo do Douro, apezar de inglez, como poucos de seus naturais...

Exaltou o amor com que cuidava da sua quinta da Bôa-Vista. Referiu os livros e memorias que o ocupavam, em que bemdizia, «tanto como a excelencia de seus vinhos, a majestade de suas belêzas». Vinha à certa do Vesuvio—o centro donde partia, sem descanço, para as quintas dentre Ferradosa e Barca de Alva, na colheita de elementos para um mapa regional em que deviam figurar as pequenas e as grandes quintas do Douro demarcado, «com sua produção, distancias e altitudes», roteiro orientador de todos os compradores escrupulosos —pois era preciso que «deixasse de se comprar o mais, a quem grangeava o menos». E a proposito dos melhores vinhos, e depois de lembrar as maiores quintas, o fidalgo encareceu a maior,

a do Vesuvio. Ríca de historia e de tradição, vinha dos alvores do seculo XVI, em que lhe chamava a das Figueiras, e era dominio de Gaspar Soveral. Já nos principios do seculo XIX, na posse de Antonio Bernardo Ferreira, «o Ferreirinha», produzia mil e duzentas pipas licorosas e o fruto de vinte mil pés de oliveira.

No regresso da quinta do Cachão — regresso atarefado, por se avisinhar a noite, pressentindo-se de nôvo a trovoada que já de vespera, e nessa manhã, atroára montes e vales — Duarte sorvia, a um canto do barco, no aconchêgo tépido da sua mudez, as recordações desses dois dias tão agradaveis e tão rapidos. Mas a recepção cavalheirêsca do barão do Seixo nos seus salões armoriados, fervilhantes de primos e primas em trajos solenes, vibrantes de risos e musica, era nada, era poeira que se perde nas voltas dum caminho sacudido por cavalgada vertiginosa, em face do que dissera a Maria do Rosario, principalmente do que ouvira a Maria do Rosario, cujo amôr se lhe revelara, cujo peito se lhe abrira, sem rebuço, mostrando o coração inquiéto... — o que se lhe afigurava bastante para que o padrasto a pedisse a D. Antonio, como era intento dêle.

Ouvia-lhe o timbre da voz, macio e limpido, jurando que não casaria com o primo D. José. Via-lhe os olhos escuros, num crepusculo de suplica, afirmando o amôr que não cabia dentro da palavra. E agora, ao olha-la de revez, sentada à esquerda da prima do Cabo, a fisionomia refléxiva sob o chapeusinho de côca e os caracoes esparsos ao vento quente de levante, o busto agil sob o chale de cachemira e as mãos adormecidas no regaço, mais linda do que um sonho na melancolia da luz crepuscular — convencia-se de que tambem ela, no seu silencio, se embalava na voz e no gesto que lhe confessaram um alto sentimento, ao crepitar duma forte comoção.

Nem deu pela passagem na fraga da Abelheira — em baixo quasi na sombra, os cimos iluminados pelo dia calido na

agonia. E insensivelmente, quando os «marinheiros», como sempre, na visinhança do cachão da Valeira, no perigo da descida, se descobriram e ergueram os olhos às capelas invisiveis do Ermo, Duarte descobriu-se com êles—menos no receio das aguas turbulentas, do que no encanto religiôso da sua perspectiva intima, brilhante como um altar em festa, com Maria do Rosario a espalhar em tôrno sorrisos que eram graças divinas, promessas que eram manhãs de sol.

Leandro, que todo o santo dia andára na quinta cimeira à frente do pessoal da cava, deu pela chegada do barco ao caír das Trindades. Tirou o chapeu, rezou com os cavadores numa augusta mudez. E emquanto largavam o trabalho, e lançavam ao hombro o cabo das «ranholas» de dois bicos, das enxadas polidas, sacudindo a terra dos sócos, batendo-os uns contra os outros em estridores de matracas, decidiu descer à quinta fundeira—falava ao fidalgo nuns vinhos tratados que em tempos lhe oferecera, catava novidades acerca de boatos politicos vindos do Porto, volvia a casa com o enteado, e observava, e via o que ia por lá.

Mandou recado à snr.ª Inacinha—não fôsse «agoniar-se» com a demora. Ordenou que lhe aparelhassem o «ginó»—um jumento pardo e reduzido que saboreava uma «panada» de herva à porta do armazem. E convencido de que a trovoada, cujos relampagos se sucediam, lhe dava tempo de sobra para se abrigar sob a telha do fidalgo, expediu a caminho do solar, a pé, o jumento à arreata, afundou-se na noite topando nos «gôgos» e «rêbos» de schisto espalhados no chão.

Mas nem pôde trocar duas palavras com o Roque—a quem entregára o burrico. Porque logo apareceu Duarte ao cimo da escada, como se o previsse, dizendo que se ia em-

bora por se sentir incomodado, insistindo pela saída imediata por causa da trovoada.

—O' homem! A trovoada... deixamos que ela espalhe e depois vamos! — interveiu, sob o silencio enigmatico de Frei José e a aprovação sensata de João Caítano, que o acompanharam à porta.

Não conseguiu demovê-lo. E então limitou-se a cumprimentar o fidalgo na livraria e a prometer voltar em breve por causa dos vinhos—negando-se a aceitar a ceia que lhe oferecia, lamentando com D. Antonio o incomodo repentino do enteado.

Estava incomodado! Incomodado! E aquele incomodo, e aquela retirada brusca, no momento em que menos era de esperar, intrigavam-no e remordiam-no.

—Hum... incomodado!

Não se fintava em que largasse das salas de D. Antonío por incomodo, sem cear. Alem de que, 'stava lá, para subir à vila ainda nessa noite, uma das fidalgas do Cabo. E a trovoada vinha cada vez mais perto, com relampagos e roncos que naquelas terras fundeiras pareciam o desabar do mundo.

Bifurcado no jumento, atraz de Duarte montado no seu alazão, fechava os olhos, benzia-se, murmurava trechos de orações a cada explosão de luz, instantanea e fulgurante, que desenhava e incandescia as arestas dos fraguedos do Ermo, do cêrro da Garrida, das corcóvas do Pelão.

Ali houvera coisa—e coisa grossa. Assim lhe «esmoucassem» o melhor dos seus bois, se não tinha havido coisa!

E se lhe «procurasse» o que houvera? Tanto mais que lhe tinha dito, ainda três dias antes, estar pronto a pedir a morgada ao fidalgo, e a fazer-lhe a quinta de Gouvães, afóra uns milhares de cruzados de reserva a um canto da arca grande...

—Podiamos lá ter ceado... —arriscou, para começar.—

Deixavamos que a trovoada espalhasse, e vínhamos com a fidalga...

—Estou incomodado. Preciso deitar-me...

—Incomodado de quê?

O enteado declarou ter-lhe feito mal o passeio de barco em seguida ao jantar—mas declarou-o num tom esquivo, e tanto à sobreposse, que Leandro, mais convencido de que não se enganara, resmuneou:

—E' das de Trancôso. E quer não, que vem em bôa hora, depois da arrebentação dos vinhêdos, com vides que botaram uma «fárna» mais linda que flores de jardim... E já hontem p'r'ai fez estragos...

Os trovões rolavam cada vez mais perto, cada vez mais proximos do palpitar dos relampagos.

—Já chove...—rosnou, encolhendo-se sobre o jumento.

Ao atingirem a ultima dobra do caminho a chuva, espessa e grossa, passou a fustiga-los de frente, tocada pelo vento crescente, agora de sudeste.

—Tomá lá!—disse José Leandro, a cabeça baixa, o queixo e o pescoço afogados na gola do casaco.—E sem um «sombreiro» p'r'á aparar...

—Vocemecê tem aí as chaves da quinta...—lembrou Duarte, o chapeu alto vergastado pela agua, os hombros vergados sob a capa à Byron, em frente do portão da quinta cimeira.

Leandro hesitou. E logo, à fulguração dum relampago sucedeu, imediato, o fragôr de mil canhões num troar simultaneo.

—Tem mêdo à alma do P.e Francisco!—acentuou Duarte, dirigindo-se para o portão.—Vamos. Não ha tempo a perdêr...

O padrasto seguiu-o, curvado à violencia do temporal, mas olhando com maior terrôr a casa que o céo iluminava, do que a propria luz celeste, colerica e fulminante.

Foi Duarte quem abriu a porta do armazem. Leandro entregara-lhe a chave a tremer, com a recusa de se abrigar no segundo pavimento — onde a alma do P.e Francisco durante a noite praticava terrificos maleficios. Fez entrar diante de si o alazão e o jumento. Entrou de chapeu na mão, os olhos fechados, a tactear as paredes, a mascar «palavras fortes», em que avultava o grande poder de Deus e o grande Leão de Judá. A cada ribombar de trovão, enrodilhava as mãos, estorcegava a suplica, como se a alma do Padre, num fragôr apocaliptico, esboroasse a casa pelos alicerces.

Duarte, à porta, admirava o espectaculo, serenamente — a fita torcicolada do rio, que os relampagos enrubesciam, a ondulação dos montes de Alem-Douro, instantaneamente esculpida a fôgo, a mancha clara dos casais, que surgia na luz e se sumia nas trevas, em projecções scenograficas, o rumôr da chuva a varejar e a revolver o solo. E indiferente aos estampidos das descargas, desdobradas nos fundos abismos em relêvos formidaveis, imprimindo aos vidros das janelas a trepidação das malas-postas em marcha, alheio à idêa de morrer, esqueceu-os pouco a pouco, a ponto de não ouvir os trovões, de não vêr os relampagos, a atenção polarisada no desfecho desses dois dias de felicidade — um quadro de idilio reduzido a borrão de tinta.

E tudo, porque? Porque D. Isabel Maria, pouco depois do desembarque, o encontràra a conversar a sós com Maria do Rosario.

—Maria do Rosario... — disséra, o parecer toldado e o olhar intencional: — Uma menina que se présa, não dá logar a que a desprezem...

Havia notado, desde a saída de D. José para Lobrigos, principalmente desde certa discussão com Frei José no salão nobre, a má vontade do frade e da senhôra — só atenuada, por efeito do mêdo, no dia em que os Marçais estiveram na Pesqueira. Sentia que o espiavam, que o fiscalisavam. Obser-

vára bem a sua contrariedade por êle acompanhar a sobrinha à quinta do Cachão, a convite do barão do Seixo — e tinha a certeza de que não fôra, menos por causa dos «seus trabalhos», do que por essa contrariedade. Mas, apezar disso, não supunha o seu orgulho de fidalga capaz de deflagrar e revelar-se por tão pouco — por um acaso que era nada.

— Uma menina que se présa... não dá logar a que a desprezem...

Ah, estivesse socegada! Amava profundamente Maria do Rosario. Amava-a, agora seguro de ser amado com religiosa firmêsa. Se D. Isabel Maria erguia tão alto, porem, a arvore do seu orgulho heraldico, ele colocava mais alto ainda o rochedo adusto dos seus pundonores de plebeu — tão alto que não havia prosapias fidalgas que lhe chegassem. Tranquilisasse-se porisso. Saberia esmagar o coração, para só ao orgulho obedecer. Saberia evitar que alguem desprezasse a que ele desejava acima de todas presada — ou que alguem julgasse que ele a desprezava porque lhe queria!

Maria do Rosario não tinha culpa. Maria do Rosario, ao ouvir a tia, suplicara-lhe perdão — no silencio dos seus olhos embaciados de lagrimas. Embóra. Saíra da sala a pretexto dum incomodo repentino, reagira contra os pedidos de D. Carlota e de D. Antonio. E mesmo que não cortasse com as visitas à Valeira, afim de não confirmar suspeitas, espaça-las-hia convenientemente, ou saíria da Pesqueira para lá não voltar.

Demais, nunca pensara nisso, mas não o duvidava agora — D. Antonio, se D. Isabel Maria o espertasse, apezar de seu amigo, apezar da gratidão que lhe devia desde o dia tragico de março em que levara à Valeira o grito de alarme e a coragem do seu braço, na intenção de o auxiliar na defeza contra os Marçais, pô-lo-hia imediatamente de lado. Acima da amizade, acima da gratidão colocaria a purêza dum sangue ciôso de continuidade historica. E a proposito, como se precisasse, para se convencer de que assim era, desfibrar a docu-

mentação de fieis garantias, recordou pormenores de conversa a que por acaso assistira na quinta do barão—entre este e D. Antonio.

O barão afirmava-lhe a fidalguia de certo rapaz que dançava nos seus salões.

—Não presta!—decidira D. Antonio, num tregeito de azedume.—E' fidalguia... da de D. João IV. Fidalguia... a representada no Nobiliario de D. Pedro... em especial a nossa, toda a que descende em linha varonil dalguma das cinco maiores linhagens portuguezas—da dos Sousas, primeiro, depois da dos Bragançiões, da dos Maias, da dos Velhos e Coelhos.

—Mas... è um Menezes—retorquira o barão, numa venia de homenagem.

—Não presta. Enfeita-se com penas de pavão. Os nescios têm por habito falar muitas e varias coisas de grandes na sua familia. Recue o primo até ao seu oitavo avô... e encontrarà por traz dele uma mulher suspeita de sujidade... E' um Menezes... dos de bigode.

O que era ele, portanto, ele, Duarte de Oliveira, na ignominia maçonica do seu bigode e da sua môsca, filho de lavradores, sem um ascendente averbado em pergaminho, senão um ser de sujidade heréditaria e imperdoavel?

Iludira-se. Embalara-se na ingenua fantasia de supôr D. Antonio,—o mesmo D. Antonio que sacrificàra a felicidade da irmã, D. Carlota, às suas ambições de morgado—capaz de lhe estender a mão em benção, de o casar com a filha, pela amizade que lhe votava.

—A trovoada virou p'r'as bandas de Casais. 'Stá a «alampar». Quasi não chove. E já nem se ouve tanto o trovão...—disse Leandro, nas suas costas, cortando-lhe o curso às cogitações.

Num gesto de enfado, Duarte confirmou a observação do padrasto.

—E se nos fossemos até casa?

—E' melhor esperar que a chuva pare de todo. Està a «alampar», mas ainda não «alampou». E a alma do abade de St.ª Maria... não nos leva a mal que nos guardemos dum resfriado.

—Cala-te aí!...—rouquejou, num arrepio e numa tremura.—Não se brinca com coisas serias...

Pouco depois deixava de chover. E foi num regosijo de ave liberta, como se o arpoassem do fundo dum pôço, que Leandro retomou o caminho ladeirento da Pesqueira.

Os relampagos fosforejavam dos lados da Senhora do Monte. Os trovões, mais longinquos, estrugiam mais espaçados. Os castelos de nuvens rasgavam brechas, aqui, acolá, por onde luzia o vagalume promissor das estrelas. E a terra ensopada, a arfar sob as patas dos animaís, exalava um halito penetrante a rescaldo.

Afagado pela certeza de que a trovoada desta vez não lhe levára a novidade, refeito do mêdo curtido no perigôso dominio das almas do outro mundo — que só o podêr das «palavras fortes» dominára—Leandro resolveu abrir inquerito ao enteado. Demais, o caminho agora era largo, de minguado acidente, e coleava entre as sombras ramalhantes da quinta de Sidrô e as espumas bravias do ribeiro das Vergadas—pelo que podia choutear a seu lado, ouvindo e fazendo-se ouvir.

Para o chamar à fála, percebendo-o absorvido lá nas suas coisas, pôz-se a comunicar-lhe o naufragio da tarde anterior, o quinto naufragio desse ano na Valeira—um rabêlo que vinha rio abaixo cô'a trovoada, que se desconjuntara de encontro ao penêdo do Altar, morrendo afogados um filho do arrais e uma mulher de Moncôrvo.

—Já sabia... Soube-se hoje de manhã na quinta do Cachão... — repostou Duarte, emaranhado na rêde das suas preocupações de amorôso, convencido de que D. Isabel Maria

não deixaria de sugestionar D. Antonio, de que D. Antonio obrigaria Maria do Rosario a casar com o primo.

Não conseguindo forçar por ali a entrada nas origens suspeitas daquele mau humôr, procurou outro ponto fraco. Falou-lhe das noticias chegadas do Porto acerca da vitoria do Sá da Bandeira, perto de Setubal, no alto do Viso—em que perdera quinhentos homens para vencer os soldados da Rainha.

—Diz-se que è verdade...

—Qual verdade?—trovejou enraivecido.—Só acreditava, se visse. Cantigas dos *junteiros,* que estão a pedir páu e fôrca. E os de cá que se queixem... se os Marçais tornarem por aí!

Mas, como ainda desta vez o enteado se mantivesse num laconismo irremissivel, ele arietou de frente a muralha que teimava em resistir-lhe.

—Ouve, ò Duarte... Estive hoje, vai não vai, p'ra dizer ao fidalgo que o «preguntava» amanhã por'môr cá duma coisa. Assim com'assim vocês, tu e a snr.ª morgada, não virais. E o que ha-de fazer-se a S. Martinho... podia fazer-se agora...

—O que?—inquiriu Duarte, apanhado de surprêza, como estonteado pelo incidente.

—Já to disse, vai p'ra duas semanas... 'Stou pronto a dotar-te e a pedi-la a ela... Ficaste de ver quando mais te convinha. Quant'a mim, o que se me parece, è que era pedi-la agora...

Duarte contestou. Era cêdo. Não convinha pedi-la sem vêr no que dava a intervenção da Espanha, em que se falava com redobrada insistencia desde as noticias da vitoria do Sá da Bandeira.

—Ora, ora! Que tem uma coisa cô'a outra?—retorquiu, certo de que na verdade se dèra entre eles uma quebra subita, decidido a lançar a mulher, a snr.ª Inacinha, na pista que se lhe furtava.—Mas já que assim o queres, seja feita a

tua vontade...—Num tom de superioridade desdenhosa observou:—Rapazes... os do meu tempo! Os de hoje em dia... não teem «prestio» p'ra nada. Teem mêdo até das mulheres.— E reduzindo o enteado à pasta mole de larva que se esconde da propria sombra:—Sempre me saíste um bicho «morouceiro»!

VI

ÃO, não tinha o direito de duvidar. Superior à voz da duvida, alteava-se a voz dos factos ocorridos no desabar dêsse verão de torreira e de inferno — cogitava Duarte, da quinta cimeira passando à fundeira, toda na vibração olimpica da vindima.

Retraído depois da inconveniencia de D. Isabel Maria à sobrinha, no retôrno da quinta do Cachão, D. Antonio convidara-o, D. Antonio forçara-o a assistir ao jantar e ao baile de anos de Maria do Rosario. Resolvido a não macular com os seus tacões plebleus as salas aristocraticas do fidalgo, a não ser em ocasiões de eleição, D. Antonio intimara-o a normalisar as suas visitas. E ele, que não era cégo, que devia vêr o alvorôço da filha na sua presença, tão opôsto ao seu retraímento na presença do primo D. José, ainda ha bem pouco, ao aparecer-lhe de surpreza nessa festa de aniversario; ele, que não era surdo, que por certo ouvia com frequencia o resingar da má vontade de D. Isabel Maria, desfiando o trama da intriga urdida com Frei José, manifestava-lhe, como nunca, uma grave ternura de pai a acolher filho do coração.

D. Antonio perdera a esperança no reflorir do passado. A submissão dos generais realistas Povoa e Bernardino aos mandamentos da Junta Suprema abalara-o e amolecera-o. A intervenção estrangeira, em junho, com a entrada no Porto das tropas espanholas do comando do general Concha, dera-lhe a convicção de que a Europa cerrara o circo das

nossas contendas politicas—poisque a intervenção tivera o beneplacito da Inglaterra, expresso no apresamento dos navios que conduziam ao Algarve a divisão patuleia do Antas. E a vitoria decisiva do conde de Tomar, selada com a capitulação de Gramido, obtida à sombra da intervenção espanhola, dissolvendo as Juntas, pulverisando resistencias, identificara-o com a certeza de que o passado era um galho môrto, de que só o futuro ressurgiria em bem, se o presente fôsse provido de bôas seivas. De maneira que, conformado com a queda do privilegio, reconhecendo a realeza da competencia, convindo-lhe a paz com o padrasto pelo prestigio de que dispunha entre os vencedores — em especial pela sua ligação com os Marçais, que se multiplicaram em excessos ao calôr do triunfo de Gramido — D. Antonio transigia, D. Antonio fundia no seu sentimento aristocratico o bronze forte do amor do plebeu com o oiro fino do amôr da fidalga.

E recordando os Marçais, e a sombra benefica dos seus crimes sobre o claro poema do seu amor, Duarte revive, recapitula, um por um, todos os traços do negro quadro da entrada na Pesqueira do batalhão de Fozcôa, em fins de março — quadro que fôra inquietação e incerteza na Valeira, que na vila fôra sangue e lagrimas.

Reconstitue a scena de alarme do seu aparecimento no solar, a horas mortas da madrugada, de espingarda ao hombro, a prevenir os fidalgos, conhecidos miguelistas, da descida ao povoado da horda cabralista — o administrador e os creados a armarem-se, as senhoras e Frei José a prepararem-se para a fuga, D. Antonio inteiriço, calmo, declarando que ficariam onde estavam, que nunca os do seu sangue souberam fugir.

Nessa madrugada de pavor, e no dia lugubre que se lhe seguiu, D. Isabel Maria não o hostilisara, Frei José não o espiára. Pelo contrario — vendo-o armado e sem mêdo, pois se recusara a abandona-los naquele transe, chegavam-se para a

sua coragem, solicitavam e louvavam a sua assistencia. Só a cara de Frei José, ao comunicar-lhe que os Marçais, em Trevões, donde haviam partido para a Pesqueira, tinham assaltado a casa do Caiado de Almeida na espectativa de o apanharem de surprêza, valia por uma desforra de todas as suas velhas maldades. O aspecto confrangido de D. Isabel Maria, ao dizêr-lhe que os Marçais, às três horas, estavam nas proximidades de Vilarinho, dispostos à pratica de mortes e roubos, servir-lhe-hia de vingança, se pretendesse vingar-se. Tinha ainda nos ouvidos o seu surdo gemer quando na quinta rebentou a noticia, já dia alto, de que um dos Andrades de Varzêa, guerrilheiro aliado do batalhão, estoirára os miolos ao José Ferreira, na Praça, depois dum dos sicarios de Fozcôa lhe ter espichado o ventre com a baioneta — o José Ferreira, amigo leal do solar, dos tempos em que fôra couteiro-mór do concêlho por graça do snr. D. Miguel. Sentia ainda o tremôr convulso de Frei José quando informado de que haviam pôsto ao sol as tripas ao Barbarrôxa, só por negar indicação do trilho dos patuleias fugitivos, e que, por motivo igual, na rua da Tulha, trespassaram de balas um galêgo — por entre as gargalhadas e as vaias do *Gôrdo*, do *Fanádo*, do *Rá-Rá*, os tigres daquela alcateia de féras. E conservava na retina a figura sacerdotal de D. Antonio, severa e augusta no meio de criados e serviçais armados, mais rigida e mais severa à medida que se recebiam os despachos da vila — lamentando a sorte dura de Portugal, o temido e alto Portugal de outrora, que assim se afogava em sangue, que assim se submergia em lama. Mergulhava no crime e na aviltação, sem força ao menos para se lançar ao mar das descobertas, para acabar no seio puro do nobre colaborador da sua gloria, que teimava em bater-lhe à porta, a chama-lo e a atraí-lo, como se fôsse possivel acordar um môrto!

Nesse dia, sim. D. Isabel Maria não achára a sobrinha desprezada... por conversar com ele. Frei José não aquilatára

de desprezivel a convivencia do jacobino. E a tranquilidade revelada na hora grande do perigo, embora acrescida pelas ligações do padrasto com os de cima, muito concorreram para o valorisar no animo do fidalgo. Demais, o padrasto, mal os Marçais retiraram, viera tambem à Valeira—no proposito confesso de procurar o enteado, na reservada intenção de significar ao fidalgo que à sua amizade devia o não o terem incomodado.

Apezar de tudo—convinha não precipitar o desenlace desse primeiro capitulo do seu romance. Era o que respondia ao padrasto, sempre que insistia na traça de pedir a morgada. E agora mesmo, ao dirigir-se à quinta fundeira, na sofrega ansiedade de oito dias de ausencia em Gouvães—onde preparára lagares e vasilhas para a colheita do ano—a sua preocupação maior consistia em impedir que Maria do Rosario praticasse imprudencia anunciada em carta recebida nessa manhã. Evitara uma vez que ela escrevesse ao primo D. José, por seu punho. A surpreza da revelação, visto julgarem-na alheia à arte de escrever, recairia com todo o pêso sobre o amor que se balbuciavam. Evitaria tambem agora, se chegasse a tempo, que lhe escrevesse declarando amar outro homem. Era uma leviandade que em nada vinha favorecê-los, e que em muito poderia prejudica-los.

O sol aquecia—encostado quasi às arestas crespas dentre Garrida e Pelão, quasi a despedir-se da quinta e dos seus socalcos até aos meados de março. Dobrado um dos ultimos lanços do caminho encontrou-se com o fidalgo, sentado numa pedra, perto do grupo garrido das vindimadeiras—grupo cantador e trafêgo, a redopiar em saracoteios e corridas, a apanhar de revez o fio fluido do sol que lambia as bordas dos socalcos e se projectava em cheio no rio, babando de oiro incandescendente a fuligem negra dos rochêdos fronteiros. O cheiro das uvas derramava-se no ar, em afagos capito-

sos. E os canticos das mulheres, e os gritos dos carregadores, cruzando-se e ampliando-se nos pendores visinhos, eram como que o arfar estridente de vasta orgia pagã, perpetrada à face catolica de S. Salvador do Mundo.

—Quando chegou?—inquiriu o fidalgo, cumprimentando-o.

—Hoje de manhã.

—Lá pelos altos—apontou a quinta cimeira—teem muito vinho?

—Devemos ter bastante. As chuvas de ha dias aumentaram a produção e afinaram a qualidade. Foram manà...

—E' ano para *wintage*. Houve a seu tempo grandes calores. Depois veiu a chuva. E' vinho para entrar no nobiliario do Douro. Cà por baixo tambem a vindima è muita e bôa...

Trocadas impressões sobre preços de vinhos e qualidades de aguardentes, Duarte pediu licença para cumprimentar as senhoras. Desandou à esquerda. Coou-se por entre os calços afestoádos de videiras, por entre folhagens policromicas, em que dominava o tostado do ambar e o vermelho das chagas, até ganhar o comôro em que assentava o cilindro caíado do pombal—donde haviam fugido as pombas, emquanto senhoras e senhores, os de casa e suas visitas, estas vindas de Lamégo e Moimenta, com duas freiras nos seus habitos religiosos, gosavam ao ar livre, de sombrinhas abertas contra o sol, sentados em bancos e cadeiras, o sacrificio dionisiaca do nascimento do vinho.

—Supunha que nos tinha esquecido—segredou Maria do Rosario, fazendo-lhe logar num banco, a seu lado, depois de reverenciar os conhecidos, e desconhecidos apresentados.

Duarte, como sentisse a irritação de D. Isabel Maria por se sentar junto da sobrinha, respondeu, com naturalidade:

—Julguei ter de me demorar por lá toda a semana. Se meu padrasto não chega hoje de madrugada... ainda hoje não vinha.

Uma das senhoras de Lamêgo, magnifica sob as pregas dum vestido tricolôr de gorgorão da China, conduziu a atenção dos primos para uma fila de carregadores, que serpeava a um de fundo, os cestos vindimos às costas, fartos cones truncados de vertice ao alto, de socalco para socalco, em direcção aos lagares. O momento pareceu oportuno a Duarte para interrogar Maria do Rosario acerca da carta ao primo. Mas Frei José acercou-se a um aceno de D. Isabel Maria. E encobrindo na mansa cadencia das palavras a velhacaria da intenção, sindicou de Duarte se já sabia dos ultimos crimes de Brandões e Marçais por toda a desgraçada Beira, posta a saque e inundada de sangue por esses monstros gerecidos do liberalismo.

—Dos Marçais sei. Dos Brandões, os ultimos... ignoro quais sejam os ultimos.

—Pois o snr. Manoel de Sepulveda faz a mercê de lhos contar — e baixou a cabeça a um sujeito largo, carregado de carnes, do bisonho hirsuto dum bicho-cacheiro, que lhe ficava em frente, sentado à esquerda da D. Isabel Maria. — Veiu ha dois dias de Moimenta, cheio do horror dos crimes desses malvados, que, por justiça do Senhor, não poderão morrer de sua morte natural...

O snr. Manoel de Sepulvêda, a polpa grossa das mãos alcandorada na montanha luzente do colête, relatou os ultimos crimes dos Brandões — mortes e roubos a horas traiçoeiras da noite, com pasmo e terror de grandes e de pequenos.

—Não è um frade? — interpelou uma das freiras, a quem chamavam Madre Abadessa do convento da Ribeira, quebrando o silencio sufocado, olhos fitos no vulto de alguem que se abeïrava do pombal, de barbas em descuido e garnacha esverdeada.

—E' Frei João, o eremita de S. Salvador. Vem cear comnôsco — esclareceu D. Carlota.

Com a chegada do frade do Ermo a conversa derivou para a situação de tantos frades que no reino penavam, faltos

de pão e de abrigo—acalorando-se á noticia das festas que no proximo inverno agitariam a vida da Pesqueira, os bailes na casa dos Sousas, dos Pereiras, do Salvador, para os quais ficavam na vila pessôas da familia de D. Maria Francisca, esposa do fidalgo do Cabo, que de Lisbôa tinham vindo assistir às vindimas.

—E só uma noite—acentuou Frei José com desvanecido enlêvo—nessa longa viagem de quinze dias de liteira, houveram de pedir pousada fóra de propriedades da casa do Cabo.

Então discutiram, desdobraram, avolumaram a riquêza do fidalgo Salvador Pais.

Duarte, prêso da idêa fixa, mantinha-se alheio à discussão. Seguia, com olhar aparentemente distraído, a mancha movediça das vindimeiras, alastrando e comprimindo-se nos socalcos, a fila sempre renovada dos carregadores, a formigar, a subir e a descer para os lagares. As mulheres, em trajos coloridos, os lenços apertados na nuca, no braço a concha leve da cesta de verga, jenuflectiam às videiras rastejantes, arrancavam-lhes o coração vivo nos cachos maduros, lançavam-no ao aconchego das cestas, com gargalhadas e descantes que riscavam o ambiente de rumores de embriaguez. Os homens, de calças de burel, em mangas de camisa, enodoados de vinho, beliscavam-nas, fugiam aos seus gestos de arremeço, gritavam em côro estribilhos de canções populares, desciam em fila os degraus entalhados na aprumada dos socalcos, em coleios de cobra, os cestos conicos assentes na *trouxa*, a *trouxa* suspensa da cabeça pelas correias da *cabeceira*—e semelhavam musculosos Atlantes, transportando mundos para um mundo irrevelado.

As pombas esvoaçam em redôr, pousavam nos contornos do pombal, comentavam, em desgostosos dialogos de arrulho, a invasão dos seus dominios.

O rio, em baixo, num tom de barro encruado, ia famelico

e magro, «ia na espinha». Deserto dos grandes barcos de carga, mal gemia no cachão, encrespava-se apenas no «ponto» da Gadanha. A areia das margens era um tapete brando, de lhama de oiro, com filetes brancos, com faxas vermelhas em curvas de crescente.

Do lado de lá empinava-se a «fraga» de Campélos, num arranco formidavel. Negra e convulsa, como se acabasse de saír das mãos de Deus na hora final do cáos, arreganhava para a corrente os dentes cariados. E alongava-se a nascente, eriçada de rochêdos, num amontoamento de desordem, sem o triste sorriso duma urze, fechando a perespectiva por traz dos pendores do Ermo sobranceiros ao cachão. E distendia-se a poente, ondulava em dôrsos e corcóvas até às soalheiras do Carrascal, até ao monte do Carriço, até à vaga conica do picoto de Linhares, desdobrando-se nos sucessivos planos a que a nevoa fluida das serranias trasmontanas, ao longe, fazia espalda de docel.

Do lado de cá o horisonte repousava entre os braços fortes do Pelão e do Ermo—observava Duarte, abrangendo-lhe de relance o recorte em ferradura. Tinha a sensação de que a terra maternal da Valeira, afavel regaço trasbordante de fartura, recuára no pavôr do arreganho hostil da outra margem. E emquanto aquela, eternamente esteril, se ficára eternamente a ameaçar, no orgulho de catapulta aparelhada para o ataque, esta abria as entranhas às graças da vida, embalava os filhos, manava leite, o oleo e o mel da riqueza e da alegria na gloria festiva das colheitas.

—Meu padrasto está na razão querendo tanto à Valeira. E o que ela não seria—pensava, acolhendo no seu hombro o terno encontro do hombro de Maria do Rosario—se, durante o inverno, como diz o Roque, «o sol não trabalhasse só p'r'ás bandas da sólheira»!

Olhava-a com carinho, como se de facto fôsse sua mãe, ou a sua noiva, como se ela fosse Maria do Rosario. Era a

azenha a moer em frente do gôrdo penêdo *Caúnho*— com a figueira do penacho farta de tanto calôr. Era o lodeiro, da azenha ao pomar, ajoujado de milho, coberto das lanças e pendões de trôço aguerrido de mesnada. Eram os refegos da horta e laranjais, fundas rugas que no inverno davam vasante aos prantos clamorosos das lombas flageladas pelo temporal. Era o solar, a meio das piramides bronzeas dos ciprestes, na intimidade dos casinhôtos acachapados do Roque, dos serviçais e dos lagares. Eram os socalcos em anfiteatro, onde se debruçavam as videiras, com trajos de furta-côres, luzidas donas e donzelas em espectaculo de gala, aqui e alem abrigadas do sol sob o velario das figueiras e das oliveiras. Eram, no têso das arribas, debruando o céo azul, os sêrros arborisados do Pelão, a calva inchada da Garrida, as alturas epilepticas de S. Salvador do Mundo— com a minuscula capela das Necessidas, no seu vestidinho alvo de virgem votada ao sacrificio, a espreitar a felicidade daquela mãe entre os seus filhos.

E eram ainda os barrancos e chapadas sem cultivo, paramentados de espargos, de flôr amaréla e cheiro a môsto; debruados de giestas maeiras e de giestas «negrais», que na primavera se toucam de branco ou se cobrem de lantejoulas doiradas; tapetados de sumagre, de trovisco, de rosmano, de nórsa— a nórsa beata e namoradeira, mesmo nas vindimas apegada a lindos rozarios de contas de coral.

—Aí vem o White! O White!— resmuneou recolhido Frei José, desviando o curso da conversa e a absorção contemplativa de Duarte.

Na verdade o White, o inglez que comprava os vinhos ao fidalgo, descia à ilharga de D. Antonio, de chapeu mole, suiças loiras, fato de xadrez, botas de montar e cantil a tiracólo — num andar de grandes passos, num lento gesticular, levando o João Caítano à reçtaguarda e mais atraz um môço com o cavalo à arreata.

Dirigia-se aos lagares. Fiscalisava a novidade em preparação.

Cumprimentou, do caminho, o grupo do pombal. Duarte foi ao seu encontro — era tambem o comprador dos vinhos das suas adegas. Acompanhou-o aos lagares — onde D. Antonio, abordoado ao seu lodão, no geito de bastão dos tempos de cabeleira e redingote de sêda, lhe mostrou o lagar cheio de uvas brancas para a *córta* dessa noite, e no lagar contiguo as uvas negras duma segunda *córta*. Apartára castas conforme seus desejos. As uvas estavam tão maduras que faziam fio de mel.

—«Issa, issa»... — aplaudia White, em curtos acenos de cabeça.

O fidalgo, concluida a lição da sua probidade de lavrador, convidou o inglez e Duarte para a ceia dessa noite — a ceia regia do natal olimpico do vinho, que ia ser Messias e redentor, que nascia sofrendo, entre canticos, para salvação dos seus senhores.

Duarte aceitou, agradecido. O inglez desculpou-se. Tinha-se comprometido a estar, ainda nesse dia, na quinta das Carvalhas. Esperavam-no nas Carvalhas.

—Ha luar— insistiu D. Antonio. — A lua sai das nove para as dez horas... E a essa hora o snr. White toma o seu caminho...

—«Obrrigada. Nô poderr ficarr...»

Então D. Antonio mandou vir calices, a garrafa de vinho velho arrecadada no guarda louça da sala de jantar, e uvas brancas da promissão.

O José da Riça incumbiu-se da garrafa — transportando-a religiosamente, como levita os Santos Oleos. A Soledade e a Angelina trouxeram os calices da Boémia e as uvas de bagos de ambar e linhas piramidais em bandejas de prata — sorrindo e baixando a cabeça ao estrangeiro. E ali mesmo, à porta dos lagares, como na abside de templo em que se pro-

cede ao divino misterio, desarrolhou a garrafa, encheu o calix do inglez, depois o de Duarte, o do administrador, o seu por ultimo.

—Um cacho—ofereceu ao White.

—«Obrigada. Nô gostarr vinha em pilula»...

Verificaram a excelencia licorósa do vinho inscrita no aroma, na côr aloirada e transparente, nos arcos de curva perfeita e colunelos simetricos esculpidos pela sacarose no cristal do calix.

—Não ha duvida. Faz colunas...—confirmava Duarte, o copo erguido acima dos olhos, como em momento liturgico de ofertorio.

E em silencio, na consumção piedosa de todas as potencias da alma e de todos os regalos do côrpo, bebiam, sorviam, gota a gota, o ambar liquido que aromatisava o espaço.

—Dá de bebêr ao almocreve—ordenou D. Antonio à Soledade, referindo-se ao lapuz que viera com o inglez e lhe rebocava a montada.

A Soledade poisou a bandeja na soleira da porta. Dirigiu-se ao almocreve:

—O' senhor homem do cavalo, or'olhe. Prenda lá o «catroio» e venha comer um «gácho» e beber uma pinga.

Ele prendeu o cavalo ao tronco duma figueira. Abeirou-se do grupo, de cabeça descoberta, a afiar os beiços às costas surradas da mão. Comeu o cacho, recebeu um calix, encarou o fidalgo, agradeceu:

—Lá vai à saude de Vosselencia e da companhia.—E alteando o calix até aos beiços sofregos:—Por cima das uvas... o vinho. Não ha onde o filho fique bem como ao cólo da mãe...

Duarte mantinha-se meio estranho ao que se passava a seu lado—os olhos sempre cheios do vulto dela, os ouvidos sempre ressoando da voz dela. E reconhecendo a impossibilidade de resolver o problema delicado da carta na presença

do frade e da tia D. Isabel Maria, afagava agora a esperança de poder fazê-lo depois da ceia, à hora ruidosa da lagarada.

Saíram para o terreiro. O inglez despediu-se. Mal o seu vulto forte se perdeu na primeira dobra da estrada, a sinêta do Ermo desprendeu, dôces, espaçadas, scismadoras as badaladas das Trindades. Homens e mulheres emudeceram, aprumaram-se, quedaram-se. Mãos em ogiva, olhar em extase, como que meditavam esse som gemente, que misturava à melancolia do anoitecer a subita tristeza do silencio, como que observavam o bafo da noite subindo do rio, vago incenso de turibulo que naquele dia, áquela hora, tinha um arôma pronunciado a môsto.

A sinêta calou-se. Homens e mulheres persignaram-se. O rumor palpitou e vibrou de nôvo. As fidalgas e visitas começaram a descer o carreiro torcicolado que se roçava na porta do Roque, e mais abaixo na da cosinha do solar — descendo os dois frades atraz de todos, em manso dialogo. E como o João Caitano désse signal para despegarem do trabalho, vendimadeiras, carregadores, correndo nos socalcos, espalhando-se como rebanho de ovelhas na fuga de lôbo, gritaram em côro, ruidosamente, o ultimo *evohé* da ronda baquica interrompida.

A ceia terminou muito depois dos homens entrarem no lagar — uma ceia que por pouco não exgotava as capoeiras e o *Cosinheiro de El-Rei,* o muito substanciôso Domingos Rodrigues, servida na baixela da India, com os talheres de prata que a Mitra de Braga oferecêra a um quarto avô do fidalgo.

Rezada a acção de Graças todos se afastaram da mêsa. Todos, à excepção dos frades, e dum dos senhores de Moimenta, que mal podiam arrastar o lastro das vitualhas e dos vinhos, e que se ficaram a discutir o oportuno problema

das funções alimentares perante o aparelho digestivo, pois-que o de Moimenta era um sujeito escanifrado e calvo a quem as fidalgas designavam de primo cirurgião — frei João ouvindo mais do que discutindo, frei José discutindo mais e raciocinando menos, o cirurgião ouvindo menos, discutindo sempre e raciocinando às vezes.

As senhoras, os primos de Moimenta e Lamego, transferiram-se para a sala de visitas, onde o cravo, dentro em pouco, harpejava minuêtes. D. Isabel Maria chorava os «trabalhos» da sua perna direita, ressuscitava episodios da côrte de S. Majestade Imperíal o snr. D. Miguel — quando esteve em Braga.

D. Antonio convidou Duarte e o primo Sepulveda a baixarem aos lagares. Queria que observassem certo preceito de sua idêa introduzido na *córta.* Afogueada e roída como dobrão de oiro desgastado pelo tempo, a lua assomava ao parapeito do Ermo, alumiava o terreiro vasio. Caminhavam vagarosos, o primo Sepulveda na abundante informação de novos processos vinicolas, Duarte insistindo no proposito de falar a sós a Maria do Rosario, revendo-se na graça de Maria do Rosario, que durante a ceia o ungira de todos os subtis perfumes da sedução.

Os lagares, a que duas candeias de folha, pendentes dos caibros de telha vã, davam luz mortiça e tremula, assentavam em casa terrea ao flanco da escada nobre. Eram dois tanques graniticos, sobre estrado tambem granitico, encostados à parêde do fundo, donde partiam duas grossas varas de castanho, cada uma por seu lagar, dividindo-os ao meio e aguentando forte parafuso de madeira que um cilindro de granito rematava — o pêso, destinado a expulsar do esconderijo do bagaço, na hora da encubação, o liquido refractario aos toneis.

Entre o pêso e as paredes dos lagares, em nivel inferior, e como se destes fossem a reprodução miniatural, aninhavam-se as dornas, ou lagaretas, para onde caía o môsto espumejante

na sua marcha para as cubas. E pêsos, parafusos, varas, estas a avançarem do muro negro, à luz indecisa, semelhavam trombas de paquidermes colossos em exercicios de tracção. Só o lagar da direita arquejava de movimento — o outro repousava, meio de castas tintas, até à noite seguinte. Duas filas de homens, de feltro ou carapuça na cabeça, de jaléca ou em mangas de camisa, as calças arregaçadas até às virilhas, ambas cara a cara, ambas de corpos unidos e braços entrelaçados pelos hombros, erguiam e baixavam as pernas, num ritmo de marcha guerreira. Cadenciados, na cadencia coreografica duma dansa baquica, faunos e aegipans, aproximavam-se, afastavam-se, trituravam a pôlpa da uva para lhe sorverem o sangue doirado.

As pessoas que assistiam à lagarada descobriram-se, ao vê-los entrar. Os lagareiros deram as boas noites. Um dêles, mais ladino, como Duarte fôsse o primeiro a aparecer, por entre gargalhadas multou-o em quatro maços de cigarros — e Duarte prometeu pagar, ali mesmo, ao outro dia, com onzeneiro juro de móra.

Mas a *córta* estava no fim — regida pelo João Caitano, assistida pelo Roque, pelo Cardôso, pelo Madeira e outros visinhos, empoleirados nas arestas das dornas, nos rebordos do lagar de pousio. As pernas, lambusadas de mel, já mergulhavam e afloravam sem esforço no liquido pastôso, no denso tapête de cascas e engaços a arfar e a espumar. Um cheiro activo e agil, aveludado e quente, saturava o espaço, envolvia o solar, derramava-se pela quinta, insinuava-se e perturbava.

D. Antonio fez a sua demonstração — no silencio atento mostrou como certo movimento das pernas duma fila, alternando com os da fila oposta, sem diminuir o ritmo, concorria para melhor arejar o vinho e precipitar a fermentação. O primo achou bem combinado. E agradecendo, o fidalgo, velho patriarca biblico no seio de familiares e servos, autorisou o administrador a dispersar.

—Viva a liberdade!—clamaram os pisadores, a uma voz, soltos do abraço que os cingia, empurrando-se, gargalhando, correndo, saltando, praticando a *sóva*, à vontade, como na embriaguez do aroma que estonteava.

E logo, o bombo, os ferrinhos, as violas, que o Madeira e o Roque, a assolarem-nos com ditos e remoques, lhes chegaram de fóra, estrugiram, bimbalharam, num rumor de saturnal, que daí a pouco dois lagareiros, a cantar ao desafio, cortavam de improvisos rimados e bregeirices causticas. A atmosfera enrubescia. O ar toldava-se. Os risos engalfinhavam-se e mordiam-se. O môsto baforava filtros de alucinação. E o bombo, num som cavo de batuque, acelerando as pulsações, os ferrinhos e as violas bimbalhando e zaguezarreando, emolduravam o falsête dum dos cantadores, a guinchar, zombateiro:

As «soidades» são securas
O' amor dá cá a borracha,
E se ma deres, dá-ma cheia,
Que vasia não tem graça.

—Senhor Duarte...—chamou alguem da porta.

Duarte voltou-se. Reconheceu, recortado no luar, o perfil romano duma das visitas de Lamêgo.

—Não se póde estar no salão com o cheiro do môsto—esclareceu a senhora.—Como a noite está linda, resolvemos vir jogar a *cabra cêga* para o terreiro. Desejavamos que viesse jogar comnôsco...

—E quer não... que 'stá um luar que nem o ôlho do dia—disse o Madeira.

Ele pediu licença a D. Antonio—que lha concedeu, com louvores pelo acertado da decisão.

Na esplanada do terreiro, entre os armazens, o pomar e o muro sobranceiro ao rio, à claridade comovida da lua decrescente, as duas freiras, três senhoras de Moimenta, mais

duas de Lamêgo, o primo cirurgião, outros primos, D. Carlota, Maria do Rosario, jogavam, chalravam, sacudiam-se—Maria do Rosario com um lenço a vendar-lhe os olhos, lembrando a imagem viva da Justiça, todos a arguirem-na de *cabra-céga*, ela a dizer que trazia cravo e canela, que o açafrão lhe caíra no chão, e a bracejar, e a tatear no vago, como se procurasse a espada e a balança simbolicas, mas à procura dos que fugiam e lhe batiam no hombro, acirrando:

—Zupa-te néla, que è maganão!

Foi num rapaz magro, de cinta de vespa, noivo duma das primas de Lamêgo, o primo Velôzo, que Maria do Rozario zupou, num descuido. Uma salva de palmas, e muitos risos, premiaram-lhe o triunfo. O lenço passou a tapar os olhos do primo Velôzo—agora meio Justiça e todo *cabra-céga*.

—Maria do Rozario—disse Duarte, rapido, alvoraçado, ao encontrarem-se a sós à sombra esguia do cipreste visinho do pomar.—Escreveu ao D. José?

—Ainda não. Deus sabe o que me custou escrever-lhe a si. Com tanta gente em casa!

—E' preciso que lhe não escreva.

—Porque?

—Digo-lhe depois.—E entre intimativo e suplicante:—Não escreve?

—E eu a julgar...—comentou, surpreza, a voz e o olhar embaciados de magoa.

—Que me seria agradavel?

—Sim.

—Era uma loucura. Depois me explicarei.—Noutro tom—A snr.ª D. Isabel Maria?

—Ficou lá em cima... a contar à prima D. Tereza o feitio dos vestidos, a medida das venias, a significação dos sinais das sécias, na côrte de Braga...

Duarte fixou-a com veemencia, e numa voz calida e sêca, viva e abafada, como se a abraçasse, como se a beijasse, ciciou:

—Oito dias sem a vêr! Calcula lá! O que eu sofri, Maria do Rosario!

Maria do Rosario olhava-o, sufocada. E como ele lhe preguntasse se tambem sofrêra com a sua ausencia, ela desprendeu um fío dôce de murmurio, arguíu:

—Esqueceu-se...

—De quê?

—Do que combinamos... De nos tratarmos...

—Ah, por tu! Maria do Rosario! Ouve...

A noiva do primo Velôso, abeirando-se deles, gritou, esfusiante de regosijo:

—Maria do Rosario, Maria do Rosario! Vamos buscar Frei José! Vamos jogar o *dá-me o lume*...

Ela correu ao chamado da prima. E emquanto iam buscar Frei José, que, ao que ouvíra ao cirurgião, se conservava na sala de jantar, sem Frei João, já a essa hora no Ermo, mas no convivio animico dos anjos e serafins, a ressonar, a oferecer-lhes no vaso mistico da alma os gôsos da ceia natalicia, Duarte mergulhou tôdo na onda voluptuosa da sua felicidade — tão presente, tão real na singeleza afectiva, no encanto e no amôr de Maria do Rosario! Achou-a duma beleza requintada no seu tom exangue de camelia, sob o véu ascético do luar. Teve a sensação de que tudo o que via e ouvia, o proprio céo, o proprio scenario, impunham a essa felicidade o acento vivo duma celebração votiva — a noite calma, a lua esplendente, os risos do terreiro, o resfolego musical dos descantes dos lagareiros.

E foi como se vogasse sobre essa onda, abrasadora e afavel, que percorreu com a vista o scenario da sua festa, que fixou o ouvido no rumor da celebração.

A bocarra do cachão, com as arestas superiores da «fraga» de Campélos entalhadas no céo, era uma apocaliptica fauce negra, aberta para a imensidade, à espéra da delicia apetecida da ambrosia esparsa das estrêlas. Os fraguedos da

ravina, tambem na vertente de Campélos, sobresaíam em alto relêvo, esculpidos na mancha alvadia do luar. Mas não tinham só relêvo—pareciam animados de movimento, pareciam crispados de intenção. Havia um, lá em cima, figurando o tôrso herculeo dum pastôr, a medir a profundidade que o separava daquele ruido. Outro, mais abaixo, era um cavaleiro arrogante impedindo a passagem a tôrvos guerreiros hostis. Uma fiada de penhascos, ao abrigo dum picôto, tinha o aspecto de procissão de biôcos a caminho do solar. E o rio, enroscado aos panos rigidos de sombra e às chapadas claras de luz, coalhado de joias, a palpitar e a fulgir, era um sorriso imenso, a luz e a sombra a sorrirem, na embriaguez de tanta pedraria.

O rumor do lagar distendia-se, ampliava-se nos reconcavos. O rir das senhoras retinia, crispava-se no ar. E já não correspondiam apenas ao ruido pagão dos jocundos deuses do Olimpo, de Bacco e das Pitonisas, de Pan e dos faunos capricornios nas suas quadrigas velozes, coroados de pampanos, batendo discos e crotalos, na invocação do espirito imortal da alegria e da vida; já não eram apenas o sentir cristão de pastores e pastoras nos canticos do nascimento. Eram simultaneamente o barbaro e dôce resfolegar daquela natureza abrupta e carinhosa, de toda ela, na homenagem e na comoção do seu amôr.

Uma das senhoras freiras, descobrindo-o na sombra, convocou-o para o jôgo do *dá-me lume*. Duarte acedeu. Considerava-se tão feliz, que andava sobre a felicidade como uma pêna no vento. Ia para onde o levassem. Entrou no jôgo com a alegria infantil dum colegial.

—Dá-me o lume?—veiu preguntar-lhe Frei José, de má catadura, a bocejar, a castigar com ripadas fulminantes de latim a ruindade de o arremeçarem do seu extase áquele inferno.

—Vá álem que fuma...

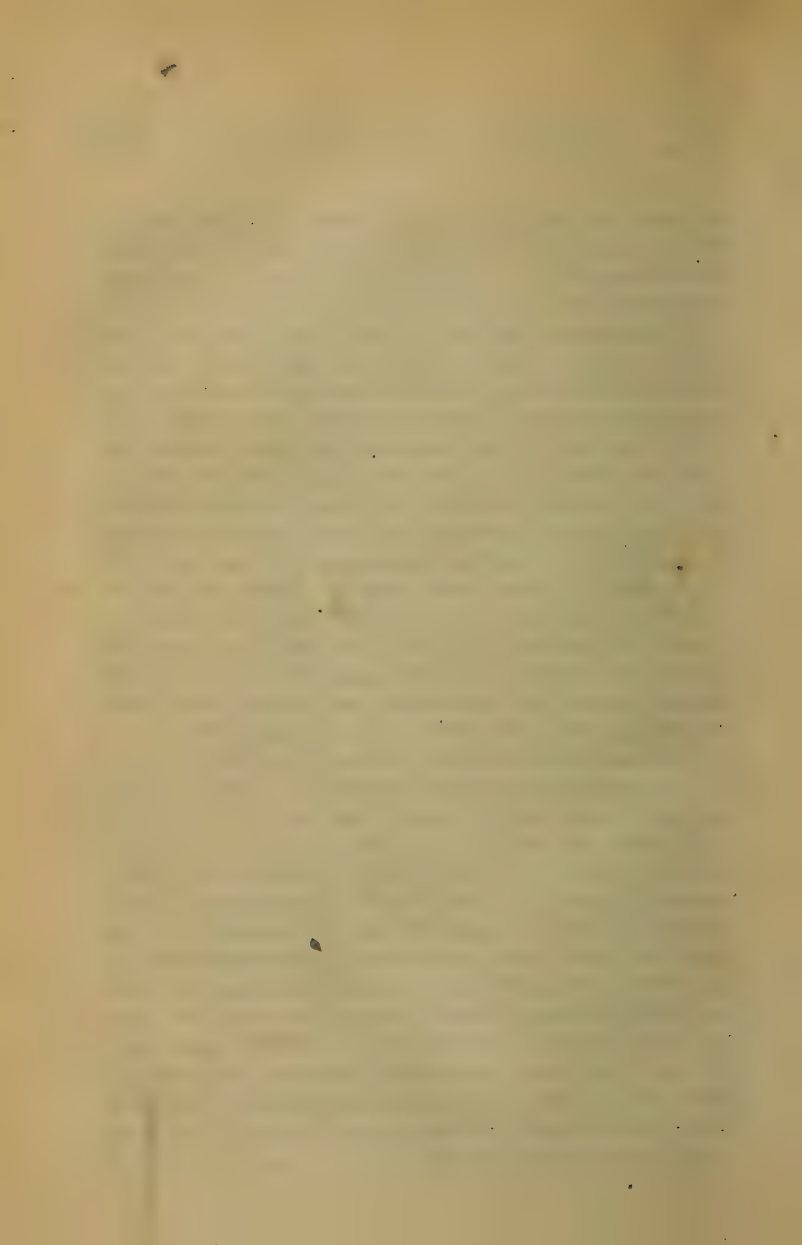
E isto, que era nada, e o esquivar-se e fugir do parceiro apontado, por traz dos outros parceiros, que era tão pouco, faziam-no rir como só rira em menino. E desejava que o

jôgo se eternisasse, e a noite não tivesse fim, e desejava, no mesmo ardor, que D. Isabel Maria perpetuamente evocasse, a uma prima salvadora, os vestidos das sécias, os sinais das sécias — quando esteve em Braga.

Por proposta aclamada do primo Velôzo resolveu-se passar a um jôgo de prendas, ao jôgo do Padre Cura. Mas um clamôr mais aspero dos pisadores saudou a meia noite — logo glosado pelo canto dos galos na capoeira. Convieram em transferir o jôgo para a noite seguinte — que ainda tinham três noites de alegria, fóra aquela em que os lagareiros celebravam, com danças e folguêdos, coroados de videiras e apetrechados de cestos, o termo das lagaradas. D. Antonio aparecia daí a pouco, a par do primo Sepulveda, comentando a claridade da lua e a excelencia da novidade. Duarte despediu-se, negando-se a aceitar o cavalo que o fidalgo lhe ofereceu.

—Muito obrigado a V.ª Ex.ª. Vou a pé, com estes rapazes — e citava três môços vigorosos, que preferiam dormir na vila, em suas casas, e regressar de madrugada, a espojarem-se na palha centeia da cardenha com os companheiros. — Vamos juntos, e a conversar nem damos pelo caminho...

Um pouco acima do lanço fronteiro à cardenha o Roque surgiu-lhe, inesperado, de réfle ao hombro.

—Então, até ámanhã... — disse, sorridente. — Vim p'rà qui, às ordens do snr. João Caitano, guardar as *tintas*, não as peguem os ratos.—E em tom abafado, a Duarte, que decifrára o sobrescrito de certo gesto dissimulado, e que se ficára um pouco à rectaguarda dos lagareiros: — Vossoria tome tento cô'o Zé da Riça. Olhe que Frei José prometeu-lhe mundos e fundos, disse que o havia de convidar bem se fôsse «curgidôso» a vigiar a snr.ª morgada e o snr. Duartinho. — Alteou a voz, declamou, para que os outros, parados à escuta, o ouvissem: — O senhor seu paisinho que se acomode. Tão depressa queira vindimar, como lá tem as «Campeleiras». E todas mulheres duma cana. Sou eu que as vou rogar...

VII

DUARTE quasi beijava o padrasto, empertigado no seu jaquetão de astrakan, de uso exclusivo dos dias de roupa lavada, e no capote novo de dois cabeções. Acompanhou-o à porta da rua, à frente da mãe e da irmã. Segurou-lhe a caixa ferrada do estribo do alazão. E pediu-lhe a benção no momento da partida.

—Vê lá, não demores... —recomendou a snr.ª Inacinha, de mãos cruzadas sob o regalo do avental.—Eu, cá por mim, tanto se me dá, como se me deu. Mas o rapaz, mais calado que toucinho em saco, anda que nem caído da bôca aos cães. Anda capaz de «arrebentar»...

—Pois que espere, que eu tambem esperei...

E dizêndo-o, e acomodando a severidade do dizer a um sorriso de ironia bonacheirona, Leandro meteu esporas ao cavalo, que largou em trote saltitante de travado na derrota da Valeira.

—Se o fidalgo disser que sim... sempre vou comtigo à promessa, à Senhora dos Remedios—condescendeu Duarte, agora no quarto da irmã, sentado na borda da cama, emquanto ela trastejava.

—Ai ele è o não diz—replicou Aninhas, trasbordante de convicção e de certeza.—Não que os homens como tu, andam por aí aos ponta-pés! Vai-te habilitando p'r'á bôda, e o mais não te dê cuidado.—Velou a claridade dos olhos nostalgicos, lamuriou:—Assim o pai me deixasse casar cô'o Ernesto. Mas isso deixa ele, que è briôso!

Duarte, solenemente, prometeu interessar-se perante o padrasto, apenas realisado o seu casamento, pelo casamento dela com o Ernesto.

Em ultimo caso, se a sua teimosia não cedesse, poria em execução um plano cujos resultados seriam imediatos—plano que só depois de falharem todas as tentativas lhe confiaria.

Calaram-se—e naquele silencio ambos seguiram trilhos opostos, cada um o que melhor carreira dava aos impulsos do coração. Aninhas caminhou direita ao Ernesto, noiva bem vinda e bem amada, à sua espera com os padrinhos na igreja de S. Pedro, estrelada de luzes, numa primavera de flores. Duarte, esse, arrastou à Valeira, na aza instantanea da impaciencia, o padrasto e a alazão, entrou com o padrasto no solar, convocou o fidalgo a concilio, formulou o pedido do casamento—e ouvia o perorar grave do fidalgo, e sentia o seu abraço familiar outorgando-lhe honras de filho estremecido.

—O pior...—considerou, em tom natural, como remate ao decorrer da visão...—o pior è se a D. Isabel Maria aparece. Pedi ao pai que não falasse diante dela.

Aninhas, arredada do quarto, ainda na igreja de S. Pedro, com o snr. abade a dar-lhe a benção, as suas amigas a lançarem-lhe o laço, ela e o Ernesto a rirem, desatando as fitas de seda e pagando a multa da tradição, acudiu à observação de Duarte. Mas, como não o tivesse ouvido, ele reeditou o seu receio, mais agoirento do que da primeira vez.

—Hum... queira a snr.ª morgada e o fidalgo... que o mais nem dá, nem tira.

Não tendo podido arrumar o quarto logo adiante do almoço, espanejar as duas cadeiras esbeiçadas de palhinha, desempoar a comoda com a redoma da Senhora dos Remedios em minituara, por causa de ajudar o padrastro, que se vestiu todo de ponto em branco, como para a procissão do Corpo de Deus, Aninhas procedia agora a essa obrigação matinal. O irmão

acentuava os seus cuidados pela má vontade de D. Isabel Maria, que em tudo o hostilisava, que só no dia da vinda dos Marçais à Pesqueira fôra atenciosa e amavel. Era ela e Frei José — que chegára ao extremo de assoldadar o mordomo para que os vigiasse. E exaltando-se contra o frade, atribuia-lhe a ele a hostilidade da senhora. Porque a todos insinuava, sem excluir os criados, que o enteado do Leandro era maçon, que os maçons eram seres perigosos e nojentos, animais peludos e rabudos de que ninguem devia aproximar-se. Tanto que ainda dias antes surpreendera a criada velha, a Tomazia, de olhos espantados nos cabêlos dos seus pulsos. E preguntando-lhe o que tinha, ela benzera-se, murmurara, abismada:

—E' maçon... Peludo como Belzebuth...

Percebia que a pobre velha, ao cruzar comsigo no solar, se desviava a mêdo, devendo esculpir com a mão, no resguardo do avental, a figa esconjuratoria dos espiritos imundos.

—Não faz ao caso— sublinhou Aninhas, com segurança. —Ela quer. O fidalgo é teu amigo... e o mais, são historias. «Deixa lá» assim todos quizessem a meu respeito...

Duarte concordou na amizade do fidalgo. Via-se em tudo, em tudo se manifestava. Ainda na vespera à noite, ao conversar com Maria do Rosarío — e o marôto do Zé da Riça tinha-o apanhado com a bôca na botija, se o não sente a tempo de se esconder em casa do Roque — Maria do Rosario lha afirmara.

A snr.ª Inacinha enfiou a cabeça no aro da porta. Duarte calára-se ao ouvir passos. Ela entrou, a face arrepanhada num sorriso, observando:

—O que 'starão estes paneleiros a panelar... pr'a'qui tão arredados?...

—O que ha-de ser, minha mãe?... — contrapôz o filho. — Estamos a falar na missão do pai à Valeira.

—Eu logo vi. Agora... não pensas em mais nada. — En-

colheu os hombros, resmuneou:—Emfim... eu cá continuo na minha. P'ra que diga gósto, não gósto. Alem de que, nunca tivemos uma «aquidade» daquela gente. Nunca disseram... pois bem, o Duarte vem p'r'aqui ajudar o João Caitano, o Duarte è nosso amigo, deixa mandar-lhe de lembrança isto ou aquilo...

Duarte interrompeu-a. Pediu-lhe que não confundisse a sua situação de amigo da casa, de filho familia abastado, que ali prestava um acto de gentileza e não um serviço obrigatorio, com qualquer salariado ou dependente a quem se paga em genero ou em dinheiro um dever de oficio.

—Bota bem sentido no que te digo...—retorquiu a snr.ª Inacinha, num geito e numa voz de sibila em profecia:—O fidalgo não morre de amores por ti. E depois... tu mo dirás. —Não esperando pela réplica, mediu, a vista desarmada, o monte de roupa suja encostado a um canto, fazendo cordilheira com um monte de bataías e outro de castanhas, considerando, de rôsto para a Aninhas;—Hemos de rogar hoje uma «ama de agua» p'ra se «coarem» todos esses panos cá em casa. Podia-se rogar a Rosa Quica...

Aninhas torceu a bôca, balanceou a cabeça, lembrou a morosidade da Rosa Quica da ultima vez que a rogaram. Estava mais velha do que a Sé de Braga. Já mal aguentava o cantaro à cabeça. E se coasse os panos, deixava-os encardidos como antes de metidos à cinza e à agua a ferver. Era melhor rogarem a Joana do Adro—uma «ama de agua» capaz de a carregar na Valeira, indo num pé e vindo noutro.

—Ai Virgem!—atalhou a snr.ª Inacinha—a Joana não è mulher que se meta portas a dentro duma casa decente...

Duarte não socegava. Demais, agora, sob a impressão da profecia da mãe, a que não respondera por um vago receio supersticiôso, os minutos, o tempo a arrastar-se, mordiam-lhe a paciencia como traça roaz. Se ainda ali morasse ao pé o frade leigo boticario, o seu amigo Vitorino Lopes, iria até à

botica para matar o tempo, que parecia querer mata-lo a ele. Mas o boticario tivera de fugir da vila, escorraçado pela furia cabralista. Ao Taveira, que viera substitui-lo, mal o conhecia. Ah, ia um pouco à botica do Joaquim José — amortecia o remoer da impaciencia, e colhia novidades.

Disse à mãe e à irmã que saía, sem demora. Lançou aos hombros a capa à Byron e pôz o chapeu desabado. O ar frio cortava. O sol, muito claro, depois de longos dias de chuvas inclementes, crispava-se nos charcos das valêtas. Ao cimo da rua encontrou-se com o Ernesto — o namorado da Aninhas, môço desempenado e alto, que se encolheu à sua passagem. Cumprimentou-o com afabilidade. Sob os arcos da Praça homens sentados espreguiçavam-se e conversavam, mulheres desgrenhadas espiolhavam os filhos. Para as casas da Camara entravam os camaristas — era dia de sessão, pelo que ostentavam a insignia edil, o tradicional capote de burel semelhante a um habito monastico. No sóco do pelourinho, cuja sombra se inclinava para a torre do relogio, dois mendigos, o Pé de Cão e o Cégo Cabeças, coçavam a vermina, cobriam-se de sol. Os teares proximos matraqueavam na sua lide. E na botica, ao cimo da Praça, sob a sentinela dos boiões perfilados em estantes sem vidros, fóra da grade que interdizia ao publico os misterios da manipulação, Joaquim José e o abade de S. João, ambos de capote, aquele de barrete de retroz e este de chapeu de feltro, sentados à brazeira de cobre, com um taboleiro firmado nos silhares dos joelhos, jogavam o gamão.

—Frio hein? E não estivessemos em dezembro...—mascou o abade, ao vêr Duarte, lançando os dados de marfim sobre o taboleiro sem despegar os olhos do jôgo do boticario: — Ah, já sabe? O patife do Manoel Marçal, apezar de estar de cima a corja cabralina, fugiu de Fozcôa para Figueira de Castelo Rodrigo... Eh, lá! Dois e cinco! — interrompeu, o dedo grosso sobre os dádos. — Quer guardar o canastro de qualquer perdida. Mercou o convento bernardo da vila, onde jaz o côrpo

do nosso cronista Frei Bernardo de Brito, fechou-se por dentro... e agora toquem-me, se são capazes...

—Não sabia, snr. P.e Aurelio...—acentuou Duarte, menos atento aos mêdos do Marçal e aos despiques do jôgo do que aos rebates da sua ansiedade.—E a quem fugiu ele?

—Az e trez, casa fêz!—apregoou o boticario, contando os dados com altivez, batendo com galhardia o disco no taboleiro, introduzindo-o na meia lua da casa sublocada pelo abade.

—A quem fugiu?! Ora essa! Aos inimigos, que são mais do que as pragas do Egipto. E quer não, que sem motivos! Não lhe queria estar na péle... apezar do convento. Nem na dêle, nem na do irmão. do tenente-coronel. Os máos não são só máos pelo mal que semeiam, são-no tambem p'lo mal que atraem sobre si proprios e sobre os gerecidos de sua raiz...

—Cinco e az, casa faz!—bradou Joaquim José. batendo o disco com mais força, apregoando mais alto o seu triunfo.—Ganhei!

—Valeu-se da minha distração...—contrapoz o P.e Aurelio, risonho.—Não se gaba dessa muitas vezes. Mas ainda temos a desforra.

E se fôsse ao encontro do padrasto—se o esperasse nas proximidades de Sidrô? Iludia da mesma forma o dobar lento do tempo, e sabia mais depressa o que se passára. Despediu-se. Meteu à rua direita, torceu à esquerda, para o Extremadoiro. O fidalgo da casa do Cabo estava à varanda balaustrada do centro do seu palacio, na moldura das hombreiras lavradas, do parapeito em flexa e das piramides laterais, que o leão e a flôr de liz dos antepassados, sobre a pedra de armas encaixada entre o lintel profuso e a volta plena do frontão, nobremente rematavam. Reverenciou-o num movimento de familiaridade respeitosa. Esguio e seco, o cabêlo apartado, a caír-lhe sobre a testa em franja de docel, o bigode de guias pendentes a descrever um arco suspenso do espigão da môsca,

figura do romantismo prevista pelo pincel de Wan-Dick, o fidalgo curvou-se do parapeito, ofereceu-lhe um calix de vinho, informou-se da saude do pai e da mãe.

Subiu a calçada do convento retardando o passo. Afigurava-se-lhe demasiada a demora para quem fôra a cavalo, e em missão pouco de molde a discursos. Parou a examinar as ruinas da capela franciscana, como se nunca as tivesse visto — na necessidade de alongar o passeio, de sufocar a incerteza que as palavras profeticas da mãe acordaram no seu espirito. E D. José, que desde a ultima retirada do solar, não importunara mais a prima; e D. Antonio, que ainda horas antes se lhe antolhava familiar como um pai; e D. Isabel Maria, cujos escrupulos contava vencer; e Frei José, cujo rancôr se lhe tornara indiferente; e a propria D. Carlota, a bondade depurada no purgatorio da renuncia, atravessavam-lhe a alma, escureciam-na e dissolviam-se, cerrando punhos, atissando escarneos, expulsando-o da felicidade.

Quedou-se de novo em frente do cruzeiro — donde via o cêrro da Garrida, os picos de Alem-Douro, e flocos de nevoa, esgarçando-se no ar, subindo como rôlos de fumo, maculando a inocencia do céo. E se seguisse até à quinta cimeira? Talvez antes de lá chegar topasse com o padrasto.

Da Valeira vinham carros de bois, carregados de mercadorias, na chiadeira gemente das nóras preguiçosas, azemolas pesadas de fardos, num cadenciado tanger de chocalhos. Carreiros, almocreves deviam ter visto o padrasto. Avançou para o caminho que eles lentamente trilhavam, na intenção de os interrogar. Mas pensou na inutilidade do inquerito, que demais a mais podia provocar curiosidades, murmurios, insinuações. E convindo em pô-lo de parte, dispoz-se a esperar nas proximidades da quinta de Sidrô — sentado numa pedra, de cara para os fundos lodeiros da cerca do convento, como se absorvesse o encanto bucolico das terras frescas das chuvas inverniças, a alegria do sol que amoravelmente as enxugava.

Leandro não tinha pressa. Tanto lhe fazia mais meia hora, como menos meia hora. Levava comsigo o fiador maximo do bom exito da empreza — a voz das peças de oiro, dos cruzados novos, das terras de vinho e azeite. Contava um pouco com a velha amizade do fidalgo pelo rapaz. O amôr de Maria do Rosario, para o caso, è que pouco influiria. Gostava de Duarte, na verdade. Mas quem riscava não era o gostar déla, era o querer do pai. Mesmo para D. Antonio a amizade valia o menos. O mais valia-o a ruina da sua casa, acabada de empenhar com os ultimos levantamentos realistas, e com a viagem de novembro ao Porto, em que sustentara estadão de principe, a pretexto da venda dos vinhos velhos da garrafeira, mas à certa p'ra se entender com os maioriais legitimistas. Ora contra essa ruina è que ele lhe levava o remedio — no pedido da morgada em casamento, e no dote prometido de vinte mil cruzados em peças de oiro, na quinta de Gouvães e na esperança de se juntar, numa só casa, toda a Valeira. Diante deste Brazil, e da volta da quinta de Gouvães à familia, ainda que muito ancho das suas honras e brazões, D. Antonio não resistiria.

O rapaz andara na idêa de tornar p'ra Coimbra nesse outubro, com o Julio Ferreira, tirar a carta em leis e apresentar-se depois. Botara-lhe isso fóra da cabeça, que bôa carta tinha ele nos seus rendimentos. Não o duvidava sequer. O fidalgo aceitava. O casamento fazia-se. Combinava logo a compra da quinta do abade de Sant'Iago, e da meeira, a dos Soverais de Sidrô, e duns remendos mais de horta e olival. E Duarte realisava o velho sonho de fechar a Valeira, de chamar sua a toda a bacia da Valeira.

Deixava o cavalo chouteando a passo, a seu gôsto, cabeça baixa, redeas bambas. Aos que o saudavam, correspondia

distraído, levando a mão ao chapeu. Da meia laranja, à testa do Ermo, notou que havia nevoeiro do lado da quinta do fidalgo, como do lado do Vale de Carvalho. O fidalgo não devia estar satisfeito cô'aquilo — pensou. Andava p'ra matar os porcos havia mais de duas semanas. Não matára no Santo André por'môr da chuva. Agora, havia sol cá em cima, e nevoeiro lá em baixo — que p'r'o caso o mesmo era que chover. Trocou um «Nosso Senhor lhe dê os mesmos» pelos bons dias do Zé dos Potes, que no pendôr do cêrro da Garrida, no festo dum cómoro, amarfanhando a rabiça do arado, com dois jumentos ao temão, lavrava uns palmos de terra centeeira — o Zé dos Potes, de grandes barbas biblicas, com o nevoeiro a lamber-lhe os pés, era um pacifico Elias sobre as nuvens, no carro já sem fôgo, cristamente atrelado à burrinha do presépio e à que serviu Maria na fuga para o Egipto, em substituição dos cavalos gentilicos do tempo do rei Achab.

Uns passos alem do portão da quinta cimeira cruzou com o Zé Honrado, em demanda da vila ao passo dos machos ajoujados. Falaram-se. Esconjuraram o raio da nevoa. Leandro preguntou-lhe se vira por lá o fidalgo.

—Vi. A' porta do armazem. Começou hoje co'a *lóta.*

Despediram-se. E ao penetrar na zona fechada do nevoeiro Leandro devia ter, de facto, a impressão de que vinha do céo, de que ia... mal podia dizer para onde, pois não enxergava dois palmos adiante do nariz. E parecer-lhe-hia mesmo que o céo agora estava voltado para baixo, por aquela coisa de ir atravessar as nuvens, se não lobrigasse ainda, a sumir-se, a apagar-se no alto, na cal da capelinha das Necessidades, a mancha livida do sol.

Aconchegou ao rôsto as abas do capote, mascando pragas. Ouvia o chiar de carros, o *tlim-tlão* de chocalhos, o vozeirar do cachão, o gemer da «espadela» — e agora já não via senão ramos de oliveiras molhadas, à beira do caminho, a chamarem a piedade do viandante para os bagos negros, as

pobres alminhas prestes a entrar no fôgo do purgatorio; silvados humidos rastejando nos muros; videiras nuas, mutiladas, contorcidas em agonia.

—Ora'inda bem. O nevoeiro «fez loja»—monologou, perto do solar, verificando que a nevoa chegava só à altura do pombal, deixava aos olhos o espaço livre para espairecerem no rio cheio, nos barcos em trafego, nos «marinheiros» na sua lide, e que tudo aquilo, à vista da zona enevoada da quinta, apezar da cobertura baixa e parda da neblina, era na verdade um céo aberto.

Desmontou à porta dos lagares. Afagou o *Tua*, que o anunciára com hostilidade, e o acolhia com afecto, bem expresso nas sacudidelas jubilosas da cauda.

O Roque da Silvana esperava-o. Acudiu ao álerta do *Tua*, nesse dia em concordancia com o cogonome de Pinguinhas, cambaleante, tropego, olhar mortiço.

—Então... sempre é hoje!—baforou, arrancando as palavras, a custo, do inferno ardente do interior:—E quer não... que o dia... nem de encomenda. O fidalgo... não cabe na péle, por'môr da qualidade reiuna do vinho...

—'Stá no armazem?—interpelou o Leandro, sorrindo de o ver «assim molhado», dos seus zig-zagues, dos seus gestos, dos seus gaguejos, que lhe davam o todo de alguem a vogar num mar de temporal, sobre uma tabua fragil, no equilibrio dificil que lhe dificultasse a palavra.

—No armazem... pois então!—disse, tomando-lhe a redea do alazão, colocando-lhe a mão confiada no hombro, acompanhando-o e tropeçando a caminho do armazem:—Na *lóta*. Vinho reiuno! Não ha, não houve, e nunca haverá, senhor Leandro, vinhinho como o deste ano!—E baixo, ao ouvido do Leandro, que preferia não ter encontrado, logo às portas do céo, a contumacia de Noé:—A snr.ª morgada... è que não tem feito senão «'sgrilar» às portas e janelas... toda a santa manhã de levante...

Leandro, no receio de que o viuho do Roque lhe comprometesse a embaixada, aconselhou-o a ficar cà fora, levou-o a sentar-se numa pedra, num dos extremos do terreiro, com o cavalo pela redea.

A primeira pessoa que descobriu, em frente da porta, na penumbra saturada de vapores alcoolicos, foi D. Antonio, hirto, o chapeu na cabeça, o capote aos hombros, encostado à sua vara de lodão, a presidir à faina da lotação do vinho nôvo — a prepara-lo para as largas viagens atravez do tempo e dos mares, a trespassar aguardente de pipas gorgolejantes para canécos de madeira, e dos canécos, pela guela afunilada dos balsões, para o bôjo pantagruelico dos toneis.

Descobriu-se, saudando. A' sua saudação correspondeu a do fidalgo, a do administrador, a aparar esquiços num desvão, a do escudeiro, a lavar um barril de almude, a do pessoal, em cabelo, em mangas de camisa, a fervilhar das pipas para os toneis, a trepar a cavaletes, a passar os canécos a serviçais escarranchados, como Silenos, nas altas cubas de mogno e carvalho.

O armazem era a parte nobre do solar, a capela mór daquela Sé, com o fidalgo por bispo, paramentado e de baculo, com familiares e servos a celebrarem o culto — onde não faltava a penumbra, nem a saturação do incenso, onde os deuses recebiam o sacrificio divino no corpo e alma do vinho transfigurado. Os deuses, claro, eram substancialmente os toneis — severos Molochs, perfilados de encontro à parede do fundo, refastelados na peanha granitica dos canteiros, a fauce hiante engulindo o cordeiro inocente na solenidade do ritual.

—Não o fazia hoje por aqui — acentuou o fidalgo, cambiadas as bôas palavras preambulares. — E atrever-se com o nevoeiro...

—E' que preciso conversar cô'o fidalgo...

—Ah, quer conversar comigo... A sós, p'lo visto?

—Se Vosselencia estiver por isso...

—Quando quizer... Mas se lhe não dá contrariedade, deixemos acabar a lóta deste tonel...—E para o Zé da Riça, muito entretido na refresca do barril:—O' José, traz daí um copo de vinho ao snr. Leandro para se enxugar do nevoeiro.

—Agora não vai, fidalgo. Agradeço, mas não vai.

Condescendeu, aceitou o cópo trasbordante a instancias do fidalgo, desejoso de que lhe apreciasse a massa, ainda virgem, ainda sem pinga de aguardente. E como todos se calassem, emquanto Leandro, com acenos mudos de cabeça e retorcidos eloquentes de beiços honrava a massa, a côr, o arôma, o gôsto do precioso liquido ambarado; e como passasse a ouvir-se apenas o chorar da aguardente no bôjo farto das cubas, o Antonio Peludo, às cavaleiras do tonél do centro, recomeçou o relato de facto que interrompera á entrada de Leandro. Era um caso de almas do outro mundo. Ao chegar ali p'la sólheira do Carrascal, o Manoel da Chóca vira um vulto—o tal vulto no caminho. O Manoel da Chóca era um «incréu», só pele e óssos. P'r'ós amigos um «bom serás». «Daimôso» até mais não. Agora em lhe chegando a «môsca à retranca», ai Virgem, nada parava cô' ele. Não havia mesmo ninguem no mundo mais «forçôso». Fizera um passo atraz, e mandára «arrecuar». O pior è que o vulto, em vez de «arrecuar», crescêra p'r'a frente.

—O' Peludo... repara—interrompeu D. Antonio.—Está-se a verter aguardente...

Ele endireitou o balsão, sem alterar o rumo da historia. O Manoel, então, agarra num «gôgo pr'a lhe arrimar uma lapáda». Mas quant'a vulto... nem sombras dêle. Benze-se três vezes. Lembra-se da alma dum galêgo ali «'strumado» p'la Santa Luzia. E mal tinha acabado a ultima benzedela, truz, um «cascudo p'las trombas» que o bóta redondo ao chão. Pois fôra preciso leva-lo em braços p'ra casa. E ficara pelado da cabeça que nem um ôvo.

No silencio consternado a voz do Leandro ergueu-se, casquinou, trocista:

—Tó Russa, Maria Castanha! Já me não finto nessas! E' como a da alma do P.e Francisco, que anda p'r'aí desacreditada por toda a gente, que anda feita, com licença de Vosselencia—pediu venia ao fidalgo—em burrico. Pois vai-se a vêr, estive no armazem, de noite, com o meu rapaz...—de nôvo para o fidalgo—Foi naquela noite da trovoada, quando o fidalgo e as fidalgas foram à quinta nova do Cachão... E nem rascas de burrico. Isso o que è... è mêdo!

D. Antonio interveiu com a garantia de que não era mêdo. Conhecia casos, ocorridos com pessoas cristãs, de boa vida e costumes, todas fóra de tratos e maquinações. Alguns mesmo de sua familia, da sua casa de Provezende. E era conhecida e notoria a ocorrencia frequente do Largo de S. Sebastião de Medêlo, em Lamêgo, no contorno do solar dos primos do Pôço—porisso ha muito desabitado. Quem por ali se atrevesse de noite, sem companhia, apanhava bofetada que lhe deixava a cara num bôlo.

—Ah, o fidalgo tambem acredita!—sublinhou Leandro, na fôrça maxima do seu séticismo.

Pois se o acreditavam os homens mais noticiosos das letras divinas e humanas! O historiador Delrio, a beata Ildegardes, St.º Agostinho, S. Geronimo, para não enumerar outros gravissimos varões.

O administrador escorou a convicção do fidalgo com factos do seu conhecimento—e um de bem pouco tempo, sucedido pouco antes da Sr.ª dos Remedios, com certa mulher de Campélos a quem morrêra o marido antes de cumprida promessa que devia a St.º Antonio, pelo que «encorporára em seu Corpo». Fazia-a caír sem sentidos. Falava pela bôca dela na sua voz masculina. Suplicava que lhe mandassem rezar uma missa e dar um cantaro de azeite ao santo se o queriam no bom logar.

Leandro sentia-se em minoria. Percebeu que a sua descrença não agradava ao fidalgo. Acabou de esvasiar o cópo, achando o vinho de «truz», e condescendeu, e afirmou que sim, que tambem sabia duma «anedocta» verdadeira, como essa da mulher de Campélos.

—Com licença, fidalgo... — intercedeu, amavel, sacudindo-lhe uma teia de aranha da gola do capote. — Era dalgum dos toneis...

—Obrigado. O' José... — disse, gravemente, para o escudeiro. — Vai abrir a porta da livraria — o Peludo havia terminado a *lóta* do tonel central. E agora para Leandro. — Vamos lá acima...

Sairam atraz do Zé da Riça. Mas no terreiro deserto — apenas com o Roque estirado no chão, do lado das capoeiras, e um filhito rôto e sujo a segurar a redea do cavalo — Leandro propoz falar-lhe ali mesmo.

Pararam, de peito para o rio. Leandro começou por enumerar os seus haveres, os rendimentos da sua casa, as colheitas e os capitais a juros — podendo, «como o outro que diz», contar p'ra breve com a quinta do Vale de Meudiz, do morgado de Ervedosa, a quem emprestara uns centos de moedas, e não lhe tornara capital nem juros.

De cima, das bandas da vila, ouviu-se de subito um clamor prolongado, que o sussurro do cachão abafava:

—A' d'el-rei! A' d'el-rei! — clamôr abafado, mas que se distendia como se repercutisse numa nave abobadáda.

Avançaram, calados, surprêzos, para o caminho da vila. Quedaram-se em frente dos lagares — olhos ao alto, na espessura densa da nevoa.

—A' d'el-rei! — continuavam a gritar.

Um carreiro, que vinha de cima, que pará'a tambem à escuta, explicou:

—Ah! Já sei. E' o Zé dos Pótes, que anda a «decruar» a sua sórte, lá em riba. Quando Deus quer, o arado arrancou

por lá marco de terra a pegar cô'a dêle, e está a rogar testemunhas...

—E' isso, è... — confirmou Leandro, como se reconhecesse a voz do Zé dos Pótes, levando a mão ao chapeu em reverencia à snr.ª D. Carlota, à snr.ª morgada, que, com uma das creadas, surgiram ao topo da escada nobre.

O fidalgo chamou o escudeiro, deu-lhe ordem para que corresse com outro homem àquilo do Zé dos Potes, e fossem ambos testemunhas de que o marco o arrancara o arado ao lavrar.

Volveram ao terreiro. Leandro passou a inventariar as qualidades do enteado — delicado que nem uma dama, forte como as armas, amigo do seu amigo, e inteligente que não havia outro, nem o Julio Ferreira, em toda a Coimbra.

—Ora eu sei que o rapaz — proseguiu, desembaraçado — anda co'a idêa ferrada na snr.ª morgada. E vai, disse-lhe:— Tu queres casar cô'ela? Quero, disse-me o rapaz. Bem, faço-te já o casal de Gouvães, casco e usofruto, boto-lhe por cima vinte mil cruzados em peças de oiro, fóra o mais em bragal e joias de estimação, e vou pedir a snr.ª morgada ao snr. D. Antonio.

O fidalgo estremeceu, esgazeou os olhos, como ao contacto brusco de verdade emprevista e duramente revelada E como no receio de acreditar, inquiriu ainda:

—A minha filha?!

—Sim, fidalgo. O rapaz anda babadinho por ela. Ela, babadinha por ele. E assim com'assim, o casa-los è agora, que estão na idade...

D. Antonio tomou a rigidez dum santo de pedra no seu nicho. As pupilas afundaram-se-lhe na crispação dos sobr'-olhos abatidos. E numa voz gutural e sêca, num gesto duro de golpe de montante em vassalo relapso, sentenciou:

—O que a natureza dá, è bem certo, cada um o não póde apartar de si. Seu enteado... não torna a esta quinta, esquece

esta casa. E o snr. Leandro, se aqui quizer tornar, não terá feito demais esquecendo seu engano. Bons dias!

E serenamente, rigidamente, voltou-lhe as costas, meteu ao armazem, mais austero do que coluna jonica.

Atordoado, os ouvidos zumbindo, uma onda de sangue lantejando-lhe nas fontes, Leandro seguiu-o com o olhar turvo, os beiços tremulos, a bôca no hiato de gárgula mediavel. E só despertou ao vê-lo escoar-se pela porta de carro do armazem, rugindo, por entre dentes:

—Ah, ele è isso? Pois espera... que eu te farei a cama! Até ao lavar dos cestos... è vindima!

Nem acordou o Roque — a ressonar enrodilhado no chão. Tirou asperamente as redeas da mão do pequeno, que o fitou espantado, e pôz-se a caminho, a pé. Nem deu pela cabeça ansiosa de Maria do Rosario — que espreitou, à sua passagem em baixo, entreabrindo a porta da escada. Nem ouvia a voz do Zé dos Pótes, mais espaçada, no seu gritar convocatorio, como num anuncio tragico:

—A' d'el-rei!

Não respondeu ao Zé dos Pótes, nem ao Zé da Riça, nem ao Joaquim Serodio, todos em redôr do arado e dos jumentos, com outros homens e mulheres que tinham acudido, e verificavam o logar do marco, e o interpelaram, e requereram o seu testemunho. E nem mesmo parou para dizer ao enteado, que lhe surgiu à bôca do caminho da Valeira, rente à capéla de S. Francisco:

—Ha-de pagar-mas. Virou-me as costas, e rua! Mas eu arda se mas não pagar com lingua de palmo!

VIII

MARIA DO ROSARIO não acalmava. Debicou o almoço. Desde o almoço não deixou mais a porta da èscada nobre, de vigia ao caminho da vila. Só com dificuldade conseguia dominar-se, disfarçar, evitar desconfianças. Foi como se firmasse os joelhos num brasido o ajoelhar no oratorio com as tias e Frei José — Frei José a solar, em surdina, o *Trium Puerorum* de Daniel na fornalha de Babilonia, as tias reforçando a petição ao Senhor pelo regresso ao reino de D. Miguel, no Minho novamente proclamado rei por graça de Deus e do Padre Casimiro.

Quando sentiu Leandro ao pé dos lagares, a conversar com o Roque, tomou-a uma quebreira de desfalecimento. Teve vontade de lhe acenar de cima, para que não falasse ao pai, ardendo na ansia de que lhe falasse depressa. Viu-o seguir para o terreiro. Viu-o dobrar para o armazem. E durante a sua permanencia à sombra dos toneis, por duas vezes conseguiu da Soledade, em segrêdo, que fôsse verificar com quem estava o pai.

—Ora, com quem ha-de 'star! 'Inda 'stá cô'o Leandro, e o pessoal da *lóta*, a ouvir o «mondongo» do Peludo a alanzoar coisas de bruxêdos...

Daí a pouco a voz do Leandro alastrava no terreiro — diluida no rumor do cachão, que ela considerou com veemencia, como para o amaldiçoar, como para lhe suplicar silencio. Hombro a hombro com o pai, este apoiado ao seu bordão, seguiram ambos até ao muro erguido de encontro ao rio.

Leandro gesticulava, contava pelos dêdos, alargava os braços no geito de quem confere e de quem agasalha. O pai ficou na imobilidade duma escultura, como se não visse, como se não ouvisse—parecendo absorvido na manobra dum barco a largar do pôrto.

Nisto, inesperadamente, vê-os estremecer, voltar a cara e os olhos pavidos para a direita, para a esquerda, em movimentos incertos.

Vendo-os correr em direcção ao caminho, e todo o pôrto alvoroçado, corre tambem, meio sufocada, emudecida de susto, para a porta da escada nobre. Ao abrir a porta chega-lhe aos ouvidos, longo, cavernôso, um clamor de alarme.

—A' d'el-rei!

Fica ao alto do patamar, com a Angelina e a tia D. Carlota, abismadas como ela, e como ela preguntando o que era aquilo. Ouve a explicação do carreiro. O pai e o Leandro regressam tranquilamente ao seu pôsto. A tia, reprimindo o coração doente, retoma com a criada as suas ocupações. Torna para a janela da sala de visitas. O pai convoca o escudeiro, dá-lhe ordens, que ele passa a cumprir. E em breve, os dois, de nôvo de rôsto para o rio, de nôvo reassumem o aprumo das primitivas atitudes—Leandro a parlamentar com larguezas de semeador, o pai na imobilidade do torrão que recebe a semente.

Mas, de subito, o pai agita-se, entesa-se, corta o ar com dois traços fulminantes da sua mão direita. E dando as costas ao outro, caminha só para o armazem. Leandro abre a bôca, esgazeia o olhar. Estende o braço num gesto de ameaça. Dirige-se para a esquerda, arranca daí a nada direito à vila.

Maria do Rosario adivinhára o que não ouvira. Apezar disso, ainda correu à porta da escada, na disposição de interrogar Leandro. Os passos da tia D. Carlota, que andava a arrumar as pratas da sala de jantar, e lhe sentiu o correr pre-

cipitado, soaram no seu encalço. Fechou a porta. A tia percebeu-lhe a excitação, fixou-lhe os olhos, interpelou:

—O que tens?

—O que tenho...? Nada!—respondeu, abafada, como se a estrangulassem.

—Nada?! Ora olha para mim!

Perturbada, aturdida, pôz os olhos febris nos olhos inquiridores da tia—e as lagrimas rolaram-lhe, em silencio, glosando o estertor dos soluços.

—Mas... o que è isso? O que tens, Maria do Rosario?

D. Carlota, no impeto da estranheza, perguntou-a alto. Maria do Rosario teve mêdo de que o pai surgisse de repente, ou de que a ouvissem D. Isabel Maria e Frei José, a resarem e a conversarem ao confortavel calor da lareira. Porisso se reprimiu, e enlaçou os braços ao pescoço da tia, e lhe suplicou ao ouvido:

—Cale-se, minha tia! Faça o favor de se calar!

A atarantada senhora não percebia nada. Levou-a mansamente para a sala de jantar. Fechou a porta e sentou-a numa cadeira. Sentando-se ao lado dela, e chamando ao abrigo afavel do seu seio a cabeça vencida da sobrinha, que docemente afagava, pediu-lhe que a esclarecesse. E então, Maria do Rosario, naquele pôrto amigo, como se só pelas lagrimas e pelos soluços podesse alumia-la e condoê-la, chorou, soluçou em aflictivas ansias.

A tia sacudia-a, interrogava-a, cheia de brandura nas palavras e de angustia nos olhos. Ela não podia responder, a voz prêsa na rêde estreita dos soluços.

—Maria do Rosario...—insistia, a limpar-lhe as lagrimas, a roçar-lhe os dêdos medrosos pela face molhada.—O que foi, dize?—Não dizendo, toda a garganta estreita para deixar passar a dôr que lhe comprimia o coração, lamuriava:
—Ralharam-te? Doi-te alguma coisa?

Como lhe lembrasse que a Angelina devia vir em breve,

para preparar a mêsa, que eram horas do jantar, Maria do Rosario levantou a cabeça, limpou os olhos, amordaçou os soluços, e pôde por fim dizer que fôra apenas uma crise nervosa. Ninguem lhe ralhára. Não lhe doía nada. Acordára mal disposta, nesse dia. Almoçára sem apetite. E fôra naturalmente a scena do homem do marco... o ouvir gritar por socôrro, que lhe levára aos nêrvos aquela agitação.

D. Carlota concordou, em estádo de manifesta descrença. Maria do Rosario recolheu ao quarto no desejo de repousar uns instantes. Vendo-se só, porem, a necessidade de chorar fixou-se-lhe sobre o peito com o pêso dum cilindro de ferro. Não sabia bem o que se havia passado entre o pai e o Leandro—e sentia-se, apezar disso, mais desgraçada do que ninguem. Aproximou-se da janela donde conversára com Duarte, ainda na noite anterior, na plenitude feliz da sua enorme confiança. Em baixo, os filhos do Roque, e a mulher, a Olimpia, amparavam o pobre Noé, que cambaleava no trilho da sua casa. E nem teve tempo de evocar o vulto embuçado de Duarte, nessa madrugada, a falar-lhe do seu amor. Porque, ao fazê-lo, encolheu-se. A voz do pai vibrava no corredor, clamava por Frei José. Aplicou o ouvido. Sentiu Frei José acudindo da cosinha. E distinguiu de nôvo a voz do fidalgo, nitida, calma, normal, num diapasão de ditado:

—Escreva hoje ao primo D. José de Mascarenhas, em meu nome, para que nos faça a mercê de vir à Valeira, ou de indicar quando posso ir eu a Lobrigos...

—Sim, meu senhor. Escreverei hoje.

D. José! Ligou os factos. Leandro viera pedi-la nesse dia para o enteado. O pai negara-a com desabrimento, e chamava logo ao solar o seu noivo convencionado. Os dois factos presumidos, e logicamente combinados, deram-lhe uma certeza aflictiva—o pai, quasi estranho, até ali, ás pretenções de D. José, intervinha agora disposto a casa-los.

O quarto amplo, de tectos em maceira, com duas janelas

rasgadas à comunhão lustral da luz, uma de face para o rio, outra a mirar as corcovas do Pelão, afigurou-se-lhe acanhado e tenebroso. E apezar da sua cama D. João V, com soberba colcha de damasco sob docel de franja doirada — cama alta, para onde se subia por um estrado de três degraus; e apezar do toucador do mesmo estilo, tambem em pau santo, e da comoda de fartas curvas abdominais, com um Menino Jesus risonho no resguardo de redoma de cristal, teve a impressão do desconforto mais gelado e mais triste.

Mas, do calôr do seu sangue môço, do seu temperamento impulsivo, herança de fortes alimentada por seivas fieis, refluiu uma onda de energia. A' dôr sucedeu a revolta. A' vontade de chorar a resolução de resistir. Seria resistente e destemida. Lembrou-se de heroinas de romances e novelas conhecidas do *Panorama*. Decidiu eguala-las no amor e na firmêza. Não, estivesse o pai descançado, não casaria com D. José. Mesmo que não amasse o Duarte — amava demasiado o sol da sua mocidade, para o sacrificar à fria penumbra dum primo crepuscular, tolhido de achaques de herança, toldado de prejuizos de qualidade.

A despeito da armadura de coragem que prometeu impôr à sua natural fraqueza feminina, foi para o jantar no receio do olhar do pai. Ele, no entanto, não a fitou com a sanha receada. Não lhe notou alteração no falar. Referiu pormenores da *lóta*, atestou a magnifica qualidade do vinho. Frei José encaminhou-lhe a atenção para um artigo do Braz Tisana, e para outro do Padre Casimiro, no *Periodico dos Pobres* — e ele seguiu esse caminho sem relutancia. Até sorriu, e aprovou com a cabeça, ao ouvir da bôca de Frei José o sentido do segundo desses artigos. Padre Casimiro mostrava que os liberais e maçons dividiam entre si a propriedade geral, na improcedente alegação de que descendiam de Adão e Eva. Os progenitores haviam morrido sem testamento—alegavam. Logo, todos os descendentes pobres tinham direito à herança. E o

defensor das Cinco Chagas demostrava-lhes a falsidade da tése, provando que só os legitimistas e catolicos eram filhos de Deus, porisso os unicos descendentes dos patriarcas da geração—sendo eles, pedreiros, descendentes de animais peludos e rabudos.

—Muito bem!—acolitou D. Isabel Maria, com desvanecimento.—E è que hão-de sê-lo sempre. Nunca o prêto se fará branco, por mais agua que caia do barranco.

Maria do Rosario animava-se, a esperança começava a meter a cabeça sorridente, coroada de estrelas, por traz da cortina espessa do desanimo. D. Antonio, porem, dadas as graças a Deus, disse para as irmãs, secamente, sem explicações nem comentarios.

—A Maria do Rosario passa a dormir no quarto das manas. Por estes cinco ou seis dias teremos, se Deus Nosso Senhor quizer, a visita do primo D. José. E fica melhor no quarto dela que no dos hospedes.

—E cama?—inquiriu D. Carlota.

—Dorme comsigo. Para a mana Isabel Maria serve a cama de bilros do quarto dos hospedes.

Ninguem discutiu, ninguem hesitou. Nessa mesma tarde se procedeu à transferencia, a que Maria do Rosario assistiu num confrangimento de condenado à morte. E ao escurecer, à hora em que o pessoal da *lóta* saia do armazem, D. Antonio, a sós com o escudeiro, recomendou-lhe:

—Ouve. Se tornares a vêr por aí o enteado do Leandro, intima-lo a não mais pôr os pês na quinta...

—O snr. Duartinho?

—Esse mesmo. Ao constar-me que torna a vir aí... considera-te despedido do meu serviço. Assim como se me constar que falas nisto a alguem...

—Desta fórma... 'steja descançado, fidalgo. Cumprirei as ordens de Vosselencia..

O Roque da Silvana, que não parára em casa, e que du-

rante a hora do jantar se encafuára no armazem, sendo empurrado pelo Peludo para traz dos toneis. onde se estirou a dormir, acordou ao vozear do pessoal, ao bater no chão de balsões e canécos no despegar do trabalho. Ouviu a letra das credenciais pelo fidalgo outorgadas ao escudeiro. Não lhes perfurando o sentido, o cerebro numa nevoa baça de sonolencia, aguardou a retirada de D. Antonio para saír do leito forçado. Não se lembrava de nada—e ora se lhe afigurava que nesse dia conversara com o Leandro, ora se convencia de que fora sonho a vinda dêle à quinta. Interrogou a mulher. Ela disse-lhe que sim—e que estivera a conversar com o fidalgo no terreiro, e que lhe queria parecer que o fidalgo lhe déra «de ventas p'ra traz» porque largara caminho a riba que nem bicha de rabiar. E que houvera lá por casa coisa de monta, sabia-se por causa do fidalgo ter mudado a cama da snr.ª morgada para o quarto das tias. Alem de que... mandara chamar o D. José de Lobrigos.

As palavras de D. Antonio ao Zé da Riça emergiram nitidas da penumbra em que haviam mergulhado. Ceou mal, à pressa, ruminando no caso. Recomendou que, se o «preguntassem», tinha ido à vila por'môr duns canécos de almude ha muito apalavrados. Aconchegou o réfle sob o capóte, fez vêr á mulher a conveniencia de todo o segrêdo, «ela bem sabia p'lo quê», e arrepiou ladeira acima, de cára para a vila, na disposição de decifrar o enigma.

A snr.ª Inacinha e a filha foram recebe-los ao tôpo da escada—ficando murchas, apreensivas em face do aspecto vencido dos dois.

—Ah bô...—insinuou a mulher do Leandro:—Vindes «desorelhados» de todo. O que houve?

Leandro encafuou para o quarto, seguido pela mulher e enteados, resfolegou, turvo de rancôr:

—O pulha do fidalgo... virou-me as costas!

A snr.ª Inacinha, meio atordoada com a incontinencia inesperada, inesperada pela situação do marido e pelo dóte do filho, benzeu-se, pestanejando, murmurando:

—O quê? O que è que ele te fez?

Sentado numa arca de castanho, farta de rescendentes bragais, ele reconstituiu, pormenorisando-a, toda a scena dessa manhã na quinta da Valeira Pozera a coisa a valêr— o dote que fazia ao enteado, o quanto ele gostava da morgada e a morgada gostava dêle.

—E vai o cara de sacrista...—interrompeu a snr.ª Inacinha, de pé, a mão na anca, o sorriso esvurmando fél...

—Responde-me: o seu enteado não torna a pôr os pés na quinta. E o senhor Leandro, se quizer cá vir, ha-de esquecer... não sei quê, não sei quê... E virou-me as costas, sem mais palavra!

—E tu disseste-lhe que fazias ao Duarte a quinta de Gouvães?

—Pois è de vêr que disse.

—E que lhe fazias aquela grandeza de «limpezas», todo o bragal das duas arcas velhas?

—Se lho não dizia!

—Toma lá!—bradou ela, num arranco de colera, batendo as palmas!—Olha o «perú encachanado»! Pfu!—fez, a dar aos braços e à cabeça o boleado e a rigidez dum perú a florir em leque.—O «fedentinhoso»! Quer não... que lhe borravam as pedras das armas! Já cuida que el-rei è pouco p'ra lhe guardar os porcos!—Sentou-se ao pé do marido, dirigiu-se ao filho, que ouvira emudecido a sentença do fidalgo, continuou:—Eu bem mo dizia o coração. Adivinhava que ele não era p'ra ti, o que tu tens sido p'ra ele. Tu, e o teu pai, que 'stava sempre aqui co'as portas abertas, com'ás igrejas,

p'ra lhe valer nos apêrtos. E vai ele, como vos paga? O seu enteado... não torna a pôr os pés na quinta! — Levantou-se, repisou, crispada de indignação: — Não torna a pôr os pés na quinta! P'los modos, o sacrista, já pensa que até o caminho da Valeira è dêle! Pois amanhã mesmo — tornou a dirigir-se ao filho, agora intimativa: — has-de ir ao cais da Valeira! E sempre quero vêr as voltas que lhe dá o sacrista, mais ancho que nem o *Caúnho!*

Duarte saiu do silencio em que o deixara o desalento para declarar que não faria tal coisa. Não podia esquecer, fôsse qual fôsse a atitude do fidalgo para comsigo, os dias que durante anos passara naquela casa, e que nessa casa vivia Maria do Rosario. O que fazia, isso sim — e jurava-o, firmemente — era renunciar ao seu sonho. Porque se D. Antonio só descendo do seu orgulho de fidalgo poderia dar-lhe a mão da filha, ele faria maior sacrificio renunciando por ela à sua altivez de plebeu.

—E' assim mesmo, meu filho! — aplaudiu a mãe, o entusiasmo explodindo-lhe mais dos olhos do que das palavras: — Quem è bô' já nasce feito, e quem se quer fazer não póde. Olha como os de Provezende o botaram de lá p'ra fóra. Conheceram-no. E tu, que te falta? E's são e escorreito. A não ser na casa do Cabo... não ha nestas dez leguas em redondo quem tenha mais de seu. Mulheres... são com'a praga. O ponto è saber escolher. E até mais engraçadas do que a morgada. Que quant'a riqueza... nem nisso è bô' falar. Deixa lá, homem. O que te vinha dali? Nada. E eu sempre ouvi dizer... que a burro que não faz estrume na loja, rua cô' ele!

Duarte, embora reconhecesse a justiça do escachoar da mãe, doía-se dos seus remoques contra Maria do Rosario, doía-se mesmo das suas arremetidas contra o fidalgo — que era, afinal, o pai déla. Passou porisso ao seu quarto — estremecendo, como a um arrepio, à afirmação do padrasto, mais funda do que um rugido:

—Eu arda, se mas não pagar! Quando venteja, ergue-se a véla... E vamos lá a vêr quem as leva a melhor!

Encostou a porta do quarto. As sensações, logo seguidas de bruscas resoluções, refluiam e apagavam-se-lhe na alma à maneira das ondas avançando e desfazendo-se na praia. Tão depressa desculpava D. Antonio, como o increpava, com rangidos asperos de dentes. Tão depressa resolvia desaparecer da Pesqueira, voltar para Coimbra, esquecê-los e esquecer, como decidia escrever ao fidalgo, afirmando-lhe que sim, que era plebeu, e que se honrava mais com os pergaminhos do titulo de trabalho dos da sua casta, do que se possuisse os daqueles que nada fazendo de util, quizeram vender o seu paiz à Espanha no tempo de D. João I; brindaram com jubilos e flores os soldados do Duque de Alba, realisando tais festas em honra de Filipe III «que ele só nesse dia se sentira rei»; constituiram a côrte submissa do rei Junot e do despota Beresford—dominadores estranhos, expulsos da terra portugueza pela insubmissa rebeldia dos plebeus; e que, mezes antes, rejubilaram com a entrada de Concha no Porto—emquanto Passos Manoel, o alado interprete da alma popular, cerrava os punhos de revolta, chorava lagrimas de vergonha.

Irmã das suas demais decisões, fogos fatuos que não chegavam a iluminar-lhe o caminho a seguir, esta desfez-se como as anteriores. E de todas as suas sensações, a unica que se mantinha fixa, era a da perda de Maria do Rosario. Nunca mais a veria, nunca mais a ouviria, não teria, nunca mais, a afagar-lhe a vida, a aza de ternura do seu sorriso. E porque? Por nada — porque entre ele e ela, dois corações a quererem florir no amor e na vida, se levantava o preconceito e a morte, a muralha gelada de intransigencias ruins e de ossadas heraldicas, sombras de fantasmas, espectros de avós.

Via tudo negro em redor de si. Sentia que a desventura o expulsara do seu jardim de delicias. Deitou-se de bôrco sobre a cama, trespassado de angustias.

Tinha de saír da Pesqueira. Não se ageitava dentro da idêa de estar perto déla e de a não vêr, e de lhe não falar. Alistar-se-hia outra vez num regimento, como soldado, ou regressaria a Coimbra, para tirar o seu curso. E ela? O que faria o pai? E ao convencer-se da necessidade de se apartar para sempre do lindo sorriso de mulher, que era a luz dos seus olhos e a alma da sua mocidade, as lagrimas rebentaram-lhe das palpebras, a garganta enrodilhou-se-lhe de soluços.

Aninhas entreabriu a porta. Espreitou a mêdo. Cerrou-a, entrando em passos mais leves do que penugens.

—O pai mandou-te chamar...

Ele estremeceu, afundou a cara no travesseiro, no pudor das lagrimas, refreou os soluços, na vergonha da sua fraqueza.

Sentando-se-lhe ao lado, numa voz de piedosa comoção, a irmã continuou:

—Jà está à mêsa, p'ra jantar...—Como o irmão não respondesse, nem se mexesse, ela inquiriu:—Duarte... o que tens?

Duarte obrigou os soluços e as lagrimas à energia da sua vontade. Limpou os olhos, disfarçadamente, sentou-se na cama, afiançou-lhe que não tinha nada. Sucumbira no primeiro instante ao abalo brutal da ingratidão do fidalgo, que assim sovara aos pés uma dedicação de longos anos, à dura inclemencia da sorte, que assim o apartava de Maria do Rosario. A dôr cedia o seu logar ao orgulho. E dentro de poucos dias, afim de mostrar ao fidalgo a rija altivez do plebeu, seria no exercito um nome respeitado e louvado, não apenas o reflexo amortecido de duvidosos antepassados.

Aninhas, sentindo-o mais seu irmão agora na dôr que identificava o caso de Duarte com o seu caso e do Ernesto, observou:

—Sais da Pesqueira... castiga-la a ela, e a nós, que não demos prego nem estôpa para a maldade do fidalgo...

De dentro, a snr.ª Inacinha comandou, num tom de forçado agastamento:

—Então! 'Stá o jantar a arrefecer!

Foram jantar. Duarte exagerou a linha vertial da indiferença. Conversou com o padrasto sobre coisas estranhas ao incidente. Só apertado pela sua insistencia em se vingar—insistencia que cortou um dos temas da conversa com um rugido e um murro sobre a mêsa—se prestou a ocupar-se da violencia de D. Antonio. E no receio de que Leandro reeditasse o plano do assalto à quinta, desta vez a valer, pediu-lhe, instou-o para que deixasse a vingança a seu cargo. Vingar-se-hia e vinga-lo-hia a êle, duramente, sem tocar no fidalgo.

Mas, acordada pela recordação do assalto, a sua imagiginação de romantico agitou-se de planos ousados, de lances de audacia e de bravura no sentido da conquista de Maria do Rosario—vaso mistico de S. Graal aprestando a lança do novo cavaleiro andante.

Representava-se a acometer de facto a quinta, com o Roque e os salariados do outro assalto, não para afugentar o fidalgo—para haver o que o amôr lhe outorgára. Via-se a arranca-la ás tias e ao pai, numa noite de luar, e a leva-la para Espanha na garupa veloz dum cavalo de marca. Resolvia ir, ele proprio, pedi-la a D. Antonio, sêcamente, como quem péde a devedor esquivo um credito sagrado. D. Antonio negava-lha. E ela, superior ao zurzir das pragas e maldições paternas saía com ele, na serena consciencia de compromisso ajustado e saldado.

A' noite, à chegada do Roque, Leandro não estava em casa—e Duarte, no quarto, recordava à irmã episodios liricos de amôr e provas de estima do fidalgo, tentava convence-la e convencer-se de que o fracasso dessa manhã era obra de Frei José, era sortilégio de D. Isabel Maria.

Mandou entrar o Roque—que, de chapeu na mão, tendo,

encostado o rèfle atraz da porta, coçava a gaforina revôlta e espessa.

—Ha novidade?—preguntou, ansioso.

O feitor relanceou a vista receosa em volta.

Duarte pô-lo à vontade. Podia falar diante da irmã—ela sabia de tudo.

O Roque, explicando por eufemismos e acasos redentores a sua estada no couce dos toneis, nessa tarde, fez o relatorio aproximado da conversa de D. Antonio com o escudeiro.

E antes que Duarte a comentasse, acrescentou que a sua lhe disséra que mudaram a snr.ª morgada para o quarto das tias, e que o fidalgo mandara escrever ao primo D. José para que viesse quanto antes à Valeira.

—Ao primo D. José?!—repetiu, num tom de sobressalto.

—Nem mais. Mas o snr. Duartinho não se amofine. A snr.ª morgada não quer o primo... tanto monta que o fidalgo queira como não...

A noticia do Roque causou-lhe um alvorôço ainda não previsto. O fidalgo requeria a presença do primo na Valeira, chamava a casa o noivo de Maria do Rosario. O seu proposito, duma clareza absoluta, revelava-se insofismavel — resolvera arrancar-lhes pela raiz toda a esperança, casa-la com D. José.

E agora, mais do que nunca, a sua imaginação, sob a espora do ciume, desdobrou-se, cabriolou em audacias e arremetidas dignas de Magriço e da Edade-Media.

O Roque, sentindo-o alheio à sua pratica acerca dos resultados provaveis da sortida matrimonial do D. Antonio, espertou-o, acenou-lhe com certa «tramoia» que vinha propôr-lhe. Quem tratava da sua, sempre que caía de cama, era a snr.ª morgada—uma alma de todo o mundo. Porisso, ele entendia-se com a snr.ª morgada, a Olimpia metia-se na cama, e o snr. Duartinho, que p'la noite velha se escondia lá em casa, no quarto dos «raparigos», falava-lhe ali à vontade.

Duarte rejubilou, Aninhas rejubilou com ele. E experi-

mentou o alivio duma vitoria quando o feitôr lhe garantiu a entrega, logo no dia seguinte, duma carta a preveni-la do caso e a incutir-lhe coragem.

IX

EDIU às tias dispensa da missa dessa manhã — e que dissessem ao pai que passára a noite mal. Vendo-as saír para a capela desceu da cama, ergueu a roupa, sacou pela abertura superior do colchão, dentre as suas entranhas de palha triga, tinteiro, papel e pena. Foi escutar à porta. Frei José ronronava o latim liturgico do *confiteor*. Tinha tempo de escrevêr. Demais, representada a divina tragedia, sucediam-se os lentos dialogos das devoções de intenção particular. Cerrou a porta — não a fechando à chave com mêdo do ruido da fechadura. Aproximou-se da comoda, a sua comoda, transportada para ali, e encostada à parede, aos pés do leito. Pôz-se de frente para a janela gradeada, ao nivel do pendôr da quinta, para ver melhor — a luz, coada atravez dum nevoeiro mais denso do que o da vespera, era indecisa e triste.

Não sábia ainda se o Roque, depois do que ocorrera, e no receio de caír sob as íras do patrão, quereria levar-lhe a carta. Mas precisava escrever-lhe, fôsse como fôsse, fôsse por quem fôsse.

Desde a manhã anterior não tinha um momento de socêgo. Desde a vespera, no fundo escuro da sua alma, até a esse dia na dôce serenidade da luz a amanhecer, feriam-se as mais rudes batalhas — batalhas que a sua previsão de amorosa não suspeitára sequer.

Dum lado erguiam-se, lutavam, clamavam os seus deveres de filha obediente, para quem a obediencia derivava, in-

tangivel, do dogma da imaculada paternidade. Do outro avultavam, impunham-se, dominavam-na os seus sentimentos de namorada fiel, para quem a fidelidade provinha, imperativa, do dogma do santissimo amôr. E ela reconhecia, quasi feliz, incapaz de reagir, que a imaculada paternidade. acompanhando-a desde o berço, era nada em face do santissimo amôr — nascido hontem, mas duma força cega que a transformava em cisco miudo girando na sofreguidão dum sorvedoiro.

O pai desaparecia, sumia-se, recuava para um plano longinquo diante da nobre figura de Duarte — que sorrindo, amavel e enternecido, lhe impunha uma submissão maior do que a de todos as durezas da autoridade. Entre os choques que se produziam, surgiam-lhe, aqui, acolá, agora o vulto da tia D. Isabel Maria, a temperar-lhe a obediencia, logo a garnacha de Frei José, a lembrar-lhe a contricção, depois a obesidade do primo D. José, a exigir-lhe o sacrificio do seu côrpo—indiferente ao coração que trasbordava de amôr por outro, na bonacheira impassibilidade dum manipanso. E o pai, a tia, o frade, o primo — o primo, cuja vinda proxima a enchia de coragem para a luta — não correspondiam na sua alma à sombra daquêle que tinha um nome, que só o pensa-lo, lhe deixava a bôca a escorrêr mel.

«Duarte» — escreveu, inquiéta, os olhos turvos de veemencia, numa letra agitada, que desenhava a agitação dos seus nervos. «Sôfro muito. Já sabes o que se deu. Teu pai contou-to. Eu adivinhei-o. Sôfro muito. Mas, o meu amôr por ti è tão grande, e tão grande a coragem para lutar contra os que nos querem desgraçados, que nada receio pelo futuro. Não desanimes, Duarte. Duarte, crê em mim...»

Estacou. As lagrimas caíam-lhe sobre o papel, abriam em largas manchas, que a tinta tornava rôxas, os macerados sinêtes do sofrimento. Enguliu um soluço. Fixou os olhos na redoma de cristal, como que a pedir ao Menino Jesus um dos seus sorrisos — para dar áquele papel a claridade viva duma

esperança. E enchugando-as a um lenço pequenino de cambraia, e amarfanhando o lenço entre os dêdos crispados, agora alheia à missa, à familia, aos uivos dos marinheiros, a sirgarem um barco, ao fragôr do cachão, a praguejar contra os penedos, tornou a escrever, a pôr naquela carta, vivo nas lagrimas dos seus olhos, o amôr do seu coração.

A Tomazia ouvira dizer à snr.ª D. Carlota, antes do começo da missa, que a menina ficára adoentada. Porisso, apenas Frei José ajoelhou para o *Trium-Poerorum* pelo breve regresso do snr. D. Miguel, levantou-se sem ruido, foi escutar à porta do quarto — não precisasse a menina de qualquer coisa. Aplicou o ouvido — não distinguia rumôr. Talvez por causa do cachão, que bramava como se o incomodassem. Entreabriu a porta, brandamente. E sacudiu-se numa convulsão, o olhar parado, o ar suspenso, como na descoberta dum crime, como na presença dum sortilegio demoniaco, vendo Maria do Rosario de costas, de pé, encostada à comoda — a escrever!

—A escrever!—observou, no recato intimo do seu assombro.

Recuou, benzendo-se. Não. Aquilo era engano. Aquilo era mistificação de «coisa ruim», das bruxas ou de Belzebuth. Benzeu-se outra vez, invocando os «misterios da Sagrada Paixão», solicitando-os «em sua defensão». Espreitou de nôvo. Lá estava. Era ela, a sua menina, curvada sobre o papel. Mas bruxêdo... pois se ela tinha dois sinais no côrpo, um no braço direito, outro à beira do coração! Não podia ser. Maldade de Belzebuth...

Recuou até à porta da capela, na intenção de levar Frei José a esconjura-la logo que percorresse o caminho das obrigações. A sua menina, a filha da sua ama, a escrevêr, como a gente de má condição—e sem que a ensinassem!

Frei José, ainda de joelhos, solava os versiculos das lamentações de Daniel, acompanhado pela surdina dos assistentes. O pequenino altar, em que a Senhora da Conceição, entre

colunas retorcidas, com aves de oiro a saborearem cachos de oiro, punha o pé sobre o mundo e esmagava a serpente das tentações, resplandecia à chama das velas de cêra.

D. Carlota, á sua entrada, virou a cabeça. Notou-lhe a atitude perturbada. Ergueu-se de manso, preguntou-lhe ao ouvido:

—O que è?

Sem lhe responder, fazendo sinal de silencio, saíu da capela. D. Carlota saíu atraz déla. E as duas, nas pontas dos pés, dirigiram-se ao quarto. Tomazia apontou a menina. D. Carlota deteve-se, como a firmar-se no chão sob o choque dum vendaval. Passou as mãos pelos olhos, depois levou-as ao peito, onde o coração se não queria prisioneiro. Como no espirito da creada, no seu espirito fulgurou a imagem de Satanaz, no seu espirito recortou-se o perfil aquilino das bruxas habitantes dos recantos proximos. Entrou, hesitante. Maria do Rosario tinha os ouvidos tão cheios do rumôr surdo da sua dôr, dos brados sofrêgos lançados à mudez do papel, que lhe não deu pelos passos. E só estremeceu, num grito de susto, ao vêr em carne e assombro, junto da sua cabeça pendente, a cabeça alarmada da tia.

—Ah!—gritou, num gesto de quem esconde.

—Tu?! A escreveres!—gemeu D. Carlota, estrangulada.

Maria do Rosario debruçou-se sobre o papel, no impulso dalguem que quizesse cobrir com o seu côrpo um côrpo amado e em perigo.

—Mas... como è isso? A escrever! Quem te ensinou?

Porque, para a alvoroçada senhora, naquele transe de meio sonho e de meia realidade, o mal não estava em escrever, ignorava o quê, ignorava a quem. O mal estava nesse exercicio de escrita, que ninguem lhe ensinara.

Repetiu a pregunta, agora de mãos em garra nos braços da sobrinha. Ela readquiriu, entretanto, a posse de si mesma. Esqueceu o pai, a tia D. Isabel Maria, Frei José, que estavam

tão perto. E estranha à criada, a olha-la no pasmo de quem visse na sua presença, em carne e acção, a prova corporea da efectividade de Satanaz, afirmou, serenamente:

—Aprendi... comigo propria.

—Tu? Comtigo?

Ela disse que sim, na firmeza de ha pouco.

D. Carlota ordenou à criada que saisse—segredando-lhe que se calasse. Foi encostar a porta. Tornou para ao pé da energumena, que havia tranquilamente fechado a carta. Mas como a fitasse com magoa, como a interpelasse com doçura sobre o significado dêsse acto, tão inesperado, Maria do Rosario sucumbiu, Maria do Rosario abateu a cabeça orgulhosa sobre o hombro compassivo da tia.

—O que é isso? Porque choras? Ah...—sublinhou associando idéas e factos:—Tu, hontem, choravas tambem, como hoje, sem mais nem para quê. Teu pai mandou-te...

Fazia-se claridade no seu cerebro. O chôro déla na vespera. A atitude enigmatica do pai. A intimação para a transferirem de quarto. Sim, havia qualquer coisa de muito intimo, de muito grave na vida da sobrinha, que lhe ocultavam.

Murmurou, agastada e dolorida:

—Não posso saber o que tens. Verei se teu pai me julga digna de o sabêr...

Ela apertou-a angustiadamente pelo pescoço, numa distenção de suplica.

—Não queres que o pregunte?

—Minha tia...

A sua dôr era tão profunda, ao suplicar, ao estreita-la, que D. Carlota observou, enternecida:

—Pois se eu, assim pelo sangue, como porque te criei, te quero mais do que ninguem no mundo... é justo que saiba a causa do teu chôro.

Maria do Rosario soluçava em silencio.

—Não falas! Talvez o saiba a tia D. Izabel Maria...

— Não preguntе nada á tia D. Izabel Maria! Não. Nem ao pai...— implorou, a custo.

— Então... quero que me digas para quem é a carta...

Afrouxou a tensão nervosa dos braços, afundou mais a cabeça no hombro da tia, ciciou, num quasi rouquejo de moribunda:

— Para... o Duarte...

— Para o Duarte!

E pelo craneo de D. Carlota passou o estrugir dum carro de guerra a galope. Ela, uma Pereira, uma Vasconcelos, apaixonada pelo filho dum lavrador humilde, pelo enteado dum serviçal de seus avós — por um maçon, por um pedreiro livre!

Disse-lho, sem altivez, com estranheza. Maria do Rozario de novo emergiu do seu abatimento, como fôlha caída que se erguesse no abraço dum redemoinho. Aprumou o busto. Aqueceu o olhar. E por entre lagrimas e soluços concordou. Ele era tudo isso. Mas possuia a rara fidalguia da inteligencia, da bondade e da bravura. Duarte não tinha os pergaminhos do primo D. José — um tôlo, um lamecha, a quem odiava tanto mais, quanto mais ele lhe queria. Tinha outros, que se não herdavam, que se conquistavam — os que esquartelavam os timbres da sua nobreza no oiro puro do coração.

D. Carlota, ouvindo-a sem pestanejar, via no drama da sobrinha a reprodução do seu drama — só diferente na resistencia de Maria do Rosario e na estirpe dos pretendentes, pois que o seu era pobre mas fidalgo, embora por maldade lhe atribuissem labeu de sangue judeu. Sentiu ruido no corredor. E logo, D. Isabel Maria preguntando a alguem:

— Está no quarto?

— Cala-te! — ordenou, num claro refluxo de terror.

Ela emudeceu. A tia requereu a cumplicidade do Menino Jesus para aquele amor clandestino, e êle de boamente lha concedeu no sorriso com que deixou ocultar o tinteiro e a pena nas costas da redoma. E sentando-se bruscamente no escadorio

do leito, e deitando no regaço a cabeça de Maria do Rosario, informou, á entrada da irmã:

— A Tomazia foi-me dizer que a pequena tinha grandes dores de cabeça... Encontrei-a lavada em lagrimas, coitadinha...

D. Isabel Maria, coxeante, aproximou-se, choramingou:

— Os meus trabalhos tambem me não permitem socêgo. Ai, estes trabalhos! — Sentou-se ao lado da dorida, continuou: — Chama-se o cirurgião... manda-se ao Lodeiro...

Maria do Rosario endireitou o busto, a linda cabeça emoldurada em cachos de fios de ebano, a lembrarem negra cascata turva por forte convulsão, para afirmar, num sorriso que se crispava como o sofrimento:

— Não é preciso, minha tia. Já estou melhor...

No mesmo dia, logo a seguir ao almôço, o Roque arremeteu cosinha dentro á hora em que as senhoras e Frei José se acomodavam á lareira.

A sua caíra redonda no chão com uma dôr que lhe dera «salvo seja aqui, abaixo das cadeiras» — e localisou, e fincou os dêdos calósos no contraforte dos rins. Estava com mêdo que fôsse a dôr que da outra vez a tivera tolhida na cama desde o S. Lourenço ao S. Pedro. E p'lo sim p'lo não, queria que Frei José lhe fizesse *a aquela* de a ir vêr lá a casa.

Frei José alvitrou a conveniencia de despachar um proprio ao Lodeiro, ao cirurgião Teixeira. Mas como o Lodeiro ficava a mais duma hora da Valeira, e o caso urgia, remeteu-se ao seu quarto, sobraçou a *Luz da Medicina Pratica, Racional e Metodica* do Dr. Francisco Morato Roma, medico da Camara de S. Majestade D. João IV e do Santo Oficio da Inquisição, e assim alumiado, enfiou direito à dôr da mulher do Roque.

—Ide vós tambem, ide... —aconselhou D. Isabel Maria à irmã e à sobrinha, lamentosa, sem se mexer do escano.—Eu não posso. Não me deixam andar os trabalhos da minha perna esquerda. Mas fico a responsa-la a S. Rafael, advogado dos enfermos e caminhantes.—E para D. Carlota, no áro da porta:—Olhe, mana Carlota... e diga-lhe que tenha paciencia grande, humildade profunda e conformação com a divina vontade. Vá, vá... a caridade è a rainha das virtudes...

Maria do Rosario levantou-se na impressão dum socorro providencial. A Olimpia sofria—mas vinha em seu auxilio, gemendo e chorando, para a libertar da angustia que a requeimava.

Treparam a rampa que da cosinha comunicava com a casa do Roque mergulhados no nevoeiro. A casa do Roque era terrea, tinha a cosinha à entrada, e dividia-a um tapume de madeira, fronteira convencional do dominio das galinhas e do chiqueiro dum pôrco de céva. Os dois quartos sobradados da familia, com camas de bancos de pinho, abriam, um quasi para a lareira, o outro quasi para o chiqueiro.

A primeira a entrar foi Maria do Rosario—que logo viu, na luz duvidosa, a Olimpia a contorcer-se no quarto do lado do chiqueiro, e os filhos rôtos, assustados e alapardados no chão, junto da lareira apagada.

—O que è isso, Olimpia?—inquiriu, compadecida.

Ela retezou-se e abafou o resfolego dum gemido.

Quando chegou D. Carlota e Frei José, à testa do Roque, a doente preludiou explicações. Sentia-se muito mal. Era uma dôr que a não largava. Mascou uma pauza, continuou:

—Fui «acomodar o vivo»—relanceou os olhos amargurados para as galinhas e o pôrco, este a grunhir descontente. —Ao botar a «vianda ao réco», vem de lá «uma pita» e salta dentro do cortêlho. Com mêdo de que o «réco» a comesse, deito-lhe a unha. E... tau, sem mais nem p'ra quê, caí p'ro lado cô'a dôr «nas cadeiras». O meu acudiu, prantou-me em riba

da cama. A «canalha» entrou a barregar, que nem que fôsse o grito das almas. Depois, o meu 'inda me fez «um remedio casendo», com casca de pepino e herva cidreira. Eu 'inda resei uma resa à Senhora dos Remedios. Mas qual o quê? A dôr não abranda.

Rematou, conformada e suspirosa:

—Quando Deus quer, santos não vogam...

—E' a dôr de ha tempos, p'lo visto—insinuou D. Carlota, num penalisado acento de compaixão.

O Roque, a explorar as profundezas da grenha com os dedos tacteantes, comentou:

—Bem diz a snr.ª D. Isabel Maria: as doenças entram às arrobas e saem às onças... quando saem...

Frei José, que recolhêra à *Luz da Medicina* e à lei fulminada contra a sciatica, verificou a região dorida, «que ia da parte grossa do tecido adipôso infra lombar até à coxa da perna», e concluiu, sem vaidade, composto de gesto e de parecer:

—E' a mesma... è a sciatica. Ouve, Roque, Manda p'lo cirurgião ao Lodeiro... Aqui, a sangria vinha ao calhar...

O Roque cortou-lhe a ejaculação do diagnostico com um murmurio ao ouvido e um olhar de advertencia projectado sobre as alturas do ventre da doente.

—Ah!—concordou o frade, de pupila fixa no ponto indiciado:—Não sabia. Mas, porisso mesmo, mais fundada razão p'ra vinda do Teixeira...

O feitor marralhou contra o alvitre. Alem de que, queria-lhe parecer que o sr. cirurgião não estava no Lodeiro. Tinha ido p'r' os Casais, ao que lhe constara na vespera á noite, e não vinha senão p'r' alem do Natal. O que podia, era rogar o mestre *Bumba*, «mais entendido qu' os doutores».

—O barbeiro, neste caso...—resmoneou a incredulidade de Frei José. Rebuscou na *Luz da Medicina* alivio para a ocasião, leu alto:—«A cura começar-se-ha evacuando o humor que

pecar: se houver enchimento de sangue e fôrças, sangrarão na veia darca, no braço da parte da dôr, principalmente no principio, e se a dôr fôr antiga sangrarão no pé, da parte da dôr, na curva ou no artelho da parte de dentro».—Estacou, objectando: — Forças... talvez. A dôr é antiga... Mas nem o Teixeira, que anda com a cabeça de teorias cheia e falta de razão, quereria sangra-la, nem sei se nesta conjuntura...

A Olimpia bramia as suas queixas numa expressão de crescente amargura. Pelo que D. Carlota lembrou a Frei José a conveniencia de se recorrer a um remediosinho que a aliviasse.

— Diz V. Ex.ª muito bem. Remedio... só p'ra aliviar... —Desceu os olhos ao tesouro da saude, tornou a lêr:—«...na sciatica é mais proveitoso purgar por vomito que por camara». — Parou outra vez, outra vez considerou: — Sim, mas tambem não póde purgar-se... Tem de ser remedio que traga efeito, aplicado nas partes externas...

Fitou o vago, fazendo incidir a vista nos recessos intimos, no mostruario copioso da memoria. E recordando-se, folheou a sciencia no alvoroço de quem descobre salvação, retomou a leitura:

— «Entre os electuarios, o mais usado, e mais acomodado para purgar todos os humôres, e principalmente a colera e melancolia adusta e juntamente a fleuma, sem molestia nem alteração, é o Diacatolicão; do qual podem usar seguramente em todo o tempo, em toda a doença aguda, ou seja terçã ou quartã, achaque do fidago, ou baço, os gotosos e nas dores de cabeça; é remedio particular e como tal é remedio universal, para grandes e pequenos, donde tomou o nome de catolico». — Fez pausa, reflectiu, decidiu: — Serve. E eu tenho no meu quarto um pouco deste xarope...

Maria do Rosario, no receio de que o frade ou a tia interceptassem os sinais que o Roque já por duas vezes esboçara, ofereceu-se para o ir buscar.

Se a snr.ª morgada quer... —interveiu o Roque, intencional: — eu vou tambem. A snr.ª morgada «prégunta» o remedio, e eu trago-o, que venho mais ligeiro.

—Visto a snr.ª morgada dispensar-me a mercê... — aceitou, genuflectindo, Frei José — está no meu quarto, na estante, por cima do Ripanso e dos Breviarios.

O Roque saiu no rasto de Maria do Rosario. E em voz baixa, na descida do solar, bichanou-lhe que tinha ali carta do snr. Duartinho.

Ela olhou em redôr, no mêdo de que alguem tivesse ouvido. Não vendo ninguem, mal descobrindo o rio a afogar-se no nevoeiro, alvitrou:

—No quarto de Frei José...

D. Isabel Maria, e com ela a Tomazia, a fiar ao pé da senhora, sentada no chão em frente do lume esperto da lareira, sindicaram acerca do estado da doentinha.

Um corredor de feição monacal cortava o solar ao meio, de extremo a extremo — e para o corredor davam as portas dos quartos e salas como célas de convento. A de Frei José era ao fundo, à direita, a penultima, pois a ultima era a do quarto de D. Antonio. Maria do Rosario ganhou-a em menos dum crédo. Não cabia em si de alvoroçada. Uma carta do Duarte! E o Roque vinha em seu auxilio!

O quarto do frade, um quadrilongo desguarnecido, com cama monastica de madeira, e uma estante de livros em que se notavam espaços vasios, como bôca meio esburgada de dentes, recebia uma luz bocejante por uma janela de grade — ao rez dos socalcos da quinta. Tresandava a bafio, trescalava a rapé. E no entanto Maria do Rosario pisou-lhe o sobrado encardido num respeito de devoção. Afigurava-se-lhe a melhor das estancias. E ao aninhar a carta na quentura do seio, ao tentear os dêdos na busca do xarope, parecia-lhe não perceber os dizeres do Roque, a segredar-lhe o trama do plano, a significação da doença da Olimpia.

—Xarope catolico... —gaguejou, opressa, atordoada. Tomou o frasco nas mãos tremulas, interpelou confundida:—De noite... e ele vem de noite?

—De noite, sr.ª morgada.

—E se o veem?

—Ah bô! Descance, sr.ª morgada... não ha-de haver de quê...

O feitôr, a um gesto déla, largou a correr com o remedio.

Em baixo, na adega, percebia-se a faina dos toneis e de espaço a espaço o vibrar da voz compassada de D. Antonio. Do quarto do frade passou ao quarto das tías, do mesmo lado, entre aquele e a capela. Encostou a porta. Tirou do seio, como ave do ninho, a carta do Duarte. Hesitou. E se vinha alguem de repente? Julgou sentir passos no corredôr. Escondeu-a de nôvo no aconchego tepido donde a tirara. Era melhor. Ficava a tratar a Olimpia, e lia-a lá em casa, sem sobressaltos.

A' sua chegada Frei José declarava a necessidade de se reclamar, ao menos, quanto antes, a intervenção do mestre *Bumba*—porque nem o xarope Catolico dava á doente sob sua responsabilidade.

O Roque partiu a entender-se com Zé Nevoeiro para ir à vila rogar o *Bumba*.

—E' dia aziago. Sexta-feira...—observou D. Carlota.—Porisso se não alivia a infeliz...

—As sextas-feiras, perdoe-me V. Ex.ª, são dias do Senhor como os mais... —sentenciou Frei José, sorvendo o mazalipatão. E como se recitasse de memoria e de leitura fresca o seu amado Lunario:—Em sexta feira, Deus Todo Poderoso, creou todos os animaes da terra, distinctos em especię para serviço do homem. Neste dia creou a Majestade de Deus Nosso Senhor a nossos primeiros pais á sua imagem e semelhança, fazendonos capazes do céo e senhores absolutos de toda a terra. Em sexta-feira, vinte e cinco de março, três mil e novecentos...

— duvidou, reflectiu: — Novecentos? — Confirmou: — Mil novecentos e cincoenta e nove anos depois da creação do mundo, encarnou o filho de Deus nas entranhas da humilde Maria Virgem, no qual dia estava a lua em conjunção com o sol... e não sem grande misterio, pois o verdadeiro sol da justiça se ajuntava com a formosa lua Maria... *per carnis assumptione...*

Frei José dispunha-se a arrastar interminavelmente, sobre os gemidos da Olimpia, as gloriosas efemerides da sexta-feira, trazidas para casa do Roque da estante do seu quarto. A' sexta-feira, vinte e quatro de julho, nascera o precursor Baptista; á sexta-feira, um da lua, vinte de março, e primeiro dia do mez dos hebreus, Cristo ressuscitara «a Lazaro de quatro dias môrto».

Mas D. Carlota poz-lhe reprêsa á corrente da erudição panegirica, lembrou o recurso dos sedativos, emquanto não vinham os socorros do barbeiro, as compressas de agua quente aplicadas «nas cadeiras» da padecente.

O frade assentiu. O Roque, que tornava de peitar o Nevoeiro, e de o mandar á vila, prontificou-se a convocar a Angelica para a aplicação emoliente e a requerer a agua da cosinha dos fidalgos. Maria do Rosario encolhia-se, procurava os recantos sombrios na preocupação de que lhe adivinhavam a carta no seio. E só à hora do jantar, quando a tia, o frade e a criada sairam, tendo ficado mais uns instantes no pretexto de compôr a cama da doente — encerrada no quarto dos filhos da Olimpia, num palpitar de aza ferida — pode lêr as duas linhas convulsas em que Duarte lhe pedia para lhe falar, em que Duarte lhe suplicava atenção ás instruções do Roque.

Nêsse mesmo dia, a meio da ceia, e precisamente ao imaginar, pela centessima vez, o seu abalo no encontro com Duarte em casa do Roque, ao encolher-se, mais uma vez, no pavor de ser descoberta, D. Isabel Maria observou, em voz e gestos admirados:

— E o sr. Duarte? Não apareceu hontem... nem hoje...

D. Antonio encarou-a sinistramente. E num timbre sêco e fulminante ordenou:

— Esse nome... esqueceu-se nesta casa!

D. Isabel Maria emudeceu, atarantada. D. Carlota estremeceu, aturdida. Frei José considerou o fidalgo de soslaio — compreendendo que havia acordado. E Maria do Rosario, redemoinhando na voragem de impressões e de terrores instantaneamente aberta a seus pés, nem ouviu João Caitano, que penetrou na sala pouco depois, que noticiou um grande naufragio, nessa tarde, «no ponto» da Cachucha, quasi tão grande como o de vinte dias antes, abaixo de Arêgos, em que «pereceram quarenta pessoas».

X

«canalha» lá p'ra fóra... qu'é preciso fazer o curativo à mãe... — intimou o Roque, de braço estendido para os filhos, ao aparecimento de Maria do Rosario na cosinha, afogueada, meio sufocada pela comoção e pela subida atravez da chuva e do vento.

—Coitadinhas das crianças... — observou, encostando-se a uma mêsa, como a amparar-se para não caír. — Lá fóra com esta chuva! — Vendo que os pequenos obedeciam, o mais velho, sete anos enfezados, à frente dos dois irmãos, todos descalços, todos andrajosos, e que só o mais novo, dum ano, ficava na cama com a mãe, concluiu:—Olhai... ide para a lareira. A Angelina que vos dê uma tijéla de caldo.

—«Obrigada» snr.ª morgada... — agradeceu o Roque.

Fechou a porta à chave. E abriu a do quarto da esquerda, emquanto Maria do Rosario, em gestos e palavras de estontecida, correspondia aos cumprimentos da Olimpia, agora sentada na cama a comer um «cibo de trigo borneiro».

—Pronto, snr.ª morgada... Podem conversar... Aqui não vem ninguem. E se vier... fecha-se esta porta... — e o Roque citou a porta do quarto dos filhos, em que surgira o vulto grave de Duarte — abre-se a da rua, e faz-se de contas que Vossa Senhoria está de voltas co'a Olimpia...

Ela nem respondeu. O coração saltava-lhe no peito como ave assustada na gaiola. Tinha a sensação do solo a palpitar debaixo dos pés. Ficaram sós, à entrada do quarto, porque o

feitor se escoou para junto da mulher. E sós, os dois, no mesmo aturdimento, no mesmo embaraço, não trocaram senão palavras de banal cortezia.

O vento zumbia enfurecido. A chuva rufava na telha vã, pranteava-se na quéda das goteiras. Os gritos da marinhagem no rio, os proprios chocalhos dos almocreves no caminho tomavam a expressão de dramas lancinantes.

— Maria do Rosario... — disse por fim Duarte, num vivo acento de energia: — Queria falar-te... para te dizer... que não posso continuar na Pesqueira...

Ela olhou-o, surpreza, murmurou:

— Na Pesqueira? Porque?

Porque! Não tinha coragem de continuar a viver onde ela vivia, sem a vêr, sem lhe falar. O que estavam fazendo naquele momento, não podia repetir-se. Seria um perigo por eles, era um perigo para o Roque. De mais, a Olimpia, não havia de ficar perpetuamente de cama. E vinha aí o D. José, já o sabia. A sua vinda à Valeira, chamado pelo sr. D. Antonio, a seguir ao pedido do padrasto, não significava senão o proposito de a casar com o primo. E êle tinha medo de si mesmo, receava defrontar-se com o D. José...

Tristemente, a cabeça inclinada no abandono e na tristeza dum ramo pendente, Maria do Rosario afirmou, em tom convicto:

— Se queres saír da Pesqueira... não posso, não devo impedi-lo. Mas... juro-to, não casarei!

— Não casarás?

— Não... — confirmou, dignamente.

Ele fitou-a, enlevado, as pupilas nadando à flôr das lagrimas. E ela, no mesmo vinco de tristeza, no mesmo recorte de convicção, observou que não descobria a vantagem da sua saída da Pesqueira. Não se viam. Não se falavam. Mas davam coragem, um ao outro, sabendo-se perto e ligados por um destino comum. Depois, sempre se encontrariam uma ou outra

vez. Encontraram-se dias antes no baile dos Castros Pereiras. Daí a dias, em seguida ao natal, era o baile do primo do Cabo, onde por certo se encontrariam tambem. E desalojando do seio, com dificuldade, para lha entregar, a carta começada na vespera, e que a tia D. Carlota nessa manhã lhe deixára concluir, acentuou que seria melhor ficar. Ficando junto dos seus, talvez a sorte imprevistamente mudasse em alegria o que tanto sofrimento lhes déra...

— O' sr. Roque! — bradaram de fóra, batendo á porta.

O Roque surdiu do quarto contiguo. Eles apertaram-se as mãos com veemencia. E o feitor, fechada a porta sobre Duarte, disse a Maria do Rosario, já ao pé da Olimpia que mergulhara sob a roupa:

— E' o Zé Nevoeiro...

— O' da casa! — repetiu, a bater com mais força. — Olhe que vem aí o *Bumba*...

Abriu pachorrentamente. O Zé Nevoeiro, indiferente á chuva que lhe ensopava a «véstia» e as calças de estamenha, anunciou de nôvo a chegada do mestre *Bumba*, de burrico, de «sombreiro» por'môr da chuva.

— Olha... — recomendou o Roque... — Então chega ali á cosinha, ao sr. Frei José, e diz-lhe que já veiu...

Mestre Francisco Monteiro, daí a nada, a garantir ao *Tua* que era gente de paz, apeava-se à porta do feitor. Este tomava o «rabeiro» do jumento, entregava-o ao Zé Nevoeiro, instruindo-o:

— Levas o burrico... e pedes ao fidalgo p'r'o deixar meter na loja, cô'os nossos. — Dirigiu-se ao barbeiro, de capa à espanhola, ainda de guarda-chuva aberto: — Entre, mestre. Chove agua que parece caír aí o poder do mundo. Até hontem um nevoeiro «encerroado» que não havia enxergar dois palmos adiante do nariz. Hoje, esta chuva!

O mestre entrou, colocando o «sombreiro» junto da porta, a escorrer de cabo para o chão. E na descoberta do vulto de-

licado de Maria do Rosario, à ilharga da doente, perfilou-se, deu-lhe venia, saudou:

—Seja louvado Nosso Senhor Jesu-Cristo.

—P'ra sempre seja louvado — acolitou o Roque.

—Senhora morgada... creado de Vossa-Senhoria...

—Bons dias, mestre.

—O snr. Roque — continuou, agora de cara para o feitor — desculpe não vir hontem. Fui p'r'o Vale-da-Vila.

—O Zé Nevoeiro disse-mo.

—Demorei-me mais do que contava. Rogaram-me p'r'a Engracia do regedor, e vai-se a vêr tambem a Gracinda Peneiras 'stá cô'as maleitas. E quer não, que 'stá bôa! Era «forçósa» que nem um homem. Comia-lhe de rijo. Nem um cavador levantava um jantar como ela. Pois è vê-la agora, «'scanifrada» de todo. Botei as bichas a uma e dei a tizana á outra. De modos que, quando cheguei à Pesqueira, já havia estrêlas. 'Ind'assim, se fôsse preciso...

—Não era. E isto, quant'a mim, è do inverno — atalhou o Roque, na quasi segurança do diagnostico. — E' deste frio, è desta humidade... que só aos «récos» do patrão, e cá ao meu aproveita. Andamos à espera dum dia sêco, como quem espera a vinda de Cristo.— E para o Nevoeiro, que vinha de levar o jumento à loja e de prevenir Frei José — O' Zé... põe um capão de vides à lareira, petisca um lume pronto e bota-lhe fôgo...

Mestre Francisco, agora já a observar a doente, declarou o inverno estranho á doença.

— A qualidade desta parte do ano... — reforçou, com autoridade — è fria e humida. A fleuma vem muito cô' ela. Mas... 'inda assim, o inverno humido e quente è o mais danôso às plantas e saude... Quant' à chuva, ela vai-se na «desfeita da lua».

Frei José não demorou. Trazia a garnacha rigorosamente abotoada, os pés enfiados em sócos, e no sovaco a *Luz da Me-*

dicina. Cumprimentou com urbanidade. Abençoou o fôgo da lareira com as mãos regeladas, com os dêdos crispados, semelhantes a carcassas de aranha.

O mestre, pequenino, grave, alçara do bôlso da «vestia», num alarde intencional de sciencia, um exemplar encardido do *Lunario Perpétuo.*

Rebuscou o prognostico do planeta Marte, de influencia naquele ano pois entrára a uma terça-feira, como quem busca oração a santo de milagre. Pôz o olhar agudo na pagina de Marte, ao longo da qual passava a deusa da guerra, num carro egipcio de rodas timbradas pelos signos de Scorpião e de Capricornio, á trela dum jumento vestido de escamas, portador de duas cabeças — uma a zurrar inclemencias ao céo, outra inclinada ás temporalidades da terra. E na sua voz intermitente, como se rezasse, como se operasse na graça do Senhor, declamou, inteiriço:

— Este planeta está no quinto céo, é quente e sêco, colerico, igneo, masculino e nocturno, inimigo da creatura humana por sua pessima naturêza... — Saltou linhas, num zumzum de abelha a cuidar do seu oficio. Tornou a lêr: — Denota este planeta enfermidades e mortes no sexo feminino, e denota algumas mortes repentinas e que algumas pessoas ilustres e grandes... *vitam cum morte commutabund.* E finalmente haverá questões e mortes entre tiranos...

O frade, a contorcer-se num nervosismo de cocegas, acabou por se sacudir na epilepsia duma gargalhada. Todos o fitaram — mestre Francisco suando colera, Maria do Rosario mordendo o riso, a doente reprimindo os gemidos, o Roque entre risonho e severo.

Na mudez que caíu do espaço sobre a gargalhada de Frei José — e em que avultou o silvar do vento, o rumor do cachão, o bisbilhotar do lume tagaréla — a voz do frade solou, em inflexão pausada:

— Perdão... eu explico-me, mestre. Não me ri de vocce-

mecê, nem dos tratos a que votou esse latim. Ri-me do *Lunario*... que dá questões e mortes entre tiranos, para este ano, quando elas são de todos os anos assim para tiranos como não tiranos...

O mestre tomou o aprumo belico do galo em guarda. Inquiriu se duvidava dos equinocios, da região eterea ou celeste, da roda perpetua e do aureo numero.

— Não duvido de nada disso, mestre. Tambem tenho o *Lunario* na minha estante e com aprazimento o consulto e sigo... Agora o que me parece... é que a medicina do astrolabio coxêa bastantemente...

— Pois não duvidou dela um Paladio, um João Libaut — o mestre, integro portuguez, prosodiava á portugueza, Libaúte — medicos na cidade de Pariz...

Frei José revelou-lhe a *Luz da Medicina*. Aquilo era a saude codificada em biblia. Mas o tempo urgia, que não podia a doente conservar-se á mercê de disputas e reparos. Afigurava-se-lhe que tinha a repetição duma antiga dôr sciatica. Ora, se não fosse — e o frade, num ar conciliatorio de bôa camaradagem despachou ao ouvido do mestre Francisco a nota do «embaraço» da Olimpia, — sim, se não lhe fôsse seu estado contrario, recorreriam á sangria que a *Luz da Medicina* dava como excelente para a dôr sciatica.

— Sangria, sim senhor... — confirmou o mestre, todo o azedume dissolvido no alvoroço do exercicio de grata especialidade.

D. Carlota, cançada, arquejando, tirando da cabeça o chale com que se resguardara da chuva, ouviu falar em sangria. Abeirou-se do quarto — e a assistencia afastou-se a dar-lhe transito, e o mestre curvou-se e sibilou respeitosa murmuração.

— Vão sangra-la? — preguntou.

— E' a necessidade a manda-lo. Sangra-la na veia darca, no braço da parte da dôr...

O Roque dispunha-se a protestar, e com ele a doente. E teriam protestado em continente se D. Carlota, sem explicações preambulares, não mete ao quarto da esquerda, onde Duarte aguardava a sua hora. Maria do Rosario recuou para a cama da Olimpia, espavorida. O feitôr adiantou-se para ela, inquiriu:

— Vosselencia... o que é que quer daí?

— A bacia. E é onde vós tendes a arca da roupa...

— Saiba vosselencia que a roupa, agora, 'stá ali, naquele quarto... — disse, gaguejante. — Alem de quê... lá essa coisa da sangria....

— Não, não pode ser sangrada—advertiu, firme, Frei José.

— A mim, tambem me parece... — tartamudeou Maria do Rosario, as fontes a latejarem, alheia ao sorriso agradecido da doente.

Mestre Francisco empertigou-se na catedra do seu saber e nas pernas habeis na resistencia. Espevitou a barba caprina, pouco antes emurchecida pela chuva, agora viçosa ao bafo amigo da fogueira. E acentuou, com toda a convicção da experiencia:

— Não ha perigo, antes ha beneficio em sangrar a doente. A dôr é sciatica e antiga. Sangra-se na veia troféna, que está debaixo das côxas das pernas...

D. Carlota estremeceu, como a um abalo de terra.

Frei José insistiu, gravemente:

— Neste estado... é um perigo, mestre!

Ele não o ouvia. Bastava observar — obtemperou — as quatro coisas que Avicena recomendava na sangria p'ra se vêr que não havia perigo: — o tempo, a idade ou costume, a fortaleza e sujeito do paciente. E notar as duas horas: a da eleição e a da necessidade. A da eleição era aquela. A da necessidade tambem não era outra. Bondava vêr-se o que a padecente sofria...

A Olimpia, a arfar no terrôr de que a teimosia do barbeiro

arvorasse a bandeira da vitoria e o bisturi da execução, cortou-lhe o argumento, declarou a dôr a abrandár. Já mal a sentia...

— E abrandasse ou não, mestre. Temos de concluir tudo pelos avisos da prudencia. E lá diz a *Luz da Medicina* que lavra grande controversia entre os autores quanto á sangria da mulher pejada. Embora acrescente com Hypocrates: *Hoc tamen no est perpetuum*...

E no intuito são de reforçar a prudencia com o conselho seguro, leu-lhe o pensar do dr. Morato Roma sobre a sangria na mulher pejada, lardeando-o de discretas apostilas, em que a imagem e o eufemismo, para não ferir a castidade do ouvido de D. Carlota, para não tocar a inocencia da alma de Maria do Rosario, envolviam a realidade em setins impenetraveis a vistas desarmadas.

Deante da sua resistencia, das suas razões e das razões do douto fisico do snr. D. João IV, mestre Francisco contemporisou. Por alvitre de D. Carlota receitou uma pomada de aplicação exterior: — o emplasto de raizes de pepinos de S. Gregorio, cosidas em vinagre, pisadas e encorporadas em banha de pôrco, para esfregar as partes doridas.

— Assim mesmo — assinou Frei José. — Sejamos temperados no resolver e no tratar...

O mestre, para que o emplasto conjugasse a soma de todas as virtudes, decidiu ainda adicionar-lhe flôres de macéla e de mebiolato, cosidas em agua de tripas, com um pouco de estêrco de vaca.

Frei José levou ao nariz a trompa da sua caixa de rapé, sorveu consoladamente o seu meio grôsso. Pediu venia por um instante. Poisou os olhos em Morato Roma. Verificou que, de facto, «convem aplicar emplastos de nevada para trazer a materia para fóra e adelgaçar e aquentar a pele; e que o esterco das ovelhas e das cabras, misturado com farinha de tremóços e cosido com mel e vinagre, posto sobre a parte, tira a

dôr da sciatica». De maneira que, emplasto por emplasto, e estêrco por estêrco — conveiu no do mestre e no de vaca.

O Roque disse á mulher que se calasse — disse-lho ao ouvido, no temor de que o snr. Duartinho, ali ao lado pela segunda vez, o percebesse. Ela, sentada na cama, sorvia a tijela de caldo de frango mandada pela snr.ª morgada. Alem de que... já lho tinha notado, quantas vezes! — continuava o *Pinguinhas*. Aquilo era feito de combinação com o snr. Leandro. E se o fidalgo o despedisse, o snr. Leandro punha-o administrador da quinta de Gouvães. Até haviam combinado, p'r'o fidalgo não desconfiar de nada, queixar-se-lhe do snr. Leandro. Já se queixára nessa manhã — de que ao passar na quinta cimeira, sem mais nem p'ra quê, ele lhe atirara umas piadas.

— Deixa lá. Não o ouças... — dissera o fidalgo.

— O' homem! — intercétou a Olimpia, o mais baixo que pôde: — Mas eu hei-de ficar p'r'aqui sempre «emprégada» na cama?

— Ah bô! Pois se o snr. Duartinho se vai da Pesqueira!

Sentiu passos no caminho, enviezou olhos de espectativa para a porta entreaberta.

— E' a snr.ª morgada.

Foi recebe-la. Os filhos já os havia transferido para a cosinha do solar. E auxiliando-a a fechar o guarda-chuva, ensopado pela molinha peneirada das nuvens baixas, agradeceu, comovido:

— «Obrigada» snr.ª morgada... p'lo caldo p'r'á minha. Não queriamos que 'stivesse a enfadar-se comnôsco...

— Não diga isso, Roque!

— Bem haja, snr.ª morgada... — reforçou a Olimpia, ainda de tijela na mão. — Bô frango. Um caldo com mais «ci-

lébre» nunca vi. Até se péga ás bordas do «covilhête» — a fim de que a sua morgada verificasse, balouçou a tijela de barro vidrado, de rebôrdo manchado de gordura.—Faz «ôlhas» como se fôsse de galinha...

— Não me agradeçam... Isso não tem importancia...

O Roque fechou a porta, abriu a do quarto dos filhos, sentou-se ao pé da mulher.

Duarte, nesse dia, tinha um ar funebre de condenado á morte. Apertou a mão de Maria do Rosario, inquiriu:

— Veiu hontem á tarde?

— Hontem á tarde.

— E' então... inevitavel?

Maria do Rosario fixou nos dêle, que pareciam brazas ao vento, os seus olhos leais. E firmemente, nobremente afirmou:

— Inevitavel... não! Nunca serei mulher do primo D. José! Preferia morrer!

Duarte rangeu os dentes, rosnou o seu odio a D. José. Nunca odiára ninguem. A esse grotêsco exemplar de fauna viva e de virtudes mortas odiava-o a ponto de se julgar embriagado, num delirio de orgia, sempre que a sua grossa e alambicada figura lhe atravessava a memoria. E tinha mêdo, um grande mêdo de si mesmo, nesses momentos de febre e de maldição.

Emudeceram — ela enlevada naquêle odio, que era a fisionomia exaltada do amôr, êle absorvido no seu desespêro, que lhe segredava ao ouvido todos os requintes da violencia.

Lá fóra sentia-se a eterna ladainha do trabalho ao cantochão profundo das aguas revôltas. Um carro de bois chiava ao longe, semelhava o zumbir dum mosquito ávido de sangue. E dos socalcos desfolhados, interrompendo cantigas de pouco antes, voava o falsête arreliante das mulheres da azeitona, disparado contra os «marinheiros»:

— Eh, pata-rachada! Eh, boi da areia! Pucha! Deixas-te o pai prêso no lameiro!

Maria do Rosario teve a visão instantanea de scena semelhante, havia um ano, ao lado de D. José que lhe pedia uma resposta definitiva. E de nôvo surgia esse mesmo D. José a perturbar-lhe a vida, a sombrear-lha talvez para sempre, a tornar-lha negra como mortalha, quando poucos dias atraz a cria clara como véo de noivado.

— Maria do Rosario...

— Han? — disse éla, num geito de despertar.

— Onde ficou êle?

— Ele?

— D. José.

— Ah... sim. Ficou na livraria, com meu pai.

— E... não disse ainda nada... por onde podesses surpreender-lhe as intenções?

Não dissera, mas ela sentia-as, decifrava-as, advinhava-as atravez dos seus sorrisos e dos seus olhares, dos conciliabulos e do misterio do dia anterior e desse dia no solar.

Duarte tomou-lhe as mãos entre as suas, cingiu-lhas com ardor, fixou-a com veemencia, acentuou, num tom sumido e vibrante:

— Disseste, Maria do Rosario, que nunca serás mulher de teu primo!

— Disse.

— Estás disposta a confiar em mim, a fazer o que te pedir para nossa felicidade?

Ela, que escutára as suas primeiras palavras num arfar de peito comovido, excitou-se, entusiasmou-se, afirmou que estava pronta a fazer tudo quanto lhe propozesse pela felicidade comum.

Ele traçou-lhe, rapidas, as linhas dum plano de libertação. Iam à vila na noite do Natal. Isso mesmo. Já o sabia.

Foram convidados pelo primo Salvador para conçoarem na casa do Cabo, para assistirem ao auto do nascimento.

Tudo isso facilitava a execução do plano. E Duarte ficou de voltar dentro de seis dias, de combinar e completar a sua traça definitiva.

O Roque, sobre brasas por ter abandonado o seu pôsto junto do pessoal da azeitona, tossiu fundo, surgiu do quarto da mulher, pediu-lhes desculpa, lembrou-lhes que podiam conversar outra vez ao escurecer — êle proprio iria chamar a sr.ª morgada para o curativo da Olimpia. Compreendiam — podia ser notada a sua falta á frente do pessoal. Concordaram. Despediram-se até à tarde. E tendo-se cumprimentado com a alma e a voz afogadas em negrumes de temporal, despedíram-se com o olhar e o sorriso frementes de matinais claridades — Maria do Rosario prometeu mesmo mandar-lhe, com o juntar da Olimpia, o bastante para que êle jantasse.

Abriu o guarda-chuva, desceu ao solar.

Nas visinhanças do pombal, uma voz de requinta guinchava:

A rua Direita é minha,
A Praça é o meu caminho...

O côro, a que os homens davam as notas graves, a que o bater das varas nos ramos das oliveiras desenhava acompanhamentos dissonantes, repisava os dois versos da quadra, que a requinta epilogava, cantando:

Meu amor vem-me falar,
A's 'scadas do Pelourinho.

— O' menina... — disse a Tomazia, da lareira, à sua passagem pela cosinha... — Olhe que a tia sr.ª D. Isabel Maria

já tinha mandado «pregunta-la» a casa do feitor. 'Stão todos lá em baixo, no armazem, não sei a quê...

— Ah... — resmuneou, abstracta.

Ao acaso, dirigiu-se à sala de visitas. Abriu o *cravo*—que dormia solitario ha muitos dias. Sentou-se no tamborête. E ainda ao acaso acordou-o docemente, tacteou com leveza, como a mêdo, as teclas que preludiaram, baixinho, num tom de harpa distante, um minuete de David Peres. Enganava-se, trocava as notas, não emendava os enganos, como se não ouvisse o que tocava.

Daí a pouco, à porta da sala espreitou o rosto risonho de D. Carlota, depois o de D. Isabel Maria, — e as duas senhoras entraram, pé ante pé, baixando a cabeça, sorrindo ás figuras biblicas do pano mural de Arraz suspenso sobre o *cravo*. Em seguida foi a calva de D. José que surgiu, foi D: José que pisou o Gobelin do salão, na cadencia das fidalgas, a sorrir como elas, a aproximar-se de Maria do Rosario.

Sentindo-os, ela ergueu-se, num gritinho de susto.

Instaram para que se sentasse, suplicaram que continuasse.

Sentou-se de nôvo. Tentou outro minuete.

— Esse! Esse! — gemeu D. Isabel Maria, enternecida.

— E' lindo! — glosou D. José, batendo a caixa do simonte.

Maria do Rosario, contrariada, levou-o até final. E ao finalisar, D. Isabel Maria, refastelada no sofá de damasco vermelho, suspirou:

— Exatamente. Quando fui a Braga... tambem tocaram esse minuete, em honra de S. Magestade Imperial. E as secias e peralvilhos! Como eles dançavam! Que tempos!

— Santos tempos! — confirmou D. José, amolecido na delicia da musica e no gôso do simonte.

XI

Mal tinha caído no sôno acordou estremunhado, ao roncar da buzina que percorria as ruas da vila, que convocava homens e mulheres á apanha da azeitona. O seu vozear cavo erguia-se, prolongava-se, esmorecia, para tornar a altear-se e a alongar-se, intimativo, persistente. Na mudez e no escuro da antemanhã, a quem desconhecesse os velhos usos locais e conhecesse os severos dizeres das Escrituras, aquele trombetear lembraria a chegada de Jesus, com poder e majestade, para confundir os pecadores. Duarte, nessa madrugada, na excitação da febre que o queimára durante toda a longa noite, arripiava-se, contorcia-se, irritado pelo rouquido cavernôso, tão da sua intimidade, como se viesse do silencio e da treva e fôsse o alarme de negras profecias.

Sentindo o padrasto a acender a candeia, acendeu a sua.

Precisava levantar-se, afim de acompanhar o pessoal da apanha ao olival da Casa da Lousa—o padrasto incumbia-se da vigilancia da Valeira. Vestiu-se à pressa, procurou desenvencilhar-se de superstições terroristas, afirmando-se que não tinha motivos senão para se embalar no regaço aveludado da confiança e da fé. A buzina roncava mais longe, para os lados da Devêsa. Já cascalhavam socos no lagedo das ruas. Chegou à janela, considerou o tempo. Não chovia. Mas o céo, acolchoado de nuvens, tinha uma fisionomia carrancuda e enigmatica.

—Oxalá não chova ámanhã por esta hora... —pensou, para comsigo.

Por essa hora, no dia seguinte, onde iria com ela? Tinha tudo preparado — os cavalos que deviam conduzi-los, a casa que devia recebe-la até ao dia de se casarem, os homens que deviam auxilia-lo no rapto e proteger-lhe o caminho a seguir. Tinha de sêr. D. Antonio intimara-lhe o proximo casamento com o primo. E em face da fatalidade anunciada, êle propozera a fuga, ela alvoraçadamente aceitára-a...

Vinham nessa noite ao auto do Natal, em S. João, como se nisso apenas obedecessem ao seu desejo. O fidalgo estivera na disposição de ficar com a filha em casa. Transigira com o primo, porem, que queria estadear na igreja a submissão da noiva. Não a raptava á saida de casa, sendo o que mais lhe convinha, porque saiam de dia e consoavam no Cabo. E como D. Antonio, celebrada a ceia natalicia, recolhia ao solar com Frei José, com o administrador, talvez com D. Isabel Maria, arrancava-a ao primo e á tia D. Carlota ali pelas alturas das Vergadas, á hora da madrugada em que retiravam da missa do galo e do auto do nascimento.

Passara uma noite febril. Tivera sonhos, pesadelos, convulsões. A buzina acordara-o, revolvera cinzas extintas, avivara as brazas presagas que o espiavam. Mas tudo isso morreria, se apagaria dentro em pouco, ao contacto da voz milagrosa e do olhar confiado de Maria do Rosario.

Acolchetava o cabeção do capote de saragôça com que ia para a azeitona, e que havia de servi-lo na aventura. O padrasto, de candeia ao dependuro, pronto para sair, entrou-lhe no quarto.

— Nosso Senhor nos dê muito bons dias...

— Bons dias... — e beijou-lhe a mão.

— Vou matar o bicho, que a manhã 'stá de cortar pedras. — Baixou a voz ao declarar: — E descança. Lá falo outra vez aos homens. Tudo estará a postos e no seu logar á hora combinada...

— Obrigado.

— Anda beber uma gôta.

— Não posso bebér aguardente. Faz-me mal, bem sabe.

— Vocês, os rapazes de hoje em dia, são uns «pringénhos». Não valem agua...

Desandou a ruminar coisas desalentadas acerca da falencia dos rapazes desse hoje em dia.

Andava satisfeito. Nem que fôsse êle quem amasse Maria do Rosario — quem estivesse para enxertar na dela a sua vida. Tudo lhe facilitara e preparara — o dinheiro, os homens para o assalto, os cavalos alugados em Lamego.

Ele proprio fôra a Amarante, êle proprio obtivera perto de Amarante, em casa de gente seria, filiada no partido cabralista — no proposito de lhes evitar incomodos de autoridades administrativas — pousada decente para ela durante o tempo indispensavel aos preliminares do casamento.

Era a desfórra prometida ao fidalgo. Leva-la-hia mesmo longe, muito mais longe, se não fôsse o Duarte, se não lha tivessem exortado para o derivativo do rapto.

— Vens daí? — disse de fóra ao enteado. — Olha, e traz á caçadeira. P'r'aqueles sitios é bom ir armado. E até podes por lá «virar uma penósa», p'r'o farnel de amanhã...

Duarte levou a espingarda, menos na intenção de se defender dum ataque imaginario, do que de simular um desvio á caça, se quizesse abeirar-se da Valeira. Na rua, ao despedirem-se, o padrasto recomendou-lhe que despegasse do trabalho uma hora antes do costume, por causa da consoada do pessoal. E acrescentou:

— Lá te vai almoço e jantar. Não ha-de ser como hontem. Que a culpa foi da Joaquina Melra, uma «estabanada», sempre co'o juizo a arder...

— Não ha duvida.

— E quanto ao mais... descança.

Tomou em direcção à Casa da Lousa. A madrugada listrava as nuvens a nascente da sombra rosa e purpura dos seus

dêdos finos. Um halito frio de nordeste mordia e cortava. Outros apanhadores, movendo-se na penumbra, arrastando sócos, ora trocavam com eles os «bôs dias» fraternais, ora se lhes juntavam a engrossarem o rancho. No caminho de Fontélas, na encruzilhada do Montenegro, os homens descobriram-se, as mulheres rezaram a meia voz — pela alma do galêgo ali môrto havia mezes, cujo sangue ficára impresso nas pedras do chão.

A penumbra abria em luz. Nos cêrros corréchavam perdizes. Os melros acordavam nos silveirais, ás gargalhadas. Das oliveiras esvoaçavam tordeias, resingando frases que soavam a rangidos de rôlha nova em gargalo minguado. As dobras da montanha avultavam, definiam-se, ouriçadas de vinha podada, babadas de cereais verdejantes. O ribeiro de Fontélas, a espumar no apêrto das duas encostas, arremessava-se para o Douro em furias de possésso — e o leito do Douro advinháva-se em frente, na ruga baça das duas vertentes que a névoa confundia e ligava.

Falando da morte do galêgo os varejadores contaram crimes dos Marçais, proezas do batalhão de Fozcôa. Com as dos Marçais relataram façanhas do João Brandão, dos Crêspos, do Cáco — os flagelos biblicos da Beira.

Nas proximidades da Casa da Louza o horisonte escancarava-se já ao fulgôr da manhã.

Os planos da perspectiva desenhavam-se, sobrepunham-se. A vala do Douro contorcia-se, fechada pela nevoeiro do rio. Distinguiam-se trajos e feições dos trabalhadores — êles de carapuças, de «vestia» e calças de burel, alguns de nisa, calção e meias brancas, elas de capucha «de saióte», meias brancas ajardadas, todas de tamancos, todas de lenço ramalhudo a abrigar as orêlhas. Uma perdiz cantava num cabeço sobranceiro ao caminho. Um dos varejadores, o Joaquim da Rita, acercou-se de Duarte, pediu:

— O' patrão, se me deixase vêr a caçadeira... eu «virava aquela penósa»...

Duarte entregou-lhe a espingarda, recomendou:

— Olha a pederneira, se está firme. E vê se a caçolêta tem a escorva humida. Não te afastes muito.

— Ah, bô! Vou num salto e venho noutro.

Os companheiros riram, anotaram-lhe o vicio da caça.

— Vais matar a «sapeira»... E quer não, que se a não matasses, «botavas a barriga»!

Daí a pouco soava um tiro, que repercutia nos cêrros e ganhava o volume dum trovão. Como o Joaquim aparecesse sem a perdiz, as mulheres gargalharam, os homens gritaram:

— Mataste o vicio, mas não mataste a «penósa»!

— Mataste a «sapeira» mas a «penósa» foi-se!

— Estava furada! Comeste muita «tibórna» em antes de saír do moínho de azeite!

O Antonio Zôrro tirou da cabeça duma das mulheres uma saca com mantimentos, ergueu-a para o caçador:

— O' Joaquim... toma tu esta «taleiga» e dá a caçadeira aqui á Joana!

Ele pulou ao caminho. explicou-se, atribuiu o erro da pontaria a uma arvore que se «lhe prantou diante». Gabarola, registou altos feitos venatorios, dias de «virar» oito e dez perdizes «áfias», sem lhe falhar uma, dias de tres e quatro dum tiro.

Duarte ouvia-os e invejava-os. Invejava-lhes a alegria sã, a felicidade na pobreza e no trabalho. Pouco depois, a meio do olival, entre os varejadores a expulsarem dos ramos a azeitona madura, na clara satisfação dum rito druidico, junto das apanhadoras a queixarem-se das mãos «garanhas», dos dêdos «intoiridos» pelo frio, e a cantarem sempre, e a proposito e a desproposito de tudo gargalhando intimas alegrias, lamentava que o não tivessem deixado ser o que eram aquelas boas creaturas — gente simples, gente feliz com o seu

caldo ou a sua «tibórna», o seu naco de pão quente molhado em azeite a correr do moinho para o «tesouro», depurado e clarificado, gente que só amava os da sua condição, que era feliz na paz dos seus dias, no amor das suas almas, na resignação da sua pobreza, no Deus das suas crenças.

Nem foi vêr a tulha onde a azeitona se acumulava, onde devia «curtir-se», fermentar antes da entrada nos tormentos do moínho. A's três horas deu por findo o dia de trabalho. Despediu-se do pessoal dizendo que ia dar uma volta á caça.

Cortou direito aos cêrros do Pelão. Descobria-se a custo o solar, apenas se suspeitava o rio atravez dos farrapos de neblina rastejando ao fundo da Valeira. O caminho estava deserto. Talvez tivessem seguido já para a vila. Do Pelão torceu á Curvaceira, daí avançou aos contornos da Garrida — na disposição de entrar na quinta cimeira, de interrogar qualquer dos serviçais por lá demorados. Mas das bordas da Garrida, a meia altura do caminho, surgindo dos farrapos de nevoa, notou uma liteira, depois outra, e um vulto bifurcado num jumento, e um homem de chapeu alto, num cavalo de marca, e varios môços a pé. Eram êles. Reconheceu as liteiras — a da frente, suspensa dos «atafais» de dois machos possantes, era a do Cabo; a de traz, menos aparatosa, era a do solar.

Desceu apressadamente á horta do Costa. Escondeu-se perto da estrada, numa moita de carrascos. Começou a distinguir os guizos, o tropear dos machos, o conversar de senhores e creados.

O coração batía-lhe em dobre de rebate. A primeira pessôa a aparecer foi D. José, de capa negra e chapeu alto, á séla e um pouco á vanguarda da liteira da frente. Tinha um ar irritante de intimidade.

Instintivamente Duarte levou a mão ao gatilho da espingarda — no mesmo momento a liteira avultava, florida e doir ada como uma *corbeille*, deixava vêr na moldura da por

nhola a joia preciosa, o perfil patricio de Maria do Rosario, com o seu chapelinho em côca, os seus caracoes a dansarem, o seu chale de Cachemira aos hombros. Ao lado recortava-se o busto do fidalgo, a calva luzente, o chapeu alto nos joelhos. Môços do Cabo tangiam os machos. Na segunda liteira vinham as senhoras, de mantilha de lapim negro, quasi veos de monjas suspensos da cabeça, com o Roque e o Zé da Riça aos flancos. E atraz, como ponto final do cortejo, Frei José, de capote e chapeu de feltro, escarranchado num jumento, lembrava personagens selectas da Biblia, ou um bispo primitivo no singelo pastoreio dos seus rebanhos.

Na quebra do ultimo lanço do caminho, rente ao muro da quinta cimeira, D. José refreou o cavalo, debruçou-se sobre a liteira da prima, disse para dentro qualquer coisa num gesto de galanteio.

Duarte estremeceu, numa exclamação surda de raiva e de agonia. E de maxilas contraídas, de olhos chamejantes resmuneou:

— Fala-lhe ámanhã, se fôres capaz!

Entrou em casa já noite cerrada. Encontrou-a alvoraçada e festiva. A mãe e a irmã, preocupadas com a sua demora, receberam-no como se tivesse vindo de muito longe, vencendo perigos e tormentas. Encontrou-a apinhada de pessoas de familia e de amizade para a ceia da consoada. E por toda ela, iluminada a candieiros de azeite, a castiçais e serpentinas de prata saídos do resguardo das arcas de couro tauxiado, os pares e os grupos conversavam, permutavam segredos, reviviam anedotas.

— Ouve...—cochichou Leandro ao ouvido de Duarte, que se paramentara a preceito, vestindo a calça de ganga vêrde e a sobrecasaca negra de cinta esganada.—Os cavalos chegaram

à S.ª do Monte. A' uma hora, p'los carreiros do vale de Açor e vale da Marra, passam p'r'as Vergadas e ficam a postos naquilo do Teixeira...

— Oxalá os não vejam.

— A'gora veem. A essa hora não anda viv'alma por aqueles êrmos. — Recomendou, previdente: — E toma-me tento... que a tua mãe não desconfie...

— Descance. Tenciono ir mesmo à missa do galo. Saio a meio do auto.

— Nem mais!

Duarte portou-se com despreocupada galhardia, rindo, conversando, servindo os convidados durante a ceia — a ceia banquete em que o magro, o peixe e as hortaliças, as couves e os grêlos, entre montanhas de ovos e assucar, se sucediam, veículados por travessas e terrinas. Os dôces tradicionais, as fritas e as filhós, as fatias douradas da China, as tenras castanhas de amendoa, desfilavam processionalmente por entre aletrias e arroz dôce, saudadas com o vinho quente assucarado, com a geropiga e os nectares heraldicos da garrafeira. Comeu dôces, bebeu vinhos, e foram dos mais alegres os seus brindes em louvôr dos presentes, em memoria dos ausentes. Foi êle quem propôz — terminada a ceia, e quando na rua grupos musicados começavam a cantar os *natais* — que se passasse á cosinha, onde ardia o cêpo do Natal, onde convidados, patrões e servos, sentados à lareira, numa solidariedade herdada dos velhos ritos patriarcais, matavam adivinhas, jogavam pinhões, batiam o «par ou pernão».

Mas às onze horas Duarte invocou a submisão a compromisso urgente para saír. Saiu no meio dum coro de recriminações, sob uma saraivada de protestos — acompanhado pela irmã até ao cimo da escada, a unica pessoa triste naquele espumejar de alegria, que o apertou muito entre os braços, que lhe soluçou ao ouvido o seu voto de felicidades.

Embuçado no capote à cavalaria, o chapeu mole derru-

bado sobre os olhos, ás apalpadelas na noite densa — só aqui e alem riscada pelas linguas de luz das janelas iluminadas — dirigiu-se para os lados da Casa do Cabo. Toda ela resplandecia, toda ela vibrava, irradiando o pulsar festivo das suas salas, o brilho ostentoso dos seus salões forrados de damasco de seda, murados de Arraz e Persia, cheios de parentes e amigos.

Em qual das salas estaria Maria do Rosario? — inquiria, para comsigo. Com quem conversaria nesse momento? Pensaria na hora que se aproximava, na ansiedade e na angustia que o dominavam a ele? E D. José? Devia persegui-la com as suas preguntas, importuna-la com as suas blandicias, tortura-la com as suas recriminações.

Os sinos de S. João, perto da meia noite, annunciaram a missa do galo. Encaminhou-se para a igreja na intenção de ser dos primeiros a entrar, de se pôr em sitio donde visse e fôsse visto, podendo saír sem dificuldade. Colocou-se junto da porta lateral, em frente do pulpito. Dali abrangia a capela mór e o côrpo da igreja — igreja duma só nave, singela e modesta, a que a superstição popular atribue a ascendencia remota das mesquitas mosarabes.

Um rapaz de ópa vermelha acendia as ultimas velas do altar-mór. O José do Anselmo, filho do sacristão da freguezia, dava os retoques de apuro ao presepio, da banda dos Evangelhos, para a representação do seu auto do Natal, que porisso devia ser, depois da missa, a ara votiva do sacrificio — o alpendre do estabulo de Belem, com a Virgem a aconchegar o côrpo do Menino nas palhinhas consagradas, com a vaca e o jumento misericordiosos das Escrituras, com pastores e guerreiros, de cajados e espingardas, a celebrarem o nascimento do Messias.

Os altares lateraes palpitavam sob o tremular das velas. Os santos, em esgares de martirio ou em crispações de incerteza, pareciam sacudir-se e mover-se. O pôvo afluia, to-

mava logares, comprimia-se, murmurava. Sentia-se fóra o guizalhar de liteiras. Cortavam a escuridão exterior chamas ambulantes de archotes.

E escoltadas por escudeiros conduzindo almofadas de seda surgiam damas graves, de capote e mantelete de mantilha negra, apensas a meninas risonhas, de faces vivas encaixilhadas em mantilhas de lã. Ajoelhavam nas almofadas, sentavam-se do lado da Epistola — emquanto os varões da casa se perfilavam do lado dos Evangelhos. A arraia miuda feminina ocupava o centro da nave, os seus homens a capela mór. Debaixo do côro a penumbra era quasi cerrada, os vultos transfiguravam-se em sombras.

A' entrada dos fidalgos do Cabo e convidados — com D. Carlota, Maria do Rosario, D. José — percorreu a igreja um arripio de curiosidade. Todos os reverenciaram, todos abriram alas, todos lhes ofereceram logar.

O abade, como se os esperasse para o inicio dos oficios da noite, subiu os degraus do altár, de alva e casula, a mão esquerda empunhando o calix, a direita protegendo a patena. A missa seguiu as ordenações do ritual. Ao *Gloria* o galo cantou no falso do trono — e logo, numa toada ingenua, num referver de fé, o pôvo entôa os versiculos liturgicos de homenagem ao Redentor, e a gaita de foles, e os ferrinhos, e os pandeiros, no côro, vestem a letra divina de musica pastoril.

A missa finda pelas Ave-Marias do estilo. O abade recolhe à sacristia. A igreja, apinhada, na penumbra oscilante das velas dos altares, agita-se num rumor de feira. E só volta ao silencio, e só recai no respeito no momento em que um homem de cajado, coberto de burel, de sarrão a tiracolo — já o abade, de alva e estola, havia retomado o altar-mór — surge à porta principal, pedindo rua, caminhando para o presepio que o Anjo do Senhor, e numerosas tropas de espiritos celestes, lhe tinham anunciado e louvado.

— Olha, è o Antonio da Iria o embaixador dos pastores...
— segredam dezenas de bôcas.

Pára em frente do padre, que o fita, de pé, encostado à pedra de ara. E precipitado, sem um gesto, imovel, recita, interpela:

Deus te salve, sacerdote,
Ministro de Deus tambem,
Eu venho aqui p'ra saber
Se já cheguei a Belem.

Na mesma precipitação, na mesma imobilidade, na mesma cadencia, declara ter-lhe constado nessa noite, «por anjos e profetas do mundo», o nascimento do Messias.

O abade apontou-lhe o presepio, vistôso de flores e debruado de lumes, e confirmou a noticia. O embaixador dobrou o joelho, contemplou o Sumo Bem, nascido «na lapinha de Belem». Recuou á porta do fundo, onde o aguardava um grupo de pastores, tambem vestidos de burel, tambem de cajado e sarrão, com cordeiros, galos, queijo, mel, destinados a abastecer a mesa pobre da Sagrada Familia. E indicando-lhes o caminho, declama, comovido:

Vinde, vinde meus pastores
Cheios de muita alegria,
Vêr o nosso Sumo-Bem,
Antes do nascer do dia.

Os pastores preguntam-lhe em côro, em redondilha, se é longe esse logar. O embaixador responde-lhes que «daquele altinho, alem» — e aponta, atravez do corredôr humano aberto a meio da igreja, o pavimento da capela-mór — avistariam «a cidade de Belem». Lá veriam a «lapinha», néla a Virgem Maria, néla S. José, e com êles o «Menino Deus».

Então, dois a dois, como pares em dansa, os pastores avançam para Belem de Judá. Conversam familiarmente — sempre em redondilha. Um dos do primeiro par observa para o visinho:

Que estrondo ouvi esta noite
Meu amado companheiro,
Parecia que caía
O poder do mundo inteiro!

O companheiro elucida, sabedor e preciso:

Isso era uma clara nuvem
De resplendores cercada,
Vinha vindo sobre nós,
Antes de ser madrugada.

O dialogo ressôa e vibra sem intervalo. Os pastores marcham em busca do estabulo do altar-mór. Aí reunidos, aglomerados, ajoelham, erguem as mãos. Geme a gaita de foles. Os pandeiros e os ferrinhos estrugem.

Eles entoam os seus louvores ao Messias. E um a um, em verso singelo, passam-lhe as oferendas do seu amôr, como está escrito em S. Mateus.

Depois è a embaixadora das donzelas que pede rua, que sobe a igreja, que repete os versos e o ceremonial do embaixador dos pastores.

As donzelas, em trajos brancos, á cabeça açafates pojados de ex-votos, aproximam-se do Menino, prestam-lhe vassalagem, cercam-no de mimos — os mimos mais finos, escolhidos na capoeira, filigranados em linho, manipulados ao sabor do assucar e dos ovos batidos.

De subito, uma estrela de fôlha de Flandres, a que o côto duma véla empresta refulgencia e vida, estrebucha sobre o côro,

deslisa num fio bamboleante em demanda do presepio. Dos peitos desprende-se um eco de comoção. Os olhos seguem-na em terno extase. E sem mais demora, como se os conduzisse de longe, à aparição da estrela rompe pelo arco ogival da porta fundeira a comitiva dos Reis Magos — eles de corôa e manto roçagante, os arautos e homens de armas de espingarda e espadas de honrado brilho.

Caminham em altos brados. Apregoam o genero das seus favores ao Messias. Um diz que lhe oferecerá oiro em pó — para que o respeitem como homem. Outro leva-lhe um cofre de mirra — para que o venerem como mortal. O terceiro, herculeo, conduz um cofre de incenso — para que o adorem como Deus.

Mas no pulpito, soberbo e mais austero do que o Senhor ao expulsar do Paraizo a fraqueza que não soube triunfar do pecado, levanta-se o arcaboiço vigoroso de Herodes — a corôa de folha a lampejar-lhe na cabeça, o manto vermelho a afogar-lhe o pescoço. Mede-os com o olhar turvo, ordenha as barbas brancas de pele de coelho manso, interroga, irado — em grandes vozes, mais cavas do que se jorrassem do bôjo dum tonél:

Dizei-me vós, ó Reis Magos,
Que destino é o vosso,
E sabei que neste reino,
Eu já proíbir vos posso.

Os Reis Magos, olhos confiados na estrela do Oriente, a deslizar e a bambolear no cordel do alto — rasto de luz milagrosa e guia do céo confiado—declaram onde vão, afirmam a sua fé no Messias, destinado a governar Israel, «Senhor d'aqueles reinos» — ouvido o que, Herodes replica com a gargalhada do seu desprezo, por fim com a blandicia da sua perfidia.

Superiores a ameaças, insensiveis a promessas os Magos fieis atingem o estabulo — onde a estrela pousa como ave no seu ninho. Prostram-se em adoração. Os seus canticos de hossana, num largo rumor laudatorio, a que os pandeiros, os ferrinhos, a gaita de foles, os pastores e donzelas camunicam relêvo e elevação, glorificam o «Deus das alturas, que por nós foi humanado».

Duarte, vendo os Reis Magos sob o arco cruzeiro, trocou com o Zé das Dornas, de pé por baixo do pulpito, um encolher de hombros entendido. Deitou o olhar para o lado de Maria do Rosario — cuja mantilha sobressaía entre as de outras senhoras. E abalou sem rumôr, e cortou a casa, apressado.

Recebeu das mãos do padrasto uma bôlsa farta de moedas de oiro. Prometeu escrever-lhe e informa-lo. Beijou-lhe a mão, abraçou-o.

Os cães do Cabo, mais além os do convento, ladraram-lhe ao ruido dos passos.

Do céo carrancudo desprendia-se um frio chovisco que o penetrava e amolecia.

No cruzeiro, face a face do Ermo, expediu um silvo a que debaixo, dos despenhadeiros das Vergadas, outro silvo correspondeu. Aproximou-se. O Carriço e o Toninha desapertaram os lenços que os mascaravam. Uns metros á esquerda, no resguardo de negros penhascos em crista, sacudiam-se dois cavalos escuros — e na séla dum deles desenhava-se um aro de andilhas.

— Já acabou? — interpelou o Carriço.

— Devia ter acabado quando eu vinha ali p'las alturas do convento.

— 'Inda vão p'lo Cabo. Conversa e não conversa... temos demora p'ra mais de meia hora, que não p'ra menos. O Zé ficou à cóca?

Duarte disse que sim. No torvelinho das sensações que o agitavam, ouvia pouco, falava menos

Enterrado no rumorôso barranco, junto do ribeiro a escachoar, mal enxergava os socalcos que desciam para Vale de Carvalho e os contrafortes verticais da fraga do Ermo — distinguindo na profundidade o soturno marulhar do rio.

Um novo silvo riscou o mugir das aguas bravias.

— E' ele! — soluçou Duarte, convulsivo.

Mas por pouco não tombava, de desespero e de angustia, ao ouvir dizer ao Zé das Dornas que já não vinham. Dormiam na casa do Cabo. Vira-os entrar, vira fechar o portão, sentira correr os ferrolhos.

XII

. Antonio mandou entrar o escudeiro na livraria. O Zé da Riça entrou cabisbaixo, a coçar a melena, a amarfanhar nos dêdos crispados a carapuça negra do trabalho. E entre as estantes de carvalho, com espessas companhias de livros e in-folios em linha cerrada, ficou-se a meditar o chão, ao meio do qual se erguia um grave bufete de ebano.

—Então, o que pretendes?

—Desta forma... saiba o fidalgo que...—hesitou, e num redobrado esforço, proseguiu:—Custa-me a falar nisto. Mas, assim com' assim, as ordens do fidalgo são p'ra se cumprir, e é p'r'o bem da sr.ª morgada...

Amaciou os beiços perturbados nas costas da mão. Reeditou o estribilho costumado. Contou que, «desta fórma» fôra ao moinho de azeite vêr se o pio estava a funcionar. Encontrara-se lá, alem dos lagareiros, com o Francisco Grande e o Manoel Peludo. Adregaram de conversar ambos de dois a respeito do «não filho» do snr. Leandro. E vai o Peludo dissera que na semana atraz, na noite dos nataes na igreja de S. João, o snr. Duartinho, e mais vinte homens dos «téstos», armados de clavinas, com cavalos do Porto, 'stiveram á espera da senhora morgada, ali p'las Vergadas, p'r'á roubarem e fugirem.

—Han?—rouquejou D. Antonio, desequilibrando-se, como o pinheiro que oscila e range mal tratado pelo temporal.

O Zé da Riça, atarantado, gaguejou:

— Desta fórma, saiba o fidalgo que me disse que o snr. Duartinho quiz roubar a snr.ª morgada...

— E' mentira! — ordenou, colerico. E encontrando em frente dos seus os olhos pavidos do criado, concluiu: — Sai!

O escudeiro saíu a cambalear. D. Antonio pôz-se a passear, sombrio, agreste, irresoluto. O seu orgulho de fidalgo, sempre alheio ás transigencias dissolventes que o novo estado — o capital burguez — hora a hora impunha aos da sua casta, não compreendia que um plebeu, o enteado dum antigo servo, se atravesse a pôr olhos cubiçosos na filha dum Pereira de Vasconcelos. A idêa do rapto, porisso, achava-à tão monstruosa de audacia como a violação dum sacrario. Raça danada era a dêle e do Leandro, não o duvidava. E tanto que ousara pedir-lhe Maria do Rosario por mulher, confundindo a tolerancia do visinho com a liberdade do egual — e Leandro, em desforço de lha recusar, até os criados lhe provocava, com o escandalo e o despejo natural nos do seu sangue.

Estacou abruptamente, no intuito de chamar o administrador, de o mandar à vila sob o encargo de colher informes com discreção e segrêdo. Desistiu, porém, desse projecto. Era autorisar um seu dependente a discutir-lhe a filha. Era tornar maior o que quizera não tivesse existido — esse rumor, esse boato que o Peludo levára até ao moinho de azeite. Não. Ali, o que havia a fazer, sem detença, era casar Maria do Rosario.

Bateu na campainha de prata de vigia sobre o bufete. O escudeiro entreabriu a porta, coleante:

— Vai chamar a snr.ª D. Maria do Rosario.

O Zé da Riça, molestado com o desabrimento do fidalgo, quando fôra ele quem lhe encomendara o sermão, insinuou-se a mêdo no salão de visitas — de cujas varandas D. Isabel Maria, D. Carlota, Maria do Rosario, D. José e o frade assistiam ao salvamento de pipas, barris e fardos, restos dum naufragio

dessa manhã no cachão irado e turbulento. Acercou-se de Maria do Rosario, tocou-lhe num braço, segredou:

— Desta forma... o fidalgo diz p'r'a snr.ª morgada chegar á livraria.

— Aonde?

— A' livraria.

— Para que? — interpelou D. Carlota, na estranheza da atitude dubia do escudeiro.

— Isso agora... A mim, o que se me parece, é que o fidalgo quer não sei o quê à snr.ª morgada.

— Se a senhora prima consente... — ofereceu-se D. José, fanhôso e cortez.

— Eu vou só — disse Maria do Rosario agradecida.

D. Antonio, sentindo-lhe os passos, sentou-se ao bufete, na postura severa de juiz em audiencia de julgamento. A' entrada intimou-a a fechar a porta à chave. Ela obedeceu, a mão tremula, a alma turva no veo negro dum pressentimento.

— Ouve... — começou, mal o seu busto gentil se inclinou sobre o bufete: — Tu sabes que desde menina te destinei a casar com teu primo D. José, pessôa das maiores virtudes e estimação. Antes das vindimas pediste-me que deixasse o casamento para mais tarde. Vais entrar nos vinte anos... já não faltam sete mezes para os completares. Tua mãe, que Deus Nosso Senhor haja na sua guarda, entrou em minha casa aos dezoito. Algumas das tuas avós casaram aos quinze e dezeseis. Entendo que chegou a tua vez. E desta sorte receberás em breves dias teu primo D. José.

— Eu? — soluçou Maria do Rosario.

O fidalgo fitou-a, em silencio, com a durêza dum algoz a sua victima. E sob o pêso dos seus olhos as palpebras dela baixaram-se, na humildade de quem se resigna a cumprir.

No corredor estrugiram passos, reboaram vozes, a das senhoras, a de D. José, a do egresso. Um deles tocou o ferrôlho da porta. D. Antonio clamou, em tom de comando:

—Está fechada! Entram depois.—Encarou a filha, continuou, sêco e firme:—Os papeis correm seus termos. Vou mandar que os apressem. E recebe-lo-has por todo o proximo janeiro...

Maria do Rosario ergueu a cabeça, no movimento sacudido da altivez em protesto. Mas como o seu firme olhar esbarrasse com o rispido olhar de D. Antonio, que a feriu de raio, tornou a descer as palpebras, o busto agora vergado num desalento de flôr murcha na haste.

O João Caetano largava ao outro dia para o Porto—prosseguiu o pai, imperturbavel e grave—a fim de adquirir enxoval. E não só esperava que ela encomendasse o que lhe aprouvesse, sem atender a preço, que uma Pereira e Vasconcelos tinha de se aprestar como seu nascimento ordenava, queria tambem que dessa hora por diante desse ao primo tratamento de noiva. Ela ia comunicar a D. José a bôa nova, que o seu amôr e comedimento aguardavam havia muito.

—Pódes retirar...—concluiu, diluindo a rigidez da atitude na cordura da voz.

Dali guiou ela os passos para o quarto das tias, vagorósa como se lhe pasasse no côrpo a cruz que a alma arrastava. Ouviu ainda o tinir da campainha, a voz do pai solicitando a comparencia do primo a conselho—na sensação de que ouvia anunciar, naquele toque de campainha, naquele tom de ordenança, uma sentença inapelavel.

D. Isabel Maria, a fariscar novidade no ambiente de misterio que pairava na casa, penetrou no quarto na peugada da sobrinha. Interrogou-a. Maria do Rosario, no perigo de se expôr sem dissimulação, trasmudou o esgar de magoa em sorriso conformado. E foi quasi no murmurar calmo dos que se embalam no seio da felicidade que lhe comunicou o proximo casamento com D. José.

—Ainda bem!—aprovou em santo regosijo, refastelando-se num tamborête de couro.—E' um dia de grande aprazimento

nesta casa. Só outro lhe será egual... quando S. Majestade Imperial tornar ao seu reino e corrêr com a pedreirada.

Arremeteu em considerações acerca do casamento e seus deveres. Evocou certo casamento a que assistira, quando esteve em Braga, realisado sob o patrocinio das senhoras Infantas. Interrompeu-se para dizer à irmã, que num gesto de timidez sobressaltada espreitou à porta:

— Entre, mana. E saiba que a Maria do Rosario vai emfim consorciar-se com o primo D. José. Cresça a pêra e amadureça que ele virá quem a mereça. — Levantou-se, aconselhou: — Vamos à capela... vamos rezar uma jaculatoria a S. José para que os faça ditosos. Até nem sinto os meus trabalhos...

Saiu à frente da irmã e da sobrinha — e as duas fitaram-se, numa mudez de fulminação. E antes de transporem a porta, Maria do Rosario lançou os braços ao pescoço da tia, aflitivamente, engulindo soluços, sustendo lagrimas.

Foi de agitação febril a noite que sucedeu a esse dia de tormenta. Chorou, rezou, contorceu-se — cautelosamente, não fôsse acordar a tia D. Isabel Maria. Tomou mil resoluções, dissolvidas umas no redemoinhar das outras. Tão depressa se dispunha a atirar-se ao rio, porque entre o casamento e a morte tinha a morte por mais feliz, como decidia fugir, num barco «rabêlo» ou à garupa dum cavalo fogôso, para deserto ou para povoado onde o seu amôr florisse em plena liberdade. E a cada nôvo plano que se afundava na ressaca do que vinha substitui-lo, ela amaldiçoava o acaso, o chovisco inofensivo que a obrigou a dormir na casa do Cabo, na noite do Natal, e impedira Duarte de a salvar.

Cantavam os galos, esmorecia a luz da lamparina que de noite alumiava o Menino na redoma da comoda, para que o seu sorriso de alegria se não mudasse em chôro de mêdo,

quando se decidiu pelo plano que de preferencia lhe matraqueava no cerebro.

Bem, logo que se levantasse—não, era melhor depois de almôço—logo que almoçasse, procuraria estar a sós, algum tempo, com o primo D. José. Tinha de ser nesse dia—quanto antes, afim de evitar a saída do João Caetano para o Porto, a comprar-lhe o enxoval, visto já não saír nesse dia por causa da hora. E dir-lhe-hia que não desejava casar-se. E pedir-lhe-hia que renunciasse ao casamento. E afirmar-lhe-hia, se fôsse preciso, o seu amor por Duarte. Talvez a sua nobreza de raça despertasse, e sem a comprometer, a deixasse em paz.

Era isso que precisava fazer sem demora. Demais, Duarte—jurara-o e cumpriria o juramento—se D. José persistisse em casar com ela, matava-o no primeiro momento oportuno. Assim, precisava evitar o casamento por si, pelo que queria a Duarte, e pela propria vida de D. José.

Estabelecido o plano fez por desviar dele o espirito, por não pensar para o manter intacto. Fixava a atenção no psalmear soturno do Douro. Ouvia com impaciencia o alérta vibrante dos galos. Punha os olhos cançados ora na linha dos dois leitos, o da tia D. Isabel Maria à beira do seu, a emergirem da penumbra, à claridade vaga das frestas da janela, ora no tecto alto, que se erguia em tampa de caixão, à luz froixa coalhado de sombra, elevando-se a perder de vista.

Durante a missa, a que assistiram todos os da casa, rezou ao Senhor para que lhe desse coragem. Ao almoço comeu pouco—debatendo-se entre o receio de falar e a necessidade de se emancipar.

—Primo D. José...—disse, em seguida ao almôço, vendo o sol a balançar no rio, e sentindo percorrer-lhe o côrpo uma caudal viva de energia:—Quer ir até lá fóra?

—O dia está frio e com muitas nuvens. Ainda de madrugada choveu. Se lhe faz mal?

—Agora ha sol. Preciso de respirar, preciso de ar livre...

—Sou para tudo o que lhe der gôsto.

Desceram ao terreiro. Barrado de nuvens o céo abria do lado de S. Salvador numa facha larga de puro esmalte, donde o sol caía sobre a encosta fronteira e sobre o rio. No Douro havia poucos barcos, que não se sujeitava ás exigencias do trafego a colera rugidora da corrente, dum brilho opaco de chumbo derretido. E em cima, no pombal, a que uma restea de sol iluminava a cabeça, as pombas de pápo e de leque, em requebros e arrulhos, cortejavam-se, diziam-se ternuras, batiam e espanejavam as azas—sécias donairosas, peraltas madrigalescos nas manhãs floridas de Versailles.

—Vamos ao pombal?

—Para onde à senhora prima aprouver.

D. Antonio assomou ao patamar da escada. E vendo-os seguir ao longo do terreiro, bradou, apreensivo:

—Primo D. José!—Eles pararam, olharam para cima. —Onde vão?

—Ali, ao pombal.

—Bem, bem, cuidado com o tempo.

Afastou-se para o interior do solar. Mas a onda de energia que estuara no sangue de Maria do Rosario refluiu e escoou-se por desvios ignorados. A intervenção inesperada do pai, no prestigio da sua autoridade inflexivel, mais dura do que o aço, mais pesada do que o ferro, travou o impeto dos seus éstos de reacção.

—Não diz nada?—inquiriu D. José, quebrando o silencio.

—Ah! E' que...—esforçou-se por compôr uma aparencia despreocupada—... é que ia a pensar na minha vida.

—Na sua vida? E o que pensava a senhora prima?

Ela encolheu os hombros. Caláram-se outra vez. Perto do pombal um bando de estorninhos, do negro luminôso dos melros, empoleirado numa oliveira, bateu azas, dispersou-se no ar como poeira ao vento.

— Não podemos sentar-nos... As pedras estão algum tanto humidas... — lamuriou D. José, o busto curvado em busca dum assento na borda do pombal, donde fugiram as pombas. — Bem diz Frei José que o inverno vai pesado de chuva e frio... como não lembra.

— Primo D. José! — intimou ela, refeita, palpitante, decidida a lutar até ao fim.—Precisamos entender-nos em assunto que muito nos interessa.

Vendo que o primo a fitava com estranheza, a bôca flacida num hiato indeciso, os olhos mortiços numa inercia de espasmo, Maria do Rosario esqueceu o pai, desprezou as consequencias da sua resolução se o primo a acusasse, para se lembrar só daquele a quem amava, para atender só áquele a quem precisava tranquilizar, tranquilizando-se a si mesma.

A'quela hora — foi assim que entrou a discorrer, severa como uma estatua e leal como um heroe — já o pai lhe devia ter comunicado a intenção de os casar em breve, no janeiro proximo.

— Sim, é essa sua intenção e minha...

Ora ela, — coordenou, num timbre dôce e claro — tinha por dever falar-lhe, ao seu primo, na pura verdade com que falaria a um irmão. Quando, havia um ano, lhe pedia uma resposta relativamente ao casamento, respondeu-lhe primeiro que não pensava ainda em casar-se, depois que só o faria terminadas as lutas politicas. Na ocasião dos seus anos, recordava-se? fizera-lhe a mesma afirmação. A afirmação não era exacta—por ser incompleta. Respondera-lhe assim, com hesitações, com delongas... porque amava outro homem.

— A senhora prima... ama outro homem? — interveiu D. José, num taramelar de engasgado.

— Amo outro homem! — confirmou, serenamente. — E declaro-lho na certeza de que o primo D. José, um fidalgo, não quererá sacrificar-me a um casamento impossivel.

— Mas... quem é esse homem ?— interpelou, o sanho meio hostil, a bochecha flacida enrubescida.

— E' o Duarte de Oliveira.

— O enteado do Leandro?!

Não lhe respondeu, a cabeça hirta, o olhar em desafio, correspondendo num silencio altivo à pregunta desdenhosa do primo.

D. José, agora pretendendo encobrir o espanto e a colera no amargor dum sorriso, disse-lhe que já havia tido suspeita da sua inclinação pelo enteado do José Leandro — do antigo escudeiro do seu avô. O que não sabia, era que se uniam na pessoa do Duarte dons assim extremos, para o eleger tão de pronto, com prejuizo de quem tinha seus meritos e nascimento.

— Perdão... — replicou Maria do Rosario, sobria de gesto e fremente de veemencia: — Não lhe pedi consêlho acerca dos merecimentos do Duarte. Confessei-lhe lealmente o meu amor, para que o primo D. José, com a mesma lealdade, renuncie a este casamento.

— Sei ser digno quando a necessidade o requer. Hoje ainda, o mais tardar ámanhã, estarei a caminho do meu solar...

Maria do Rosario, no impulso viril da sua fé no milagre do desassombro, não previu a retirada imediata do primo, com as suas provaveis consequencias. Porisso, ao declarar-lhe o regresso a Lobrigos encolheu-se, refreou a sobranceria. E aveludando a voz e o olhar, pediu-lhe que não saísse assim bruscamente da Valeira. Era muito amiga dele, garantia-lho. Não o queria para marido, mas desejava que ele se confessasse tambem seu amigo. Esperava que fôsse bom, naquele momento dificil da sua vida, continuando ao lado dela com a sua bondade, renunciando a um casamento que não podia realizar-se, dizendo ao pai... que renunciava convencido de que não conseguiria torna-la feliz.

D. José ronronou palavras indistintas, lembrou que o primo D. Antonio o aguardava na livraria.

— Primo D. José — suplicou, humilhada. — Jure-me então que não falará nisto ao pai...

— Conforme... o que me disser a razão e a conveniencia.

Sem mais palavra sofraldou as abas do capote, calcurreou o carreiro do solar.

Ela olhou-o apavorada. Olhou no mesmo pavor o rio — o rio que se enroscava aos rochedos marginaes e os cuspia de espuma, como se só ele a chamasse a si quando todos a repeliam.

Alguns passos andados D. José parou. Viu-a esculturalmente imobilisada junto do cilindro do pombal. Tornou a traz, pousou nos olhos suaves dela os seus olhos duros, as faces injectadas, o queixo tremulo. E não encontrando nos acumuladores da indignação a frase que projectasse sobre a relapsa o jacto ardente do seu desprezo, ordenou, sufocado:

— Vamos!

Obedeceu. Caminhou com ele hombro a hombro — tão juntos como dois fructos do mesmo pé, tão distanciados como duas pessoas que se ignoram.

Percebeu o Zé da Riça a ocultar-se à esquina da cardenha do Roque, depois a fingir que amparava uma videira ao muro do solar. Relacionou o facto com factos semelhantes que na vespera e noutros dias a haviam impressionado. Vigiava-a, seguia-lhe os movimentos, escoltava-lhe os passeios. A's ordens de quem? Com certeza ás ordens de seu pai. E ao fechar o raciocinio por esta conclusão, que se lhe afigurou a unica possivel e logica, no fundo da sua natureza varonil a revolta encrespou-se, espadanando em novos impulsos de rebeldia, em novos protestos de coragem. Não, mil vezes não—não transigiria, não sacrificaria á vontade dos outros a vida do seu Duarte, a grandeza do seu afecto. O pai que a matasse, se isso lhe fôsse agradavel. Mas, mesmo a morrer, afirmaria sempre, afirmaria sem esmorecimentos a obediencia ao seu amôr.

Admirou a fisionomia calma de D. Antonio durante o jantar, o deslisar manso da conversa com o egresso, trasbordante de esperanças legitimistas, com o primo, turvo de inconfessaveis designios. E mais admirou ainda que mantivesse a conversa na mesma placidez, a fisionomia na mesma serenidade depois do primo participar ás senhoras primas e a Frei José—que se desentranharam em manifestações de espanto—o regresso na manhã seguinte ao seu solar de Lobrigos.

XIII

NDAVA numa aflicção. Ia da cosinha para a janela da sala de visitas, da janela para a cosinha no desejo de significar ao Roque que tinha carta urgente — quatro palavras estorcegadas de angustia, em que comunicava a Duarte a sua proxima entrada num convento. A tia D. Carlota, muito em segrêdo, suplicando-lhe que não deixasse transparecer nem por uma lagrima, nem por um suspiro, o conhecimento da sua reclusão, comunicara-lha na vespera à noite — comunicara-lhe por entre soluços, afogada de chôro, que iam encerra-la num dos conventos da Beira Alta, mas não sabia em qual, mas não sabia aonde.

— Este Roque! Nem de proposito! — monologava, no desespero do Roque não olhar para a janela, nem chegar á cosinha.

Estavam na matança dos pórcos — era dia de lagrimas e de azafama em casa, com muitas mulheres e muitos homens em movimento.

E só isso, só a barafunda de gente que se mexia na cosinha e entre a cosinha e o terreiro, só a compunção de D. Isabel Maria e de Frei José, fechados na capela para ouvirem menos as queixas lancinantes dos animais, cantadas pelos uivos magoados do *Tua*, lhe permitiam desafôgo compativel com a liberdade de se sentir senhora sua dentro de casa.

Aproximou-se a quarta vez da janela — furtivamente, não fôssem o pai ou o escudeiro surpreender-lhe a ansiedade. Arrastavam agora, para o banco do suplicio, assente ao meio

do terreiro, a segunda vitima—um pôrco nêgro e pançudo, de lombos grossos e serdas luzidias, com uma corda enlaçada ás «caravelhas de cima», ás presas superiores, e quatro homens ás orelhas e ás pernas, a escabujar, a clamar socôrro.

Maria do Rosario, que nunca podera assistir ao acto cruento, sempre no numero das pessoas compadecidas que se escondiam e calafetavam os ouvidos, não tinha nesse dia de janeiro, limpido e assoalhado, os habituais estremecimentos de piedade deante da vitima, na presença do sacrificio.

A sua muda agonia como lhe não deixava vêr e ouvir a agonia clamorosa do pobre martir—martir durante um ano apaparicado com mimos de filho familia opulenta, para naquela hora, sob a benção daquele claro céo, morrer amarrado a um madeiro, miseravelmente, em honra e proveito de bondade humana. E assim, tendo assistido quasi a toda o operação do suplicio do primeiro pôrco, via o Maximiano Campos, ainda no inverno anterior guerrilheiro patuleia, em mangas de camisa a amarrar a segunda vitima ao banco da expiação, os homens, e entre eles o Roque, a pegarem-lhe ás pernas e orelhas, a Olimpia de cocoras, de suporte ao alguidar que ia ser o reservatorio duma fonte do sangue queute, em borbotões. E só quando o Maximiano, prêso o animal, tendo-lhe lavado e barbeado a «barbaleira», endireitou o busto vigoroso, e de faca em punho, como num oficio divino, sobre a testa, a bôca e o peito traçou o signal da cruz, se retraiu, tapando os olhos e os ouvidos.

—Ah! E se voltasse à cosinha e prevenise a Olimpia... que ha-de vir aí com o sangue?

Na cosinha a tragedia prolongava-se em ruidosa farça de entremez—o fôgo a espirrar na lareira, os potes a ferverem em cachão, um bando garrulo de mulheres, sob as ordens de D. Carlota, codimentando o sarrabulho, lavando as panelas para a «vinha de alhos», dispondo sobre a maceira os taboleiros para

os meudos, comentando com risos e ditos pitorescos o clamôr dos supliciados.

A Tomazia, enrodilhada a um canto do escano, como lhe vibrassem no ouvido, mais pungentes, os gritos de despedida do moribundo, gemeu, chorosa:

—'Stá a acabar! E era mesmo um «mansarrãosinho»!

— Cale-se aí, mulher! — arremeteu uma creatura ramelosa que mexia o sarrabulho ao lume. — Olhe que não è bô ter pena dos «récos». Custa-lhes mais a morrêr...

— Nanja eu, que o chore... — alardeou uma outra, ladina e treda: — O que chóro è não matar um bicho destes! E' «réco» p'ra botar p'ra cima de trinta arrateis de unto.

— Tu, se por sorte mátas — galhofou a Angelina — é cada «andavalos», só ossos e «lércas», que até faz nôjo aos cães.

A Olimpia, carnuda e pesada, entrou a bambolear-se e a cingir num abraço o alguidar espumejante, como grande polipo sangrento. Maria do Rosario abeirou-se dela, num pisar timido, no momento em que trespassava o liquido rubro para um dos pótes da lareira — o que lhe dava, à chama dos tóros de pinheiro, na penumbra fumarenta, no meio dessa gente buliçosa, o sabor duma figura de legenda, misteriosa e sinistra, preparando filtros diabolicos com o sangue duma hecatombe.

Mas nada pôde dizer-lhe. Na balburdia da azafama não seria facil fazer-se ouvir sem que as outras ouvissem tambem. E o sangue estava todo no póte, já ela chamava a atenção das companheiras para o alarido dos filhos que corriam com os matadores ao cortêlho afim de conduzirem à morte a terceira vitima.

Tomou-a um amargo, um profundo desalento.

Recorreu outra vez à sala de visitas. No terreiro o pai e o João Caetano, examinavam os porcos mortos e estendidos nos bancos, mensuravam-lhes as virtudes visiveis dos presuntos. Do cortêlho rompeu nôvo alarme do novo martir.

Ela desviou-se para dentro, deixou-se caír desamparadamente no sofá. Reagir, para quê? Nada podia contra a força do destino. A tia D. Carlota dizia, a cada passo, que sobre a casa dos Pereiras e Vasconcelos de Provezende pairava o sortilegio nefasto duma maldição. Assim o parecia, de facto. Seus irmãos morrem ambos, a ferro e fôgo, no cerco do Porto. Sua mãe caí fulminada pela dôr de os perder. Seu pai é escorraçado da terra como uma féra — êle que fôra, ali dentro, dos maiores e dos mais queridos. Instalam-se na Valeira. Vendem velhas propriedades dos antepassados. E agora é sobre ela, a unica herdeira do nome e do vinculo dos avós, que desaba o rancôr das desgraças. Porque? Porque o seu coração, alheio aos convencionalismos de casta, escolhendo entre dois homens que seu pai admitia à mesa da comunhão da sua estima, se prendeu cegamente áquele que era o mais forte, o mais nobre, o mais inteligente, não vendo que a força, a nobreza e a inteligencia, sem a marca dum brazão, eram para os do seu sangne oiro sem contraste.

Perseguiam-na, regeitavam-na... porque amava um homem honrado. O primo D. José, por quem não sentia odio, que lhe causava nôjo, saíra da Valeira havia oito dias. Já nesse dia por certo tinham resolvido castigar-lhe a rebeldia da alma com a prisão do côrpo num convento. Certos sorrisos do primo, certos olhares para o pai, certos gestos para éla ao despedir-se, não significavam senão o antegôso da premeditada vingança — julgando talvez que na clausura da cela se decidiria pela liberdade do casamento.

Enganava-se, enganavam-se. Seria fiel até à mórte áquele a quem déra a vida. Ama-lo-hia mais, lá dentro, presa à sua memoria como a uma tabua de salvação. Fôsse qual fôsse o convento onde a internassem — mas devia ser o da Ribeira pela confiança do pai na abadessa, a prima Madre Maria Clara de Jesus, uma das suas visitas da ultima vindima; fôsse qual fôsse o regimen a que a sujeitassem — podiam encerra-la no

tronco, alimenta-la a pão e agua, impor-lhe penitencias e disciplinas — que o seu coração estaria invariavelmente com Duarte como na escuridão ou na luz Deus está com os seus.

Ah! o Duarte! Não encontrar meio de a salvar — de vir arranca-la áquela opressão, áquela ameaça, áquella angustia!

— Hum... estás aqui... — disse D. Isabel Maria no vão da porta.

— Estou aqui — tartamudeou, pondo-se de pé atarantada.

— Já tinha ido saber de ti à cosinha... Fui à sala de jantar. — Aproximou-se, pranteou: — Antes não queria comê-los. Crea-los a gente com tantas obras e cuidados, quasi como se fossem, Deus Nosso Senhor me perdoe, se péco, umas alminhas cristãs, e deixa-los matar sem mais nem para quê!... — Apontou a janela à sobrinha, pediu: — Olha, filha, chega ali à janela, e vê o que estão agora a fazer...

Maria do Rosario, que recobrara o seu animo habitual, embora preocupada com a carta que lhe queimava o peito, acercou-se da janela, espiou o terreiro, em que o matador compunha fachos de côlmo para chamuscar as serdas que os seus ajudantes haviam de barbear e escanhoar. Disse-lho. D. Isabel Maria, coxeando, avultando a inclemencia dos seus trabalhos, que lhe não permitiam dar ajuda à irmã, para lá a moer-se na cosinha que nem uma moira, acercou-se da janela — e fechou os olhos, e benzeu-se, em tregeitos de horror, à vista dos cadaveres nas penas do purgatorio.

— Coitadinhos! Eram mesmo uns «mançarrõesinhos»! Em especial o do meio... parecia até que conhecia quem bem o tratava... — Contaminou a voz da dureza dos seus juizos, acrescentou: — E aquele Maximiano, então, quem no põe a matar, põe-no no reino da felicidade! Ou ele não fôsse dos pedreiros patuleias...

Não perdia o ensejo de ferir com a espada desleal do seu rancor o pedreirismo dos patuleias. Maria do Rosario, que conhecia a direcção inconfessavel dos seus golpes, costumava

apara-los, opôr-lhes o escudo destemido e galhardo da sua defêsa. Mas nessa manhã nem para conversar lhe chegava a coragem. O Maximiano chamuscava o primeiro pôrco. Os ajudantes, de mangas arregaçadas, navalha em punho, escanhoavam-no, tornavam branca e macia a pele que era aspera e negra. E ela mal via a faina movimentada, como mal ouvira o gritar do ultimo sacrificado, como mál ouvia as lamentações e as insinuações da tia — toda mergulhada nas profundezas tumultuosas da sua dor, da sua inquietação, a procurar ansiosamente frésta que lhe deixasse entrever a felicidade.

Rogou à tia o favor de passar à cosinha — convencida, agora que a Olimpia entrava e saía na condução de agua quente ao terreiro, de que seria mais facil entregar-lhe a carta, pelo menos preveni-la de que a tinha ali para lha entregar.

— A' cosinha — replicou D. Isabel Maria, coxeando em dirècção ao sofá: — Quem me déra! Sempre tive o prazer de ajudar, de prestar os meus serviços! E' da diligencia que se geram graças e virtudes. Deus Nosso Senhor, dando-me todos os meus trabalhos, não me consente o gôso dessas virtudes. Adoremo-lo na sua infinita sabedoria. Vai, vai tu, minha filha, ajudar aquela santinha....

O Roque reconfortou-se da rude canceira de todo esse dia com meia canada do melhor «consumo», dois rojões assados e um naco de trigo alveiro, pretextou a necessidade de ir à botica do Joaquim José buscar unguento de cêra, pois a «canalha», co' as frieiras, trazia pés e mãos em carne viva, e pôz-se a caminho da vila. A lua, proxima visinha do quarto crescente, decaía para os cêrros do Pelão — como alguem a inclinar para fôfo travesseiro a cabeça fatigada. As estrelas palpitavam no pano cinzento do céo — e no seu tremer discréto parecia insinuarem-se umas ás outras que esperassem, que vinha pro-

xima a hora de guiarem sosinhas os passos ao viandante. Ao fundo, no rio que sacudia do dôrso inchado farpas rutilas de luz, no pôrto da Valeira, em que o luar se estorcia sobre as aguas, entre a silhueta negra dos barcos rabêlos adormecidos distinguia-se o vulto ligeiro de duas barcas, com o candeio a alumiar — eram as do Madeira e a do Cavacas, recebendo a visita do peixe «palmeiro», dos gordos saveis e das esquivas lampreias nos «pardêlhos» e nas «cabeceiras» armados ao pôr do sol. E ao alto, no môrro convulso do Ermo, mais convulso sob a luz placida do crescente, o ujo crucitava, lento, compassado, num dorido carpir de peito humano.

— Temos chuva ou néve — considerou o Roque, crente no horoscopo da persistencia daquele gemido, daquele pranto.

Nas proximidades da quinta cimeira pensou com arrepios na alma do P.ᵉ Francisco. O sr. Leandro, e o «não filho», o sr. Duartinho, faziam troça da alma, e p'ra eles aquilo o que era, era mêdo! Fintassem-se nessas! Era mêdo... e ainda na semana do Natal, o *Pinha*, arriscando-se por ali com estrêlas à frente da «arreata» dos machos, vira o padre à janela, a acenar-lhe co'a mão—e fôra tal o susto que até ficára de cama p'ra mais de quatro dias!

Poz a mão em figa, baixou os olhos, mastigou o Padre-Nosso, aligeirando a marcha.

Só o sr. Duartinho, depois do passo sucedido ao *Pinha*, podia obriga-lo a tornar à quinta por aquele sitio, por essa noite velha. O que valia, è que ele havia de saber agradecer-lho. Se chegasse a casar co'a sr.ª morgada, punha-o sem mais *aquelas* a administrador da quinta de Gouvães. Se o patrão viesse a saber o que havia entre os dois, e corresse comsigo da Valeira, dava-lhe da mesma maneira a administração da quinta. Era o que lhe prometiam, ele e o padrasto, e não deixariam de se lembrar, que não eram nenhuns «inzoneiros». Ainda que não havia paga mais honrada que a do dinheiro. Mas tinha a certeza de que não faltariam.

O pior, a essa hora da noite, era arranjar artes de lhe entregar a carta. A casa do sr. Leandro não podia ir. O patrão sabia-o logo. Se o topasse na botica... Ah, podia «preguntar» o Zé da Dorna, e manda-lo chamar por ele. Batia certo.

—Quando Deus quer com todos os ventos chove—rematou, satisfeito.

As janelas do Cabo baforavam luz sobre a calçada, em que a cárda dos seus sapatos rangia. Ao tornejar para a rua Direita, abafada na escuridão dum subterraneo, por pouco não esbarrava num carro de bois plantado à porta da casa senhorial dos Pintos. Havia gente na venda do Lourenço Dias. Na Praça, em frente das Casas da Camara, passeavam, gesticulavam, morosos e pachorrentos, dois vultos de homem.

Empurrou a porta entreaberta da botica, entrou requerendo licença e tirando o chapeu.

—Nosso Senhor lhe dê muito bôas noites e á companhia —disse para o boticario.

—Deus te dê as mesmas—contrapontaram duas vozes sonolentas.

—Ah, és tu?—observou Joaquim José, fóra da grade, a jogar a bisca de três com os mestres Sá e Soares.—Vens da Valeira?

—Venho buscar um pataco de unguento de cêra p'r'a «cânalha». Traz pés e mãos tudo «arrebentado».

Correndo os olhos pelo quadrado regular da botica descobriu Duarte ao fundo, à sua esquerda, testemunha dum duelo de gamão à luz do candieiro de três bicos, entre o abade de S. João e o dr. Costa Pereira. Noutro grupo, rente ao do boticario, e em volta da brazeira de cobre, varios magnates, entre eles o Manoel Pinto Soveral, o abade de Sant' Yago, escorchavam a politica do Costa Cabral, zurziam as violencias do Costa Cabral, exocizavam o Saldanha, que teimava em «ser capa de ladrões».

—Com que então, unguento de cêra? Vieste cá acima por

via do unguento...?—mascava Joaquim José, alheio ao que dizia, todo nas cartas que jogava, e que batia com força no taboleiro, e que comprava no baralho com a lambedura da ponta do indicador.—Unguento de cêra, han?

—E' que a «cânalha» arma lá o grito das almas todas as manhãs, co'as dôres...

—Não ha, mas faz-se. Espera um nadinha... E os «raparigos» hão-de sarar.

Emquanto esperava, fingindo-se atento ao jôgo, comunicou com Duarte pelo olhar, e este deu as bôas noites, saiu naturalmente, todo achegado ás dobras da sua capa byroneana.

O boticario ganhou a partida. Pediu venia aos parceiros e transpôz a grade que velava os recatos da laboração ás investidas da ignorancia. Sobre a mêsa, ao centro, mêsa flaqueada por dois gôrdos boiões de faiança azul, colocou uma placa de marmore. E pôz-se a manipular, a esgrimir a espatula, a lançar na massa flacida de cêra primeiro uma oitava de fezes de ouro, depois outra de incenso, e outra de gengibre, e o mel de oleo rosado que lhe deram côr e macieza. Ao mesmo tempo o feitor da Valeira explicava-lhe o que fizera já, sem resultado, para a cura das frieiras – desde a pedra hume cosida em vinho até ao oleo de alecrim fervido no buraco dum nabo. Mas qual o quê? Eram de má raça. Não lhes deixavam os filhos nem à quinta facada.

—Olha... Diz ao fidalgo que lhes dê a marrã dos três de céva que morreram hoje lá na quinta, e verás que logo os curas—interveiu o mestre Soares, de pitada engatilhada.—E' remedio abençoado.

—E então que três! Diz que eram os maiores bichos mortos nestas quatro legoas em redôr...—afirmou o mestre Sá.

—Ah, bô! Três «récos» que nem três casas!—confirmou o Roque.—Davam governinho p'ra três anos a qualquer que não fôsse o fidalgo...

— Ou ali o nosso mestre Sá... — insinuou o boticario, piscando o ôlho, esgarçando a bôca em sorriso, espertando a pêra do barrête turco. — Comia-os em três noites e três dias...

— Isso é que não. Eu mato, quando mato, um «magriséla». E bem governadinho... ainda dá até ao entrudinho.

Os assistentes riram. Mestre Soares comentou, velando as palavras sob o crépe da resignação:

— Mas tu ainda matas... Agora cá o pobre mestre regio, com três pintos e meio por mez, não vê senão matar...

— 'Stá feito. Deixe lá, sr. mestre Soares — atalhou o Roque, equitativo.— Olhe que não ha terra como a nossa. Voncê não mata, mas é como se matasse. Tem tudo do bô e do melhor. Ele è a marrã, ele è a orelheira, ele è o moiro, ele è o salpicão... todos o «convidam» como podem do seu «remedeio».

— Sim, isso é verdade...

— Ganhei! — bradou, numa inflexão triunfal o abade de S. João.

O Roque recebeu a caixa de unguento, pagou e despediu-se. Afundou o rosto na gola alta do capote. A Praça estava deserta. Avançando, a farejar e a espiar, descobriu o vulto do Duarte à esquina da Camara. Foi ao seu encontro. Entregando-lhe a carta, disse que não sabia o que tinha havido de nôvo, mas que a sr.ª morgada lhe parecia nessa tarde mais morta que viva.

— Vais já para baixo?

— Porque?

— Se tivesse resposta... levavas-lha.

Pois esperava. Entrava na venda do Lourenço Dias, mercava uma quarta de sabão, bebia um quartilho de vinho, e dava uma biscada á lingua.

— Pega lá... — disse Duarte, oferecendo-lhe dinheiro.

— Lá isso não. Não quero que se enfade comigo.— E como

insistisse.—Então, bem haja. Favores de pessoas honradas nunca se regeitam.

Combinaram sitio e hora para se encontrarem—nas Pôças de Barro, daí a quarenta minutos. Duarte meteu apressadamente a casa. Sentiu rezar a corôa á lareira — a voz de Aninhas «deitando a reza», lamuriando a Ave Maria, o padrasto, a mãe, as criadas, em côro, num resmungar de colmeia, a desfiarem a Santa Maria. Entrou no quarto, fechou-se á chave, acendeu o candieiro de azeite.

Leu a carta com o coração em sobressalto. Parecia-lhe impossivel o que o papel lhe bradava. Tornou a lêr. Eram duas linhas aflitivas, crispadas, gritantes. Eram dois brados de socôrro—em ansias de sufocação. Ia para um convento. Assim lho dissera em segrêdo a tia D. Carlota. Ignorava qual o convento escolhido. E dizia-lhe adeus, para sempre—se não podia salva-la.

Desde a retirada de D. José do solar, logo seguida por uma vigilancia constante de D. Isabel Maria, de Frei José e do escudeiro, Duarte ficou na espectativa de acontecimentos e noticias desagradaveis. Não se lembrára, porem, de que o fidalgo resolvesse internal-a num convento. Porisso, diante da fatalidade imprevista, e daquele grito de socôrro resolveu rapta-la. Rapta-la-hia no caminho. Mas não sabia o caminho da jornada, porque ela nem sequer sabia o convento que lhe destinavam. Assaltaria a Valeira nas condições em que tentou faze-lo o padrasto—raptando-a na balburdia do assalto.

No relogio da tôrre, lentamente, ressoaram as oito horas. O sino da *ronda* intimou o encerramento das tabernas.

Eram horas. Precisava levar a resposta ao Roque, pois estava a fechar a venda do Lourenço. E sem se fixar no meio de a socorrêr, num aturdimento de prostrado, escreveu meia duzia de linhas desconexas—que não correspondiam a um plano, nem a uma certeza, nem a uma esperança. Aconselhava-a a que tivesse coragem. Suplicava-lhe que confiasse

nêle. Afirmava-lhe que não iria para o convento. Pedia-lhe que o informasse, que o prevenisse de tudo o que podesse interessa-los.

Ao entregar a carta ao Roque disse-lhe do convento, obrigando-a a jurar que nem á sua Olimpia falaria no caso, recomendou-lhe a maior vigilancia nos do solar, lembrou-lhe que «tirasse nabos do pucaro do Zé da Riça».

Ficou a arder no fôgo lento da impaciencia. Só dois dias andados, á noite, o Roque tornou á vila. Trazia carta e noticias de vulto. Deu-lhas fóra do povoado, por baixo da mata da Dona Marinha, para onde concertaram esse encontro—onde se encontraram, prevenindo possiveis espionagens, sob um céo nevoento a que o luar emprestava o tom dum quebra luz de sêda perola, sob um frio penetrante e um vago ressonar de arvorêdo. A snr.ª morgada pozera-se mesmo «uma desgracia»—informou o feitor. Não comia nem tanto como um bago de lentisco. Ela, que tinha «o modo mais jovial do mundo», andava «desorelhada» que nem que lhe tivesse caído a alma aos pés. Não fazia senão chorar p'los cantos. E na vespera ia-se dando lá no solar um «naufragio muito forte». A snr.ª D. Carlota, que era unha e carne co'a snr.ª morgada, fôra pedir ao fidalgo p'r'á não meter no convento. Botara-se de joelhos, erguera as mãos como na missa. Ora o fidalgo, que tinha sêdas no coração, não estivera com meias medidas—prantara-a fóra da livraria. E então a snr.ª morgada, aos gritos, correra p'r'á capela, caindo «redonda ao chão», batendo com a cabeça no altar, pegando o fôgo á toalha...

—A D. Maria do Rosario? E depois?—inquiriu, estrangulado.

A snr.ª morgada, sim senhor. Mas não se afligisse. Não houvera de quê. Porque o fôgo o apagaram á mão. A' snr.ª morgada levaram-na em braços p'r'á cama—e com uma «mésinha» do Frei José tomára logo alento. Aquilo, o que fôra, fôra uma «aleluia». Ninguem se entendia. Todos a correr. Todos a gri-

tar. Todos a acudir. Só o fidalgo... moita, cerrado na livraria que nem que não fôsse aquilo co'os do seu sangue...

—E' mais duro do que um seixo!—rugiu Duarte, opresso e ofegante.

—Toma lá! Do que um seixo! E' mais duro qu'a fraga do Ermo. Seria mais facil, p'los modos, rachar a fraga de alto a baixo do que «convence-lo a ele».—Variou de diapasão, prosseguiu na narrativa interrompida:—Ora o pior é que a snr.ª morgada, que é melindrosa, ficou na cama. As tias não a largaram mais...

—E ainda está na cama?

—Qual o quê? Olha na cama! Hoje, logo ao luzir do buraco pôz-se cá fóra. Esperou que as tias fôssem p'r'á missa, e zás, escreveu a Vossa Senhoria essa carta...

—Bem. Vou lêr a carta. Levo-te a resposta á Carreira...

O Roque sofreou-lhe a impaciencia. O mais importante estava por dizer. Nesse dia, ao despegar do trabalho p'r'ó jantar—sim, que trazia nas bordas do Ermo uma ranchada de galegos na surriba—ele entrára no armazem p'ra levar á cardenha um canéco de agua pé. Encontrou a conversar lá dentro o fidalgo, mais o João Caitano, e mais um senhor que chegára num barco e se fôra noutro, p'ra baixo, p'r'ó Pinhão. Ainda ouvira dizer a esse dito sujeito que a snr.ª morgada seguia de barco até á Regoa, que na Regoa a esperavam dez homens armados... E não ouvira mais, porque se calaram como ratos ao vê-lo entrar...

—E não falaram no convento?

—A'gora falaram. Nem houve arranca-lo ao Zé da Riça. E quant'a mim o fidalgo soube que o snr. Duartinho esteve pr'a roubar a snr.ª morgada na noite de Natal. Isso è que soube. «Deixa lá» eu assim tivesse tão certa a quinta das Figueiras...

Duarte foi dali para casa como arrastado ao galope dum cavalo fogôso—desconjuntado e dorido. Tambem ele o não

duvidava. De facto boquejára-se na vila, ampliando-a, deformando-a, a tentativa do rapto—e o fidalgo tivera conhecimento do que se dizia. Daí a pressa em casar a filha. Daí a teimosia em a enclausurar, longe da Pasqueira, por desobediencia á ordem do casamento e no receio de nova tentativa. E agora? Assaltar a quinta como o padrasto desejava? Impossivel. Tinha mêdo das consequencias desse acto violento. Arranca-la á guarda dos que a acompanhassem ao convento? Seria tambem provocar uma scena certa de sangue, com resultados duvidosos. Porisso—não descobrindo outra solução para o grave problema da sua vida—sairia da Pesqueira. A guerra civil, a luta entre o velho e o novo mundo de ideas e de interesses reacendia-se, ateada por cabralistas e patuleias. Alistar-se-hia outra vez, procuraria morrer heroicamente, para que a vida de Maria do Rosario pudesse decorrer tranquila, agora e sempre, á sombra do seu solar, no aconchego da sua familia.

Resolveu escrever ao fidalgo comunicando-lhe a resolução—garantindo-lhe que podia dormir em paz, perto da filha, que ele nunca mais voltaria á sua terra. Antes disso precisava despedir-se dela. Escreveu-lhe a comunicar-lho, a pedir-lhe um encontro ultimo, para se despedirem, a pedir-lhe perdão de joelhos pelo que a fazia sofrer.

O Roque, desconsolado com o rumo que a corrente turva daqueles amores se dispunha a tomar, prometeu preparar-lhe a entrevista em sua casa, por obra e graça de segunda recaída da Olimpia—mas prometeu-lho á sobre pósse, e mais na muda intenção de o contrariar do que de o conseguir.

XIV

orcendo a bôca, enviezando o olhar a snr.ª Inacinha interrogava os seus botões intrigada com o caso. Não era pela falta de apetite. Ele não comia senão «ingálhos» desde que «embeiçára» p'la fidalga. Mas nessa manhã vira-lhe os olhos vermelhos de choro, e nos modos qualquer coisa assim de como quem anda com os pés sobre brazas e não se quer queixar. Chamara-o á janela logo á saída do quarto, p'ra lhe mostrar o grande nevão que caíra sobre a vila—os telhados brancos, as ruas brancas que nem lençoes de linho corado. Quasi não atentara na neve que dantes tanto gostava de vêr. A irmã falava-lhe—não lhe respondia. O padrasto falava-lhe—não lhe responderia menos uma pedra. E agora, ao jantar percebia bem, isso é que percebia, pois não era nenhuma tonta, que lhe andava lá por dentro coisa má a morder e a remorder... Não dava palavra. Não olhava para ninguem. E em vez de comida... parecia mas era que engulia soluços...

—Então, Duarte! Deixa lá isso. E come, filho. E' o que se come o que se leva deste mundo. Olha a tua saude. Não ha bens como a saude...

—Estou a comer, minha mãe.

—Que desgraça entrou nesta casa! Hei-de manda-la responsar, isso é que hei-de.—Poz os olhos na magreza exangue do filho, considerou desalentada:—'Stás um «pringenho»! E' como se nem comesses pão de vida!

—Ha-de-lhe passar, mulher—atalhou Leandro, sorrindo

de certeza profetica.—Assim eu tivesse tão certa a casa do Cabo.

—Sei lá se passa ou não.—Carregou a voz de intenção filosofica, resmuneou:—Bem bonda se nos faltam os precisos. Agora mulheres! Ele ha tantas, minha Mãe-do-Céo! E quer não, que se não houvesse metade, até tudo corria melhor...

O sino de S. Pedro, ali a umas quarenta váras, pôz-se a dobrar a defuntos. Emudeceram, como se essa voz de bronze e de angustia correspondesse a uma ordem de silencio.

—Deve sêr o Antonio da Emilia—esclareceu a Aninhas, tristemente.—Foi-lhe hontem o Senhor...

A Januaria, que vinha servir o caldo rescendente em fartas tijelas vidradas—o fecho sacramental do jantar—confirmou, choramigando:

—E' o Antonio, é. De manhã vi saír de lá o cirurgião. Mas já hontem o *Bumba* o deu por pronto. Ha bocado a Emilia esteve á janela a fazer um pranto que até arrepiava! E diz que ficou muito inchado, depois de «acabar»... Meteram-lhe uma cutéla de aço no peito, com mêdo que «arrebentasse»...

—Pobre Antonio!—lamentou a snr.ª Aninhas.

—Ele pagou, nós devemos!—resumiu Leandro, o olhar baixo, a voz pesada.

Rezada a ação de graças Leandro embrulhou-se no capóte, tomou em direcção à Camara, vociferando contra as mulheres que lhe rebuscaram o olival da Casa da Lousa antes da St.ª Luzia, contra as Pintos de Espinho que apezar das posturas do concelho «extinguirem as cabras» continuavam a trazer cabras com o gado «ovelhum». Mas haviam de paga-las, que as «coimas» não eram p'ra outra coisa.

Duarte saíu atraz dele. A néve caía numa sarabanda de turbilhão. Caminhou direito á botica do Joaquim José—as botas a enterrarem-se e a rangerem surdamente no fôfo tapete

branco que cobria ruas e praças. O Roque ficára de lá mandar á uma hora por uma caixa de unguento. Era esse o sinal de que Maria do Rosario, ao outro dia, estava em sua casa, a tratar a Olimpia. A's tres horas, como o emissario do Roque não aparecesse, convenceu-se de que já não vinha—por causa da néve talvez, talvez por qualquer incidente imprevisto. E foi porisso mesmo, mais amarfanhado do que se o tivessem sovado aos pés, que condescendeu com o dr. Costa Seixas—havia deixado de nevar, e ele aceitou o convite para subirem á Carreira, para gosarem o espectaculo da neve do alto da Carreira.

Não se via ninguem na Praça. O pelourinho, de barrête branco, as escadas forradas de alta camada de mescla branca, parecia coberto de bolôr. Da rua do Outeiro para a rua Direita, desta para a da Barreira e Arco da Mizericordia, e da porta de cada casa para aquelas ruas, cruzavam-se, bifurcavam-se, multiplicavam-se sulcos negros de pègadas na alvura da tapeçaria urdida durante a noite, engrossada em todo o dia. Do palacete dos Pintos Gouveias para o Extremadouro alongavam-se, como trilhos de via ferrea, as duas linhas paralelas do rodar dum carro de bois. Lado a lado, embuçados nas suas capas, marchavam sem o menor rumor, como se não puzéssem os pès no chão—deixavam no sitio das pégadas a figuração duma corrente de élos simetricos e unidos.

Ao chegarem á Carreira os flocos caíam de nôvo, num socêgo de extase, num silencio de neblina, turbilhonavam no ar, toldavam a vista, prendiam-se das ramagens nuas das arvores, de grandes cabeleiras á Maria Antonieta cuidadamente empoadas. Abriram os guardas-chuva.

—Irra, que está frio!—resmungou o dr. Seixas.

—Hontem esteve mais. Está sempre mais frio antes de nevar.

—Aqueles é que não teem frio...

Aqueles eram rapazes descalços, a rir, a correr, numa

batalha campal com bolas de néve, junto das ruinas da igreja de Sant'Iago — muros destelhados, de que só restava intacta a capela mór, a atestarem e a apregoarem o vandalismo incendiario das invasões francezas.

Avançaram até ao palacio do Manoel Soveral—donde dominavam escarpas e vinhas de Alem-Douro, e a serra da Senhora do Monte, umas e outras esfumadas na nevoa de flócos, recuadas para longe como se as vissem por um binoculo invertido. E no silencio, em que não havia um canto, em que se não ouvia um grito, incessantemente, como milhões de petalas, como milhões de azas estonteadas, como farfalhos de luar congelado nas nuvens, a nève farandulava, palpitava, caía. Era o Deus invisivel, na sua tunica incorporia, em visita pastoral á terra. Era Deus que passava—e a terra, toda em si mesma, sufocava-se para lhe escutar os passos. Era Deus que seguia em procissão—e do céo, forrado de damasco plumbeo, derramavam-se lirios, desfolhavam-se lirios, que voavam, que poisavam, forrando-lhe o solo de arminho.

O dr. Seixas chamava a atenção do amígo para a alvura dos telhados, debruados de negro no rebordo das chaminés, para as galinhas pensativas, de bico pendente e perna alçada sob um alpendre da Deveza.

Duarte arrependia-se de ter saído da botica. Apezar de tudo, podia vir na sua ausencía o encarregado da compra do remedio. E' verdade que o saberia, sem provocar desconfianças, pelo proprio Joaquim José. E se de facto não viesse? E' que não havia possibilidade de lhe dizer adeus, de se despedir dela pelo excesso de vigilancia da familia. Queixou-se do frio e da humidade nos pés. Lembrou a conveniencia de regressarem á botica. O dr. Seixas estranhava-lhe o mutismo, a concentração quasi agressiva. Ele desdobrava-se, intimamente, em gestos de altivez plebeia contra a altivez fidalga do D. Antonio; escrevia e rasgava cartas em que lhe estampava os timbres da nobreza do seu caracter sacrificando-lhe o amor

e a vida; fantasiava raptos e lances dramaticos que o anafado conselheiro bom-senso logo repudiava.

Estavam por um fio as cinco horas—e Duarte dispunha-se já a regressar a casa—quando o Roque, o Roque em pessoa, de lampeão acêso e o capote abotoado do queixo rubro aos sapatões de bezerro barrou a porta da botica. Sacudiu o capote. Falou da néve—ia lá p'la Valeira um nevão que não lembrava aos nados por aqueles sitios. Um nevão que pegára mesmo até ás bordas do rio...

Duarte despediu-se, que eram horas de cêar, e foi esperar o feitor perto do convento. O feitor não demorou—apagando o lampeão ao informa-lo. Não houvera meio de arranjar coisa de geito. A sua acamára nessa manhã. A snr.ª morgada fôra trata-la. Mas a tia D. Isabel Maria, que a não largava nunca, nem assim a largara. Ela, que não ia senão a onde muito bem lhe agradava, sempre a gemer, sempre a queixar-se dos seus trabalhos, estivera ali de guarda á sobrinha sem despegar um nadinha. E na volta ao solar, como molhasse os pés, com mêdo dum resfriamento deitara-se no quente, e não deixára que a snr.ª morgada saísse mais do quarto.

—Não a levar o diabo! Velha de má raça!—rosnou Duarte, de punhos cerrados.

—Ah, bô! Isso é o levas! E bote bem sentido no que lhe digo:—ha-de ir primeiro a snr.ª D. Carlota, que é uma cêra velada...

A snr.ª D. Carlota! Aquilo era uma santa! P'ra ela não havia pobre nem rico—eram todos um só.

—Ouve...—interrompeu Duarte, impaciente.—E não soubeste nada... a respeito do convento?

—Do convento! Não se arranca pio ao raio do Zé da Riça! «Inda» hoje de manhã lho «procurei». Mas qual o quê? Resmungou, chamou-me intrometido... Por um triz me não vi «em hajos» de lhe «arrebentar o canastro»...

Mas parecia que não 'stava tudo perdido. Era o que lhe mandava dizer a snr.ª D. Carlota.

—A mim?! A snr.ª D. Carlota mandou que me falasses na sobrinha?

Pois não lhe dissera, havia um instante, que ela era uma santa? A snr.ª morgada, p'los módos, lera-lhe a carta escrita p'lo snr. Duartinho. E a snr.ª D. Carlota, já perto da noite, aparecera-lhe em casa como quem ia saber da sua mulher, de cama todo o dia, e recomendára-lhe que viesse dizer ao snr. Duartinho que não escrevesse ao fidalgo. Era melhor ir ter com ele á Valeira, que não o punha fóra de casa, e despedir-se de viva voz. Pedia-lhe mais que fôsse entre as duas e as três da tarde—ela lá estava, pronta p'r'ó receber e fazer certa coisa resolvida com a sobrinha que convenceria o snr. D. Antonio.

—O fidalgo não me recebe!

—Ah isso é que recebe! Se é a snr.ª D. Carlota que o diz...

Duarte recolheu a casa flutuando da certeza para a incerteza acerca da recepção do fidalgo—mas não sabia porque, mais inclinado para a conversão amavel que lhe lisongeava o sentimento. A questão de D. Carlota lhe mandar falar na sobrinha—sancionando ostensivamente o seu amor; a circumstancia de D. Carlota lhe pedir que procurasse o irmão —convencida de que o irmão transigiria—afigurava-se-lhe o clarear de dias felizes, ainda pouco antes julgados noite fria e sem estrela d'alva. E assim, tão certo é que a felicidade ou a infelicidade, tantas vezes, são mais a afloração de impressões do que o frutificar de factos, ele, pouco antes o maior dos desgraçados, entrava a olhar a perspectiva do futuro numa confiança magnanima.

Na manhã seguinte levantou-se no entanto desalentado, no receio da hora da partida. E ao montar o alazão — entre o assombro da mãe e o encolher de hombros do pa-

drasto—para dobrar o caminho da Valeira, fê-lo automaticamente, o espirito e a reflexão a arfarem sob o joelho opressôr da duvida. Emfim—comprometera-se, cumpria. Demais, habituado a afrontar a morte nas batalhas, disposto a jogar a vida numa aventura, não podia hesitar diante da prova que lhe requeriam. E se D. Antonio o não recebesse, ou recebendo-o, não se convencesse — veria Maria do Rosario uma vez mais, dir-lhe-hia para sempre adeus.

A' aproximação da Valeira sentia-se desfalecer. Atribuia a sensação de esvaímento á brancura estridente do caminho, e dos campos, e dos montes marginaes. Já não nevava, o céo conservava-se turvo, mas mantinham uma lividez ascetica as encostas e planuras adormecidas—e a mata de Sidro semelhava um palio enorme, de milhares de varas, com as copas juntas sob um damasco alvissimo. Em breve, porem, se dispôz a crêr que o esvaimento era inquietação e desconfiança.

Sob a néve, vistos das portas de Sidrô, as ondulações do solo de aquem e de Alem-Douro davam a ilusão dum largo mar revôlto—com vagas negras, o perfil adusto dos rochêdos, crêspas de pulcras espumas; com velas e destroços de navios, arvores e casebres emergindo á flôr das aguas. No rio, que era um escuro caudal de lama a cortar massas gigantescas de cal, cal virgem em montanhas, subiam barcos de véla pançuda, desciam barcos abrotoejados de pipas. E na ravina do contraforte de S. Salvador um troço de galegos, dobrado sobre os ferros e as pás da surriba, manchava a espuma dos socalcos com o oiro e o bronze do schisto esfarelado.

O *Tua* ladrou ameaçador. O Zé da Riça, á porta dos lagares, ficou-se petrificado, de pupilas pavidas no vulto de Duarte—e este, como se quizésse desvanecer-lhe o terror, demonstrando-lhe que não era lobisomem saído da brancura hirsuta dos pendôres, desmontou do cavalo, preguntou-lhe pelo fidalgo—com a voz é certo um pouco comprometida.

—Deste modo... o fidalgo...—tartamudeou o escudeiro...—deve 'star na livraria...

—Vá-lhe dizer que preciso falar-lhe. Duas palavras, não o demoro...

Ele hesitou. Duarte não protestou contra a hesitação—desejando mesmo que a hesitação se convertesse em recusa, que a recusa o obrigasse a retirar.

Mas o Zé da Riça teve um impeto brusco de decisão. Trepou a escada nobre. Daí a minutos assomava ao alto a garnacha poída e a adiposidade agastada de Frei José. E mal Duarte palmilhou os primeiros degraus, o egresso, do patamar, comunicou-lhe secamente, rudemente que D. Antonio não podia atende-lo—e que lhe rogava que não voltasse a importuna-lo.

Reanimado de subito, de subíto impando de destemida arrogancia, Duarte abeirou-se do frade, retorquiu, batendo as palavras como peças de oiro num disco de pedra:

—Nem desta vez eu vinha importuna-lo. Diga ao snr. D. Antonio que vinha apenas preveni-lo de que, por minha causa, não precisa internar a filha num convento! Diga-lhe que sou eu que saio da Pesqueira, amanhã mesmo, e para sempre!

Calou-se ao silvar aspero da voz do fidalgo lá dentro, ao rijo estalar duma porta no corredor.

Frei José aproveitou o seu silencio para inquirir, sarcastico:

—E porque supõe o snr. Duarte de Oliveira que o snr. D. Antonio da Paz de Sousa Pereira e Vasconcelos, por amor de si, manda sua filha para um convento?

—Frei José!—rugiu, congestionado de colera.—Cuidado com a lingua! Adeus!

E desceu a escada, de cabeça direita, pisando com sobranceria.

Desde que recebera a carta de Duarte, desde que o soubera no proposito de tornar para a guerra todos os dias anunciada, Maria do Rosario não lograra mais um instante tranquilo, por pouco não comia, quasi não dormia. Esquecera a ideia do convento. A clausura para si já não era nada—em face da terrivel perspectiva do regresso dêle ás batalhas, da sua morte provavel, pelo menos da sua intenção de não voltar á Pesqueira. Tambem ela queria falar-lhe—mas para lhe suplicar por tudo, pelo seu amôr, pelo amôr da sua mãe, pela memoria do seu pai, que desistisse desse projecto.

Entre as duas situações a melhor ainda era a da entrada no convento. Porque nada mais facil do que o pai vir a arrepender-se. E que não cedêsse. Podiam vêr-se, poderiam por certo corresponder-se. Recordava-se de quando estivera nas Chagas, em Lamego: duas primas suas recebiam cartas clandestinamente, e clandestinamente conversavam á grade com os sinatarios dessas cartas. Ao passo que se fôsse para a guerra... tinha a certeza de que nunca mais os seus corações palpitariam perto um do outro, no mesmo embalo, na mesma fé, na mesma esperança.

O Roque entregára-lhe a ultima carta á saída da lareira, á hora de se deitar. Lera-a no quarto emquanto as tias davam as bôas noites aos santos da capéla. Fizera por socegar, no receio de comprometer a ida a casa do feitor em socôrro da Olimpia. Não dormira meio sôno. De manhã rejubilára ao vêr tudo coalhado de néve, ao vêr a néve desfolhando-se sem intervalo. Afigurava-se-lhe uma ajuda da Providencia—assim, já a tia D. Isabel Maria a não acompanhava á cardenha do Roque.

Acabava de almoçar. Os filhos do feitor romperam em grita pela cosinha, clamando que a mãe tombara no

chão com a dôr. Partira alvoroçada para lá—sem requerer autorisação. Mas mesmo sobre a néve, coxeando, a tia a seguira. No regresso encharcára um pé. Metera-se na cama, obrigára-a a conservar-se a seu lado. Fôra então, desvairada e febril, aproveitando um momento em que a tia D. Carlota a chamára á sala de jantar, que contára a esta o que se passava, e lhe afirmára a sua morte certa se Duarte saísse para a guerra. E fôra então, que a tia, compadecida e piedosa, sabendo que era o Roque quem lhe levava as cartas, procurára o Roque e o incumbira de dizer ao Duarte que viesse despedir-se pessoalmente de D. Antonio—resolvida a intervir mais uma vez, esperançada no fruto razonado da sua nova intervenção.

Não faltavam muitas horas para se decidir aquele grande pleito, que podia restitui-la á felicidade, que podia tornar a sua infelicidade maior do que nunca—mas cujas consequencias não tentava adivinhar ou prevêr. Levou a noite em sonhos e pesadêlos. Levantou-se com o luzír da madrugada. Resou durante a missa num fervor exaltado. Sentou-se á beira da cama da tia, aconchegando-lhe a roupa, servindo-lhe a tilia contra possiveis defluxos. A's duas horas ouviu ladrar o *Tua*. Não se conteve, apezar de D. Isabel Maria lhe recomendar que não se afastasse, disse-lhe que ia á cosinha, ao pé da tia D. Carlota, e avançou para o corredor, e espreitou á janela do quarto dos hospedes.

Duarte, em frente dos lagares, de cavalo á redea, a capa solta, falava ao Zé da Riça. Correu de facto á cosinha—onde a tia D. Carlota, assistida por Frei José, auxiliada pelas creadas, enchia as tripas do fumeiro ao fogo vivo da lareira. Fez-lhe sinal com a cabeça. O Zé da Riça surgia daí a nada, com despacho do fidalgo que na livraria aguardava o frade. Do corredor tia e sobrinha divisaram Frei José de braço estendido para Duarte. D. Carlota meteu á livraria, indo Maria do Rosario com éla--ambas em ar de suplica. D. An-

tonio, sentado no bufete, levantou-se, inteiriço. Cresceu para as duas, o sanho agreste, o passo forte. E sem que as suas bôcas se abrissem, ou os seus joelhos se dobrassem, clamou num toar de possesso:

—Lá fóra! — batendo brutalmente com a porta.

Recuaram estonteadas. Mas Maria do Rosario deitou os olhos para a escada, descobriu a cabeça de Duarte, a afundar-se para lá do patamar, a descer cadenciada. Alteou o busto num gesto impulsivo. E antes que D. Carlota emergisse do estonteamento, antes que Frei José podesse estorvar-lhe o passo, lançou-se em direção á escada. Do patamar viu-o já a cavalo, a torcer o cotovêlo da estrada. Galgou os degraus, gritou angustiada:

—Duarte!

Sentindo os passos e a voz aflita da tia no seu encalço, os b rados repreensivos de Frei José, arrepiou caminho, enterrando os pés na néve, clamando como louca:

—Duarte! Duarte!

O Roque, junto dos galegos, não perdêra um movimento da scena agitada. Viu-a surgir no patamar em seguida ao dialogo rapido entre o frade e Duarte; ouviu-lhe o grito aflitivo; viu-a fugir caminho acima — e Duarte parar, desmontar, esperar que ela se aproximasse, indeciso e perturbado. Viu D. Carlota e Frei José correrem atraz dela—vendo-a tombar na néve ao dobrar o angulo da estrada. Então correu tambem, com êle correram os homens da ranchada, que largaram as pás e ferros de alavanca. E preparava-se para a transportar ao solar, encharcada, sem sentidos, quando do rio, com o Diogo e o *Nevoeiro* chegaram alguns «marinheiros» — a quem D. Carlota, a mão no peito, o rôsto desfigurado, pedia cuidado, não fôsse o fidalgo ouvi-los.

Era provavel que não ouvisse—observava, confiada no rugir protector do cachão, no ladrido maguado do *Tua*,

E emquanto o frade, apopletico, ordenava a Duarte, tre-

mulo de comoção, que se afastasse e deixasse em paz quem tinha direito a ela; emquanto Duarte, sem energia para reagir, retomava o seu caminho num fundo abatimento; o Roque e o Madeira transportavam o côrpo lindo de Maria do Rosario, os vestidos manchados de néve, os braços a pendular ao abandôno, o rosto exange, os labios roxos, os olhos contraídos, os caracoes esparsos.

D. Carlota, á frente do grupo, fê-lo estacar ao cimo da escada—e requereu dos «marinheiro» e galegos que voltassem ao seu trabalho, e a Frei José, a resfolegar de cançasso e de revolta, que nada dissesse ao mano D. Antonio, e que fôsse adiante, e o entretivesse na livraria, a fim de que não distinguisse qualquer suspeito rumôr.

A' entrada no corredor, descalços e nos bicos dos pés. esbarraram com a Tomazia—que se benzeu, que recuou abismada, sem mais ouvir a campainha a chama-la, imperativa, do quarto das senhoras.

—Schiu!—intimou D. Carlota, impedindo-a de traduzir a surpreza em exclamações.

D. Isabel Maria, sentada na cama, de campainha alçada, rubra de justa impaciencia, abriu a bôca e esgazeou os olhos ao surgir-lhe á porta o quadro inesperado daqueles homens, guiados por sua irmã, seguidos pela Tomazia, conduzindo o corpo inerte da sua sobrinha.. Soergueu-se, gemeu, como num estortor:

—O que é isso?

D. Carlota abeirou-se dela apressadamente, disse-lhe que a pequena chegára ás escadas e caíra sem sentidos no terreiro, com uma vertigem.

—Foi. a néve! Foi por causa da néve!—comentou a prosternada senhora.—Para que saíu ela daqui?

Os homens deixaram-na sobre a cama, na atitude duma estatua jacente sobre um tumulo, e despediram-se, e desejaramlhe as melhoras. D. Isabel Maria chorava por não poder levan-

tar-se, por não poder ajuda-la a despir, «que lho não consentiam os seus trabalhos«», invocando liquidos e friçoes para lhe acordar os sentidos. Chamaram Frei José logo que saiu da livraria. E este, verificando a fria rigidez da snr.ª morgada, que lhe dava aparencias de morta,—sob o chôro sufocado das tias e a fé da Tomazia no podêr vivificador do vinagre com que lhe fricionava os pulsos e as fontes — não rebuçou o parecer de que se recorresse, sem detença, á sciencia e á experiencia do cirurgião.

—Nem mais, do cirurgião Teixeira.

—Mande-o então chamar—implorou D. Carlota.—Depressa. Que vá lá o Roque.

Fóra do quarto Frei José coçou apreensivamente a calva. E foi apreensivo que ordenou ao Roque, do cimo da escada nobre:

—Depressa! E o cirurgião que venha comtigo!

XV

Á ámanhã?

—Sim, snr.ª D. Carlota, já ámanhã...

Maria do Rosario recostava-se a almofadões. Uma touca branca cingia-lhe a cabeça. E com o chale de cachemira a abraçar-lhe os hombros, numa palidez de pergaminho, numa magreza de vime, crispava a bôca num sorriso toldado de melancolia.

—Vês? Eu não te disse?—comentou D. Isabel Maria, de pé á borda da cama.—A'manhã já te pões cá fóra. E em antes de quinze dias dás o teu passeio ao pomar...

—Isso é que seria de pouca prudencia—observou o cirurgião José Antonio Teixeira, na sua vigorosa solidez de tronco de carvalho, a barba á passa-piolho, o olhar confiante e o gesto brando.—Precisamos não esquecer que a doença foi grave... e que a convalescença é demorada.

—Não esquecemos, não...—afirmou D. Carlota.

—E' que julguei que aí pelo dia de S. Matias...

—Minha senhora... sou pouco sabido no *Flos Sanctorum*. Ah, sim, neste mez é S. Matias... dá o sol nas sombrias...

—E' assim mesmo...—disse D. Isabel Maria, desvanecida.—Dia Santo.

—Deve ser...

—A 24 de fevereiro...

—Hoje são quatro...—marcou o doutor Teixeira,

—E como faltam vinte dias, e para então já anda comnosco o sol de Nosso Senhor...

Convieram, entretanto, em que só quando ele o julgasse oportuno, ela arriscaria os primeiros passos fóra de casa. Ele,

medico, não interrompia desde já as suas visitas—apenas as espaçava, vindo duas vezes na semana.

Ao outro dia, muito palida, muito fraca, sentada numa cadeira de verga, entre almofadas e cobertores – e ao brando calôr da brazeira—Maria do Rosario recebeu a visita da prima D. Maria da Piedade, nascida na casa do Cabo, casada com o primo Eduardo Soveral, da casa de Sidrô.

A prima achou-a encantadora, assim diluída e transparente. Arguiu enternecida a travessura dos filhos, da Leonor e do Luiz, que lá ficaram na quinta sob as vistas do tio Jorge, sempre enlevado nos sobrinhos. Deu noticias ácerca do marido, que fôra chamado a Lisbôa pelo Saldanha.

—E o primo Eduardo sempre aceitou a legação de Paris? —inquiriu D. Carlota.

—Não. Não quer nada desta gente.

—Muito bem. Gente que gereceu de Belzebuth! — aplaudiu D. Isabel Maria.—Não quer meter a sua alma no inferno.

Maria do Rosario, numa intenção reservada, cujo decote discreto só D. Carlota perscrutou, interrompeu-as, preguntando:

—Esteve muito concorrido o baile do Caho, ante-hontem?

Consideravelmente concorrido—informou D. Maria da Piedade. Concorrido e magnifico. Fôra das festas mais lindas dos ultimos tempos da Pesqueira. O seu baile, nos anos do Eduardo, fôra bom. Fôra bom o baile do Castro Pereira nos Reis. Mas o do irmão excedera-os a ambos. Um luxo de côrte imperial. Trajos carnavalescos de gôsto e de dinheiro.

Alem disso, tudo quanto havia na terra e arredores da intimidade do mano Salvador — os Sousas Donas Bôto, do Adro, ostentando D. Antonia rico costume de madrugada; os Pintos Gouveias, sendo um deslumbramento o vestido de D. Jacinta, em damasco rôxo bordado a oiro; uma amiga da Viscondessa de Linhares, que trajava á Directorio, escandalisára o salão com os bicos dos peitos a espreitarem do decote

engastados em aneis de brilhantes; os Viscondes de S. João de Pesqueira, de Soutêlo; os Mélos e os Sequeiras, de Ervedosa; os Caiados Ferrão e as irmãs, vindas propositadamente de Trevões; a Viscondessa de S. Jorge, da quinta da Chousa; os Pimenteis, de Moncorvo; os Pinheiros, de Provezende...

—E da Pesqueira... não estava o... o Carvalho e Pôvo, as irmãs...?—insistiu Maria do Rosario.

Estavam, claro. Nunca faltavam ás festas do Cabo. Embora um pouco «tontos», coitados, o mano Salvador não esquecia que eram dos mais nobres fidalgos do concêlho. E estava o Teixeira, do Lodeiro, o Antonio José de Almeida...

Não se referiu a Duarte. Certamente não andava para festas—e esta conjectura derramou-lhe na alma uma dôce e fresca claridade. Mas á despedida a prima prescreveu-lhe cuidado com a saude—e que não se sacrificasse por ninguem. Ela corou muito, convencida de que D. Maria da Piedade conhecia as origens da doença, desconfiada de que porisso ocultára o nome de Duarte.

Não devia sacrificar-se por ninguem—considerava D. Carlota, regressando ao quarto de acompanhar a prima á sége que a trouxera á Valeira. Não devia sacrificar-se—era o que precisava dizer-lhe, logo que lhe sentisse fôrças para a ouvir, como precisava dizer-lhe o que Duarte pensava do seu casamento com o primo D. José, desde que lhe falára na casa do Cabo, onde a seu pedido conferenciaram dias antes. Maria do Rosario sabia apenas que Duarte ficára na Pesqueira, retido pelos primeiros boatos alarmantes relativamente ao seu estado, em seguida á sincope sobre a néve. Sabia, alem disso, que todos os dias se informava pelo feitor ácerca da marcha da doença. Desde que conhecesse, porem, a resolução de lhe impôr que casasse com o primo, afim de que D. Antonio—que nem no periodo grave da pneumonia lhe entrára no quarto—perdoando-lhe, e desistisse do convento, talvez aquilo lhe passasse...

—E é que impõe...—corroborava D. Carlota para comsigo, junto da convalescente, a quem a Tomazia veiu preguntar se queria o caldo de galinha. — Que dignidade e qne coração de rapaz! Faz pena que não seja fidalgo...

Aproveitando a ausencia da tia D. Isabel Maria e a saída da criada, Maria do Rosario fitou-a, murmurou docemente:

—Desejava escrever-lhe... Só duas palavras...

—Já te disse... Ainda estás muito fraca.

—Até me dava fôrças para melhorar...

—Daqui a dois ou três dias.

—Bem. Como quizer.

Achava-a outra. A doença abatera-lhe os assomos frequentes da insubmissão. Os vinte dias de lenta consunção, ao fôgo da febre que a pneumonia por si só não explicava, queimaram-lhe a resistencia, abateram-lhe a irritabilidade. Até fôra docil para o primo D. José, coitado, que apezar de tudo, informado do perigo, viera visita-la, e só ao declararem-na em convalescença retirára para sua casa. E assim, ela que dantes, por nada e por tudo, se insurgia com arrogancia, agora submetia-se com resignação. D. Carlota anotava o facto e inscrevia-lhe á margem a rubrica de bom agouro—prenuncio favoravel do resultado a obter para a conversão desejada.

—Minha tia.

—Dize.

—Empreste-me o espêlho. Hoje já posso vêr-me...

Condescendeu. Era preciso não abuzar, não a contrariar por principio e por sistema como preceituava a irmã. Da comoda de pau santo passou para a sua mão tremula, em que o azulado das veias, sob o setim transparente da péle, formava um mapa em relêvo, um espêlho minusculo de toucar, com cabo de marfim e vidro de bordos lapidados.

—Ui, tão magra! Só tenho olhos e bôca!

D. Isabel Maria, a arrastar-se, a carpir-se, assomou á

porta. E como a percebesse a lamentar-se de feialdade, obtemperou, agastada:

—Tens ouvido repeti-lo a Frei José:—a beleza é uma caveira bem ornada, a que a menor enfermidade tira o brilho. Olha, minha filha, a beleza que nunca esmorece, é a que reside nas boas ações.

—Ainda assim... a tia D. Isabel Maria não gosta de parecer mal. Compõe e penteia os seus bandós...

—Componho-me e penteio-me por decencia. Quando fui a Braga, velhos e novos tudo admirava o meu desprendimento. E eu era uma rapariga de trinta e dois anos.—Gemeu as suas dôres, quebrou-se numa cadeira, dirigiu-se á irmã:—A mana Carlota... chegue-me aquele rosario... dali, do cesto da costura.—E de nôvo para a sobrinha:—Pois todos estranhavam que me não agradasse das galas do mundo.

A Tomazia reapareceu com o taboleiro de charão em que fumegava uma tijela da India coalhada do oiro oleoso da gordura, entre uma compoteira de marmelada e um pires de bolacha inglêza.

—Pois sim, minha tia. Ninguem gosta de parecer mal.

—Vosselencias dão licença?—requereu uma voz humilde, do corredôr.

—Vê lá quem é—intimou D. Isabel Maria á criada.

A criada, num geito de bôca crispado de repugnancia, disse que era a Olimpia, a mulher do Roque.

—Fui eu que lhe dei ordem de vir hoje...—interveiu D. Carlota.—Manda entrar.

A Olimpia entrou, desgrenhada e suja, de lenço azul e verde na cabeca, o chale negro de lã traçado sobre o jaqué de baeta, nos pés sem meias umas chinélas abertas—e o ventre, na laboração misteriosa dum nôvo ser, erguido em abobada, repuxava-lhe a saia á frente e desnudava-lhe o jarrête carnudo.

Saudou a snr.ª morgada e as senhoras fidalgas—ungin-

do-as do oleo do seu melhor sorriso. Maria do Rosario comoveu-se, reanimou-se na sua presença, sorriu como não tinha sorrido até ali, falou-lhe como ainda não falára a ninguem, interrogando-a com o olhar, afagando-a com as palavras, sentindo-se vogar uma onda estranha de vigôr.

—Ande, snr.ª morgada, que ninguem «a julgava». Mas agora está quasi bôa...—disse-lhe a Olimpia. Apontou-lhe a face, em que a comoção florira num timido rubôr:—«Franzelinha», mas já tem um lustrinho. Vosselencia verá que depressa arriba. Estes nossos ares são muito doceirinhos...

D. Carlota tomou da compoteira uma talhada de marmelada. oferecendo-lha:

—Péga, Olimpia. Não vás ter algum «descaminho»...

—Algum «descaminho»! Ah, bô! Não sou dessas, minha senhora. Nem sou «augada», em bôa hora o diga, nem mulher de desejos.—Sob a insistencia da oferta aceitou, agradeceu:—Assim com'assim, vá lá. E p'ra que viva. E' p'r'a «canálha». Quem tem «canálha» tudo é preciso...

O fidalgo bradou por D. Isabel Maria. No quarto fez-se o silencio inquietante das tôrvas espectativas. Maria do Rosario alvoroçou-se, certa de que ela saíria do quarto, de que poderia saber pela Olimpia noticias frescas de Duarte.

Mas ao alvoroço sucedeu o desanimo, ao sorriso reanimado a tristeza da prostração—porque D. Isabel Maria, que chegou a levantar-se, se sentou outra vez, requerendo da mana Carlota que fôsse dar ao mano D. Antonio aquele embrulho guardado, na vespera, no arcaz da sala de jantar.

A confidencia de Frei José, daí a três dias, de que tudo estava em ordem a fim de que a snr.ª morgada entrasse na casa do Senhor, logo que o cirurgião a julgasse apta aos incomodos da viagem, deixou D. Carlota afogada de angustia.

O que? Pois nem a doença, nem o seu estado haviam amortecido a colera do pai? Nem queria pensar na sua partida. Receava as consequencias do abalo, receava morrêr! Um outro abalo, egual ao que a sacudiu quando Maria do Rosario fugira atraz de Duarte. e rolara na néve, podia fulmina-la. E porisso, e porque se convencia cada vez mais da inutilidade do sacrificio, fez provisão de coragem e resolveu entender-se com a sobrinha nesse mesmo dia. Demais, pensava-o sinceramente, Maria do Rosario não receberia com indiferença o pedido de Duarte, nem a probabilidade dum máo desenlace para a saude da tia, — como não deixaria de recordar agradecida o interesse de D. José durante o horror da doença.

Seguiu da capela para o quarto onde a sobrinha, com o *Panorama* esquecido sobre os joelhos. observava o presente e sonhava com o futuro — a irmã e Frei José ficaram a rezar o desagravo do Carnaval.

— A tia D. Isabel Maria?

— Deixei-a na capela.

— Soube alguma coisa? — inquiriu. os seus olhos nos olhos da amoravel senhora.

Cerrou previdentemente a porta, sentou-se numa cadeira rente á da convalescente, confesssou:

— Soube. Mas, antes de te dizer o que soube, preciso duma promessa tua...

— Promessa de quê?

— De que me escutas... sem alteração. Doutra sorte...

— Prometo. minha tia — disse, pondo de lado o *Panorama.*

E declinou a promessa numa inflexão de tão confiada serenidade, que D. Carlota entreviu o seu papel mais facil do que uma Ave-Maria.

Ela estava linda e afavel. Os cachos negros de cabelo, já soltos da touca, afagavam-lhe a face em que a convalescença começava a espalhar ligeiros reflexos de alvorescer. A touca

de linho puro e rendas indecisas amenisava-lhe a branda expressão do olhar. E o chale de cachemira com flores exoticas, a espreguiçar-se-lhe dos hombros, fazia ninho sobre o cobertor que a envolvia até ao busto, donde as mãos surdiam, brancas e quietas, como duas azas implumes.

Prefaciou a contenda com a intransigencia invulneravel do pai. Procedia no caso de Maria do Rosario, sua filha. como procedera, ainda em Provezende, no caso dela, sua irmã. Não consentira no casamento da irmã porque o protendente, filho segundo, não era rico. Não consentia no casamento da filha, porque o pretendente, filho abastado, não era fidalgo...

— Como se a fidalguia viesse a alguem da pedra dos brazões... — comentou a sobrinha, tristemente.

Sofrêra muito, — argumentou D. Carlota — ficára com aquela lesão no coração, e nada lucrara, só perdêra com o sofrimento.

— Nunca me disse o nome dêle...

— Para quê filha? E não é dêle que se trata agora...

— E a tia D. Isabel Maria? Nunca gostou de ninguem?

— Não me consta. A tua tia foi sempre temperada no querer e no desejar... — Encolheu os hombros, proseguiu: — O teu pai não consente no casamento. Ferido pela tua desobediencia não veiu vêr-te na doença, apezar de tão sentida de todos, e até parece esquecido do teu nome...

— E porque, meu Deus? Que mal fiz a meu pai? — psalmeou, chorosa.

— Se não escutas em socego... calo-me.

Garantiu um pleno socêgo. A tia afirmou-lhe que a despeito de tudo, ele esperava o restabelecimento da sua saude para a enclausurar no convento.

— No convento! Torna com o convento?!

— Torna, minha filha.

— Disse-lho ele?

— Não. Soube-o... não devo dizer-te por quem.

Enclavinhou as mãos, gemeu, convulsa:

— Quer-me matar, o meu pai!

—Não digas heresias.

— Pois se ele sabe que estive tão mal!

Duas lagrimas, diamantes engastados na platina oxidada das pestanas, porejaram-lhe dos cantos dos olhos. E de pupilas no Cristo crucificado na parede, sobre a cama da tia D. Isabel Maria, e de mãos erguidas em crispação, pranteou, soluçou:

— Porque não me deixaram morrer? Não sofria mais! Acabava com isto!

— Filha! Até Nosso-Senhor póde castigar-te. E não foi isso o que me prometeste. Não podes ouvir-me, não? Pois calo-me...

Maria do Rosario conteve nos limites duma calma simulada os impetos da amargura. Reeditou a sua promessa. Ouvi-la-hia em silencio. Garantia-lho, estava por tudo. Viera ao mundo destinada a sofrêr. Sofreria em paz e resignação.

D. Carlota, agora a colear, a esperança nos efeitos beneficos da sua intervenção a sumir-se atravez das brechas abertas na sua confiança pelo choque inesperado, disse-lhe que pensara—pensara-o, mas pozera tal idêa de parte—em lembrar-lhe a desistencia do casamento com Duarte. Emfim... o primo D. José mostrara na doença quanto lhe queria. E como o proprio Duarte, ao que ele mesmo lhe dissera na casa do Cabo, naquele dia em que fôra á vila e onde conversaram a sós, que a queria casada com o primo...

Soergueu-se na cadeira—os olhos em ancia, a bôca em grito. D. Carlota, vendo-a muda e alucinada teve mêdo de nova crise—arrependeu-se, implorou o seu socêgo. lembrou-lhe a visinhança da tia D. Isabel.

—Mas o Duarte... disse-lhe isso?—interpelou, sacudida.

A tia hesitou. E ao dizer que não, disse-o no tom frouxo de quem não suporta o ardôr vivo da mentira.

Percebeu-lhe a intenção. Deixou-se caír na cadeira. Deixou-se caír a todo o pêso do seu corpo enfraquecido — chorando, em silencio, abatendo-se na amargura profunda dos que se submergem, em consciencia, na escuridão para que nunca ha luz de sol ou entreluzir de estrêlas.

— Porque choras? Olha se vem a tua tia... — lamuriava D. Carlota, alarmada.

Ela não respondia. Recordava factos e interpretava atitudes. A facilidade com que Duarte, por mais duma vez, se dispozera a saír da Pesqueira. O não ter tido uma carta, uma palavra do seu punho para lhe mandar até áquele momento. A simulação da tia, no tal dia em que fôra á vila, para lhe encobrir que o vira. Considerava desfeito, pulverisado e no chão, todo o encanto da sua mocidade. Pulverisado pelo pai — insistindo na sua condenação á clausura? Pela tia D. Isabel Maria — arvorada em sua implacavel carcereira? Pelo primo D. José — querendo-a por mulher atravez de todas as suas repulsas? Não, por nenhum deles — mas por aquele que alimentára esse encanto com o pão e a agua do seu falso amôr. Por ele, só por ele, a quem sacrificaria a vida de bôa-mente, e que a entregava ao outro com a inerte indiferença do que entrega um chapeu ou um vestido...

— Maria do Rosario! Vá, acalma-te. Depois conto-te tudo o que houve...

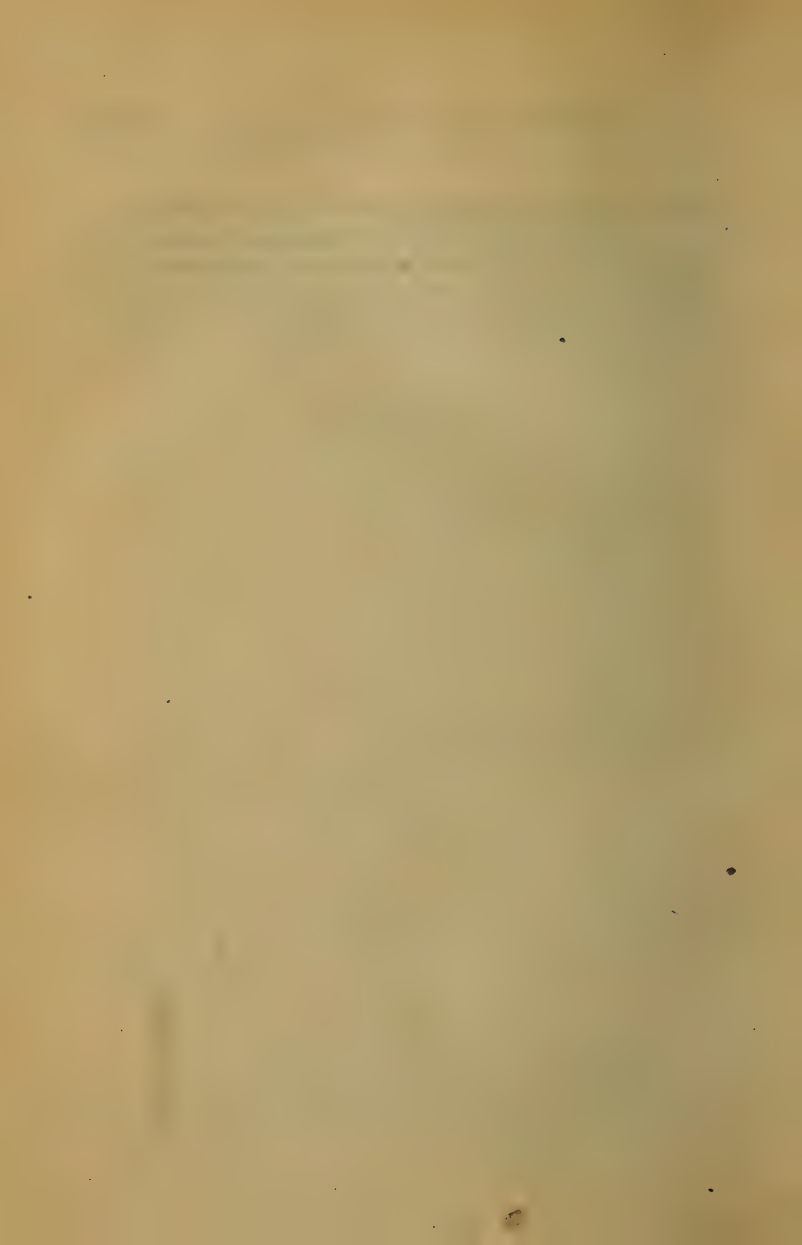
Maria do Rosario sofreou os soluços. Limpou os olhos escuros, a que a humidade das lagrimas fixou um brilho algido de hulha. E triste, sêca, como num ruflar de azas que partem, afirmou. decidiu:

— Pois bem... quero ir para o convento,

— Tu?

— Sim, minha tia. Nada me prende ao mundo.

— Porque, Maria do Rosario? Ora tu... tu não vês...? — e como se quizesse dizer-lhe o grau da sua aflicção pelo tamanho das suas lagrimas, fitou-a nos olhos, continuou, a voz

presa e o gesto perturbado:—Não vês que este pobre coração...?—Sufocada, agarrou-lhe a cabeça entre as mãos, cinguiu-lha ao seio, como para que escutasse lá dentro o que a voz não sabía dizer-lhe, ciciou-lhe ao ouvido, humilde, implorativa: — Maria do Rosario... minha filha... eu morria, eu não podia...

XVI

h, bô! .. Se fosse só por via do baile, o pai não tinha ido tão cêdo p'r'ó Lodeiro. Não sai de lá, ha uns tempos a esta parte...

Debruçado fatigadamente sobre uma pequena secretaria do seu quarto, á luz amoravel dum candieiro de azeite, Duarte resmoneou:

—Sempre a politica. Trouxeram o Costa Cabral da embaixada de Madrid para as camaras. Agora querem-no no governo... E a guerra civil outra vez á porta...

Aninhas cingiu-se quasi ao irmão, quasi encostou a sua cabeça dolorida ao hombro dele. Quebrada de desalento, queixou-se da violencia com que o padrasto a tratára na noite anterior. E porque?—sempre queria que lhe dissessem. Por ele lá ter ido a casa, mascarado com'os mais, aproveitando o ser domingo gôrdo. Nem que ela tivesse culpa disso—nem que ele tivesse feito algum mal. Andava que nem se podia aturar. E então, desde que se deram essas coisas da Valeira, sempre se pozera um «fedentinhôso»!

O irmão procurou adoçar-lhe a magoa com dôces palavras de esperança. Deixasse corrêr. Ainda havia de a vêr casada com o Ernesto, sob as bôas graças do padrasto.

Agora êle! O seu caso era diferente. Esse é que não tinha remedio. Porque o fidalgo não se limitava a castigar a filha por se ter afeiçoado a um plebeu — castigava-a tambem por não querer casar com outro fidalgo. E tanto que, como lhe dissera o Roque nessa tarde, esperava vê-la melhor, apezar de lhe

ter declarado que saía da Pesqueira, para a encerrar no convento. Ao passo que o padrasto, irreconciliavel com o Ernesto só pela sua pobreza, não procurando ditar-lhe a ela o casamento com outro homem, mudaria de sentimentos no dia em que se convencesse de que o Ernesto, trabalhador, podia ser o continuador da sua obra agricola.

— Quem déra que o pregador não errasse!

E Aninhas, reconfortada pelo ambiente tepido que ao seu desejo bafejavam as palavras do irmão, emparcelou os calculos do que ele, tão trabalhador, podia operar em beneficio do casal, do que ele, tão bom rapaz, podia conseguir para o bem de todos.

Duarte seguia rumôr de corrente diversa da que conduzia, em lampejos de sol, o confiado sonho da irmã. Deixou de lhe ouvir a voz e a crença—cheio da grande voz convulsa do seu drama. O fidalgo, herdeiro fiel de carrascos e inquisidores, não se apiedára nem com as lagrimas, nem com a gravidade do estado da filha — insensivel e duro aguardava as suas melhoras para a castigar. Se ele tivesse saído da Pesqueira, ela seria castigada egualmente. Mas que o não fôsse! Tinha agora, desde os seus gritos de angustia, desde a sua fuga de casa, desde a sua queda na neve, a certeza de que não poderia desviar-se daquela terra, pois era ali que ela vivia. E no entanto... deante do sofrimento de D. Carlota, sua tia pelo nascimento, sua mãe pelo coração, prometêra renunciar ao amôr de Maria do Rosario, prometêra impôr-lhe o casamento com D. José.

Não soubera o que prometera — nesse lance de heroica renuncia. Porque, ao senti-la melhorar, aproximar-se a hora em que devia cumprir, força-la, convencê-la, a sua paixão crescia, exaltava-se em labarêda, em fogo impetuoso, que lhe não dava um momento de alivio, que lhe não deixava os olhos desanuviados para descobrir onde colocar o pé e caminhar sem hesitações.

O sino de S. João, respondendo ao de S. João o de S, Pedro, haviam tangido ás almas. O da torre do relogio acabava de tocar á ronda. E ainda a ultima badalada ressoava no ar, a conversa da Aninhas, o fio fluido das impressões de Duarte foram cortados, dum golpe, por som de buzina, rouquejante, profundo — a que sucedeu uma voz cava, lenta, que atravez da mesma buzina bradou do alto do Caneiro, dominando o silencio da vila:

— O' ca-ma-ráda!

—Uma «pulha»—disse Aninhas, mal humorada, de olhar atento.—Embirro co'o entrudo só por estas malditas «pulhas«. Poem ao léo a vida do bom e do máo...

A este tempo já doutro ponto eminente, do chão do Ferrão, para que os pregões se cruzassem sobre o povoado, outra voz, tambem cavernosa, tambem arrastada, respondia, tambem atravez duma buzina:

—Que... é... lá-á-á?

Do Caneiro, rasgando as silabas, espaçando as palavras, soprando-lhes tonalidades arrepiantes, a primeira voz interpelou:

—Então... o Du-ar-te... do Le-an-dro... cá-sa... ou não... cá-sa-a?

Duarte olhou a irmã, como fulminado. A irmã olhou-o a ele, como alucinada.

A segunda voz retorquiu:

—Não... sei... ná-da-a-a!

Houve um silencio. Duarte sufocava. Quem seriam as almas danadas que se aproveitavam das liberdades do entrudo para exporem, nua e vergastada, na varanda de Pilátos, a divina purêza do seu amôr — que a vila inteira, nesse momento, por lojas, bailes e lareiras, a mão no ouvido, os olhos esbogalhados, o riso engatilhado, se preparava para escarnecer, para enxovalhar, para flagelar?

A primeira voz arremeteu contra o silencio, elucidativa:

— Pois... não... cá-sa! Que-ria! Mas... dé-ram-lhe... nas... ven-tas... p'ra... traz!

E logo, dos dois pontos culminantes de comunicação, estrugiu, simultanea, sarcastica, enorme, trovejante, uma gargalhada em ohs! cadenciados:

— Oh! oh! oh! oh!

Nesse instante, outra gargalhada, que não perturbava a mudez da noite, mas que agitava baiucas, lareiras e salas em festa, percorreu a vila. Duarte sentiu-a como uma chicotada em pleno rôsto. Livido, colerico, ergueu-se dum salto. Dum salto abriu a gavêta da sua comoda, donde tirou duas pistolas de cavalaria. A irmã, que meio entontecida lhe seguira os movimentos bruscos, avançou, agarrou-se-lhe ao pescoço, estrangulada de aflição. A snr.ª Inacinha, que nesse transe entrava no quarto, a arder de indignado ressentimento, deparando-se-lhe a scena inesperada do filho, de pistolas alçadas, em luta com a irmã sacudida de chôro, lançou-se alvoraçada contra o filho.

— Deixem-me! — rugiu Duarte, no maximo do seu esforço para se desprender daquelas mãos tão fracas, que o terrôr tornara da rigeza de garras. — Preciso ensinar esses bandidos!

Aninhas implorou a sua calma. A snr.ª Inacinha, praguejando, lagrimejando, ameaçou-o de gritar por socôrro.

A «pulha» havia terminado. A essa hora os dois «pulhistas», furtando-se a possiveis represalias, saltavam chãos, cortavam hortas, cosidos com as paredes, apagados nas sombras, de rastos ou de cocoras para que ninguem os visse. A irmã lembrou-lho, mais em soluços do que em palavras. O que ia ele fazer? — reforçou a mãe cheia de razão. Andar por lá, de Jau p'ra Já, á «pregunta» de quem não aparecia, p'ra no dia seguinte todos os «chocalhos» da vila badalarem o caso de porta em porta rindo a bom rir...

Ele convenceu-se. Afrouxou na resistencia. Largou as

pistolas, que a snr.ª Inacinha fechou na gaveta, benzendo-se e guardando a chave.

—O que deves... isso sim—insinuou Aninhas, contristada em face do seu vulto abatido—é tratar de saber quem são os «fatinarios». E em no sabendo, ferrar cô' eles na cadeia.

—Ah, bô, na cadeia! P'ra irem p'ra cadeia só p'la justiça. E quant'a justiça...—rematou a snr.ª Inacinha, num largo desdem e num fundo séticismo—se me furtarem a capa na Praça... nem ólho p'ra traz...

Duarte, rilhando os dentes, enclavinhando as mãos, em passadas de sonambulo meteu direito á sua cama—e deixou-se caír de bôrco, as mãos crispadas na cabeça, a garganta apertada de soluços, o coração em rebates de colera e dôr.

Elas procuraram conforta-lo. Sentaram-se na borda do leito, entornaram-lhe no ouvido, de mistura com afagos, brandas solicitações de coragem.

Coragem! Não bastava o que sofrêra, durante os ultimos mezes, com a sua situação e a de Maria do Rosario—vinham ainda, com a brasa viva daquele enxovalho, dar á sua angustia o suplicio da irrisão!

Deitou-se tarde, depois do regresso do padrasto, que não ouvira a «pulha», na quinta do Lodeiro.

Arrependia-se de ter evitado por mais duma vez, desde o pedido de casamento, a vingança do padrasto—que por mais duma vez, á fina força, quizera expulsar o fidalgo da Valeira. Ao menos, se o tivesse consentido, se tivesse mesmo colaborado nessa obra de maldade, ninguem se riria de si. Censura-lo-hiam, quando muito, e isso ainda com recato, em segrêdo.

Mas que não se expulsasse aquela familia do seu solar, da sua quinta. Precisava arrancar-lhe, a bem ou a mal, a posse de Maria do Rosario, que era sua pelo coração, que lhe pertencia pelo sentimento—e ao dicidi-lo, esquecido da promessa á tia D. Carlota, alheio ás dificuldades da empreza,

ressuscitou, reviveu, palpitante de comoção, todos os seus projectados e desvanecidos rasgos de audacia, todos os seus antigos e renegados lances de aventura.

—Ah! E se lhe escrevesse... como queria D. Carlota? Mas...

A linha incandescente dum plano salvador iluminou-lhe o cerebro. Como o iluminasse, e logo se apagasse, á maneira dos relampagos, concentrou-se, tentou avíva-lo e reproduzi-lo. Sim, perfeitamente. Depois dessa scena de pelourinho, só dois caminhos se abriam á sua dignidade de homem—o que o levasse para muito longe da Pesqueira, ou o que o conduzisse á posse de Maria do Rosario. Não tinha pernas capazes da aspereza do primeiro. Abalançar-se-hia ao segundo, sem olhar a processos, de ouvidos surdos a estimulos de lealdade ou de coragem—com tanto que vencesse, que a possuisse, que amordaçasse os que riam ás escancaras, ou o mordiam na sombra.

Vigiavam-na. Dentro de poucos dias transferi-la-hiam sob custodia, do seu quarto de convalescente para a sua cela de expiação. Pois bem—o que queria o pai? Que ela casasse com D. José. Pedir-lhe-hia que aceitasse o casamento, como queria D. Carlota, mas com um intuito diverso do dela—e ela que lhe perdoasse. D. José, insensivel a fracassos e desaíres, mantinha esperto o fôgo com que desejava aquecer-lhe, para a receber, o velho solar de Lobrigos. Pedir-lhe-hia, portanto, que se dissesse disposta a casar com o primo. Ele, avisado por proprio ou pelo correio, corria logo ao chamado. E desde esse momento, D. Antonio, perdoando-lhe a insubmissão, dava-lhe a liberdade indispensavel á maturação triunfal do seu projecto.

Ficou-se a olhar para os traços vivos do plano, que no escuro tomavam o tom fulvo do aço ao rubro, perplexo, indeciso, como na presença dum tesouro cubiçado, como no pavor dum crime repugnante. Apenas as frestas da janela, porem, se debruaram de luz, e os primeiros tamancos matraquearam

nos lagedos da rua, pôz-se fóra da cama, embrulhou-se no capote, empunhou a pena de pato, e nervosamente, precipitadamente, escreveu a Maria do Rosario.

Maria do Rosario, lida a carta de Duarte, é que teve a sensação de que uma primavera, vibrante de gorgeios e rica de perfumes, floria em baça quarta-feira de cinzas o inverno agreste da sua dôr. Estava explicado, estava resgatado. Ele dissera á tia D. Carlota que ia instar com ela para que aceitasse o primo por marido. Mas dissera-lho—com um fim oculto, na idêa de a salvar desse casamento e de a desviar da clausura. Aquilo não fôra indiferença, fôra astucia.

Como ao caracter dele, ao seu caracter repugnava a dissimulação e a mentira. Custava-lhe representar, iludir, aparentar. Mas era preciso. A hora da partida aproximava-se com as suas melhoras. Sentia-o pela tristeza dos que a cercavam—da propria tia D. Isabel Maria, que não querendo a sua aliança com o plebeu, não pensava sem magoa na iminencia do apartamento. Sentia-a em especial pelos preparativos do enxoval, pelos suspiros crescentes da tia D. Carlota, que se quedava a fita-la, de olhos razos de lagrimas.

Ainda não saía do quarto para a sala de jantar. A tia D. Carlota, deixando a familia á mêsa, voltou para junto déla, a fazer-lhe companhia. E Maria do Rosario, que lêra a carta emquanto jantavam, que a escondera já no seio, disse á tia, afogueada, que precisava falar-lhe.

—Em que?

Encolheu-se, num geito constrangido. A tia fixou-a, numa incidencia prescrutadora. Não, não tinha coragem. Faltavam-lhe as palavras e os gestos. A sensação da mentira, mesmo antes de a perpretar, doía-lhe mais do que a contin-

gencia do suplicio. E alem de tudo não via fio para a trama a urdir, não sabia por onde principiar, cega, surda, perdida dentro de si propria como no vasio e na treva dum subterraneo.

— Então... em que queres falar-me? — inquiriu a tia, intrigada.

— E' que... — Julgava-se com o desassombro de outros tempos, e surpreendia-se escoada de energia como de seiva uma palha sêca. — E' que... não sei forma de lho dizer...

— Dizer o quê?

Maria do Rosario calou-se outra vez. D. Carlota balanceou a cabeça e agitou os hombros. No terreiro, e em baixo, no armazem, donde irradiava um aroma penetrante a vinho licorôso, começou a sentir-se o ruido de homens no trabalho, de pipas a rebolar. A tia tinha deixado o irmão a contar o que era o esbôço do mapa do Alto Douro do barão de Forrester, que este no dia anterior, depois do jantar opiparo com que o honrara á sua mêsa, lhe mostrara e lhe comentara. Receou que D. Antonio se levantasse para dirigir o embarque do vinho que nesse dia, em dois rabêlos de cincoenta pipas, devia ficar carregado afim dos barcos aproarem ao Porto na madrugada imediata. E se ele se levantava, levantava-se a mana D. Isabel Maria, levantava-se Frei José — e aquela, que logo vinha em direcção ao quarto, impediria a sobrinha de falar.

— Olha que a tua tia D. Isabel Maria está aqui, está a despegar da mêsa... E depois, se tens alguma coisa a dizer....

Precipitou-se. Fechou os olhos, como alguem que num arranco vai lançar-se a um abismo, e disse depressa, atabalhoada, que estava pronta a fazer a vontade ao pai, a casar com o D. José.

— Tu?

— Eu, sim.

—Pois tu queres o... ?—E abraçando-a, e chorando, comovida:—Queres o primo D. José?

Como ela confirmasse com a cabeça, já muito frouxa, meio convencida de que não teria recursos para aguentar a comedia até final, a tia tornou a abraça-la, a molhar-lhe de lagrimas a cara e as mãos. Reconhecia na sua conversão o dêdo milagroso da Senhora dos Remedios. Tanto lho rogara, tanto lho implorara, com tão intimo ardôr lhe prometêra dez arrateis de cêra, que a misericordiosa Senhora tocára o coração da pequena. Estava na disposição de voltar á vila, de repetir o conciliabulo com o Duarte, de lhe pedir carta em que a convencesse, suavemente, a aceitar o amôr do primo. Mas nada disso era preciso. A Senhora dos Remedios substituira-a, convencera-a.

— Bem... Vais dar essa grande alegria a teu pai...— aconselhou D. Carlota, apenas a comoção lhe desprendeu a fala.—Tu propria lho dizes, e acharás facil e gracioso acolhimento...

— Não, tia D. Carlota. Desculpe-me... Não posso falar nisso ao pai.

Demais, a tia D. Carlota devia saber que o pai deliberara manda-la para o convento—e era capaz de não consentir na sua submissão.

—Ah, sim. E' capaz, é... Tens razão.

Rebuscou na arca dos expedientes o acto que ferisse fundo a resistencia do irmão—olhos fitos, atravez da grade da janela, na encosta da quinta, que da janela se arremessava ao alto num arranco agressivo. Ah, perfeitamente! Ela sabia escrever. Escrevia ao primo D. José, pedia-lhe perdão...

— Não escrevo!—retorquiu, perentoria, fazendo ranger a cadeira em que repousava.

— Não escreves?!

Maria do Rosario arrependeu-se. Tinha de responder com cordura, e quando não condescendesse, explicar-se com

placidez. Não escrevia ao primo — esclareceu, de palpebras caídas — por vergonha.

Podia combinar-se com o João Caetano. O João Caetano escrevia-lhe, contava-lhe a sua resolução...

— Espera, espera... E' melhor Frei José,

Foi Frei José, nessa mesma tarde, o encarregado plenipotenciario de Maria do Rosario perante o coração do primo de Lobrigos. E Freí José encarnou o papel, assumiu o encargo exultando de puro regosijo. Salvou com descargas sucessivas de simonte e conceituosas rajadas de latim o bem afortunado proceder da snr.ª morgada — digno dos gravissimos varões seus maiores, que pela honra e pelo dever ganharam o céo.

D. Isabel Maria, conhecedora da nobre missão do frade, queria que o feliz acontecimento, antes de mais nada, se comunicasse ao mano D. Antonio. O egresso e a irmã contrariaram-lhe o parecer — a noticia a D. Antonio pertencia ao noivo dar-lha, com a tripla autoridade de quem numa só pessoa reunia «as boas partes que raras vezes se concordam: cabedal, diligencia e ventura». Ele lha daria, expondo-lhe o motivo da reserva.

D. Isabel Maria concordou, rematou, exultando:

— A ventura é o melhor galardão com que Nosso Senhor premmia os bons.

XVII

oras de agonia eram as que Maria do Rosario curtia agora, bem mais aflictivas do que sob a ameaça do convento. O primo estava na Valeira desde a «segunda dominga de endoenças». O casamento fôra fixado para três de maio proximo — dia santo, por ser o da Invenção da Santa Cruz. Já dormia nas suas arcas e baús de couro, de vistosa pregaria, o enxoval encomendado no Porto e Lisboa — dos melhores tecidos e das melhores modistas. Mas, apezar disso, como se receassem confia-la á sua propria sombra, ao seu proprio isolamento, acompanhavam-na sempre, seguiam-na sempre, dia e noite, em casa e fóra de casa. Nem mais podera escrever a Duarte—que ela imaginava doido de desespero, por vagos e furtivos gestos do Roque e da Olimpia com quem não tornára a trocar duas palavras ligadas.

Sabia que casava daí a quinze dias, ignorando ainda aonde, porque nem isso lhe disseram, porque tudo lhe ocultavam. E ela, que requerera por sua voz a vinda do primo para o casamento; que, na presença dele, junto do pai, confirmara a intenção de o receber por marido, não via possibilidade de se desligar do compromisso tomado.

Nessa noite, que era a do domingo de Pascoa, havia baile na casa do Cabo, onde iam a instancias do primo Salvador. Desde a doença não tornára á vila. E não tornaria nessa tarde — saíam muito de dia, com espessa escolta de creadagem, o que, com o facto de só duas horas antes da saída a preveni-

rem do baile, mais a convencia de que o pai soubera da tentativa de rapto na noite do Natal;—e recusar-se-hia a concorrer áquela festa, se ela não a afagasse com sorrisos de esperança na cerração impermeavel do seu carcere. Talvez Duarte lá estivesse. Talvez lhe sugerisse, no torvelinho do baile e dos convidados, um meio de a libertar. Porque aceitaria tudo, fôsse o que fôsse, quanto podesse arranca-la ao horrôr da sua vida — porque decidira morrer, como derradeiro recurso, lançando-se ao rio na descida da quinta para Lobrigos antes de caír nos braços de D. José.

Vestiu um dos melhores vestidos vindos do Porto — uma tunica de crépe da China em três côres, de tres saias, separadas por guarnições de rendas de Bruxelas. A' coluna esbelta do pescôço enrolou o colar de camafeus, que palidos coagulos de perolas permeiavam, e que enriquecera nas suntuosas festas de Provezende a nobreza do colo de sua mãe.

As tias acharam-na uma maravilha naquelle vestido, com aquele colar. D. José proclamou-a a mais linda estrela «das constelações terrenas». Mesmo o fidalgo, que lhe falava desde a sua conversão, lhe louvou a elegancia do vestuario, comovendo-se á vista dos camafeus. Foi busca-los a sége de Sidrô e uma das liteiras do Cabo — indo na liteira de casa D. Antonio e Maria do Rosario. As senhoras acomodaram-se na outra liteira. Na sége tomaram assento D. José e o frade — que espirrava lamuriante os estragos duma catarreira. O João Caetano montou o cavalo do fidalgo de Lobrigos. E toda a comitiva, ainda o sol escorria das encostas pedregosas de Alem-Douro, se pôz a caminho da vila custodiada por criados dos três senhores solarengos.

No porto da Valeira o pessoal dos barcos, em repouso, agitou-se no desejo de admirar o cortejo, que se desdobrava ao tilintar rumoroso de chocalhos. Trabalhadores endomingados, subindo para a vila, quedavam-se, esperavam-no, acolitavam-no de chapeu na mão. Duas cabaneiras carregadas de

lenha, junto de Sidrô, desviaram-se para o muro da quinta no movimento de culto prescripto ás procissões.

A' porta do Cabo, e no vasto terrado fronteiro, comprimiam-se liteiras, cadeirinhas, uma berlinda, moços de estribeira, boleeiros, escudeiros. Desde o atrio interior, e perfilados escada acima até ao salão de baile, estendiam-se dois cordões de creados de libré e cabeleiras empoadas — de dia reverenciando os visitantes, á noite reverenciando-os e aluminando-os á luz de candelabros de prata alçados a pulso.

O primo Salvador, de sobrecasaca azul ferrête e colete de seda créme pespontado a oiro; a prima D. Maria Francisca, respirando o ar da Côrte, no seu rico vestido de Gros-de-Napoles agaloado a oiro e orvalhado de perolas, acorreram a recebe-los ao tôpo da escadaria, que do primeiro patamar se bifurcava em dois lanços balaustrados — toda ela corrida de passadeira carmesim.

Cambiaram os cumprimentos da cortezia e do afecto. D. José, de casaca negra e colete de damasco verde, na sua capa de estamenha da Argelia com fôrro branco de sêda dos Pirineus, dobrou o joelho á maneira antiga, exultou uma vez mais com o aspecto solene do palacio — declarando que nunca punha o pé naquela casa, que devia ser do tempo, como o seu solar, em que se descobriu o Brazil, que não sentisse «seu animo turbado».

— O meu palacio não é dêsse tempo... — esclareceu o fidalgo do Cabo. — E' do reinado do senhor D. José.

Via-se bem que era dessa epoca — advertiu Salvador Pais — pelas cimalhas das janelas da frontaria, com a sua profusa ornamentação em concha, pelas pilastras embutidas nas hombreiras do portão central, mais largas no vertice do que na base, ao gôsto do senhor D. João V.

O fidalgo de Lobrigos, enlevado nos frêscos do tecto da escadaria, donde pendiam grinaldas de flôres vermêlhas emol-

durando cabeças de anjos a traquinarem aos cantos, ficou-se para traz com o dono da casa.

No salão de baile, o primeiro á entrada, já havia pares e grupos em conversa. Rapazes de buço a desabrochar; homens de barba á passa-piôlho ou pêra mefistofelica, vestiam calças esticadas á d'Orsay, calças de duraque á cossaca, todos de casaca verde ou azul, de coletes de fantasia e cintas de vespa. Meninas e donas de bandós, de cachos de caracoes sobre corpêtes justos, com saias largas de tarlatanas e sêdas Pampadour, faiscavam de joias, mediam gestos candidos, trauteavam falas suaves.

Apresentado aos desconhecidos, tendo cumprimentado os conhecidos que de terras da Beira e de Alem-Douro haviam acudido ao baile da casa do Cabo, Salvador Pais chamou-lhe a atenção para as armas do solar, debuxadas no tecto em masseira do vasto salão — o leão rompante sob a flôr de liz, sob o bôjo do elmo de prata o escudo esquartelado, de cujo remate descia, como estalactite colosso, o grande lustre Imperio de cristal e prata dourada. E levando-o pelo braço, a reverenciar parentes, a interpelar amigos, passou com êle ao salão da esquerda, de paredes forradas de damasco vermelho, o vasto arqui-sofá e os suntuosos cadeirões D. João V, em ebano, vestidos do mesmo estôfo. Depois foram aos salões de musica, de jôgo, de fumo, de conversa.

Quando se lembrou de lhe mostrar a baixela nova de prata lavrada, adquirida em Florença, os creados, tambem de libré e cabeleiras empoadas á ingleza, acendiam lustres e candelabros.

Á ilharga da mêsa Imperio da sala de jantar, — capaz de acolher uma tribu — todo embevecido nas pratas florentinas, nos cristais da Boémia, nas louças da India, todo em louvores aos guarda-pratas embutidos aos cantos, não tinha olhos para o ostentôso Arras suspenso da parêde do fundo, em que se celebravam as bôdas de Caná, não tinha olhos nem ouvi-

dos para o jardim Le Notre, á altura da sala, em que se viam e ouviam grupos felizes, a aparecerem e a sumirem-se por entre os buxos e os caramanchões como frescos animados de Wateaux.

Agora no salão de jôgo, com parceiros ás mêsas e tinidos de libras, aproximaram-se do vulto hieratico de D. Antonio, na sua sobrecasaca negra, na sua gravata em garrote, na sua cabeça apostolica. Tipo de Edgar Quinet esguio e calvo, mais severo do que nunca, discutia a França republicana com o doutor Teixeira do Lodeiro — este de calças de cachemira bronzeadas, de colete vêrmelho á Desmoulins, de barba liberal á passa-piôlho.

D. Antonio proscrevia a França, vergonha da Europa. Não lhe bastava a Revolução assassina de reis, de nobres e de clerigos. Aí estava com a sua segunda republica, sustentada por Lamartine — esse poeta a quem o jacobinismo mudara as boas luzes em loucura. E tanto que, não tendo a republica senão um mez de proclamada, já toda se consumia em desatinos e necedades como a da abolição da pena de morte.

O doutor Teixeira protestava. Embora ligado a um partido que punha a ordem acima da politica, fôra sempre liberal, continuava a ser o liberal de sempre. Achava a França sublime, Lamartine um santo e um genio. O clero e a nobreza prestavam-lhe auxilio, davam-lhe adesão...

Padre Loreno, o capelão da casa, veiu anunciar a ceia na mesa. Salvador Pais tomou D. Antonio pelo braço, insinuou, risonho e afavel:

— A mêsa acima da politica... Vamos portanto para a mêsa, como bons irmãos.

A mêsa deslumbrava. No vão da porta D. Antonio deteve-se e correu-a com os olhos, baixando a cabeça impressionado diante do esplendor das pratas e das flores, dos vestuarios e dos decotes, das joias e das plumas que a emolduravam.

A filha lá estava já, á direita do noivo—ela na palidez da cêra, na tristêza da morte, ele do vermelho congestivo do lacre, a face a luzir de regosijo, a calva num resplendor de aureola.

Mas o acaso destinou-lhe a cadeira ao lado da do doutor Teixeira. De maneira que, sentados hombro a hombro, apenas as conversas estralejaram, no borborinho dos pratos a tilintar e dos risos a espumejar, reacenderam a discussão.

Foi D. Antonio que recomeçou. Achava pouco afortunado o argumento. Não acreditava a qualidade da republica de Lamartine a circunstancia da adesão de nobreza e clero. Visse-se o que sucedera em Portugal, em 34 — e ali mesmo, na Pesqueira. Devia lembrar-se ainda.

— Lembro-me. Perfeitamente. Filho de realista, e então uma creança, fui dos que vieram ás Casas da Camara aclamar a Constituição...

Pois bem. Ele estava em Provezende, onde acôntecera, sem diferenças sensiveis, o que lhe constára se déra na Pesqueira, assím com grandes como com pequenos. Desde Frei Matamaz, ministro do convento de S. Francisco, depois môrto pela populaça em Vilarinho; desde o abade Guedes Coutinho, e o José Ferreira, couteiro-mór por mercê de sua Majestade Imperial D. Miguel, morto no anno passado pelos Marçais, aos mais baixos mecanicos, todos juraram a Constituição mandada do Brazil — todos, excluindo a familia do Cabo, e outros fieis realistas de antes quebrar que torcer. E isso significava, porventura, que nobreza, clero e povo eram constitucionais por natural inclinação?

O doutor Teixeira declarou não poder afirmar, de facto, que todos fossem constitucionaes só por jurarem a Carta. O que lhe garantia. é que todos ali estavam, jurando-a e aclamando-a, em protesto contra as vexações miguelistas, contra as mortes execrandas, contra as prisões de Almeida, contra os confiscos a êsmo...

— Mortes, prisões e confiscos! Quem eram os autores da morte afrontosa de Frei Matamaz e de José Ferreira, que bem caro pagaram sua leveza de animo? Quem eram os que, á sombra da lei das Indemnisações, levaram grande parte da minha casa e fazenda de Provezende? O que eram os que exploraram igrejas e conventos? Lembre-se o doutor do que sucedeu com o nosso convento de S. Francisco. Roubaram-no e arrazaram-no. Quando de tudo sómente restava a igreja, resolvem afeiçoa-la a matriz. Lembra-se, não é assim? Pois os devoristas atè o orgão lhe levaram, cedendo-o á Misericordia da Guarda, para acabarem o saque. O povo indignou-se. Fez reunir a Camara ás sete da manhã...

— Bem me recordo.

— De nada lhe valeu indignar-se. O orgão sumiu-se. A igreja profanou-se. No logar do altar-mór, onde estivera a pedra de ara, o João Polonio poz um moinho de azeite... que pelo motivo da mesma impiedade se recusou a moer...

— Perdão, perdão... — contestava o doutor Teixeira, de faca em arreganho de lança.

E como D. Antonio, quebrado pelo seu gesto intimativo, o encarasse em silencio, o doutor Teixeira averbou, somou, amontoou a serie de confiscos, de prisões, de mortes, de violencias praticados no concêlho, só no concêlho, durante o curto reinado de D. Miguel. E se os constitucionaes transformavam igrejas em moinhos de azeite, podia citar-lhe religiosos que as transformavam em ante-camaras de serralho. Para não citar contemporaneos e visinhos, que não queria ferir ninguem, apontava-lhe aquele bom prior de Trancôso, que além das suas ovelhas, pastoreava os duzentos e noventa e nove cordeiros com que fez crescer e multiplicar o seu rebanho... em obediencia aos mandamentos do Divino Mestre.

Os salões regorgitavam de convidados — aos de fóra, que comiam e dormiam no palacio, juntaram-se os da vila, que vieram depois da ceia, que retiravam no fim da festa. No salão da direita, junto do de baile, um sexteto do Pôrto, arqueando os melhores violinos e violoncelos da orquestra de S. João, executava uma valsa — e os pares redopiavam, enlaçados e felizes, em sucessivas ondas policromicas.

Maria do Rosario alegou mal estar, dôr de cabeça e recusou-se a dançar. Sentou-se ao pé de D. Maria da Piedade — magnifica na sua tunica de crepe verde entremeada de rendas brancas, refulgente no seu adereço de diamantes e rubis. A prima arguiu-lhe a tristeza, por ela contestada num sorriso.

Afinal, até essa esperança perdêra. Duarte, contra o costume, não fôra convidado — o que lhe testemunhava o rancôr do pai já instalado naquelas salas.

A atmosfera adensava-se. O pó turvava o ar. Pensou em aproximar-se duma das janelas sob o pretexto do seu incomodo e a necessidade de respirar. Talvez o visse — talvez Duarte a visse a ela. Deveria ter sabido da sua vinda, era provavel que rondasse perto do solar.

Terminada a valsa insinuou-se atravez da confusão dos pares em debandada, abeirou-se duma janela. Para as bandas da vila havia cerrada escuridão. De frente do palacio, do terreiro cortado pelos fachos de luz projectados pelas janelas e portão central, tinham desaparecido as liteiras, as cadeirinhas, os eguariços. Rondavam grupos silenciosos, de papo ao alto, a admirar o que não viam, a gosar o que fantasiavam. De nenhum desses grupos destacava figura do desempeno e da estatura de Duarte.

De subito descobre um vulto embuçado, a espreitar á esquina da quélha do chão do Marquez — fixa-o, sonda-o, interroga-o com o olhar, as mãos tremulas, o coração em desordem.

— Menina! Então? Com o ar da noite os sãos se fazem doentes e os doentes piores que estavam.

Era a tia D. Isabel Maria, no seu zelo imutavel, no seu vestido rôxo de tafetá da Italia, de corpête liso e saia em sino — o que lhe impunha na verdade a aparencia dum sino apeado da sineira.

— E' que me doi a cabeça — gaguejou Maria do Rosario.

— Doi-lhe a cabeça, senhora prima? — lamuriou D. José, que logo acudiu tambem.

— Doi-me um pouco...

— Isso passa-te. Vai vêr as salas com o primo D. José. Espaireces e passa-te...

D. José deu-lhe o braço. Ela aceitou-o contrariada. Meteram á sala vermelha — onde as sedas, as perolas e os diamantes formavam mesclas bizarras e constelações febris. Atravessaram de novo o salão de baile, aproaram ao salão imediato, deixando o sexteto a preludiar um motete de Palestrina, sorrindo e falando aos representantes dos melhores cunhais de armas e das melhores adégas dentre Beiras e Traz-os-Montes — dos Sousas, dos Pintos, dos Soverais, dos Castros Pereiras, da Pesqueira; dos Melos. dos Sáavedras, dos Sequeiras, de Ervedosa; dos Teixeiras, dos Casais; dos Sá-Menezes, dos Côrte-Reais, dos Carvalhos, do Vilarôco; dos Caiados Ferrão, dos Almeidas Coutinhos, de Trevões; dos Cunhas, da Varzea; dos Pizarros, de Vilar de Maçada; dos Pinheiros e Cunhas, de Provezende; dos Cerqueiras Rebêlos, da Rêde; dos Pimenteis, de Moncôrvo. A viscondessa de S. Jorge, da quinta da Chousa, trajava ruidosa sêda Pompadour. O Visconde de Real Agrado, do solar da Régoa, na sua sobrecasaca pinhão, lembrava um rebento serôdio do *ancien-regime*, conservado na estufa do romantismo.

No salão de jôgo, os ricos fidalgos lavradores, para quem o Douro era ouro liquido e ouro amoedado nos vinhos preciosos e nas transações opulentas, batiam as cartas ao bacarat,

ao voltarête e ao monte, listravam o pano verde das mêzas de rcéuas de libras, de caravanas de corôas, de castélos de peças.

D. José, vendo o primo D. Antonio e o primo Pinto de Gouveia a um canto, no cotejo hostil da nobreza de Provezende em face da nobreza da Pesqueira, parou a ouvi-los.

D. Antonio, nesse momento, avultava a antiguidade da fonte de Santa Marinha de Provezende, já existente na era romana de Cesar. A vila devia ser um povoado importante no tempo de Afonso VI de Castela — que a visitara com os seus homens de armas, como a visitara D. Afonso Henriques, ouvindo missa na capela da mesma Santa Marinha, convertida em pantéon oficial de templarios...

— D. Afonso Henriques. Ora muito bem — contrapunha o morgado de Prezigueda. — Tambem quando D. Afonso Henriques veiu á Pesqueira.

No impeto da evocação D. Antonio não o escutava. Recordou Provezende tornada couto particular, doada aos arcebispos de Braga, com seu paço, sua fôrca, sua camara municipal, suas justiças privativas, juiz e almotaceis, alcaide e capitão-mór.

Aproveitando as delicias da suspenção em que o fidalgo, chocalhando com os dêdos a caixa de oiro esmaltado, sorvia o seu simonte, Gouveia declarou a Pesqueira egualmente coeva dos romanos. Sim senhor, dos romanos — que a baptisaram de Pesqueira pela proximidade do poço da Valeira e a abundancia do seu pescado. Tambem lá estivera Afonso III de Leão. Tambem lá fôra D. Afonso Henriques, outorgando-lhe foral. E se o convento de S. Francisco não tinha a provecta dade do de Santa Marinha, em Provezende, ilustrava-o de sobra o ter ensinado gramatica latina ao Marquez de Pombal, sob as vistas de seu tio Sebastião de Carvalho, com jazigo na igreja do mosteiro.

— Perdão... senhor primo Gouveia. Essa estada do Mar-

quez no convento é atoarda sem defesa — atalhou D. Antonio, convicto e decisivo.

— Atoarda? Se até foi condiscipulo dum doutor Azevêdo, de Espinho! Se até foi aqui que começaram suas dissensões com os Tavoras, senhores desta vila e seu termo...

— Ah, estás aqui, Maria do Rosario! — disse D. Maria da Piedade, que com outras senhoras a procurava, e lhe segurou o braço, e solicitou autorisação a D. José para a levar ao salão de musica: — Queremos ouvir aquele minuête de Gluck, que sabes tão bem...

— Já não sei. Ha tanto tempo que não tóco.

A prima insistiu. D. José reforçou a insistencia.

Seguiram para o salão de musica — requerendo licença para passarem a um numerôso grupo, em que um dos Pimenteis de Moncôrvo bradava o triunfo de Constantino de Sampaio e Melo, trasmontano, em Paris aclamado rei dos floristas, em que o bárão do Seixo clamava a gloria de Eduardo Lobo de Moura, de Fozcôa, a quem em Paris cognominavam de rei dos pintores.

Maria do Rosario, contrariando os nervos, afectando serenidade, sentou-se a um vasto piano de mesa, já aberto, de teclas brilhantes como dentes de bôca acolhedora e amoravel — cercada de primas a gralharem, de primos a enlanguescerem. Os dêdos tremiam-lhe. Ao pousa-los sobre as teclas voou na sala uma reboada de *schius* — e o silencio, riscado pelo tinir do oiro nas tábolas animadas, pairou no salão. Feriu os primeiros compassos. Enganou-se numa nota. Abanou a cabeça, abateu os braços, resumiu:

— Não posso.

— Maria do Rosario! — implorou a voz carinhosa de D. Leonor, mãe do fidalgo do Cabo. — Ias tão bem...

— Não te faças rogada — insinuou D. Maria Francisca.

Ela tentou outra vez. Os dêdos desprenderam-se-lhe. As teclas cantaram. E daí a nada, os novos, estranhos á graça

do minuête, recuavam, afastavam-se, para que um par elegante, o Visconde do Real Agrado e a viscondessa de S. Jorge, que o havia dançado nas recepções doiradas de Queluz, cruzasse o salão em reverencias simetricas e passos ritmados, por entre senhoras de idade enlevadas ás portas, repousadas em arquibancos, de sorriso na bôca e olhos humedecidos a marcarem o compasso com a cabeça.

Inesperadamente, porem, o piano calou-se, o par deteve-se. Os olhos, intringados, fixaram-se em Maria do Rosario.

— O que foi? — inquiriu, sobressaltada, D. Maria da Piedade.

Ela quiz responder. Não podendo, baixou as palpebras, dobrou o busto, envergonhada das suas lagrimas, vexada dos seus soluços.

— Maria do Rosario! — gemeu D. Leonôr.

— Maria do Rosario! — repreendeu D. Isabel Maria.

Amparada á tia D. Carlota, a reconforta-la, muito sentida da scena que perturbara todo o palacio, queixou-se da sua dôr de cabeça, deixou-se conduzir para o quarto.

No quarto manifestou desejo de não tornar ao baile. Provocava-lhe tonturas. Causava-lhe vertigens.

De manhã — na mudez inerte do solar dormente, com as tias numa cama paralela á sua, de bôca aberta em geito de quem reza cantochão funerario — a impressão de desapêgo dessa noite de festa trasmudou-se em impaciencia e vergonha: a vergonha de defrontar toda aquela gente, á hora do almoço, como se todos adivinhassem a causa das suas lagrimas; a impaciencia da festa das Cruzes, nessa tarde, para a qual ficavam na vila, e em que certamente veria Duarte.

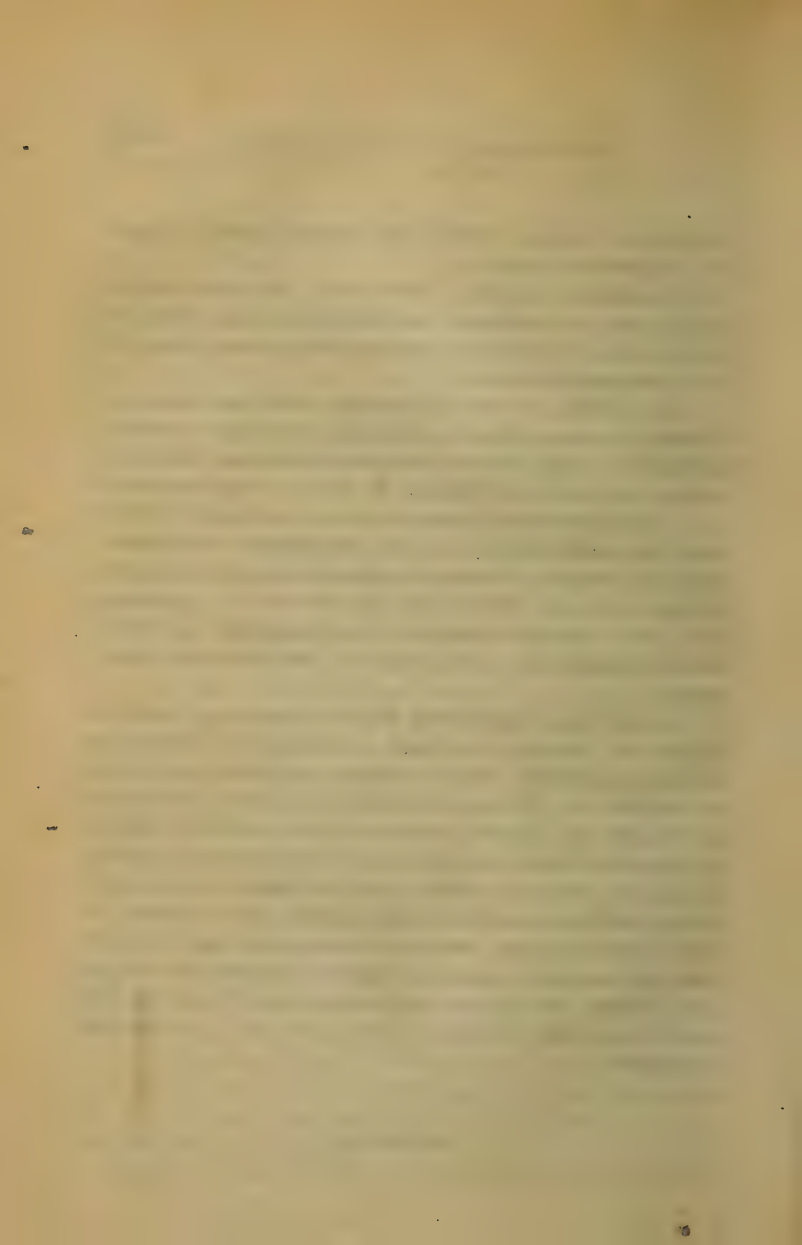
Vêr Duarte para quê? A sua situação era irremediavel. Não poderia falar-lhe, que lho não permitiam as circunstancias da sua vida. Não poderia fugir, que não lhe concediam um momento de liberdade.

Foi para a mêsa de olhar indeciso e modos timidos. Teve

de explicar a todos a razão do seu chôro — a todos os hospedes e a todos os da casa.

Ao meio-dia, quando o abade de S. João, com o seu séquito de cruz arvorada, de caldeirinha e hissope, entrou no palacio para a visita Pascal, ajoelhou, beijou num intimo afecto o Cristo misericordioso.

Mas de tarde, na turba de nobreza e pôvo que cantava a ladainha e acompanhava o abade de Sant'Iago de estola e sobrepeliz, no rasto da cruz ladeada por lanternas acesas e a caminho da capela da Senhora do Rosario, afigurava-se-lhe que a sua desgraça era a maior que ainda resfolegara sobre a terra. Na massa espessa dos fieis descobrira o rôsto desconfiado de Leandro, a fisionomia agressiva da snr.ª Inacinha, os olhos tristes de Aninhas. Duarte não viera. E convencia-se de que o proprio Leandro, a propria mulher. a propria enteada — dantes tão seus amigos — a entreolhavam rancôrosos.

Na sua atrapalhação nem dobrou o joelho em frente do cruzeiro do convento. Ao atingir a esplanada da Senhora do Rosario, a capelinha branca a vigilar pela saude das vinhas, pelo reflorir das oliveiras, em socalcos e ravinas que escorregavam até aos vales da visinhança do rio, ajoelhou e ergueu as mãos—pois todos ajoelharam, pois todos ergueram as mãos, rezando em côro, reforçando a reza do padre, de hissope na destra, a atirar aos pampanos que reverdeciam o baptismo da agua benta. Ajoelhou, ergueu as mãos, e não encontrou na alma luz que lhe alumiasse o sentido da oração. E á subida para a liteira, que ali veiu busca-la, no meio das liteiras dos parentes e amigos, tropeçou e teria caído se D. José a não amparasse.

XVIII

ORQUE não vais? Fazia-te bem... —
— aconselhava D. Carlota á sobrinha, no dia seguinte ao do regresso da vila, e no segundo da festa das Cruzes, que depois da benção aos renovos visinhos da Senhora do Rosario, ia abençoar os que se viam do Ermo, abençoando ao terceiro dia os que se dominavam da Senhora do Monte.

— Não posso, minha tia. Deixe-me ficar.

— E o primo D. José?

— Que vá com o pai. Eu não posso. Sinto-me muito fraca...

D. Carlota balouçava a cabeça numa intenção recolhida, numa reserva cauta, entregue ás aguas vivas dos seus cuidados e apreensões. Ali estava uma noiva com o ar desolado de uma viuva. Uma noiva devia ser uma especie de manhã de sol, com muitas flores, com muitos risos. Ela fôra isso mesmo antes de se decidir pelo casamento com o primo. Agora, que estava para casar, não havia tarde de inverno nem com mais sombras, nem com maiores tristezas.

— Minha tia...

— Que é?

— Porque não vai tambem?

Encolheu-se. Devia ir, devia. Nosso Senhor, que noutras eras afligira de pragas os campos e vinhas do concêlho, gostava que de cada casa fosse a maioria de seus servos a servi-lo e ama-lo nesses tres dias das Cruzes, em mercê de não

entornar novos males sobre a região. O pior é que andava tambem para pouco, fraca e doente.

Maria do Rosario baixou o rosto em que a tristeza cerrou mais as suas nuvens pressagas. O Senhor abandonava-a. Era manifesto. Regressára ao solar na convicção de que ia ter nessa tarde umas horas de desafôgo. Sob o recurso dos seus incomodos esperava vêr-se só em casa, emquanto os outros iam ás Cruzes — pois todos os anos subiam ao Ermo, a encorporar-se na procissão, a familia e criados. Afinal, desta vez. a tia D. Carlota ficava na quinta. Ficando a tia D. Carlota era mais que provavel ficar a tia D. Isabel Maria. E assim, desistia de escrever a Duarte, que na vespera, pelo Roque, lhe mandara pedir resignação e confiança.

Resignação — que remedio! Confiança... em quê? Se ela, obedecendo ao plano prescrito, se prestára a fingir de noiva do primo, se Deus a castigava obrigando-a a ser sua mulher! Se estava tudo preparado para o casamento, os papeis e o enxoval, se faltava apenas a licença para se celebrar no Ermo, por alvitre do noivo e de Frei José! Resignava-se, porque confiava na morte. Não descortinava outra saída aó abismo em que se metêra. E estava tão resolvida a aproveita-la, a saír pela morte do inferno de tal situação, que era esse ainda o motivo porque caminhava sem endoidecer para o casamento cada vez mais perto.

Do corredor caíram duas pancadas discrétas na porta do quarto. Sentada numa cadeira D. Carlota, estremeceu, preguntou quem era.

—Sou eu, senhora prima D. Carlota.

—Ah! O primo D. José!

Levantou-se. Foi abrir. Participou-lhe que não iam, nem ela nem Maria do Rosario, por se sentirem da fadiga do baile.

Ele magoou-se no incomodo das senhoras primas e genu-

flectiu na despedida—parecia-lhe que o senhor primo D. Antonio e Frei José aguardavam a sua pessoa.

Maria do Rosario ouvia-o, via-o, e a sua figura, e a sua voz lembravam-lhe um molusco a arrastar-se, uma baba a alastrar, a aproximarem-se tanto mais, penetrando-a de frio e nojo, quanto mais diligenciava afastar-se. E se considerava o primo repugnante pela obesidade grotesca, pelas maneiras artificiosas, pela miseria de espirito—achava-o detestavel, destestava-o invencivelmente, pela humildade com que correspondia á sua altivez, desde o dia em que lhe confessára o amor a Duarte, com que recebia o seu desprezo, desde a hora em que se dissera resolvida a aceita-lo por marido.

—Ficou triste por não ires...—observou a tia, sobre o ruido da porta ao fechar-se.

—Triste! — e refreou o comentario no receio do seu acre ressaibo.

D. Antonio tomou conhecimento de que a filha e a irmã ficavam em casa, e concordou com elas em vez de as contrariar — achou bem mesmo que ficasse D. Isabel Maria, ordenou que ficassem tambem o Zé da Riça e a Tomazia afim de as servirem no que lhes fôsse ditado.

Frei José, ao peneirar miudinho do jumento, á retaguarda de D. Antonio e do primo, aquele montado num dos machos da liteira, este no baio trazido de Lobrigos, vendo lá ao alto o João Caetano com creados e serviçais a dobrar o ultimo lanço da estrada, alheou-se da conversa dos fidalgos. No entanto eles batiam e rebatiam tema que muito de perto lhe afagava o coração e lhe lisongeava o sentimento — discorriam ácerca da sociedade secreta de S. Miguel da Ala, recentemente creada, de que os dois primos eram comendadores provinciais, e em que o partido legitimista colocava, como num altar, a crença e os votos da sua fé renascida. Intrigava-o a melancolia da snr.ª morgada. Aquilo já não era só cuidado pelo outro — que, quanto a si, ela queria mas era ao outro, ela acei-

tára o casamento com o primo para se negar ao convento, como o condenado á morte que entre duas mortes elege a menos afrontosa. Aquilo, a sua tristeza, o seu definhar, já se lhe afigurava vexação do Demonio. Todo o ser vivente, no parecer dos mesmos Evangelhos, estava sujeito a perseguições demoniacas. E mais do que todo o ser vivente, todo o que grangeasse sua causa. Ora a snr.ª morgada obrara copiosamente em proveito do Imundo; inclinara a alma e o coração em demasia para um rebento do pecado — para o maçon, filho da impiedade, neto de Belzebuth. E então que não havia vexame como o que entrava nas creaturas pelo coração, logo seguido de imperio sobre os sentidos e o entendimento — com a grandeza de seus piores maleficios.

Ele sempre o futurara, ao perceber que a sr.ª morgada não caminhava no temor de Deus.

Frei José, observando-o, anotando-o, punha olhos deliciados no pendor dos vinhedos, na pujança arbustiva dos barrancos, e louvava o Senhor que parecia preparar, tão vistosas e suficientes, as galas das nupcias proximas.

Nos socalcos, as videiras paramentavam-se de facto, de tunicas de sêda, dum verde aguado, ainda a ressumar o frescôr da seiva que as tecera. Nos córregos cavados na crosta das vertentes as arvores de fructo, os pessegueiros, as macieiras, as pereiras, eram noivas toucadas de flores — eram noivas de braços ao alto, de mãos erguidas, cheias de flores para lançar sobre outra noiva anunciada por aqueles caminhos. E os rosmanos, e os lentiscos, e as giestas eriçavam-se da brotoeja da Primavera — uma brotoeja mansa, que em breve, á brasa viva do sol, seria lepra divina, toalha rendada de chagas a sangrar, seria sangue côr de môsto nos ramos do lentisco, sangue côr de joias no oiro das giestas amarelas, sangue côr de arminho na neve das giestas brancas.

Só ela, a noiva anunciada e verdadeira — considerava o egresso, compungido, — tão formosa de rosto, em vesperas de

amanhecer tão rica de bens temporais, na primavera dos vinte anos, de costume mais florido do que a dos giestais e dos pomares, definhava na tristeza dos outonos e esmorecia no frio dos invernos.

Não havia que duvida-lo: ou vexado pelo Demonio ou trabalhado pelo amôr, o coração das mulheres não andava em conta com a logica. Na sua logica tudo tinha que concluir-se ao contrario. Senão, era vêr. Por quem bebia os ares a snr.ª morgada? Por um pedreiro livre, um fraca figura, um estoira vergas gerecido de mau sangue, com ruins manhas e piores acções. Ao mesmo tempo aborrecia o primo, que ali ía, tão senhoril na sua montada, de rosto grado e picado de gravidade, de cabelos poucos, denotando respeito, o corpo algum tanto cheio o que lhe vinha do seu viver temperado nas luzes e costumes. Que, no tocante a cabedais, era do que havia de mais grádo no Douro e quanto a fidalguia do que de mais joeirado estadeava nas Beiras e Traz-os-Montes.

Ao ganharem a assomada, donde o môrro convulso de S. Salvador do Mundo arremetia com o céo claro, cá em baixo, em tôrno da capela de S. Francisco, fervilhava um ajuntamento de creadagem, com farneis e transportes, merendas e jumentos, e as liteiras, e a sége de Sidro, e o côche do Cabo, em que deviam regressar aos lares as pessoas de pé sensivel castigado na marcha da procissão. Ao fundo da escadaria debruada de azinheiros e vinhetada de capelinhas brancas, o eremita, Frei João, palestrava com o João Caetano — a barba agreste a roçar-lhe a garnacha, a garnacha comprida a lustrar-lhe os sapatos, toda ela no fio, toda ela dum tom esverdinhado, como se da sua trama rala pojassem musgos e liquens.

Vendo D. Antonio poz o chapeu em reverencia, abordou-o com o administrador. Deu-lhe ajuda na desmonta. Rejubilou com a visita do sr. D. José. Informou-os da demora das Cruzes — demoravam p'ra mais duma hora.

Eles entenderam conveniente aguarda-las junto da capela

de S. Salvador. E nesse proposito enfiaram pela escadaria de granito, sombreada de arvores, animada pela tragedia das capelas marginais — desde a paixão do Senhor Jesus Cristo, no Horto das Oliveiras, á sua morte no calvario, entre o bom e o mau ladrão.

Colado a D. José, que suava e resfolegava, num arengar de mendigo, o eremita, referia-lhe pela quinta vez os passos da Via-Dolorosa figurados nas capelas, a historia do santuario fundado no seculo XVI. Vindo de Roma Frei José Gaspar da Piedade - serrinava, impertinente Frei João — uma tempestade assolara os mares. Nesses trabalhos prometera o bom frade arredar-se das temporalidades da ordem, viver vida de penitencia naquele êrmo, se chegasse a porto de salvamento. E o Senhor ouvira o rogo de seu servo, e o mar logo acalmara, e o frade erigira a primeira capela, a maior, de S. Salvador, e ali depositara reliquias com muita virtude trazidas de Roma.

— Lá nisso creio eu, porque, ao que me consta, dele rezam os livros — objectou D. José. — Agora nas historias de mouros, e subterraneos, e saltos do Diabo...

— São cousas que o pôvo refere em sua crendice sem apoio — disse D. Antonio, sincero.

Frei José encolheu os hombros. Frei João pendulou com a cabeça—resmungando ininteligiveis proposições contraditorias.

O fidalgo de Lobrigos, atingida a capela de S. Salvador, onde Jesus no madeiro, chorádo pelas três Marias, agonisa entre os dois ladrões, propoz a subida até á capela das Necessidades. Queria vêr de lá a quinta e o solar.

O fidalgo da Valeira condescendeu. Os frades exaltaram a lembrança.

O caminho agora apertava-se, cortado no seio da rocha. A cima da casa do eremitão detiveram-se, admiraram um fraguedo espalmado ao raso da terra, á sombra dum outro com

o bojo de gôrdo tonel, pelo Diabo aproveitado para saltar sobre o primeiro — e examinaram na superficie rija da pedra os sinais gravados pelos pés, pelos joelhos, pelas mãos do gigantesco acrobata que se estatelara no salto. E admirando os vestigios reais do caso lendario, nem adiantaram o olhar ao panorama que dali oferece regalo á vista — o rio vindo das bandas de Espanha, torcendo-se no regaço das montanhas, ao montanhas de ventres enrugados de vinhas, de tôrsos ondulantes de searas, ventres e tôrsos aqui e alem herpejados de arvorêdos.

Estacaram em argumentação cominatoria á beira do rochêdo em que o Judas dos trinta dinheiros, debuxado a vermelho. figurava de berloque simbolico da figueira da espiação.

Alongando-se em conjecturas sobre o buraco das Candeias, aceitaram e çontestaram que os mouros por lá descessem a uma praça subterranea, que de lá partissem para o castelo de Ancião, nos cêrros de Alem-Douro, por galerias minadas sob o rio.

E por pouco nem chegavam a curvar-se, da capela das Necessidades, para a quinta e o solar. Porque ao assomarem á capéla, ao apontarem no fundo da larga cratera a casa diminuida, os barcos miniaturados, o rio desdobrando-se em curva folgada de S na lenta majestade dum manto a arrastar, Frei João, de rôsto para a estrada da vila, de mãos em geito piedoso, anunciou, compungido:

— Senhor D. Antonio... as Cruzes!

Voltaram-se. Descobriram-se. Recuaram ao encontro da procissão.

A' testa do cortejo, com muito povo, vinha a cruz alçada e assistida por duas lanternas de fôlha. O abáde de S. Pedro manquejava atraz da cruz, agitava a sobrepeliz, limpava o suor. O povo cantava a ladainha de Nossa Senhora. E quando eles se abeiraram, já a multidão ajoelhava, em silencio,

esplanada da capela de S. Francisco. Ajoelharam tambem. Ergueram tambem as mãos. E na mudez contricta, derramou-se a voz do padre—cujo arcaboiço destacava á frente do rebanho abatido. E sob a cruz, brandindo o hissope, espargindo agua benta, abençoou a terra mãe, baptisou as novidades cristãs, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

—Amen!—rematou a massa dos fieis, prostrada na presença da Trindade invisivel.

O casamento estava por dias. Maria do Rosario andava como se estivesse por horas—chupada, as faces na lividez das folhas mortas, os olhos no brilho errante dos fogos fatuos.

Emparcelavam-se na sua presença os numeros principais do programa nupcial—o casamento no Ermo, para o que já havia licença; o baile no solar, para o que já tinham feito os convites; a partida de madrugada, para o que já se preparara com tapetes e damascos um barco de passeio. E era como se os emparcelassem longe de si, ou numa língua estranha. Penetrada do mais negro desalento, espectro de si mesma, dava a impressão de que não ouvia, ou ouvia como se não compreendesse.

O dr. Teixeira, tendo-a auscultado, observando-a com olhos de medico e de psicologo, concluira que não havia motivos para alarmes—e a sorrir, e a cofiar a barba, insinuara que todo o mal lhe passaria dez dias depois do latim de Frei José na capela de S. Salvador.

A Tomazia, porem, não ia no vêso da opinião do medico. Ali havia coisa, e coisa grave—insistia na expressão privativa das grandes revelações. A sua menina 'stava cada vez mais «demenuta». Aquilo o que era, era mal de inveja, ar que lhe déra, tão certo como dize-lo.

—Nesse caso... — aventou em certa manhã de desanimo D. Isabel Maria — pede-lhe a necessidade que a defumem...

D. Carlota sorriu, meio incredula, meio abalada.

E a Tomazia, que estava na familiaridade da sciencia entre profana e divina do talhe do mal de inveja e do corte do ar, prontificou-se a defuma-la — ao que ela acedeu na inerte indiferença dum côrpo sem vida, ou duma vida sem alma.

Passeou a braza da lareira, abocanhada pela tenaz, três vezes, em cruz, sobre um alguidar cheio de agua. Pôz a unção maxima, resmungada em surdina, na oração exortante:

Três te deram, três te tiraram,
E' S. Pedro, S. Paulo e Baptista S. João,
O mar é sagrado, o sal é salgado,
Vai-te daqui todo o mal e ar de escomungado.

Num exaltamento de mistica em arroubo concluiu, abrindo a voz e tonalisando-a de solenidade:

Assim como Nossa Senhora
Defumou seu amado Filho,
Para medrar e crescer,
Eu te defumo p'ra este mal desaparecer.

Lançou a brasa á agua, olhos sofregos, respiração suspensa, desfiando intimamente a Avé Maria.

A brasa flutuou. A Tomazia rejubilou — porque a brasa não fôra ao fundo, o que significava «afastamento do maleficio». Mas, Maria do Rosario, apezar disso, não refloria para a alegria e para a saude perdida.

A Tomazia não desesperou da cura. E tanto que nas

vesperas do casamento, ouvindo assegurar á Joaquina Russa, uma mulher chamada a dias para carretear agua «daquilo da Gregoria» e ajudar no fabrico de dôce sêco e pudings, que a snr.ª morgada, «pel'os modos, o que tinha era coisa ruim», confirmou, afogueada de pesar e de convicção:

— Mal pecado que eu morra, se não é coisa ruim. E a mim, o que me agonia, é que não tornam a talhar-lho.

A aguadeira aconselhou uma «benta» do seu conhecimento, a Maria do Rêgo, que era «uma fistôra» p'ra isso de talhar males do interior e levantar espinhélas caídas. Até fazia milagres. Era uma «benta» das de truz — das que dão um «bérro» dentro das mães, cinco mezes de geradas «bérro» que as mães escondem dos seus homens p'ra não lhe «empecer» a virtude. Pois rogassem-na, e ela que lhe botasse uma das suas rezas, que a snr.ª morgada, em menos de dois crédos, punha-se aí ancha que nem o *Caúnho.*

Resolvida a salvar a sua menina a Tomazia convocou a snr.ª D. Isabel Maria a conferencia. Comunicou-lhe a conversa com a «ama de agua», ajuramentou-lhe quatro dos milagres da «benta» testemunhados pela Joaquina Russa.

— Pois se aí está o bem da pequena, que venha a mulhersinha. O que é preciso... é que nem o mano D. Antonio nem Frei José percebam.

— Ah, bô! Tudo se ha-de arranjar p'lo melhor, com a ajuda de Deus Nosso Senhor.

A Maria do Rêgo, velha coruja de capucha parda e lenço branco, o queixo em ponta de lua nova e os olhos negros do brilho baço do bago do loureiro, foi introduzida no solar logo ao outro dia — pela porta da cosinha, em passos e falas subtis, a hora em que o fidalgo, e o frade, e D. José, no recato da livraria, saboreavam noticias prômissôras despachadas de S. Miguel da Ala.

Conduziram-na para o quarto das senhoras. Maria do Rosario fitou a velha com azedume — e, pela primeira vez desde

que a caíra na modôrra do desalento, contorceu-se de asco, protestou contra o disparate. D. Isabel Maria solicitou-a a acatar a «benta» com paciencia e brandura, que ninguem queria o seu mal. A Maria do Rêgo averiguou que nenhuma das partes do seu corpo padecia. E garantiu-a sã e escorreita do interior logo que lhe rezasse a oração do «Anjo Custodio, com suas doze palavras ditas e retornadas».

— Crédo! Ai isso não! — contestou num tremor de voz D. Isabel Maria. — Se se enganasse ao retorna-las, era desgraça certa!

— Toma lá! Enganar-me, eu! — retorquiu a «benta« aziumada. — Digo-as de diante p'ra traz e de traz p'ra diante como quem diz o Padre Nosso.

E na firmêza dum oraculo espargindo aguas divinas colhidas nos vasos trasbordantes da graça, entrou a rezar vertiginosamente, de palpebras cerradas, a oração do Anjo Custodio.

— Anjo Custodio, anjo sim, amigo não, dize-me as doze palavras, ditas e retornadas. Uma: a Cruz de Jerusalem, onde Nosso Senhor morreu por nós, Amen.

Repetiu a invocação ao Anjo Custodio, para as duas palavras ditas e retornadas, depois para as três, para as sete, para as doze, alinhavando-as do principio para o fim, descosendo-as do fim para o principio.

— Anjo Custodio, anjo sim, amigo não, dize-me as doze palavras ditas e retornadas. Não te digo as doze, mas a uma eu ta direi. Uma: é a cruz de Jerusalem onde Nosso Senhor morreu por nós, Amen. Duas: são as duas taboinhas de Moysés, onde Nosso Senhor pôz os seus divinos pés...

E dizendo, sempre a correr. sempre de olhos fechados, até ás doze — os doze apostolos; e voltando atraz, sem uma falha nem um empeno, até á uma; e ciciando, e esmorecendo, ao dizer, já de olhos abertos, que «treze raios deita o sol, treze

raios deita a lua, rebenta p'r'aí diabo que esta alma não é tua», rematou, vitoriosa:

— Vosselencia vê? Enganar-me! Nanja eu!

As duas senhoras, D. Isabel Maria e D. Carlota — assistidas pela Tomazia em postura de comovido enlevo — estarrecidas de mêdo, escutaram-na sem pestanejar. E num saborôso alivio convieram que se não enganara. Preferiam no entanto reza menos sujeita a perigos e desgraças.

Sem replica ou gesto explícativo a «benta» frechou no rosto azedado de Maria do Rosario o aço fôsco das suas pupilas. E espalmando-lhe sobre a cabeça a mão amarrotada, intimou, num murmurio, num ar imperativo:

— Reze comigo, menina. — Elevou as pupilas ao alto, rezou, tremendo e gemendo: «Em honra e reverencia dos trinta dinheiros com que o Senhor foi vendido e arrastado; que estando um dia no côro a monja abadessa de las monjas, com suas horas rezadas e não rezadas, lhe apareceu Nossa Senhora com muita soma de Virgem e lhe disse: — anda cá minha amiga monja, hoje dar-te quero a saber o dia e hora em que has-de morrer, de hoje a trinta dias serás levada, dos anjos do céo serás acompanhada e a meu lado no Paraizo serás sentada. E todo o homem ou mulher que rezar, ou mandar rezar a minha santa e bemdita encarnação, de má morte não morrerá, nem sangue, nem fôgo, nem pestinencia na sua casa lhe entrará. Deixai passar as donzilias, donzilias pontificais, templo de consolação. E agora Virgem Santissima, rezemos com devoção á vossa santa e bemdita e divina encarnação».

As senhoras absorviam a reza no recolhimento profundo que os inspirados nas tebaidas dedicavam aos favores de Deus. Maria do Rosario animava-se pouco a pouco, sentindo crescer em si, á medida que a velha avançava, a ansia de a escorraçar. Interrompeu-a, interpelando, ironica:

— O que veem a ser as donzilias?

Ela, como se do cêo, dentre as estrelas e os anjos. caísse de subito na lama duma enxurrada, respondeu, contundente:

— Perdoe, snr.ª morgada. Com coisas santas não se brinca.

— Maria do Rosario! — repreenderam as tias.

— E' que. com franqueza... não percebo.

A Maria do Rêgo, na tumidez do seu azedume pela profissão ofendida, ergueu-se da cadeira. Não, não continuava, Sem fé as rezas não vogavam. Perdoassem-lhe porisso as fidalgas, mas ia á sua vida para outra parte. E estranha a rogos e desculpas despediu-se, invulneravel como Santa Cecilia nas tentações.

Mas, ou fôsse por efeito da virtude milagrosa da reza, a despeito da sua irreverencia, ou porque a mocidade triunfava da morte, Maria do Rosario ao outro dia transfigurava-se. Revelava até. de momento a momento, a viveza esperta de quem decide, a impaciencia insofriavel de quem espera.

Entre o almôço e o jantar. vendo no quarto a Olimpia — já com o filho recemnascido nos braços — revolveu-a uma onda de ignorados estimulos. Tomou o pequeno, um embrulho de gelatina côr de rosa, para o seu colo fragil. Fez sinal á mãe para que se demorasse. E como a certa altura a tia as deixasse sós, recomendando á mulher do feitor que não saísse dali, emquanto ela chegava á cosinha a vêr «uns pápos de anjo» que a mana D. Carlota estava a fazer para a bôda, resfolegou a toda a pressa:

— Não ouvi bem o que disseste hontem á noite...

A Olimpia, olho furtivo na porta, mão enconchada na bôca. baixo, rapido, incisivo, repetiu o que lhe dissera. O seu estivera com o snr. Duartinho. E vai o snr. Duartinho fizera-lhe vêr que havia fórmas da snr.ª morgada fugir de casa. Era

na noite do casamento, quando viesse ao quarto, sósinha, p'ra mudar a vestimenta antes de abalar p'ra Lobrigos...

— Como, vindo ao quarto?

Espiou mais agudamente a porta, abafou mais o tom da confidencia, disse-lhe que bondava tirar dois ferros da grade do quarto — e, com o dêdo apontou-lhe a grade, a quinta ao nivel da janela — p'ra poder esgueirar-se por ali. Logo que casasse, haviam de deixa-la vestir-se p'ra viagem. Ela punha-lhe uma capucha debaixo da cama... E se a snr.ª morgada estivesse p'los ajustes, o seu se encarregava de cortar os ferros, por essa noite velha...

— Não... depois de casada não! — contrapoz Maria do Rosario, muito frouxa.

— Pois bote bem sentido no que lhe digo, snr.ª morgada. E' tão certo o snr. Duartinho, no desembarcadoiro da Regoa, «estrumar» com um tiro o snr. D. José, como haver peixe no rio. Eu que lho digo, é que o sei...

— Ouve. O Roque que lhe vá falar. Hoje mesmo...

No corredor rangeu o ruido de passos. Maria do Rosario aplicou o ouvido. D. Isabel Maria, e na sua sombra a Tomazia, esta com uma bandeja em que dois pares de bôlos de ovos e de «papos de anjos» rescendiam e seduziam, entraram em passadas lentas.

— Quer queiram, quer não... — acentuou a Tomazia, servindo-a de bôlos:—Desde que a «benta» aí esteve, a menina parece outra... E ande que se tem fé nas rezas, punha-se gôrda que podia desfazer-se á unha...

Na tarde do dia imediato, no regresso da vila, onde fôra a mandado de D. Antonio, de sobrecenho turvo e de pupilas fosforescentes, o Roque procurou o fidalgo na livraria e participou-lhe que chegára a hora de arrombar o canastro ao Leandro. Porque não bondára intrometer-se c'o a sua, nessa manhã, chamando-lhe «o nome das festas», sem mais nem p'ra quê — como se a Olimpia não fôsse honrada como a mulher

dêle. Agora, ao passar p'la quinta cimeira, fizera pouco dêle tossindo e cuspindo p'ró ar...

E como o fidalgo pretendesse amolecer-lhe a colera com prudentes lições de indiferença, êle rematou, irado:

— 'Inda eu morra se lhe não boto os tampos dentro!

XIX

Deixou-se pentear e vestir — toda de branco, toda de sêda, toda de gaze. Deixou-se diademar com a grinalda de flôr de larangeira, no desfalecimento de Jesus a envergar a tunica da expiação, a aceitar a corôa de espinhos.

Era dia de festa no solar. Parentes e amigos, convidados da Pesqueira e de terras e quintrs da região, vindos a cavalo, de liteira e de barco sacudiam a casa de movimento e de ruido. As tias mexiam-se, prodigalisavam-se em rasgos de cortezia e risos de congratulação — mesmo D. Isabel Maria, desoprimida dos seus trabalhos, tinha a diligencia da abelha num campo florido. D. Antonio, a face escanhoada como um marmore, a sobrecasaca pregueada como uma batina, multiplicava-se em ordens e agradecimentos. Frei José, de garnacha em folha, a aparar as bagadas de suor no seu Alcobaça rôxo, andava num redopio das salas para a cosinha, da cosinha para as salas, no antegôso das empadas de codorniz, das peruas novas lardeadas de lombos de vitela, dos leitões assados guarnecidos de tiras de galinha, das montanhas de dôce sêco e das recuas de guloseimas de prato que iam tornar celebre aquela bôda.

Maria do Rosario, orago da festa, é que não se mostraria mais triste, nem mais desapegada de tudo, se os seus vestidos fossem uma alva de condenado e o Ermo um monte da fôrca.

De facto, durante a noite anterior, o Roque conseguira cortar dois ferros da grade do seu quarto. Na verdade,

convencido de que lhe davam liberdade apenas casasse, Duarte tinha tudo preparado para a fuga. Mas nem esperava poder executa-la, apesar dos incitamentos do Roque e da mulher, nem se sentia com forças para se abalançar aos riscos da aventura — demais a mais casada, embora antes de pertencer ao marido. No entanto, o amor por Duarte abrasava-a como nunca, como nunca receava o momento de se encontrar com o primo na capela do Ermo, para onde ia da casa do Cabo em que na ante-vespera se hospedára. E assaltava-a continuamente, riscando-lhe a alma com relampagos de pavor, a idêa do desembarque na Regoa, a tragedia da morte de D. José e da perdição de Duarte.

— Vamos, vamos, são horas! E' quasi meio dia — veiu dizer D. Carlota, remoçada no brilho do seu vestuario escuro de tafetá da Italia e do seu sorriso de plenitude. — Está tudo á tua espera...

Ela deixou-se conduzir á sala de visitas, onde o pai aguardava a sua chegada, cercado de convidados para a benção ante-nupcial — e quando Maria do Rosario se abateu aos seus pés, D. Antonio impoz-lhe a mão no gesto religioso de Bathuel nas bôdas de Rebéca. Na descida para o terreiro, pelo braço do pai e pela escada alfombrada, perturba-la-hia o deslumbramento se os seus olhos vissem claro—se admirassem, rutilante de côr e vibrante de movimento, o arraial assente em torno do solar, e que o cipreste da direita pontuava como alta exclamação de surpreza.

— Belo quadro! — murmurou o fidalgo, satisfeito.

Todo o terreiro, em frente da escada nobre e dos lagares, fervilhava de damas e donzelas, de velhas e môças, aquelas esgotando os tons dos gorgorões e das tarlatanas, estes rivalisando no aprimorado dos colêtes e cintas de vespa. As liteiras, de machos atrelados, palpitavam na vibração das fitas de sêda em tranças e pingentes — os machos tilintavam as fartas

guizeiras, hirsutos de giestas floridas, adornados de laços de côres, com môços de estribeira fardados e empoados.

No pôço da Valeira, empavezados como gondolas da Veneza dos doges, os barcos de recreio alinhavam-se de prôa a terra, a par dos barcos de carga com mastros embandeirados. E a marinhagem nas «apégadas» e nas «ócas de avante», apenas a noiva assomou ao alto da escadaria, agitou as carapuças, rompeu em vivas — que a folgada chanfradura da montanha desdobrou e distendeu.

Como cega, como atordoada, ela entrou na liteira estofada de branco que devia conduzi-la ao suplicio. O cortejo desfilou, com a sége de Sidrô á frente, na rectaguarda a liteira da noiva. O pessoal da quinta, creados, feitor e galegos da cava, perfilados á borda do caminho. descobriram-se, murmurando palavras de carinhosa feição.

Não havia poeira, apezar do sol vivo que causticava o solo. Não se sentia o pisar dos machos no chão — cujas guizeiras espertavam o ar. Toda a estrada era uma alcatifa de trama vêrde estrelada de flores — giestas e rosmaninho espalhados e confundidos.

E toda a encosta. vinhedos e olivais, chapadas de monte e escarpas a pique, lembrava as tardes de *Corpus Cristi* em povoados de devoção, com janelas e muros colgados de colchas de damasco e mantas de linho — videiras e oliveiras debruçadas dos socalcos; giestas empoeiradas de oiro e prata suspensas dos alcantis; sumagres e lentiscos de olhos de ametista e de coral arregalados de cima dos penhascos. E como no ar andasse um ligeiro bafo de rescaldo a avisar de quem ia ali, as videiras e as oliveiras, os lentiscos e os rosmanos acenavam docemente com os braços, baixavam lentamente a cabeça, lançando a seu modo bençãos e saudações.

Na esplanada de S. Francisco, onde o côche do Cabo resplandecia ao sol, onde a noiva e convidados apearam das liteiras, os pares desfilaram, serpearam atravez dos curiosos da

vila e quintas proximas — gente endomingada, rapazes e raparigas do pôvo, lavradores e cabaneiras, elas de capucha, lenço branco engomado e saia de ganga azul, eles de jaléca de saragoça ou burel, alguns de niza, calção e meia branca, quasi todos de chapeu de S. João da Madeira, da largura das mós de moinho, de borla preta no rebordo da aba. Treparam o caminho estreito, em zig-zagues, á margem da escadaria, as senhoras arfando penduradas do braço dos seus pares — para regressarem depois pela escada, a fim de que os noivos não subissem e descessem o mesmo piso, o que seria prenuncio de desventura. No atrio atapetado da capela de S. Salvador D. José e a familia do Cabo vieram recebe-los.

Maria do Rosario avançou para a capela num alheamento de delirio. Tropeçava e amparava-se ao braço do pai para não caír. Afigurava-se-lhe tudo negro. A capela era um carneiro mortuario de paredes forradas de crépes. Não via nem sentia as flores que revestiam os altares. E ao parar no altar mór ergueu os olhos toldados de lagrimas, fixou-os no S. Salvador do Mundo, môrto no cume do trôno — e á certa só por milagre, para não alarmar esse sinôdo de dignitarios e morgados, o Senhor não ressuscitou de nôvo, não a salvou a ela, ao contacto daquele olhar, ao calôr daquelas lagrimas, que nunca outros mais ansiados lhe invocaram a misericordia.

Mas Frei José, de sobrepeliz e estola, não deixou repetir a muda invocação. Aproximou os noivos. Mascou o introito do santo sacramento. Tomou a mão da noiva, entregou-a a D. José, cingindo uma e outra no abraço ritual da estola. Os seus olhos encovados distinguiram o vulto do primo, calvo e risonho. Os seus ouvidos aturdidos ouviram preguntar se era da vontade do snr. D. José receber por sua legitima mulher a snr.ª D. Maria do Rosario Cunha de Sousa Pereira e Vasconcelos.

— Sim... — percebeu, distinctamente.

O frade repetiu o inquerito, voltado para ela, desfiando

o nome do primo — os labios tremeram-lhe, e não se distinguiu o que disseram.

A' saída, abençoada pelo egresso, abençoada pelo pai, felicitada pelos amigos, tinha a sensação de que o braço do primo era de ferro e queimava.

Desceram á frente do cortejo por entre os judeus das capelas laterais, por entre as filas de curiosos, tudo gente amiga que lhes lançava flores, confeitos, arroz e missanga.

A meio da escadaria, num dos patamares ao abrigo de azinheiras, pararam para desfazer o laço armado por um grupo garrido de raparigas. Duas delas, á direita, seguravam uma fita de sêda branca, ao centro apertada, em laço, numa fita côr de rosa, segura por outras duas raparigas que se aprumavam á esquerda.

D. José desfez o laço. Pagou a multa com bizarria — uma moeda de oiro por cabeça. E ao ressoar de palmas e vivas, sob flores e confeitos, seguiram até ao largo em que se alinhavam as liteiras.

Maria do Rosario, não tendo pôdido rezar no Ermo, pediu que a deixassem rezar na capela do solar — onde teria ficado se a não chamassem para a bôda.

A bôda arrastou-se estrepitosa de alegria, quente de brindes, farta de vinhos e vitualhas, ao lampejar de pratas e cristais dispersos no linho rendado da mêza.

A' noite o salão refervia, esplendido de luzes, colorido de vestuarios — com sêdas que ao arrastarem tinham magoados rangidos de preguiceiras de vêrga. No terreiro, iluminado de tijélas e balões, marinheiros e serviçais dançavam e cantavam jogos de roda.

Maria do Rosario vía aproximar-se a hora da partida num pavor crescente — no receio aflictivo de que Duarte realisasse o seu plano de desfôrço, pelo menos na espectativa do momento em que o primo efectivasse os seus direitos de marido. Tinha-o ali, a seu lado, cingido aos seus vestidos,

lambusando-a das suas falas adocicadas — numa repugnancia viva, que refreava a cada instante para o não confundir e magoar. E sacudida por esse pavor, excitada por essa repugnancia o seu instinto varonil insurgia-se contra a fraqueza que a levara ao casamento, contra a indecisão que a amarrara ao suplicio. Casára na verdade — mas casára forçada, mas não dera a adesão da sua alma a um acto oposto á sua vontade.

Numa amargura infinita sentia perto o instante de mudar de vestuario — por saber que Duarte a esperava na quinta, por duvidar de que a deixassem só no quarto. E mesmo assim, mesmo só, teria forças e coragem para fugir? E seu pai? E as tias? E todos aqueles convidados, os seus parentes, e os criados e «marinheiros»? Agitavam-na mil ventos contrarios, em que se reconhecia fragil e movediça como pena leve numa rajada.

Dançou a segunda quadrilha com o noivo. Ia prestes servir-se o chá — D. Carlota saíu para a cosinha a fim de organisar o serviço. Alguem pediu ao primo Joaquim Pinheiro, de Provezende, que tocasse um solo no violino. O primo acedeu. A sua esbelta figura romantica, de cabeleira ondulante, de casaca cintada e de violino cingido ao peito, impôz-se e dominou, direita junto do cravo.

Ela falou ao ouvido de D. José — que disse que sim, apoiando, achando bem. Falou depois, para a esquerda, á tia D. Isabel Maria — que tambem apoiou, em lentos acenos de cabeça.

O cravo repicou os primeiros compassos do acompanhamento. A voz do violino, cariciosa, aveludada e quente, a principio na hesitação dôce duma suplica, logo na vibração ardente dum clamor, distendeu-se, suspendeu-se no ambito enlevado do salão.

A cabeça inquieta da Olimpia espreitou á porta. Maria do Rosario percebeu-a e estremeceu. E como se obedecesse a

uma senha combinada, levantou-se. Fez sinal a D. José com a mão para que esperasse. Repetiu o sinal á tia D. Isabel Maria para que não quebrasse o silencio. Saíu nos bicos dos pés, de vagar, quasi a cambalear.

A Olimpia, na passagem para o quarto, segredou que tudo estava a postos, o Roque fóra da grade, a capucha debaixo da cama. Fechasse a porta por dentro. Ninguem daria conta, pelo rumor do terreiro e da rabeca.

Meteu ao quarto. Fechou a porta á chave. Ia a deixar-se caír numa cadeira. A voz do Roque, porém, chamando-a, batendo levemente nos vidros, reanimou-a. Era preciso. Tinha de ser. E céga, e surda, os nervos convulsos, o cerebro enevoado, mesmo ás escuras rasgou o vestido branco, arrancou-o do côrpo, substituiu-o por um vestido de viagem. Arpoou a capucha debaixo da cama. e envolveu-se na sua roda. Ergueu a vidraça. Os dois ferros da grade, arrancados pelo Roque, que a amparou nos pulsos rijos, abriram-lhe espaço para a fuga. Duarte surdiu da sombra, tomou-lhe o braço, impeliu-a para o caminho do pombal. E daí a pouco, prêsa á cadeirinha de cavalo possante que um embuçado conduzia á redea, seguida por outro cavalo montado por Duarte, ao afastar-se da quinta, ao quebrar sobre o caminho de carro da Curvaceira, de rosto para os môrros do Pelão acarvoados de encontro ao céo e ás estrelas, o trincalhar das ferraduras nos lagêdos soava-lhe a soluços, o arquejar dos cavalos na subida afigurava-se-lhe o gemer de peitos em transe de chôro e de sufocação.

—A nossa menina não despede do quarto—disse a Tomazia a D. Carlota. que na sala de jantar. com a ajuda das creadas e do Zé da Riça preparava a mêsa para o chá.—Vi-a

meter-se no quarto 'inda o snr. Pinheiro ia na primeira musica. Já vai na segunda. e ela nem «tuge nem muge».

—Está talvez a rezar. como de tarde.

—Hum... Já lá fui, bati, não me respondeu...

—D. Carlota suspendeu a tarefa de arregimentar bôlos e compoteiras, garrafas de vinho e calices de cristal, e foi verificar o que haveria. Bateu com cautela. chamou para dentro, duas, três vezes, baixinho, mais alto, no cuidado de não perturbar o violino que suspirava agora os sonhos de Mozart e a emoção do violinista. E como ninguem respondesse, as duas, ela e a Tomazia, encararam-se numa expressão nublada.

—Queres ver que adormeceu?

—O pior é se lhe deu coisa má, se 'stá caída no meio do chão...

Bateu com força, quasi gritou o nome da sobrinha. E logo, dizendo á criada que chamasse o José da Riça, partiu em direcção á sala, estranha á musica, alheia aos convidados.

—Mana Carlota, então!—repreendeu D. Isabel Maria, indicando-lhe com os olhos severos o vulto fidalgo do primo, cujo arco roçava as cordas gementes, subindo e descendo em plangencias de desalento e em sofreguidões de sêde.

—Mas... é a nossa Maria do Rosario!—e disse aquilo numa angustia tão funda, que D. Isabel Maria soergueu-se, preguntou o que era, e as duas primas mais proximas fitaram-na boquiabertas.

—Caíu com coisa má... ou não sei...

—A Maria do Rosario?

—Sim.

Pôz-se de pé. Pozeram-se de pé com ela as duas primas. D. Antonio, erecto junto do violinista, cominou-lhes um olhar hostil. O violinista estremeceu e hesitou. A' chegada das senhoras ao quarto, o Zé da Riça, auxiliado pelo Roque, arremetia de hombros á porta.

—Depressa!—suplicou D. Carlota.

Foi o Roque, num impulso mais forte, que a fez ranger, estalar, escancarar-se.

—Maria do Rosario!—clamaram as tias, a um tempo na certeza do quarto vasio e da janela violada.

—Não 'stá!—rouquejou o Roque.

—Não 'stá!—taramelou a Tomazia.

O Zé da Riça, já de luz na mão, abeirou-se da janela, viu a grade mutilada, clamou atonito:

—Fugiu!

—Fugiu!—soluçou D. Carlota.

E correndo para a janela, e estendendo os braços para a grade, tombou de bôrco, como fulminada.

Neste entrementes, aos gritos de D. Isabel Maria, sucedendo ao estalido da porta e seguidos das exclamações dos criados, desembocaram no quarto, de roldão, D. Antonio, D. José, os convidados.

Ninguem se entendia. O Roque bramia pelo seu réfle, que queria «estrumar o fatinário». O escudeiro requeria um cavalo p'ra ir atraz do ladrão até ao inferno. D. Isabel Maria arrepelava-se, de joelhos ao lado da irmã. D. Antonio, D. José, os primos e as primas, os criados e criadas, empurravam-se, interrogavam-se, benziam-se.

Serenada a tempestade, convulso e apopletico, D. José jurou que os perseguiria nos tribunaes, ao ladrão e á infiel, emquanto tivesse vida e dinheiro. O egresso bateu na testa a palmada reveladora, disse á viscondessa de Linhares que bem lhe parecera ouvir, na madrugada anterior, o morder de lima ou serra em ferro visinho. E D. Antonio, na impassibilidade hieratica duma estatua grêga, conduzido pela magoa do primo do Cabo para a intimidade da livraria, comentou, afirmou:

—Nada tenho com desvarios e loucuras. Minha filha morreu. A'manhã trajaremos luto.

O Roque e o Zé da Riça guindaram o corpo pesado de

D, Carlota para o seu leito, no meio de rezas consternadas e conselhos doloridos. E foram armar-se em seguida, no proposito de baterem encostas e caminhos na peugada dos fugitivos, de arrombarem a porta do Leandro, de o intimarem a pôr p'r'ali o «não filho e a snr.ª morgada», de arma «á bôca do peito» se os tivesse lá em casa.

Antes deles largarem, porém, largou o João Caetano, a toda a brida, no baio do fidalgo de Lobrigos em demanda do Lodeiro — a convocar o Dr. Teixeira, que D. Carlota, por mais que a responsassem e mesinhassem, não dava acôrdo de si, conservava-se num frio de morta.

O medico ganhou o quarto das senhoras já dia claro — tendo encontrado o solar numa desordem de acampamento em derrota, rôstos lividos, olhares mortiços, pupilas inquietas, corpos amarrotados dormindo aos cantos.

Ouvida a queixa de D. Isabel Maria, examinado o corpo rigido de D. Carlota, o dr. Teixeira curvou o busto herculeo, magoadamente psalmeou:

— Rezem-lhe por alma. Matou-a a lesão.

Senhoras e criados romperam então em pranto e panegiricos. Prepararam-lhe o enterro para o outro dia — pelo que ficaram no solar primos e amigos de fóra da vila. E na manhã que se seguiu ao enterro, os barcos que tinham subido o rio em ar de festa, empavezados para o cortejo triunfal dos noivos, lembravam embarcações aprisionadas a arrastarem despojos duma batalha perdida.

O fidalgo guardou luto rigoroso pela irmã durante duas semanas, entaipado na livraria — sem falar a ninguem, sem quasi se alimentar.

Entregou-se, num redobrado interesse, aos cuidados da lavoura, á prosperidade da quinta — e indiferente á lava calcinante do sol, rigido e mudo á ilharga ou á frente dos cavadores, levava o dia inteiro a vêr cavar, a fiscalisar a faina agreste em honra e proveito da infancia da uva. A' terceira

semana, em plena quinta, o João Caetano passou-lhe uma carta de sobrescrito debruado de negro. Rasgou o sobrescrito, encontrou numa fôlha de papel a assinatura de Maria do Rosario, estremeceu de surpreza e de altivez, restituindo-a ao administrador, ordenando-lhe que a queimasse e lançasse as cinzas ao Douro. D. Isabel Maria cruzou no corredor com o João Caetano. Inquiriu da proveniencia e do destino do papel que levava na mão — cuja identidade ele lhe denunciou em segrêdo, cujo destino lhe confiou em voz baixa. A turvada senhora, persignando-se em face da nova revelação das proezas de Satanaz sobre a alma da sobrinha, que até a ensinara a escrever, assim dum dia para o outro, quiz saber o sentido dessa carta. E foi com espanto que ouviu lêr, na sala de jantar, as palavras saudosas de Maria do Rosario ácerca da morte da tia, as palavras doridas de Maria do Rosario implorando perdão para a sua culpa, as palavras resignadas de Maria do Rosario participando que recolhera a um convento, onde aguardaria a anulação do casamento com D. José, a felicidade de casar com Duarte, o consolo da benção do pai. E foi com lagrimas nos olhos, comunicado o facto a Frei José, que meteu á capela a implorar do Senhor que a conservasse no convento, que não consentisse na desgraça do casamento com o maçon.

XX

EANDRO, á mêsa da sala de jantar, só e cabisbaixo, sacudia os hombros por ver tudo a corrêr de mal a pior. Havia três anos que o enteado furtara a filha ao fidalgo da Valeira. Nesses três anos, que rôr de coisas acontecidas, sempre ao arrepio do que era de feição. Costa Cabral tornára ao poder no meio da arruaça dos contrarios, mais furiosos que cães danados. Alegrara-se com aquilo, por ser dos amigos do homem de ferro e por saber que o teria sempre do seu lado. Afinal, o catavento do Saldanha, sem mais nem p'ra quê, nega-lhe de repente o apoio, demite-se dos seus logares e honrarias e põe-se a ensarilhar contra o governo. Vem a revolução do Porto. O Saldanha, sovádo pelos fieis, esgueira-se p'ra Lobios, p'la serra do Gerez, tal e qual os seus soldados batidos no tempo de D. Miguel. Mas o raio dos cabos do 18, em Santo Ovidio, «apaigiados» pelo Victorino Damazio, tornam á revolução, ganham-na desta feita — e o Saldanha aí torna tambem ao reino, e os estudantes de Coimbra obrigam D. Fernando a dar vivas ao Messias, e a rainha dobra-se diante do Messias. Costa Cabral, que se julgara p'ra sempre senhor destes reinos, vendo-se «na rua dos ataqueiros» dá ás de vila Diogo, põe o canastro no seguro. Saldanha outra vez no poder. Faz-se a Regeneração. Ele, logo, com gente da melhor da Pesqueira, assenta praça no partido regenerador. Manda oferecer ao Rodrigo da Fonseca todos os seus votos e serviços no concêlho. E mesmo assim o D. José de Lobrigos continua «a serrar de cima». Vence no patriarcado e nos tribunais civis,

O casamento não se anula. Duarte, meio doido, numa dobadoira do Porto p'ra Lisboa e de Lisboa p'r'ó Porto, já diz que o mata se não arranja a anulação. A morgada, que tanto se amofinára p'ra não caír no convento, ha três anos fechada no convento carmelita de Vila do Conde que nem freira professa. O seu dinheiro a correr qual cavalo sem «rabeiro» — o que havia de acabar, que dinheiro não era agua. E o D. Antonio, meio tonto, de roupa a despegar-se-lhe dos ossos, a vadiar p'la quinta como alma penada, mais calado do que uma sombra, a desfazer-se das joias e das pratas, dos tapêtes e da líteira, a queimar quanto tinha e não tinha só p'ra atenazar a filha.

— Leandro — disse a snr.ª Inacinha da porta. — Vem aí o *Bumba*.

— Manda entrar.

O mestre entrou, em passos elasticos, a barbicha ponteaguda e as pupilas simiescas.

— Nosso Senhor lhe dê muito bôas-tardes.

— Viva, mestre.

Despejou dos hombros o pêso do capote de três cabeções, que dezembro arrastava-se muito frio e de aguas copiosas. Colocou na mêsa a bacia de folha, de rebordo mordido como filhó dentada. Sem demora, que tinha pressa, pedindo licença, apertou a toalha de linho á nuca do freguez. E a ensaboar a mão dentro da bacia, já encaixilhada pela mordedura no pescôço de Leandro, e a ensaboar-lhe a cára com a mão, preludiou a eterna aria politica, exaltou o Loulé e abateu o Rodrigo da Fonsêca. Mas, quebrando inesperadamente a jaculatoria partidaria, inquiriu:

— Ah, espere, snr. Leandro. Então já sabe do Cavacas?

— Do Cavacas? O barqueiro da Abrulha?

— Nem mais.

— Não sei nada.

Mestre Francisco, na tarefa cuidadosa de aveludar o fio

da cantadeira e de derramar os acontecimentos do povoado, entrou a fazer o relatorio do grande passo do Cavacas — que já toda a vila sabia, que era o pasmo do «grado e do meúdo». O Cavacas, na quinta dessa semana — na quinta? Ah, nem mais, na quinta, — confirmou, retomando a sua geira depilatoria — pois havia dois dias e estavam em sabado. Na quinta passada, por todas as manhãs lhe aparecer arredada do sitio em que a prendia a barca de passagem, dissera p'ra si e p'rós seus botões: «Hei-de saber quem me faz a «avantage». E vai, antes do anoitecer, agacha-se no «coqueiro» da barca, põe-se á espreita. Mal o ujo entra a cantar no Ermo, ouve p'r'ás bandas do Vale-de-Carvalho um barulho que o deixa assim a modos de «azabumbado». O céo 'stava «encerroado» que nem prégo. Não se enxergava palmo adiante do nariz. Mas o barulho chega-se p'r'ório. E' uma ranchada de mulheres a rir e a cantar. Ele espreita lá de dentro, vê-as saltar p'r'á barca, vê que são bruxas, e que á frente delas vem o Inimigo co'os chavelhos em braza e os olhos a luzirem que nem lumes prontos. E 'inda as bruxas não 'stavam todas assentadas, o Inimigo vira-se p'ra uma delas, que o Cavacas conheceu muito bem, porque era nem mais nem menos do que uma sua comadre do Vale da Vila, e diz-lhe com cara «arrenegada»:

— Aqui cheira a carne humana.

— A'gora cheira... — responde a comadre, p'r'ó livrar, percebendo logo do que se tratava. — Fui eu que me untei com éla antes de saír de casa.

O Inimigo cala-se. Desprende a barca, pega nas «pás», senta-se de «caras á óca de avante», e põe-se a remar. De cada «pásada» a barca avança cem leguas. Daí a nada estavam no meio do mar. E antes da meia noite as bruxas, de Inimigo á frente, desembarcam no Brazil.

— No Brazil?! — intepelou Leandro, de olhos inviesados

para o mestre e de face sulcada pelas risonhos estigmas da descrença. — Essa não me entra cá no toutiço!

Mestre Francisco suspendeu a navalha, considerou o freguez, solicitou a sua atenção até final. Depois veria se era verdade ou mentira. Deixasse-o acabar e veria. 'Inda não tinha dado a meia noite — proseguiu o mestre, de novo a esmerar os queixos do Leandro — 'stavam no Brazil. Toda aquela tropa, o Inimigo á frente, atraz as bruxas, saltara em terra, indo direita a um arvorêdo muito basto, muito forte, onde se ouvia «gentiaga em mêda», com cantorias e danças, que p'los modos eram bruxas com'as mais. Aquilo foi bailar e cantar que parecia «a fim do mundo». E' então que o Cavacas — ora ali é que batia o ponto, admoestou o *Bumba*, e que se via não ser «baléla» o passo sucedido, — é então que ele sai do «coqueiro», põe pé em terra e «arriga» uma pernada de cana de assucar p'ra mostrar á gente da Pesqueira, quando lhe contasse o que se dera.

— E «voncê» víu a pernada?

— Vi a pernada, senhor Leandro! — respondeu mestre Francisco, na plenitude dos seus cinco sentidos. — Na minha salvação como a vi. Foi hoje, ás primeiras «luzenças» da manhã, com estes dois — citou os olhinhos mortais — que a terra ha-de comêr.

Como Leandro emudecesse, abatido sob a cana do assucar, o mestre rematou a historia do barqueiro. Cavacas ao acabar de «arrigar» a cana sente o tropel das bruxas. Torna a esconder-se. Uma das bruxas grita ao Inimigo, agora atraz de todos:

— Depressa... que temos de chegar antes do galo cantar.

O Inimigo toma outra vez as «pás». E andando outra vez cem leguas a cada «pásada», inda o galo não tinha cantado, já a ranchada, Pôrco Sujo á tésta, as comadres ao rabo, desaparecia p'r'ás bandas do Vale...

O mestre deu de nôvo o fiador da cana de assucar á se-

gurança do conto. Vira-a ele, e vira-a toda a gente. Até o fidalgo, D. Antonio, a tivera lá em casa na vespera, a horas em que Cavacas pescava na Valeira. Fôra botar as bichas ao Madeira nessa manhã. Estivera cô'o fidalgo — por signal que até o achara «mais desorelhado e estranho» que nunca. Falaram no passo do Cavacas. Frei José não fazia muito finca pé na cana. Mas o snr. João Caetano, sim senhor. O fidalgo da mesma sorte. E o snr. João Caetano contara muitos outros passos de bruxas, todos certos. E contára tambem uma «anedóta» que ele não sabia, acontecida a um rapaz de Campélos na quinta cimeira.

— Na minha? Ah, já sei. O Manoel Roças...

— Nem mais. Que se lhe meteu no corpo a alma do Padre Francisco, do Lodeiro. Que o rapaz ladrava e zurrava. Que lhe ataram pernas e braços cô'uma corda, e ele a desatou sem se mexêr...

— Diz que sim... — acentuou Leandro. — Eu não vi.

João Caetano contara muitas outras coisas — continuou o mestre. Uma, da mão de ferro, ao pé do palacio dos fidalgos do Pôço, em S. Sebastião de Medelc, ogo adiante de Lamego, que «esmoucava» quem por ali se atrevesse só de noite, é que era de estarrecer...

— Hum .. — grunhiu Leandro, agitando-se, quedando-se, o olhar subitamente em espasmo.

— O que foi? — inquiriu o mestre, de navalha em suspensão não fôsse lanha-lo.

— Nada! — mascou o outro, tão quêdo e tão fito, de olhos no sobrado, que nem as palpebras mexia—semelhando assim, de toalha ao pescoço, o sacristão de roquete branco no momento de ajudar á missa.

No alisar cautelôso da face, esticando tecidos e passando a vau ribeiros e afluentes cavados na barbéla, o mestre correu no veio da voz adoçada e chocalhante outros acontecimentos de vulto, de remoto parentesco com aqueles, ocorridos no

povoado e seu termo. E a «avantage» do rapaz mordido por um cão danado em Vilarouco? Deixara tudo de bôca aberta! O rapaz comera um «cibo» de pão trincado p'lo padre Gaudencio no dia da sua primeira missa, e melhorara sem mais nada. Enumerou façanhas da sua clinica — e desastres do cirurgião do Lodeiro. O da mulher do Joaquim Ranhado, p'ra não ir mais longe, despachada p'lo S. Martinho! O cirurgião metera-lhe na cabeça, 'inda ela tinha vida p'ra dar e vender, que tomasse banho ao côrpo, não olhando a que o banho, se era p'ra limpeza, só se podia tomar cô'a a lua no signo de Piscis, e se se requeria p'ra humedecer, como nos tolhidos das pernas — e essas eram as partes que padeciam na mulher do Ranhado — convinha esperar a lua em Escorpião, de sua natureza aquóza.

Ele bem lhe dissera que o melhor era sangrar-se. Fez ouvidos de mercadora — e o resultado viu-se. Lá 'stava p'ra mais dum mez cô'os anginhos. Inventariou processos de sangria — a da veia do meio da testa p'r'ás dores de cabeça; a do beiço de cima, p'la parte de dentro, p'r'á «reuma» nos olhos; a da lingua, p'la parte de baixo. pr'ó fedôr e comichão dos narizes...

Leandro, fóra dali, por verêdas e atalhos que o mestre nem conhecia, errava longe de mais para o ouvir. Todo o seu ouvido era agora pouco, como era pouca toda a sua vista, para seguirem o desdobramento e o rumor doutros factos, vivos e ageis na sua imaginação. Reconstituia a scena do armazem no dia em que pedira a morgada ao fidalgo. Revia o aspecto do fidalgo, magoado pela sua descrença nas tropelias da alma do Padre Francisco, nos desaires do Manuel da Chóca. E lembrava-lhe, como servindo a preceito para os seus fins, a alma da D. Carlota. A questão era que a coisa fôsse feita em termos. Jurara tirar vingança e a vingança surgia-lhe pela prôa.

Não haviam de ficar-se a rir. tão certo como pensa-lo... Alem de que... sempre poderia fisgar a quinta fundeira.

Despediu o mestre apenas enunciado o «viva, snr. Leandro» do ceremonial — dizendo que lá lhe mandava ao lusco-fusco os quatro alqueires da avença dos ultimos seis mezes, e dois «salamins de milho miudo p'rás pitas».

Nessa mesma tarde envíou recado ao Roque – esperava-o á noite, ao toque das almas, no portão da Dona Marinha. E de facto á noite, embrulhado no capote, de chapeu derrubado, ao tiritar dos pinheiros arrepiados por uma aragem fria de levante, conferenciou, cochichou, argumentou para cima de meia hora com o feitor da Valeira — recolhendo a casa na vaga e consoladora convicção de que tinha dado com a lura ao coelho.

—Veja V.ª Ex.ª no que resolveu um homem tão falado pelo snr. D. José de Mascarenhas... naquela noite em que apontou aqui, fugido ao Casal, depois da derrota de Valpassos... —observou João Caetano, de pés plantados sobre os tamancos ao fôgo vivo da laréira, conversando com D. Isabel-Maria, toda de negro, a contar o rozario sentada no escano, á esquerda de D. Antonio.

—E' verdade. O José do Telhado. Louvava-lhe ações de heroi... e muda-se logo em ladrão. Filho de ladrão, era dever atirar ao pai.

—E por pouco nos não apanha. Saiu-nos ao barco ali p'las alturas do Porto Manso. Se o arrais não é dos de pulso rijo, acabavamos ás mãos da quadrilha.

Frei José, a lêr ao Zé da Riça e ás criadas a historia verdadeira da *Imperatriz Porcina*, suspendeu-se na leitura, inclinou a face para o administrador, de olhos curiosos e ouvido atento. Depois, aproveitando-lhe a pausa destinada a colher o efeito da revelação, chegou os pés ao lume, entre dois

pótes que ferviam, sob a caldeira de cobre suspensa da cremalheira, comentando:

—E' o fadario de toda a pedreirada. Por «nás ou por nefas» todos eles veem a dar nisso... e todos por seu natural acabarão na fôrca ou á carga de réfle, como o Antonio Marçal, vai p'ra um ano castigado de suas funestas ruindades. Viu-se como os amigos do barão, arredado de Fozcôa por maleficios do tenente-coronel, lhe rebentaram os miolos na espera da Lousa, quando trepava p'r'á quinta dos padres. Pois esse será o fim dos Josés do Telhado e dos Brandões, por governos de maldição honrados de comendas, habitos de Cristo e Torre-Espadas, como o Zé do Telhado e o Antonio Marçal, p'ra gloria de Satanaz e horror dos fieis. Os lôbos serão devorados p'los lôbos. E o snr. D. Miguel, tão auspiciosamente matrimoniado ha pouco mais dum mez, virá dar ás suas ovelhas, na hora propicia, a paz do seguro pastôr. — Alçou as pupilas ao negro boqueirão da chaminé, parada militar de regimentos fardados de lona, de filas de chouriços sob o comando de gordos salpicões, e murmurou com Job, a trasbordar fé e devoção: — *Ponit humiles in sublime, et moerentes erigit sospitate.*

D. Antonio, os dêdos enfiando contas de azeviche, os labios fremendo num soído de fôlha sêca, os olhos meio velados, o peitilho negro como volta eclesiastica, o rôsto duro como grêda recosida no fôrno, semelhava estatua simbolica de tumulo faraónico—tragica na sua mudez, impenetravel na sua dureza. E D. Isabel Maria, alheada do rozario, desenhava em gestos de confirmação o aplauso da sua alma ás considerações de Frei José.

Nisto, sem que ninguem o esperasse, avultando acima do fragôr do cachão e dos uivos do vento nos despenhadeiros, a porta da cosinha escancarou-se e um grito chicoteou o ar. O Zé da Riça e as criadas ergueram-se assombrados. O fidalgo e a irmã arregalaram os olhos alagados de surpreza. Frei José

e o administrador, estarrecidos, interrogaram-se em silencio. E a Olimpia, correndo, investe da escuridão num acesso de terrôr.

— O que foi? — interrogou D. Antonio, pondo-se de pé.

Em vez de responder a mulher do feitor cerrou as palpebras, encostou-se á parede, as mãos crispadas na cabeça. E antes que todos se recobrassem do espanto, o Roque surge de fóra, esbaforido. preguntando o que fôra aquilo.

Ao aparecimento do Roque os animos respiraram, as criadas abeiraram-se da feitôra, D. Isabel Maria disse que fechassem a porta, que sentassem a Olimpia num banco.

Ela pediu um pucaro de agua. Deram-lhe a agua. Amparou-se ao marido, a mão a fricionar os olhos, seguindo para um dos bancos da lareira a passos incertos. Sentou-se derreada. Respondeu com intermitencias ás ansiedades que a interpelavam:

— Pareceu-me a voz do Roque a chamar-me, baixinho: Olimpia! Olimpia! Vim vêr... não fôsse ele com alguma dor... E vai, ali... á esquina...

Calou-se, ofegante, amarfanhada sob a reconstituição intima do motivo do seu terrôr.

— E ali á esquina, o quê, mulher? — martelou o Roque, impaciente.

Ela espiou em redor, como a certificar-se de que se enganara. E de nôvo cerrando as palpebras, numa convulsão, sibilou por entre dentes:

—E ali á esquina... havia de jurar que vi saltar da janela do quarto, toda de preto, e largar quinta acima...

—Quem?— gemeram. a um tempo, D. Isabel Maria. a Tomazia, a Angelina.

A arfar sob a pressão do pesadêlo, quando a interrogaram outra vez, não articulou palavra, pelo que a Tomazia murmurou:

—A snr.ª D. Carlota?

Todos se entreolharam petrificados. E dos labios de D. Isabel Maria, como aves assustadas, como duma fenda inerte que falasse, voaram, abafadas, as palavras fortes da invocação esconjuratoria, «o grande Leão de Judá, o grande poder de Deus, a fortaleza da fé», em préce automatica:

—Jesus, Jesus, Jesus, Maria José!

O Roque mostrou-se afoito. Disse qae a janela do quarto das senhoras, ao pôr do sol, estava fechada—prontificando-se a ir verificar se o estava ainda. convencido de que aquilo era p'la certa mêdo da sua mulher.

—Eu deixei-a fechada, deixei... —afirmou a irmã do fidalgo, indecisa.

Pois bem. Ele ia vêr se 'stava aberta ou fechada. Avançou para o corredôr de candeia na mão. Frei José, na necessidade de colocar as suas teorias acerca das almas do outro mundo, da ressurreição dos mortos fóra do Vale de Josafat, á altura das suas praticas em lances daquela feição, caminhou na sombra do Roque. D. Antonio, e a irmã, e o administrador, e os criados, abandonando a imobilidade da Olimpia ao pavôr da sua visão, saíram da lareira uns atraz dos outros, foram espreitar os vultos que mal se recortavam na luz oscilante da candeia. Viram abrir a porta do quarto. E como o Roque recuasse, e com ele Frei José, clamando que sim, que a janela estava aberta, uns e outros recuaram no mesmo movimento, empilharam-se a um canto da cosinha, de mãos enclavinhadas, de fisionomias em angustia, no confrangimento de quem se esconde dum saque ou se protege duma derrocada. D. Isabel Maria soluçava as palavras fortes. As criadas e o Zé da Riça ampliavam-nas em côro. E o fidalgo, sinistramente espetral, no meio daquele lugubre cantochão de esconjuro, arripiado e transido, sentia rolar sobre a cabeça encanecida na austeridade e no dever, na sua forma invisivel, na sua clarividencia implacavel, a desgraça opressôra dos leais e dos vencidos.

Frei José e o Roque apaziguaram os nervos em rebate, procuraram serenar as almas alvoroçadas — o feitor declarou que ia á quinta, de duas «canchas, em busca dumas pernadas de trovisco, remedio sagrado contra coisas ruins; o egresso assegurou que a tratar-se em verdade do espirito da snr,ª D. Carlota, ele não vinha para afligir, senão para consolar, pois essa era sua condição. Experimentassem a bondade do espirito recolhendo cada qual a seu quarto, excéto a snr.ª D. Isabel Maria que, por melindres fundados, poderia recolher ao quarto dos hospedes.

Mas, treze dias transcorridos, — na quinta já tudo deslisava esquecido do drama creado pelos nervos da Olimpia — altas horas, na profunda paz da noite, o solar foi agitado pelo tropel dum côrpo retumbante cabriolando no fôrro do edificio.

D. Isabel quiz gritar — a voz prendeu-se-lhe na garganta, D. Antonio quiz acender o candieiro — a mão não descortinou os lumes prontos. E ambos, na sombra densa, os olhos esbugalhados, o coração em sobressalto, rezaram e se benzeram.

Não se ouviu mais nada. Ninguem tugiu nos seus quartos. Ninguem pregou ôlho no resto da noite. E o rugir do cachão, nêssa quietude sufocante, era a voz de divindades ignoradas a julgarem erros e mentiras humanos.

De manhã, ao interrogarem-se na capéla, e ao confirmarem-se a realidade daquele ruido, D. Isabel Maria garantiu que não dormiria em tal casa nem mais uma noite.

—Durmo eu! — sentenciou D. Antonio, — E se o que aí anda, é o espirito da mana Carlota, requeira-lhe a mana Isabel Maria o que pretende, e será ouvido.

Frei José inclinou-se para o parecer da snr.ª D. Isabel Maria. Achava-o mais conforme á razão e á prudencia. O dificil estava em retirar da Valeira. Para onde?

O solar de Provezende, arruinado, entrára no dominio de nôvo senhor. A quinta de Gouvães caíra na posse do Leandro,

Os casais de Mirandela e Santa Marta de Penaguião devoraram-os a guerra civil.

—E o primo Visconde do Real Agrado?—interveiu a irmã do fidalgo?—Ha tanto tempo desejôso da nossa visita...

O irmão fez da testa aba de chapeu que se derruba. E por baixo dela os seus olhos repreensivos foram tão terminantes que ninguem mais falou em saír do solar, ou na visita ao primo visconde — embora Frei José, em seu intimo, decidisse escrever-lhe clandestinameute.

D. Isabel Maria passou a dormir com as criadas junto do seu leito, uma lamparina acêsa sobre a comoda, um Cristo de vigia entre duas vélas de cêra. A Tomazia, ao outro dia, revelou-lhe um sonho dessa noite. D. Carlota entrara pela janéla —toda vestida de preto. Percorrera o solar. E encontrando-se com ela na cosinha, lavada em lagrimas, preguntara-lhe p'la sua menina.

—Sim, tambem já me lembrei ser por causa da Maria do Rosario — disse a contristada senhora. — Já mesmo o lembrei ao mano D. Antonio, que me enxotou, irado de rôsto e de palavras. — Concentrou-se, espetou o indicador na aza direita do nariz, epilogou: — Quando estive em Braga. . . deu-se là caso do parecer deste. E só a piedade confortou a alma que penava...

Foi logo duas noites volvidas, mal haviam adormecido, que uma massa pesada, com tumido estalido, tombou ao lado da cama do fidalgo. Este acordou numa convulsão. Sentou-se na cama, espiando a tréva. E que não o iludiram os seus sentidos compreendeu-o, em seguida, pelo vozear da irmã, pelo chôro das criadas, gemendo e rezando:

Valha-me o grande Leão de Judá,
Valha-me o grande poder de Deus,
E a fortaleza da fé!
Os misterios da morte e Paixão

Sirvam para minha defensão;
Jesus, Jesus. Jesus, Maria José!
Cruz de Cristo faço aqui.
Espiritos maus fugi, fugi,
Aleluia! Aleluia! Aleluia!

O silencio sucedeu á reza e ao chôro — como se se afundassem no pavor dos proprios prantos e orações os que choravam e rezavam. E ele ficou o resto da noite sentado na cama, de sentinela ao silencio, a espiar o vento, a chuva, o cachão, o *Tua*, em uivos duma insistencia presaga.

De manhã, ao almôço, assentaram em saír do solar. Aquilo era sério. E não podia ser obra do espirito da mana D. Carlota — tão dado á virtude e ao bem — o pedregulho caído aos pés da cama do fidalgo.

— E nem se descobre donde caíu — insinuou Frei José

No tecto do quarto havia um alçapão de acésso ao fôrro e ao telhado. Mas o alçapão conservava-se fechado. Alem disso não seria obra mui facíl o transportar para ali a pedra, áquela altura — considerava João Caetano. de pé á beira da mêsa.

Hospedar-se-hiam uns dias na casa do Cabo. Da lá resolveriam tomar casa desviada da Pesqueira, ou aceitar a hospitalidade temporaria dos primos da Regoa e de Lobrigos. E concluida a refeição matinal D. Autonio meteu á livraria, para despedir carta ao primo Salvador, D. Isabel Maria, coxeando, carpindo-se. acolitada pelo frade, o administrador e os criados tratou de acondicionar em baús de couro tauxiados a capricho e em arcas de mogno e vinhatico, roupas, restos de pratas, rimas de bragais.

Sentavam-se para o jantar. O rouquejo duma buzina, no rio, apregoou barco com correio, com encomendas ou visitas. O escudeiro, que se aproximára da janela, disse que era o snr. Visconde do Real Agrado.

—O primo VIsconde!—murmurou D. Antonio, surprezo pela coincidencia.

Frei José pediu licença e seguiu ao seu encontro—lésto contra o costume, adiantando-se ao fidalgo, não fôsse o Visconde denuncia-lo ou comprometê-lo.

Aceitou talher á mêsa. Vinha apenas visita-los. Visto afirmarem-se prontos, porem, a deixar a quinta, a seguir para o Cabo, mandavam contra-aviso á vila, e aceitavam o seu tecto na Regoa—para onde sairiam na proxima manhã, que o tempo, algum tanto frio, não estava para mais aguas, embora o vento soprasse da barra. Na descida não consumiriam três horas.

D. Antonio concordou. Foram convocados os criados para se lhes dar destino. O escudeiro e a Tomazia acompanhavam-nos. A Angelina e a Soledade aguardavam-lhes o regresso nas suas casas de Soutêlo e Espinho, percebendo suas soldadas. O Roque podia ficar na vila. O *Tua* e as galinhas acolhe-los-hia o José Cardôso...

—Com sua licença, fidalgo...—interrompeu o Roque, em postura humilde.—Se o fidalgo quer, fico eu a guarda-los.

—Tu ficas aqui?!

—Pois 'stá bem de vêr que fico. As almas lá á minha cardenha não vão. Casa de pobres... não ha que lhes tornar p'la visita.

Nesse caso entregavam-lhe as chaves, a criação e o *Tua*. E assim que Deus suspendesse os males de que padeciam, sentido por suas vidas retiradas e pacientes, volveriam eles ao senhorio da casa e da quinta.

A' hora tardia da partida, apinhados baús e arcas no barco tapetado, D. Antonio, a irmã o frade, o administrador, duas vezes proscritos, arrastavam a custo o fardo da comoção — e no momento em que o barco largou, e da areia as criadas, o Madeira, o Cardoso, o Nevoeiro, almocreves e «marinheiros»

desataram em soluços, D. Isabel Maria chorou convulsamente.

Sentado de frente para a «apégada», em que o arrais sujeitava a «espadéla» com galhardia contra os impetos da corrente, de capote, chapeu mole e face dura, o fidalgo tinha em si as linhas e a expressão das personagens legendarias do crime ou da desgraça esquivas ao exterminio. Os bons apartar-se-hão dos máos no ultimo dia, no Juizo Universal, segundo letra dos Evangelhos. Os bons pela gloria eterna, os maus pelo eterno castigo. E era, na aparencia, como se a hora derradeira do mundo tivesse soado. e ele fôsse dos maus, já na barca de Caronte, já na via dos perpetuos tormentos. Frei José, enrodilhado na garnacha dum tom bronzeo de estatua velha, a barbela em palpitações comovidas, os olhos humidos na quinta de que se afastavam, vencido o turbilhão espumôso do *ponto* da Gadanha, ao dobrar a curva do Pelão, que arrémetia a cortar-lhes a vista da Valeira, estendeu a mão, murmurou desfalecido:

— *Domine! Deduc me in justitia tua!*

— Assim o crémos, como o creram nossos maiores — cofirmou o Visconde, magoado sob o aspecto daquelas taciturnas figuras de exôdo: — A justiça do Senhor é infalivel.

E entrou a conversar e a anima-los, a sacudir-lhes do espirito e dos olhos as névoas que os turvavam. Seu irmão, João de Lemos, que mercê da *Lua de Londres* andava, deviam sabe-lo, no louvor assim de grêgos como de troianos, que casára no regresso do estrangeiro, tão bem desempenhando a missão secreta do partido em Berlim e Viena, estaria na Regoa dentro de poucos dias. Com ele ajustara visita ao solar um outro escritor que lhes daria prazer e alegria — um môço de Vila Real, Camilo Castelo Branco, na conversa facêto e brilhante no escrever.

Eles ouviam-no na imobilidade inerte de blócos de pedra.

Subiam barcos carregados, de vela cheia em geito de

abdomen. Desciam outros ao correr do pégo. Os «marinheiros» salvavam-se de barco para barco.

Na quinta do Castelinho, na encosta da esquerda, já havia mulheres acocoradas na apanha da azeitona — e vistas do rio, dobradas para o chão, semelhavam ovêlhas a retoiçar. De quando em quando soerguiam-se, zombavam em falsête:

— Eh boi da areia! Eh pata-rachada!

Nunca essas palavras de inclemencia, a que se habituara desde nascido, lhe soaram a crueldade senão nessa hora parda de abatimento. Tomavam sonoridade na arrepiada fenda do rio. Reboavam nas eminencias severas passeadas pelas nuvens — onde os rochêdos se crispavam em esgares de terror inclinados ao torvelinho das aguas; donde se esboroavam as vertentes de vinhêdo pregueadas de socalcos; donde irradiavam as veias sinuosas dos carreiros, a ligarem as vinhas com os solares e os ciprestes, com os armazens e as capelas e a alvura casta dos pombais. E feriam-lhe os ouvidos, na sua brutalidade impiedosa, como se viessem de vencedores arrogantes perseguindo humildes vencidos.

O Visconde não esmorecia no intuito de os distraír.

Frisava agora o contraste das encostas nuas, varridas pelo inverno, com os socalcos ornamentados pelo sol de verão. Colorista, evocou as vindimas — as fôlhas côr de sangue e côr de topasio, cascatas cromaticas despenhando-se das alturas, as raparigas garrulas catando as uvas, a alegria e o ruido celebrando o esforço do homem pigmeu sobre a hostilidade gigantesca da Natureza.

Indicava as quintas heraldicas, — a da Alegria, da prima Viscondessa, á sua direita; á esquerda, maís a baixo, a do Ventozêlo, no seculo XVI pertença do Real Mosteiro de S. Pedro das Aguias, então dos primos do Pôço, de Lamego. Logo a seguir empinava-se e chapava-se no declive macísso da montanha a das Carvalhas, dos primos da casa do Cabo—e aí o rio fatigado distendia-se em ar de desafogo, repousando

sem sobressaltos. Lá em cima, á direita, a do Roncão adoçoulhe a palavra e o olhar em afagos laudatorios. Depois seguiase a da Chousa, e o povoado do Pinhão, assente á beira do rio, abatido entre os vinhêdos que se desprendem da quinta do Noval, das escarpas abruptas de Vale de Mendiz e de Gouvães. Do outro lado, a uns centos de metros, desaguava o rio Tôrto — marginado de quintas celebres, ebrio e cégo, aos torcicolos e ás turras de encontro a montes e vidonhos, até se afogar nas aguas betuminosas do Douro.

— Bota-fóra a *Cachucha!* — bradou o arrais empoleirado na «apégada».

O Visconde emudeceu, num calafrio. O rio estrangulavase de nôvo. Aproximavam-se do «ponto» revôlto da *Cachucha*. Quatro marinheiros herculeos treparam ao poleiro, agarraram-se «ao cabrêsto da espadéla» — reforçando a mão do arrais, mantendo o barco no fio da corrente, que espumejava e bramia.

— Ah! — respirou o Visconde, ao ultimo solavanco sobre as ondas. — Estamos salvos. Nossa-Senhora do Carmo é comnôsco — e respirou descobrindo-se com o primo D. Antonio, de cujos olhos correram duas lagrimas á passagem em frente de Gouvões, e com o frade e os «marinheiros», em reverencia á imagem da Senhora do Carmo debuchada num rochedo sobranceiro. — Quem na *Cachucha* mal desce, no *Olho de Cabra* padece. Descemos bem... não padeceremos.

De facto, pouco adiante, encrespava-se e vozeirava o «ponto» da *Olho de Cabra* — a que o barco se arrojou de prôa altiva, afocinhando ao primeiro embate, equilibrando-se ao galga-lo.

Tocado pelas lagrimas furtivas de D. Antonio, o Visconde encareceu a quinta da *Bôa-Vista*, do barão de Forrester, o inglez «amado de todos por seu natural inclinado ao Douro», levanvou a de *Róriz* e a dos *Frades*, indicou as melho-

res do termo de Gouvinhas, as mais nobres das quebradas de Covelinhas.

A luz esmorecia. O crepusculo elevava-se, dôce emanação do rio torvo, onde era quasi noite, para os cumes majestosos da montanha ainda abraçados á luz. Um fluido espesso de melancolia, poeira de cinza, nevoa de sonho, evolava-se das sombras estremunhadas, amaciava as linhas dos despenhadeiros, ampliava as cópas das arvores que lembravam grandes aves abismadas a olharem a luz que lhes fugia.

De salto as vertentes dilatavam-se em declives suaves, as aguas abriam em estuario, e a Regoa definia-se a estibôrdo, a casaria escassa acocorada entre pomares e estaleiros, o porto movediço coalhado de barcos e de mastros—sob a vigilancia citadina do Pêso, lá no alto, a que a ligava um istmo de telhados irregulares, assistida a poente pela terra milagrosa do vale de Jugueiros, de verão sempre vestida de damasco vêrde, de outôno sempre vergado á abundancia dos frutos.

A buzina roncou, imperativa. E dentro em breve, em três liteiras armoriadas, lentamente, os exilados da Valeira subiam o empedrado caminho do Pêso, em demanda da *Casa Grande.*

XXI

r'olhe, ó patrão. Lá vem o fidalgo...— disse ao Leandro um dos trabalhadores da quinta cimeira, de olhos no fidalgo a atravessar o pôço na barca do Madeira.

—E' verdade! Aquilo é que é um fadario! Todos os dias.

E vendo-o desembarcar na areia, de chapeu derrubado e sabrecasaca sacerdotal, cortar em direcção ao armazem, Leandro distraia-se do trafego em que andava nessa manhã de abril, com reduzido pessoal, para mais uma vez se enredar num silvêdo de preocupações e de cuidados. Não 'stivera senão ano e pico p'la Regoa, o mafarrico. Quando o fazia por lá mais prêso, em casa do Visconde, aparece-lhe a passar o rio, sabe que 'stá na quinta da Alegria, da Viscondessa de Linhares. E pôe-se a vir a pé todas as manhãs á Valeira, tornando p'ra quinta de tarde, agarrado áquilo que o não larga, a vê-lo, a olhar p'r'ó solar, a amanhar as videiras, «curgidôso» que nem trabalhador á jórna. 'Inda não encarreirava ao solar, por'môr da alma da irmã. Mas o diabo era se perdia o mêdo, que então lá se ía tudo quanto Marta fiou...

—Ah, bô! Isso bota ele! Não se finta nessas!—casquinou um operario a seu lado.

—O quê?—inquiriu Leandro, de má catadura.

—Não é nada, patrão.

—Isso é que é...—afirmou desembaraçado um rapaz forte e morêno, de bôca larga e risonha, a peneirar a enxofradeira com desdem sobre os pampanos ambarados:—Era eu

a dizer ao Francisco que o fidalgo é que não bóta «enxofer» ás vides.

—Ele ê o botas!—retorquiu um velhote em comentario. —Os nóssos pais nunca lho botaram, e elas medravam que era um louvar a Deus. E quer não, que não colhiam «bô» vinho!

— O' seus «calatrões»! — rugiu Leandro, apertando-os no olhar duro em que os envolveu: — Ou vos calais, ou vai tudo raso! Pois não vistes a molestia que deu nas vides de ha dois anos a esta parte? Não 'scapou uma no primeiro ano. E no que passou, só 'scaparam as que levaram enxofre... O experimentar é da lei, não custa nada! E' p'ra vêr se temos mão na molestia.

Eles enconcharam-se numa prudente reserva, encolhendo os hombros. mascando incredulidade, enxofrando com repugnancia. Era a primeira vez que o enxofre surgia por aqueles sitios, a prometer saude ás videiras doentes — ás videiras aristocraticas, enfraquecidas nos requintes seculares de casamentos consanguineos, as castas fechadas a toda a seiva estranha e a toda a ligação plebeia. E diante da novidade, do intruso que vinha forçar as portas trancadas da rotina, os rurais conspiravam, reagiam, preferindo que o *oïdium* assassinasse a vide, o seu pão e o seu orgulho, a que o intruso lhe alterasse os costumes, herdados de geraçôes e cristalisados no vagar dos tempos.

— Quer o patrão queira, quer não — resmungou, em surdina, o mesmo velhote — tanto monta isto, como nada. Quando o mal é de morte, o remedio é morrêr... E nanja que o filho do meu pai beba o vinho destas vides...

Um outro velho, êste de niza e calção, atribuiu a doença a castigo do Senhôr. Desde que «isto virára» não havia mal que não sucedesse. Desde a vinda dos pedreiros-livres ficára tudo num «badanau« — ninguem se entendia, o pobre a querer ser tanto com'ó rico, o rico a malhar no pobre «á mão ten-

ta», p'r'ó deixar a pão pedir. O vinho, que andava a moeda a pipa, saltára p'ra cinco, seis e mais moédas. O pão, que não ia além de quatro patacos o alqueire, e era quando ia, 'stava agora a mais de pinto. Por fim, aquela «ronha» nas videiras, que levava tudo a eito, que por pouco não arrastava o condado da quinta do Noval.

Leandro, alheio ás considerações pessimistas do serviçal, preocupava-se menos com o *oïdium* do que com o retorno do fidalgo á Valeira. Porque, a questão 'stava em ter volvido. Perdia o mêdo... mais dia menos dia tinha-o outra vez no solar co'a familia—e lá se ia tudo por agua abaixo.

Confiava no Roque. O Roque era agora, a bem dizer, o senhor da quinta. Transferira-se com a familia para o solar, para os compartimentos dos criados. Gosava-a como se a tivesse por herdanço ou compra, e nesse ano, com *aquela* da molestia nas vides, furtara-se nas voltas e não entregára dez almudes de vinho ao patrão—o mais que lhe mandára foram oito «fanégas», se tanto. de pão do lodeiro e cada qual com os quatro alqueires bem 'spremidos. Ora o Roque não havia de querer largar a mamadeira. E não a querendo largar, mal a comichão lhe désse no nariz, ele o poria com dono, «arrimando-o» dali p'ra fóra.

Mas fazia-lhe ferro, isso é que fazia, que se não olhasse p'la quinta com olhos «curgidosos». Aquele bocado das bordas de S. Salvador era tão bom que se plantava com um »ferro de páo»—com uma alavanca de páo punha-se aquela terra a direito. A vinha, ali p'lo pombal e por «aquilo da Gregoria» era do melhor do Douro. E toda ela podia andar grangeada por êle ou a seu mando. E toda ela, com o fidalgo meio tonto, ia de mal a pior. Se o fidalgo tem deixado casar a filha com o Duarte, outro galo lhe cantaria—e a quinta seria tratada p'ra se lhe atalhar a derrota.

Emperrou na recordação do enteado. Enguliu em sêco, sombreando o olhar. Um «'scalda Favaios», arrenegando-se

por tudo e por nada! Se não fôsse o seu genio «rilhôso», até podia ser que o fidalgo fechasse os olhos e por fim consentisse. Mas qual o quê? Cô'um genio daquelles! Só por que lhe faz vêr que 'stava a dar conta de quanto tinha e não tinha, co'a historia da demanda, não quer saber mais do padrasto, não 'screve mais á pobre da mãe. Emprega-se no Porto, numa casa inglêza, e agora é vê-lo que parece que traz o rei na barriga. A mãe chora, «arrepena os cabêlos da cabeça», jura e grita que já não tem filho nenhum. O Honrado vem do Porto, mezes corridos, e diz-lhe que o Duarte anda por lá «desorelhado» por não lhe chegar o que ganha, por vêr o tempo a passar, a snr.ª morgada sempre no convento, e porque torna e porque deixa. Vai ela, ás escondidas, mete quarenta moedas numa taleiga e manda-lhas p'lo almocreve—tão certo é o sangue correr p'las veias, e valerem maisnças de sangue que arrobas de amizade. E no dia atraz o Honrado torna do Porto, e dá as moedas á mãe, que ele não lhes quizera pegar! Mesmo um 'spirra canivetes! E é que se não fôsse um «stabanado», a snr.ª morgada não entrava no convento, ele não andava no Porto cô'a «séla na barriga», a quinta, aquela belêza de quinta, não 'staria p'r'ali a bem dizer um «lastrão».

Ao outro dia constou-lhe que João Caetano aportára á Valeira com um saco de enxofre, e que tendo-se entendido com o fidalgo, depois com o Roque, se preparava para iniciar os trabalhos da enxofra com mulheres de Campélos. Leandro coçou a cabeça, esmoeu réstos de frases mal humoradas—compreendendo que D. Antonio se dispunha a lutar contra o *oïdium*, a conservar fecunda a terra a que se sentia ligado pelo sangue dos antepassados, pelo suor do trabalho e pelos estimulos do amôr. E essa luta era o prenuncio certo do regresso á quinta, do seu sonho môrto, da sua vingança falida.

Fizeram-se as vindimas—que correram escassas e tristo-

nhas, porque o ataque fôra hesitante, porque só ha alegria onde ha vida, vida pujante e sadia.

Realisadas as vindimas, com o fidalgo e o administrador comendo no solar e indo dormir á quinta da viscondessa de Linhares, o João Caetano saíu para a Regôa, D. Antonio conservou-se na Alegria. E menos espectral, menos escuso, já conversava com os serviçais e visinhos, já entrava só durante o dia nas salas desertas da sua casa. e numa tarde invernosa, não podendo aventurar-se ao caminho, aceitára os lençois lavados e a cama rija da cardenha do Roque, que lá fôra ficar com ele.

Leandro, ao sabê-lo, tirou deduções de factos anteriores, concluiu que o Roque ou «andava a crestar». a fazer a côrte a qualquer temporalidade ordenhada aos haveres minguados do fidalgo, ou trazia artimanha fisgada.

Resolveu sindica-lo sem demora. Na estiagem duma tarde desabrida de temporal, isto em desabalado novembro, despachou-lhe recado pelo Zé das Dornas — citando-o a comparecer, ao lusco-fusco, por baixo do cêrro da Garrida.

O Roque justificou-se. Não o tinha botado fóra da quinta? Já dissera ao snr. Leandro que não era sua a culpa. O fidalgo é que nada o «arrigava» dali, nem á mão de Deus Padre. Falara-lhe bastas vezes na alma da snr.ª D. Carlota, que topava de noite, a gemer ao pé da janela por onde fugiu a snr.ª morgada. E fôra só isso que déra sua causa a que não se «prantasse» a dormir lá dentro. Agora, quant'a dormir na cardenha, o snr. Leandro bem via que não havia de o corrêr co'um temporal desfeito como o da tarde atraz daquela. Alem de que, mulheres sempre eram mulheres. E a sua, desde a abalada dos fidalgos p'r'á Regôa, andava co'uma cára que nem a carranca do tanque de Sídrô, e cada vez mais chóca, a chorar, e «a arrepenar-se», que tinha dó, que fôra a culpada ..

Leandro interrompeu-o. disse-lhe que não puzesse mais na carta. Já sabia — e tambem lhe não «fugira do texto», que

a Olimpia andava «alampada» por'môr da saída dos fidalgos. Já o sabia, por uma Campeleira a quem ela se abrira, e uma Campeleira demais «que não era baú de ninguem», que logo lho levara aos ouvidos e p'la certa a todo «o bicho carêto». Ora aquilo, por mais voltas que lhe dessem, só servia p'r'ós comprometer.

Suspendeu o curso das observações. Penetrou os olhos do Roque com o fio agudo do seu olhar. Baixo, certeiro, como se lhe disparasse uma carga á queima roupa, chibatou-o com duas palavras sibilantes, que lhe vergaram o busto. E sem mais nada, deixando-o a sós com as feridas abertas na consciencia, virou-lhe as costas.

—Vá descançado. snr. Leandro—protestou o Roque do carrascal em que se haviam alapardado.—Hemos de fazer a nossa obrigação; E se não verá...

D. Antonio não apareceu quatro dias seguidos, prêso na Alegria pelo temporal, pelas córdas de chuva e pelas vergastadas do vento batendo os caminhos, enfurecendo o Douro—a ponto de arrancar do cachão como alcateia de féras rugidoras, de galgar o terreiro como se quizesse engulir solar e lagares, de arrastar pipas, troncos de arvores, destroços de naufragios.

Mas á primeira manhã de céo tranquilo.—ainda sem poder passar o pôrto deserto de barcos, que não havia cavername ou «espadéla» capazes de aguentar o embate da torrente — lá estava na outra margem, lá se sentava numa pedra, junto da casa do Madeira, de rôsto para o que era seu, na fixidez enlevada de namorado na contemplação de namorada.

Na tarde imediata, apezar do nevoeiro adensado na profunda vála do rio, e talvez mesmo por causa dêle, que lhe tolhia a vista ao namoro, a barca arremeteu com o perigo, varando ao fundo do caminho da vila.

Apoiado ao páo de lodão, a face liturgica entaipada nas abas do capote, autorisou o Madeira a retírar p'r'á outra

banda—pois «estanciava na quinta nessa noite». Chapinhando lama e agua foi verificar o efeito da cheia no armazem, onde encontrou pipas voltadas pela torrente, cantaros entalados no bôjo dos toneis, tudo encharcado, tudo enlameado.

Já a luz era indecisa, certo rumor estranho abalou o sobrado duma sala, por cima dos toneis. Estremeceu, de olhos fitos no tecto, recuou até á porta. Depois, cá fôra, alheio á agua que lhe ensopava os pés, á humidade que lhe esfriava as mãos, ficou quêdo, pupilas esbogalhadas na casa, ouvido atento no vago.

A noite cerrava-se. A nevoa lambía e enovelava-se no solar. O rio espadanava e bramia quatro passos á retaguarda do seu vulto parado.

Num gesto brusco de energia cortou á direita. A' esquina do silhar granitico deteve-se num esticão. Fechou os olhos, benzendo-se. E ao abri-los de novo viu surdir da sombra, meio diluida no nevoeiro, sombra da propria sombra, uma figura de mulher, de manto negro, como uma fantasma, como um duende.

Recuou cambaleante. A figura de negro agitou os braços, azas largas de morcêgo, deu um salto á frente, numa arrancada de assalto.

Recuou mais. E no mesmo momento o frio da noite, a humidade da nevoa, o marulhar do rio foram trespassados por um grito rouco de angustia — o vulto do fidalgo tombou para traz, e na agua soou o baque surdo dum corpo ao caír.

Minutos dobados, em vez do fantasma era a Olimpia que palmilhava o terreiro, no encalço da Olimpia o Roque, de lampeão acêso — a que a nevôa dava um esplendôr de aureola. Lembravam Pedro na ponte do Cedron — em busca do rasto do Divino Mestre. Procuravam, lançavam a vista para o pomar, clamavam em surdina;

—Fidalgo! O' Fidalgo!

Debruçaram-se sobre a torrente — a farfalhar de en-

contro ao muro, lampejando, ardendo sob a luz mortiça do lampeão.

— Fidalgo! Fidalgo! — repetiam, agora aflictivamente.

Em silencio, assombrados, arrepiaram a caminho do solar. O Roque abateu-se no tampo duma arca. A mulher enterrou-se no chão, rente á enxerga em que os filhos ressonavam. E sufocada, e soluçante, grunhia, de si para comsigo:

— Fui eu, meu Deus! Mal haja a hora em que nasci!

Ora não havia rodado um ano sobre o desaparecimento do D. Antonio. a quinta da Valeira, depreciada pelo abandono, crestada pelo *oïdium*, foi á praça a instancia dos credores. O solar, como se o proprio solo houvesse entrado na conjura contra os fidalgos, em fins de fevereiro sofreu o embate parcial dama *sapa* — avalanche de terra e pedra pela chuva desprendida do cêrro da Garrida, que rolara quinta abaixo, rasgando o ventre da encosta, abrindo a regueira da Gregoria, arrastando a casa do Roque, o qual escapara com mulher e filhos do outro lado do solar, pois a casa senhorial só a levára da banda do Pelão. De maneira que Leandro, por tudo isso, e porque tinha em si a alma expedita do negocio, não encontrou resistencia ao afastamento de concorrentes á hasta publica, o que lhe deu a posse da quinta pela decima parte do seu valôr.

— E' minha a quinta fundeira! — clamou, de regresso ao lar, informando a snr.ª Inacinha que se precipitára para o inquerito.— E agora, bocado daqui, remendo dacolá... heide fechar a Valeira!

A snr.ª Inacinha julgou o momento azado á investida com velhas teimosias de reproduzir na enteada a má sorte do enteado. Fez um acêno á Aninhas, que se acercou num

colear hesitante de incerteza, disse ao marido que talvez fôsse ocasião de casarem a filha.

— Com quem?

— Com quem ha-de ser? Já se sabe com quem.

— Cô'o André, de Penéla?

— Ai Virgem! Cô'o André de Penéla! Uma rapariga que botou fóra os vinte e três p'lo S. Sebastião, casada co'um velho de cincoenta ou mais! Se tem muito... que o coma cô'os récos na pia, tres vezes ao dia, que a ela, se Deus Nosso Senhor quizer, 'inda lhe ha-de sobrar das necessidades. — E resoluta, encarando de frente o marido. de face em catadura de espectativa e a coçar o bigode: — Deixa-te de brincadeiras. E' cô'o Ernesto.

Num sorriso amargo, que derramou no ambiente nodoa espessa de desalento, retorquiu que sim — podia casar, ninguem lhe iria á mão, cô'o valdevinos do Ernesto.

— Valdevinos?! Deus Nosso Senhor te não castigue, José! Um rapaz que p'r'ó trabalho não ha outro, sempre a «rapar» p'ra ter os seus precisos. Delicado que nem uma dama! Que tanto te podia servir no amanho das quintas! Lá cô'a fidalga... nunca engracei eu. Não era das da nossa egualha. Agora cô'o Ernesto...

Leandro varou-a com o seu olhar mais imperativo. E baixo, aspero, inacessivel deelarou que casasse, com mil diabos... mas que nem lhe plantasse a sombra ao pé da porta.

Foi como um manto que as abafasse a apostrofe rude do Leandro — a snr.ª Inacinha, ofegante, fitou os olhos congesionados na janéla. Aninhas, esmagada, velou as lagrimas sob a ponta do avental.

Os teares da Antonia Grande e da Margarida Galega palreteavam ao longe. Dos lados de S. Pedro vozes melancolicas embalavam a tragedia do *Noivado do Sepulcro*. Duas visinhas batiam as palmas, matraqueavam ralhos, frechavam-se injurias e afrontas — «enrodilhadeiras» do inferno,

«mulheres de dia e de noite», ao que cada uma das ofendidas contestava:

— Mulher de dia será «voncê», sua «inzoneira», sua rodilha do Diabo!

A snr.ª Inacinha, emergindo do seu mutismo desalentado, comentou, outra vez de cara para o marido:

— E eras tu que bramavas contra o fidalgo... por 'môr do nosso Duarte!

— Olha! Então ouve... O Duarte não casa cô'a morgada, e 'inda bem. E se não fôsse casada... quem fazia «finca-pé» p'ra que não casasse era eu!

— Tu, homem?! Ai Virgem! Tu... subiu-te alguma coisa á cabeça!

Ele esculpiu no ar um gesto de arremêço. E a grunhir, a praguejar, desceu as escadas, enfiou direito ás Casas da Camara — para ultimar formalidades expressivas dos seus direitos sobre a quinta arrematada. Recebia desdenhôso os parabens, dizendo que não havia de quê — aquilo não valia dois patacos. Arrependia-se até da asneira em que caíra. Ficara sem vintem, que tinham sido fortes as despezas para remendar a quinta do morgado de Ervedosa, a do Vale-de-Mendiz, arrematada p'lo Santo André, e não lucrava nada com a compra.

Assente na quinta da Valeira, o Roque quiz saber se sempre era ele quem ficava administrador — como se lhe prometêra.

Enigmatico Leandro retorquiu:

— Já tinha tenção de te dizer que fôsses lá cima, á noite, p'ra falarmos... Não faltes, ouviste?

Acabava de cear quando o Roque bateu á porta. Mandou-o entrar para a cosinha — e que esperasse «um tudo nada». Ordenou á enteada que puzesse na mêsa da sala de dentro um «pichôrro» de consumo, um pão «borneiro» e duas «fêbras» de presunto — e na mesma sala, fechados por dentro,

oferecendo-lhe o vinho, e aquele bocado de «presigo», o pão e o presunto, preambulou a conversa por um boato corrente na vila. em que duas pessoas lhe haviam tocado, — boato que o dava, a êle Roque, por autor da morte do fidalgo da Valeira.

— A mim? — rebateu o Roque, arrufado.

A êle, sim senhor. Quem eram essas pessoas? Isso é que não o dizia nem á hora de acabar. Mas negára — que não, que era mentira. Agora, bem contra vontade, e assim ardêsse se não 'stava arrependido da asnice. tomara conta da Veleira. Se continuasse a negar, havia gente p'ra tudo — eram capazes de lhe levantar uma fama, pintavam-se p'ra «alanzoar» que os dois andavam feitos na morte do D. Antonio. Além de que. naquela noite em que o fidalgo caíra ao rio por 'môr da Olimpia, quando entrou a dizer-lho, na atrapalhação esquecera-se de o avisar de que no quarto, ao lado, a conversar co'a sua, 'stavam o Zé das Dornas e o Toninha, o mesmo Dornas e o mesmo Toninha que devia ter visto na cosinha.

Ora o Zé e o Toninha ouviram toda a historia da Olimpia e do fidalgo. Quizeram ir logo por aí fóra chocalhar, dar á lingua. Só á custa do seu rico dinheirinho lhes plantara uma rôlha na bôca, poisque, assim um raio o partisse como ele, ali, onde o via, era amigo dêle que nem dum filho. E então, p'ra se precatar, não fôsse arma-las o Diabo, uzeiro e vezeiro em armadilhas, arranjara-lhe um dos melhores patrões do Douro, numa quinta de 'stalo, cem furos acima da Valeira, arrastada que nem dava p'r'ós grangeios.

— Põe-me fóra da Valeira?! — arrancou o feitor, apopletico, desvairado, empinando-se de salto.

Leandro, tranquilo. aconselhou-o com tranquilidade a sentar-se, a acomodar-se, a falar baixo. Os serviçais 'stavam na cosinha, podiam perceber do que se tratava, e ninguem lucrava co'isso a não ser a justiça.

— Qual justiça, nem qual Diabo! — apostrofou, abalando

a mêsa e a sala com uma palmada rija da sua mão valente.— Pois não me vou da quinta! «Raime péle» se arrédo de ali pé, nem a arcabuz! E se là forem os meirinhos, temos muito que conversar!

As pupilas do Leandro, a luzirem nas luras das orbitas carnudas, quasi se apagaram áquele rompante selvagem de ameaça.

— Ouve, Roque. Não 'stejas a «cainçar», que não vale a pena...

— Já disse! Hemos de pagar todos os culpados!

E confirmou com tão alarmante parecer o seu proposito de ajuste de contas, e relanciou a vista pela sala com tão sofrega ferocidade, como que á procura dum meio de desforço, que Leandro, tremendo das consequencias, observou:

— Bem. Não queres vir ás bôas. Pior p'ra ti. Eu nunca te disse, nem a ti nem a ninguem, que désses cabo da péle ao fidalgo. Aqui mesmo, nesta sala, quando se combinou, vai p'ra cinco anos, botá-lo fóra da Valeira, sempre me ouviste recomendar que não queria nem pinga de sangue. E já agora, p'ra vêr se é assim ou não, eu chamo o Zé das Dornas e o Toninha... ali da cosinha...

Não foi preciso chama-los. Antes mesmo de deitar a mão á chave da porta, num arranco de féra prostrada o Roque abateu-se numa cadeira, rasgou a manga da jaléca ás dentadas, fincou os côtovêlos na meza, enclavinhou os dêdos na cabeça, a espumejar, a raivar, a imprecar. Era a paga que lhe davam! Fez tudo aquilo por'môr dêle, p'ra bem dêle, e a paga era pô-lo no meio da rua com'um cão tinhôso. Não, nem que o matassem, haviam de ficar sabendo quem era o Roque da Silvana!

Vendo-o dorido, esmagado, contorcido, Leandro cobrou animo, retorquiu:

— Tu não me «atentes» Roque! Olha que eu já não 'stou bom!

Ele submeteu-se, a cabeça agora enterrada entre os braços, como num pranto mudo, como num sono profundo.

Manso e convincente o patrão volveu ás explicações emolientes da madre logica. Que dianho! A Valeira, e êle sabia-o como ninguem, cô'a doença e á mingua de «lavoeira» ficára de rastos. Ora assim não podia grangea-la, que tudo custava os «olhos da cára» — e até ás outras propriedades lhes ia dar cô'o grangeio p'ra traz, p'ra se não comprometer. A' Valeira só a queria p'lo armazem, que esse sim, era de «truz», ali mesmo á bôca do cais. «Em vistas» disso, amigo do seu amigo, porque era amigo dêle, jurava-lho, assim Deus o ouvisse, pensara em o arrumar, em lhe arranjar colocação numa quinta capaz, onde tirasse p'ra comer e lhe subejasse, onde tivesse tudo do «bô e do melhor».

— Mas não se importe cô'isso — suplicou o Roque. — Dême só a jorna, p'lo meu trabalho, e deixe-me ficar na Valeira. Fui lá criado. Despegar-me daquilo, é como arrancar-me não sei quê cá de dentro...

— O' homem, cala-te! Na Valeira, daqui a nada, não ha que comer, não ha onde pegue rato. E jorna em quê? Se vou acabar cô'a «lavoeira»! Demais, arranjei-te colocação das de agradecer. Vais p'r'á quinta dos Frades, em Covelinhas...

— P'ra Covelinhas?! Lá p'r'ó fundo do Douro?!

— P'ra Covelinhas, sim senhor! P'r'á quinta dos Frades! Um condado. Bôa mesa, melhor soldada que na Valeira, casa, lenha...

O Roque alteou a cabeça, lançou-lhe um olhar de odio e de maldição. E erguendo-se num rompante, marchou em direcção á porta.

— Ouve! — ordenou Leandro filando-o por um braço, martelando as palavras com vigôr: — Deixa-te de arremeços. Tu vais. O que se diz... não chega aos ouvidos da justiça. E tudo te ha-de corrêr bem. — Arpoou da gavêta da mêsa um saquitel com dinheiro, encafuou-lho no bôlso da jaléca, con-

cluiu: — São vinte moedas, p'ra mercares um grilhão de oiro á tua. E diz-lhe lá que não a esquecerei a ela nem aos «crianços».

O Roque abalou da casa do Leandro num alurdimento de embriaguez. Parecia-lhe impossivel, parecia-lhe que não era assim. Sentou-se no caminho, duas, três vezes — a interrogar-se, a convencer-se. Arrepelava-se, cuspia pragas, prometia-se, a si e ao silencio atento da noite, bradar alto contra «o fatinario», leva-lo á fôrca se teimasse em o botar fóra da quinta.

Mas o Leandro era rico — êle pobre. Mas o Leandro tinha vótos — ele tinha cadilhos. Porisso, «assim com'assim», no dia seguinte contemporisou. E na angusiia revôlta de fratricida perseguido pelo sangue vivo de irmão. embarcou com a familia, com duas arcas de louça e bragal, em direcção á quinta dos Frades — deixando o *Tua*, esqueletico e sombrio depois do exôdo dos fidalgos, a uivar a sua saudade e o seu abandôno.

XXII

em disfarces nem cautelas, desde que tomou pé na quinta fundeira, Leandro poz-se a contrariar o casamento de Duarte. Afeiçoou novos elementos no partido de Rodrigo da Fonseca agora na intenção de impedir a dissolução requerida contra D. José. Como os regeneradores caíssem com a morte da Rainha, e subissem, substituindo-os, os historicos do comando de Loulé, transferiu o registo de assento partidario e as convicções politicas para os progressistas — prometendo mundos e fundos se não consentissem no crime projectado, «pois que a snr.ª morgada estava casada, e muito bem casada, á face de Deus, com o fidalgo de Lobrigos».

Mas D. José, corroído pela traça dos desgostos, dissolvida a esperança em D. Miguel, recebe golpe rude nas suas prosapias solarengas á noticia de que, com o advento dos historicos, oriundos da Patuleia, as probabilidades de triunfo de Duarte cresceram, e que obtivera licenças superiores para visitar Maria do Rosario na grade do convento. E rubro de colera, os punhos cerrados, tomba fulminado por congestão.

E' nesse lance que Leandro se põe nas suas tamancas, pronto a joga-las, bôas ou más, com o tonto do enteado. E' nessa altura que declara o casamento com a morgada, — morgada «sem rascas» de morgadio — um «entalanço de costa acima». Fidalgo sem renda é alforge sem merenda. Demais, podendo fazer casamento cheio na casa do Sepulvêda, do Vilarôco, com raparigaça de se lhe tirar o chapeu, filha

unica, pôdre de rica, e á vontade do pai, que assim lho dissera ás claras na ultima feira da Senhora do Monte. Casada cô'a Sepulveda, até podia vir a chamar sua á casa do Cabo, já a abrir agua p'las fendas, e que mais ano menos ano seria botada ao fundo p'los credores.

O rapaz, atenazado por trabalhos e ralações, não devia 'star muito a morrer de amores p'la morgada da Valeira. Casava, á certa, mais p'la honra do convento do que por mandado do coração — que onde falta o pão minguam as afeições. E porisso, o «aproveitar era no tempo»: — em vez de lhe escrever, pois cartas são papeis, tirava-se dos seus cuidados, chegava ao Porto sem dizer a ninguem p'ra quê, e a bem ou a mal havia de lhe abrir á razão.

Apressou as obras que em breves mezes, dentro de duas primaveras, restituiriam á Valeira o seu antigo prestigio — reduzindo o solar a uma casa de campo prestadia e comoda; cortando o terreiro para melhorar o caminho do rio; abatendo o cipreste da direita, visto a *sapa* ter arrastado o seu par; replantando a vinha devastada pelo *oïdium.* E para o enteado não rematar a loucura antes da sua partida, travou-lhe a marcha da papelada, as licenças, as dispensas, as certidões. De maneira que, ainda março se sentia nos frios afiados da noite, apesar das videiras, de olhos abertos, já espreitarem o môço e risonho abril, Leandro fez testamento no Ribeiro; confessou-se e recebeu os sacramentos na egreja de S. Pedro; acumulou em cestas e taleigas os viveres preceituados para quinze dias de ausencia; despediu-se de dois terços do povoado; tomou encomendas de metade, e embarcou na Valeira por entre soluços e lagrimas da mulher e da enteada. Embarcou de tarde, visto pousar na Regoa, e seguir na manhã imediata no barco da carreira.

O barco da carreira, envidraçado da «apégáda á oca de ávante», com candeia de azeite a alumiar as bancadas, tomou o fio de agua ao romper da manhã. A capela de S. Domin-

gos da Queimada, no viso da margem esquerda. soerguia-se dum ninho de bruma côr de rosa. O vale de Jugueiros, á direita, logo abaixo da Regoa, suava verdura, dormia tranquilamente sob o docel fluido da neblina — abrigado dos ventos frios do inverno pelas quebradas de Lobrigos, de Penaguião, do Loureiro, betadas de alvos palacios e fartos armazens. Ao atingirem a ribeira da Rêde o dia aclarava, os ultimos contrafortes do Marão crispavam-se, alteavam-se, desenhavam-se no esmalte fresco do céo.

O rio, ao fundo das ribas escalonadas em socalcos, rugia nos «pontos», encrespava-se nos cotovêlos, amansava nos planos arenosos. Amodorrado sob o capote á cavalaria, Leandro só se mexia aos solavancos dos barcos nas descidas precipitadas — mexia-se para se persignar, pronunciando o Crédo com os companheiros de viagem, sentados a seu lado, e á sua frente, em bancadas longitudinais. Ia todo mergulhado na qualidade da sua missão. O rapaz tínha genio — era um «estabanado», que se arrufava por dá cá aquela palha. Ao primeiro rebate, 'stava certo mesmo de que faria das suas. Mas havia de lhe pôr o sal na moleira — e se não quizesse ter juizo, ai dele! que o deixaria de «séla na barriga». Lá casar é que não casava. Porque se teimasse em levar a sua ávante, até fóra do emprêgo o botava.

Rente a Barqueiros, um padre de nariz grôsso e bochêcha rubra, que não esquecera o Ripanso e o soletrava em louvores ao Senhor que lhe iluminava as letras ungidas de santidade, convocou a admiração dos visinhos de bancada para o velho palacio de D. Loba — e foi circumspecto e minucioso a enumerar-lhe as copiosas colheitas, em leguas cultivadas duma e outra banda do rio.

O comentario pegou de raiz e logo floriu em conversa. Na espalda da «apégada» (um grupo esturdio rascava cordas de banzas, tilintava ferrinhos, suspirava trovas populares. Duas senhoras atabafadas em montanhas de lãs, os olhos amorteci-

dos na penumbra das mantas embiocadas, contavam camandulas de azeviche. O padre asseverava a viagem pelo rio cortada de perigos, mas comoda e propria para o homem se demasiar no comêr — e como os ouvintes corroborassem o acêrto, pescou duma cesta de verga uma roda de pão trigo, com entranhas de presunto, com fêveras de vitéla, oferecendo em volta, o que determinou os viajantes a imitarem o canonico exemplo, a atacarem os farneis, a beijarem, sofregos, as borrachas de couro gorgolejantes de vinho.

— O snr.... não é o snr. Leandro, de S. João da Pesqueira? — interpelou um cavalheiro de barba á passa-piôlho, refestelado ao pé de Leandro, a babar-se na debulha duma perna de galo.

— Saiba Vossa-Senhoria que sou.

— Ah! Lá me queria parecer. Estive com o snr. Leandro, na Pesqueira, p'la Senhora do Monte, vai p'ra três anos, e na vespera do Santo Antonio, em Vila Real, vai p'ra dois. Já não me conhece?

— Não tenho na «alembrança». E quem é Vossa Senhoria, 'inda que eu mal pregunte?

— Sou o Rebêlo, o Seixas Rebêlo, de Poiares. Fui á Pesqueira mercar uma junta de bois. Na feira de Santo Antonio 'stivemos a mercar na mesma barraca cabedais e panos p'r'ós serviçais e familia.

Leandro não se recordava. O Seixas Rebêlo, de Poiares, conhecia até, muito bem, o Jorge Soveral, o abade de S. João.

— Somos amigos. Amigos dos de antes quebrar que torcer — observou Leandro.

Falaram do Jorge Soveral e do abade de S. João. Emparcelaram-lhes haveres e qualidades. Predisseram-lhes o futuro, enalteceram-lhes o presente.

Dois visinhos fronteiros esvasiavam as borrachas, declamando as incompetencias do Loulé, cochichando as magnitudes de D. Miguel. Dois viniculas, á ré, sufragavam a dissolução

da velha Companhia do Alto Douro — que Pombal organisara, outorgando-lhe alçada propria, permitindo-lhe que castigasse, como *crime horrendo*, a transferencia de vinhos dum lóte para outro lóte desegual, o que mantinha a nobreza dos tipos e a honorabilidade do mercado. Acusavam-na de haver, só numa tarde, enforcado treze homens e quatro mulheres no Campo da Cordoaria? Mas o vinho duriense, por sua mercê, era, como se publicava, o melhor vinho do mundo, e o Douro aumentava, e o Douro podia ser visto.

As encostas mudavam de aspecto. Aos socalcos de videiras sucediam-se os taludes de soutos e carvalhos. A vinha rastejante do Douro, sorvendo o bafo ardente da terra nos mezes soalheiros, substituia-se pela vinha trepadeira do Minho, bebendo o ar do alto, sensualmente enroscada a arvores e latadas. A rude austeridade schistosa da montanha transfigurava-se na amavel frescura das colinas graniticas.

— Bota-fóra o Cadão! — comandou o arrais, num alérta rovejante. — «Peija» a terra!

A «espadéla» gemeu mais dolorida. Os passageiros agitam-se nas bancadas. O barco aproou a terra, facultando, aos que a quizessem, passagem segura pelo areal.

Os fraguêdos do Cadão, gigantescos e negros, perfilavam-se na duas margens, arrochavam a guela aflictiva por onde a trrente rolava, espadanando e mugindo. O barco, quasi vasi, galgou-a de impeto, com seis «marinheiros» no governo da «spadéla». E recebendo num poço, onde a agua repousava 'aquele salto mortal, a carga dos passageiros, retomou a sua rta no veio caudalôso.

D encontro á corrente arrepiavam outros barccs, nas bordas ochosas «sirgados» pelos «marinheiros», nas bordas areenta «alados» por juntas de bois.

Pernitaram em Porto-Manso. Continuaram a viagem ao desponta da frêsca claridade da ante manhã. Vogavam em plena bulica minhôta. A verdura escorregava, lançava-se

em caudal de levada dos cimos dos montes ás courélas do rio. Na bacia de Piais, o mesmo padre do Ripanso e das bochechas rubras, que desobrigava os animos timoratos assegurando-lhes que não seriam atacados pelo José do Telhado, evocou Afonso Henriques, a fortalecer-se e a brincar nessas terras vinculadas ao solar do seu honrado aio D. Egas Moniz.

Descobriram-se, como os «marinheiros», ante o aspecto tôrvo e a garra adunca de rochêdos postados um pouco alem de Piais — em que a Familia Sagrada, a côres vivas, conservadas pelos seculos, consagrava á Senhora da Cardia por milagres a favor de barcos em perigo.

O rio alargava de subito. As quebradas abatiam-se sob a amorosa volupia do arvorêdo. Sentia-se já o bafo salino da maresia. Avintes entalhava-so num rebôrdo da verde moldura do espelho glauco da agua. A poente recortava-se o cabeço hirto da serra do Pilar — coroado pelo convento. E ao dobrar duma curva sêca, talhada em fraguedos verticais, o Porto surgiu, em linhas irregulares, pontuadas de claras-boias, arremessando-se do alto da Aguardente para os fundos da Ribeira como se fugisse dos francezes, como se se precipitasse sobre o Douro.

Atordoado pelo borborinho de gente e de barcos no cais, Leandro alquilou um carregador para lhe servir de guia e para lhe transportar á rua de Traz, onde morava Duarte, o lastro dos cestos e das taleigas. Calcurriou a rua das Congostas, de bôca escancarada — abismado daquela «gentiga» numa rua tão estreita, e de tanta varanda de madeira e de tantos andares sobrepostos.

O enteado não estava. Mas a criada, uma velha cautelosa, franqueou-lhe a casa, vistoriando-o, farejando-o sob a fiança do seu nome conhecido e á declinação dum parentesco em concordancia com esse nome.

Soube pela criada que Duarte casava dai a sete dias — a noiva ia sair do convento, a caminho da cidade. Essa casa,

toda mobilada de nôvo, modesta e afavel, instalar-se-hia com a esposa. Tencionava, alem disso, viver com uma tia da senhora, D. Isabel Maria, e com um frade, Frei José Mendes, que moravam na Regoa, se eles quizessem aceitar a hospitalidade que tencionava oferecer-lhes.

—E 'inda por cima o contrapêso da tia e do frade!—resmungou Leandro, no silencio indignado da sua curiosidade, vendo o negocio embrulhado pela proximidade do casamento, pelos compromissos assentes.

Duarte rejubilou com a surprêza—dissolvidos agravos e ressentimentos na convicção de que se reconciliara, de que vinha compensa-lo desses agravos associando-se ao proximo nascer da sua lua de mel.

—Seja bemvindo!—clamou, a abraça-lo, a beija-lo, enternecido.—E minha mãe? E a Aninhas? Porque não vieram comsigo?

—Deixa-me vêr-te primeiro!—acentuou o padrasto, no embalo daquela onda de afectividade.—Afinal, até te encontro melhor. Eras um «ingarilho»... não prestavas p'ra nada. E agora, sim senhor, se não 'stàs gôrdo de desfazer á unha, já se te vê o que comes! Bem haja o pão que se parece.

Em face da sua insistencia por notictas da mãe e da Aninhas, pelo motivo da não comparencia delas no Porto, Leandro sentou-se, descançou as mãos nas coxas, informou que ficaram por não terem nada que fazer na cidade. e que 'stavam bôas, e que lhe mandavam, com recados e abraços, um rôr de mimos naquelas taleigas e sestas «varêzas»—e pôz o indicador no rumo das sacas de chita e das sestas de vêrga amontoadas a um canto.

—E então, o que o trouxe por cá?

—Isso é o que tu vais sabêr,

Duarte olhou a criada plantada à porta como espectadora da scena familiar. Recomendou-lhe que fôsse acabar o jantar, e que o aumentasse, que o pai devia trazer apetite.

— Ah bô! Jantar a esta hora! Bem se vê que cá p'las cidades anda tudo do avêsso! — E noutro tom: — Quant'a apetite é o menos. 'Stou «enfariado» de comer. A mim bonda-me uma «parva», um naco de pão e qualquer coisa mais. No barco, por pouco nos não chegava o tempo p'ra comêr e bebêr. Trouxe farnel p'ra quinze dias e borracha a «arrebentar». Pois não tenho mantimento p'ra mais dois dias. E a borracha... enchi-a um rôr de vezes e um rôr de vezes a «escoiçamos». Enchi-a no Pinhão, na Régoa, em Arêgos, em Porto-Manso. Vinham no barco uns pandegos de Lamêgo e de Penaguião, sempre em «brequefeste», a cantar e a tocar, que eram mesmo uns sanguessugas, salvo seja.

O enteado convidou-o pela segunda vez a declinar os fins da sua viagem – intrigado e curioso. Estavam sós. Leandro arrastou a vista atravez da sala, bateu com os dêdos recurvos a grenha espessa. E prefaciou a conversa referindo-lhe o estado dos seus negocios — que iam de mal a pior. O *oïdium* fôra o dianho que dera nas vinhas — Deus Nosso-Senhor lhe perdoasse. Só as despezas de enxofre e replantação eram de botar abaixo o mais pintado. Depois, D. Antonio, Deus Nosso Senhor lhe falasse n'alma — e aqui meteu um parentesis, para acompanhar o enteado nos seus pezares ácerca do tragico destino do fidalgo; — D. Antonio deixara a quinta «avelada» de todo, mais sêca do que seixos. Além disso, havia a acrescer a demanda por 'môr do D. José, que devia 'star de côrpo e alma no Inferno só p'lo dinheirão que lhe consumira. E então, descêra até ao Porto a vêr se chegava a tempo de remediar essas pércas.

Preguntou se conhecia a snr.ª D. Tereza Sepulveda, do Vilarouco.

— Ah, não conheces? Pois é uma raparigaça, isso é que

é. Prendada e rica que não ha outra em todo o Douro. Mas conheces o morgado, o pai déla?

—Sim, tenho uma idêa.

Observou o enteado em silencio, inquiriu com vivacidade:

— Or'olha. Sempre queres receber a D. Maria do Rosario?

— Sempre a quero receber? Porque mo pregunta?

— Responde. Queres recebe-la, ou não?

Respondeu afirmativamente. Tinha tudo preparado. Maria do Rosario devia estar no Porto dentro de doze horas. Faltavam sete dias para o amanhecer do seu primeiro dia feliz. Casaria na proxima segunda-feira. E ele julgava até que o pai já o sabia, e vinha associar-se a essa festa intima de ternura e de reparação.

—Eu?!

E sublinhou a sua estranheza com um tão carregado vinco de desdem que Duarte, numa mudança brusca de expressão e de atitude, o encarou sombriamente. Compreendendo que se excedêra, lembrou a conveniencia de «não irem ás do cabo». Tudo se podia fazer p'lo melhor e p'ra bem de todos. Se quizesse ouvi-lo, seguiam p'ra cima por terra, na Mala-Posta, visto já haver disso até Amarante, e iam de Amarante p'r'á Pesqueira a cavalo. Se não quizesse, ele as pagaria, e com «lingua de palmo». Ao que viera ao Porto? P'ra lhe dizer que tivesse juizo, que não se prendesse a quem não tinha onde caír morto. Escusava de o olhar cô'esses olhos. Não lhe metia mêdo. Precisava de se juntar a mulher rica, que remendasse a casa dos rombos sofridos.

— Peço-lhe o favor de não continuar — advertiu Duarte, de pé, num aprumo nobre de altivez magoada. — Se não... obriga-me a lembrar-lhe que está em minha casa.

— Toma lá! Então tu, venho da Pesqueira aqui só p'r'ó teu bem, e 'inda rompes p'ra mim com duas pedras na mão?!

O enteado, na vibração sufocada dos nervos despertos, disse-lhe a estranheza do seu procedimento, por todos os

motivos, principalmente por ter sido ele um dos colaboradores da sua obra de amôr. Mas compreendia-o de sobra. Ao auxilia-lo nesses amores o seu fim era apoderar-se da quinta da Valeira. Conseguira esse fim, por outras vias. Porisso, agora, não hesitava diante da monstruosidade de atirar para o abandono com a senhora a quem devia o respeito maximo e a maxima dedicação.

Discutiram. Irritaram-se. Exaltaram-se. Por ultimo, Leandro, tomando ás mãos ambas a corda que prendia num lote as sacas e as sestas, lançou-a ás costas. E num rubor castigado de sangue de equimose. em sôpros e géstos de gato assanhado, largou porta-fóra. rugindo. enfurecido:

—Pois espera-lhe p'lo trôco! Hei-de matar-vos á fome.

Foi dali á intendencia de freguezes que lhe compravam o vinho, de amigos que lhe deviam os vótos. Havia de lhe tirar o emprêgo. Havia de lhe dar uma «tunda», sem páo nem pedra, que nem a alma se lhe aproveitaria. E que casasse depois. O que precisava era adiantar, fazer aquilo rapido. p'ra que ele não podesse levar ávante a sua «tontice».

Bateu ruas e congôstas, galgando escritorios, entrando em armazens. Os pés doíam-lhe. A cabeça andava-lhe azoada, com ruidos e azafamas da cidade. Não acalmava no entretanto, acicatado pela ansia de ganhar a nova batalha, convencido de que dominaria o enteado pela fome — vendo luzir ao longe, como promessa compensadora, como premio glorioso, a posse da casa do Cabo. Ainda do seu tempo era tão rica que ferrava cavalos com ferraduras de prata, que o fidalgo vélho não consentia aos criados o baixarem-se p'ra apanhar uma ferradura caída. Hoje balouçava, batida por ventos de temporal, desmantelada pelo fausto e pelos desperdicios magnanimos dos fidalgos — e era justo qne se aparelhasse para aproveitar os destroços do previsto naufragio.

Mas, a despeito de toda a sua influencia e de todo o seu suor, na segunda-feira, Duarte, guarda-livros da casa expor-

tadora de vinhos *Samwell Redington e Sons*, apadrinhado e assistido por camaradas e amigos, casava na Victoria com Maria do Rosario, emagrecida pelas vigilias de cinco anos de esperança e de desalento, dealbada pelo dôce luzeiro da felicidade a amanhecer.

Leandro por pouco não rebentava com uma apoplexia. Esconjurou amigos e freguezes. Por uns não daria seixos, os outros não valiam agua. Relegou a Mala-Posta para o index das invenções diabolicas. E decidido a aguentar os oito dias de barco da Ribeira á Régoa, satisfez o rol das encomendas, confessou-se e comungou, pejou o ventre da borracha, reabasteceu as sestas do farnel, escarrou áscumas de desprezo sobre o Porto, meteu-se á viagem de véla panda nos dias de vento afeiçoado, «sirgado» a «marinheiros» ou a bois se o vento não ruflava ao invez do pégo escachoante.

Na Pesqueira tornou a uivar contra o Porto, onde era tudo a mesma «choldra», contra amigos e freguezes, todos uns «fatinários», e anunciou á mulher que botava o fôgo á casa se soubesse que mandava, 'inda que fôsse uma letra, ao «estabanado» do filho.

— Ai Virgem! Nem que te déssem por lá de beber coisa ruim! — replicou a snr.ª Inacinha vivamente alarmada.

Rugiu ameaças e espectorou pragas — sob o assombro transido da mulher, que se benzia e se apegava ao Senhor para que não o ouvisse; sob o terror pavido de Aninhas, que rezava e suplicava á Senhora dos Remedios a felicidade do irmão e de Maria do Rosario, ambos debaixo das telhas do mesmo tecto, no calor amigo do mesmo leito, na fusão comovida do mesmo sentimento, com a benção do Deus Padre, Todo-Poderoso.

Três dias decorridos o feitor da Valeira, agora o Antonio Melro, trouxe á snr.ª Inacinha carta do filho, recebida no correio de Vila Real. Chamado o boticario Taveira a consêlho, muito em segrêdo. deram-lhe a carta a lêr.

Duarte comunicava á mãe o casamento com Maria do Rosario — e que, dois dias depois de casado, por influencia do padrasto, fôra corrido do seu emprêgo. Tentara empregar-se noutras casas, noutros escritorios, e encontrara todas as portas fechadas. Porisso, decidira saír de Portugal com a mulher, na espectativa duma sorte menos avêssa longe da sua terra — onde não o atingisse a maldade daquele a quem chamara pai. E assim, despedia-se dela, despedia-se de Aninhas, prometendo-lhes noticias se aportasse ao Rio em termos de lhas mandar.

As duas, abraçadas e em ansias, choraram o destino dos infelizes, recomendaram-nos á protecção dos céos. Mas quasi se convenciam de que os céos abriam mão dêles, na hora em que Leandro. á noite. impando de jubilo disfarçado com o tríunfo do seu prestigio, bradou, em tom convicto:

— A culpa não é minha, mulher! Que se virem contra Nosso Senhor, que os castiga p'lo que fizeram penar ao fidalgo de Lobrigos e ao D. Antonio! — E abanando o mudo espanto da mulher e da enteada: — Não meti prego nem estôpa p'r'ó caso. Quando Deus quer, cô'a historia do casamento. soube-se por lá do sucedido á morgada e ao D. José. E vai daí... pozeram-no no ôlho da rua, que não ha gente com mais vergonha na cára do qu'a do Porto.

XXIII

EANDRO deu á Valeira a pujança viçosa dos vidonhos dos tempos do fidalgo. Repovoou a escadaria de socalcos das castas hieraldicas da região, abatidas pelo *oïdium* e pelo abandono. Talou a ferro e fôgo o seio das ravinas, donde as tourigas, o donzelinho do castélo, o D. Branca, o gouveio, o malvazia irromperam, cresceram, engordaram, brincando e bisbilhotando uns com os outros, a abraçar-se nas mansões de calma, a agredirem-se nas quadras de ventania. A quinta, apezar disso, não era bem a Valeira daqueles tempos. Faltava-lhe a linha ornamental do vulto esfingico de D. Antonio, que lhe impunha a impressiva solenidade do sacerdote no altar. Faltava-lhe a aura dôce de asilo hospitaleiro, comunicada pela santidade de D. Carlota; a nota severa de feudo tradicionalista mantida pelo conservantismo de D. Isabel Maria. Faltava-lhe, principalmente, a alegria matinal, o riso gorgeado, a acolhedora graça de Maria do Rosario—pura vinhêta romantica de antifonario cristão a abrir numa pagina apocalíptica de *Dies Irae*.

Ressentia-se da propria ausencia da figura simbolica de Frei José—e da nobreza senhorial do solar, reduzido a simples casa de quinta, e da pontuação grave dos ciprestes, sacrificados pela devastação da *sapa*, e dos ladridos fieis do *Tua*, que se finara, esquelêto vivo, com a partida do Roque da Silvana. E embora os laçarotes poeirentos do caminho, encrustados de pedregulhos, continuassem sacudidos pelo trafego formigueiro dos almocreves e dos carreiros, com as suas

recuas e os seus carros, tambem eles entristeceram na saudade dos cortejos galantes de liteiras e cavalhadas, tão frequentes, das manchas fervilhantes de movimento e côr que os animaram.

Ele mesmo, José Leandro, tinha os seus quês a diferença-lo do Leandro dessa epoca.

Descoroçoado com a quebra do maior dos seus planos, a entrada na familia Sepulveda e a conquista da casa do Cabo, tornara-se desleixado, sorumbatico, supersticioso—sovina como um onzeneiro, desconfiado como um cégo. Sob o dominio da superstição, que o tolhia de mêdo, escrevera até a Duarte, empregado no Rio e ganhando a bóm ganhar, para que regressasse á Pesqueíra, que lhe entregava de renda a quinta do fidalgo com suas alfaias e pertences.

Sentia-se abatido. Tirára dinheiro a juros, anemisado pela sangria da anulação fruste do casamento, para a compra do casal de S. Cibrão ao morgado de Vilarinho. E nesse casal, e na quinta de Gouvães, e na do Vale de Mendiz, e na da Valeira, consumira moedas, dispersara energias que se converteram em desfalque insoluvel—tudo na aspiração de suplantar os visinhos, de achincalhar os abastados. Chamavam-lhe «feirão». Eram as feiras os seus prazeres preferidos — e já não ia ás feiras. Todo se regalava de assistir ás festas por morte de anginho—emquanto as violas farandolavam, emquanto os pares dançavam, ele contava historias de rebentarem os botões das calças aos mais sizudos. Pois não ia, havia mezes, a uma unica dessas festas. O seu velho rancôr pelo Ernésto, vincado de aspera intolerancia, esse mesmo amolecia, diluindo-se na agua morna de prematura falencia.

Por varias vezes se afastára já, dando aos hombros a flexão da indiferença, ao surprendê-lo em arrulho com a Aninhas. Tanto que a mulher, a snr.ª Inacinha, percebendo a mudança, voltava a aborda-lo para que consentisse no casamento.

— Que «dianho» — disse-lhe em certa tarde, concluidas as vindimas desse ano: — a Aninhas não é nenhuma criança. 'Stá a entrar nos vinte e quatro. O Ernesto, ninguem no sabe melhor que tu, além dum «cêra velada», é o rapaz mais «curgidôso» da Pesqueira. Os bocadinhos dêle veem-se medrar, que até parece que o sol os réga...

— Ha muita maneira de «encambar» enguias — retorquiu Leandro, procurando disfarçar a sua quasi tolerancia num véu fragil de duvida ácerca das intenções do rapaz. — Trabalha? Eu sei lá os fins com que o faz...

— E' sempre assim, homem. Se se é «bô», á del-rei que é com maus fins. Se se é máo... á del-rei porque se é máo. Bem diz a cantiga...

E salpicando a voz de ironia, e resolvida íntimamente a aproveitar melhor oportunidade, solfejou, conceituosa:

Quem faz a casa na praça
A muito se aventurou,
Uns dizem que ela que é baixa
Outros que d'alta passou.

E ele, o espirito forte, o homem que depois da trovoada no armazem da quinta cimeira ficara a rir-se das almas do outro mundo, regressava ao principio, temia-as agora como dantes. Só a custo passava de noite junto daquela quinta—no receio dos maleficios da alma do abade de Santa Maria. E desde que alguem afirmara que na Valeira, a horas mortas, ao pé do antigo solar, se ouvia o gemer duma voz, sem tirar nem pôr a do fidalgo, não arriscava pégada lá por baixo depois do sol pôsto,

Mas, com o ano novo e o janeiro friorento de 55, o céo da Pesqueira e seu termo foi toldado pela aza negra da *colera-morbus* — que da Espanha, onde devorára vidas aos milhares, vinha ao Alto-Douro em busca de outras vidas.

Sorvendo forças e curtindo audacias nas estrumeiras e nos quinchósos pestilentos, instala-se em poucos dias, fulminando os mais sadios, queimando os mais precavidos.

— Castigo! Castigo! — geme-se por todo o povoado.

— A malina da colera é a paga dos nossos pecados! — sussurra-se, em surdina, nas igrejas e nos oratorios.

Os sinos badalam constantemente a defunto. Os casos fatais correm de bôca em bôca — o José Serodio, que tomba como um tordo no meio da rua; o Custodio Seixas, que na loja do Corrêa cai como se lhe dessem um tiro; o Sebastião Serrano, morto de repente na forja do Baptista.

O passal do abade de S. Tiago, na ladeira da Dona Marinha, transforma-se em hospital, trasborda de colericos. O dr. Teixeira, do Lodeiro, com ele o dr. Francisco Ferreira, sem repouso. dia e noite, andam de casa em casa, galvanisam a coragem aos sãos, prescrevem drogas aos doentes, distribuem esmolas aos famintos. As fogueiras de pinheiro ardem dia e noite nas ruas. E a vida da povoação suspende-se, alucinada, sufocada, prêsa da séde que requeima os epidemiados, escurecida pela sombra que sóbe do cemiterio — e não cuida das vinhas, e não pensa nos vivos, toda absorvida pelos mortos.

Apenas as igrejas, a trasbordar, palpitam e farfalham, — lembrando por vezes, ao longe, as grutas maritimas, em que as vagas entoam os seus responsos funerarios.

Leandro tem a impressão, indefinida mas amarfanhante impressão, a cada sino que dobra, que é a voz do Senhor, a rude e colerica voz de Deus a rugir vinganças. Contra quem? A consciencia não lhe diz precisamenfe que seja contra ele. O que lhe diz, isso sim—e ao ouvi-lo esbugalha os olhos, estremece de susto—é que é contra todos os que encheram a terra de sangue e de luto os corações; contra os *corcundas* e os *malhados* que o desfeiaram nos seus crimes; contra os que concorreram para a desgraça de alguem, ou que obtiveram

por cinco o que valia cincoenta; contra as invencionices diabolicas, como os comboios, em breve sulcando os campos portuguezes desde Lisboa a Badajoz. Parecia apregoar o Juizo Universal, prometido nos Evangelhos—e eram na verdade seus correios, a anunciaram-no, as guerras e pestes que percorriam o mundo.

Sob a impressão confrangedora escreveu a Duarte, não para que viesse meter-se na Pesqueira. tornada vestibulo de cemiterio, mas para que regressasse ao Porto, com a esposa e o filhinho — Duarte, a esse tempo, tinha um filho de ano e meio — que tudo lhe correria bem. Escreveu na mesma data a D. Isabel Maria, a Frei José, a João Caetano, nesse inverno na quinta de Lobrigos com os parentes de D. José, oferecendo-lhes a moradia e os rendimentos da Valeira.

Simultaneamente, em gestos e actos contraditorios, a sua sovinice aperta-se em avareza. a sua desconfiança alarga-se em delirio. Não dá uma sêde de agua. Atafulha as pratas numa arca chapeada de ferro, com campainha de alarme. Não consente que a mulher ou a filha toquem nas suas joias — podem morrer de repente. de repente lhas podem roubar. E ao mover-se até dentro de casa, pára, aplica o ouvido. ronda em torno. encolhendo-se, enrolando-se no seu terror como ouriço cacheiro nos seus espinhos, e a propria sombra o perturba.

Sonha com o fidalgo. Nos seus sonhos chega a gritar por socôrro, despertando a casa inteira — porque o fidalgo vem para ele com os olhos em chama. soprando faúlas, brandindo espadas, rangendo os dentes. E por dormir sempre com a morte, desperta a cada passo ao badalar dos sinos, espavorido, fugíndo da cama, fugindo do quarto — como se tivesse morrido, como se tivesse ressuscitado, como se fugisse da sepultura.

Não sai das igrejas. Banha-se em agua benta. Couraça-se de bentinhos. Arma-se de rozarios. Confessa-se de quatro em

quatro dias. Comunga todas as manhãs. Assiste a todos os «bens de alma».

—Vamos depressa... quero chegar ao «bem de alma» na igreja de S. João. «Alumiam» hoje ao Antonio Joaquim... —ordena, mal tocando na comida, no amanhecer de cada domingo.

A snr.ª Inacinha lança á cabeça a mantilha negra de lapim. A Aninhas embrulha-se no chale de cachemira, embiocando o rôsto grave numa mantilha sevilhana. Ele, escanhoado de vespera, as orelhas afogadas na aba do capote, á frente delas, caminha e reza.

A igreja, quando chegam, tem de ordinario escassos fieis. Esperam de joelhos, mãos postas, oração a corrêr. Vão entrando mulheres que se prostram de bôrco, os braços em cruz sobre as lages. Entram outras, de luto, com banquinhos de madeira na mão, que ajoelham ao meio, em «estrados» de palha, as chinelas a par e encostadas aos joelhos, e por cima das chinelas o banco de assento esburacado, em que introduzem tantas vélas de cêra quantos os mortos a que «vão alumiar». Os sinos convocam á missa. O abade, revestido de capa de arperges e de barrête, assoma no altar-mór, adiante do sacristão, que conduz a caldeira e o hissope. Acogulada de gente, os homens na capela-mór, as mulheres no corpo central, a igreja vibra. Sacode-a um fremito de dôr. Passa um sussurro de vento. Sente-se uma convulsão de floresta.

Desde o altar-mór á porta principal abre-se «rua»—á frente, nas bordas da «rua», mulheres de saiotes negros, de capuchas negras, de mantilhas negras acendem as vélas dos bancos, preparam os bancos para a ceremonia. Encostado «á cadeira da verdade», sob o arco cruzeiro, o abade, impassivel, declama o responso do ritual, em tom de ocasião, as palpebras semi-veladas. E tomando o hissope, e embebendo-o na caldeira. avança para a «rua», em que dezenas de vélas bri-

lham e arfam, irrompendo dos bancos como puas ardentes. As rezas esmorecem. As respirações suspendem-se.

—P'la alma do Antonio Joaquim Alves!—anuncia, no silencio abafado, de hissope erguido.

A mulhér que representa, no sangue, no luto e na saudade o Antonio Joaquim Alves, levanta o seu banco á altura do rôsto. O hissope abate-se, traçando uma cruz no ar. E a voz do abade remata, funebremente:

— Pater-Noster!

Novo sussurro percorre o templo, novo zumbido de folhas farfalha e esmorece.

—P'la alma de José Manoel da Encarnação!—brada outra vez, outra vez de hissope no ar.

Outro banco se alteia, outras vélas palpitam, outra reza ressoa. Depois, durante a missa, na capéla-mór, sorvendo o latim liturgico, colaborando no sacrificio da redenção, o corpo imovel, os braços ao alto, as mãos espalmadas, penetrado da profunda magoa do momento supremo, Leandro semelha um candelabro, inteiriço e inerte, ali pôsto para sempre em louvor de Deus.

— Ah, que se não fôsse o cordão-sanitario!—considerou, com tristeza e desanimo, num dia lugubre de fevereiro, trespassado de terrôr.

— O que fazias, homem? — inquiriu a snr.ª Inacinha.

— Punha-me «a cavalo nas atacas» e ia p'r'ó Porto ou p'ra Braga.

A snr.ª Inacinha propoz-lhe pela quínta vez a saída para a Valeira. Sempre era outra cousa. Sempre se'stava mais a seguro.

Ele tinha mêdo. E a alma do fidalgo? Não que se dizia que penava por lá. Mas como a snr.ª Inacinha falasse nisso ao feitor, ao Antonio Melro, como o Antonio Melro, afoito, se prestasse a dormir na casa do patrão oito noites «áfias», p'ra experimentar a alma, e a alma não désse sinal de si,

Leandro afoitou-se tambem, Leandro condesceu na transferencia para a quinta fundeira por'môr da «malina».

Havia quatro dias que se fixara na Valeira. Havia quatro noites que não pregava ôlho. O seu quarto, e da mulher, era o que pertencera a Maria do Rosario antes de pedida por Duarte—de janelas rasgadas á vista do rio e do Pelão. Ficava com um Cristo crucificado sobre uma comoda, e duas lampadas de azeite a alumia-lo. E durante a noite imensa, de vigia, o ouvido atento, tudo se lhe afigurava investida de alma malefica, rumor de coisa ruim. O ladrido dum cão de guarda, o piar dum môcho no pomar. o prantear do ujo no Ermo, o rugir do rio no cachão—que ia crescido e gôrdo, turbulento e arrogante das aguas recebidas em chuvas e neves—excitavam-no, alarmavam-no, flagelavam-no. Ao segundo dia, numa quebreira de cançasso. o sono passou-lhe os dêdos leves pelas palpebras, cerrando-lhas, adormeceu-lhe a sentinéla timida do ouvido. E daí a pouco acordava, a resfolegar, alagado de suor—e a benzer-se, sem poder gritar, sem poder fugir, na certeza de que vira, junto da cama, o fidalgo de Provezende, rigido e mudo, a face glacial, os olhos em lava.

Arrependia-se de ter cedido. Não, não podia continuar na quinta. Antes a Pesqueira, com os seus perigos. Mas... e os sinos sempre a badalar? E os visinhos sempre a gritar? E a morte sempre a ameaçar? E as casas fechadas sem moradores? Só se fôsse meter-se no buraco da Casa da Louza—na cardenha do serviço. Ou na quinta meeira... Ah, não podia ser! Tambem ali ia a alma do Padre Francisco, por vezes fazendo lá «uma aleluia» que nada parava cô'o ela. Sem encontrar refugio seguro, hesitante. desalentado, inquieto, deixou caír os braços bambos.

Passava os dias á lareira, amarfanhado no escano, enco-

lhido a um canto, a bichanar segrêdos ás contas do rozario. Se a snr.ª Inacinha o interpelava, respondia-lhe em vagos grunhidos. Se lhe falavam a Aninhas, o feitor, as criadas vergava a cabeça, voltava o rôsto, como um surdo, como um tresloucado.

Ao sexto dia, na quinta visinha morreu com a péste um serviçal do Cardôso. O panico recrudesceu. A malina descia á Valeira, não poupava os que na Valeira se supunham em asilo seguro.

— Vês? — argumentou a snr.ª Inacinha, convicta e convincente.—E mais não punha pé na vila! Não ia, nem sequer ás procissões de penitencia, no mêdo de lá ficar. Pois serviu-lhe de muito o mêdo! Não é o mêdo que nos guarda quando Nosso Senhor nos não vê...

Leandro reconsiderou naquelas palavras. A sua tinha razão. Tambem ele pensava em não tornar á vila emquanto aquilo durasse, mas não podia ser. Tinha de ir, quando mais não fôsse todas as sextas, ás procissões de penitencia, p'ra que Nosso-Senhor o visse. Tinha de ir rezar, como toda a gente, p'la «findação da malina».

Porisso, com o feitor, o Antonio Melro, de barbas apostolicas como as do piedoso Jonas em Ninive, com o filho mais velho do Melro, o Narciso, um «engarilho» que trepava como um gamo, logo na sexta seguinte á tarde, e a pé na intenção de castigar o corpo, Leandro se pôz a caminho da vila—agora quasi deserto, pois ninguem descia ao cais a carregar e descarregar, que raros barcos forçavam as exigencias do cordão sanitario. A snr.ª Inacinha e a filha não iam, porque na procissão noturna não se encorporavam mulheres—ficando em casa, de vélas acesas, apegadas á Senhora dos Remedios. Chegaram ao lusco-fusco. Meteram direitos á igreja de S. Pedro, donde o cortejo desfilava para a igreja de S. João — e já a encontraram invadida de devotos, ressoante de murmurios, atulhada de penitentes, perturbada de ansiedades.

Noite fechada o estandarte das Almas saíu a porta da igreja. Os sinos de S. Pedro dobraram como'a finados – respondendo-lhes, em dobre aflictivo, em clamores de rebate os de S. João e do relogio, as sinetas da Misericordia e de S. Tiago.

O estandarte erguia-se ao meio de dois rapazes de opa e lanternas. E atraz deles desenrolava-se, engrossava, estendia-se a fita barbara dos penitentes, descalços, vestidos de branco, com lençois cingidos á fronte, alvas de condenados a cairem-lhes aos pés; vestidos de negro, com mantos semelhando habitos monasticos e a cabeça enfiada em sacos; ainda outros vestidos de branco, a cabeça coroada de silvas, e os braços nús, e o tôrso nú, a que aplicavam o castigo de disciplinas. O primeiro, um homem herculeo, arfava sob o pêso de duas alavancas de ferro. A seguir, no clamor alto dos sinos, no vibrar estorcegado dos prantos, sentia-se o bimbalhar de correntes—era um hercules atarracado, arrastando, enroscada ao pescoço, uma cremalheira de aço. Um corpo de rapaz, fino e rijo, o busto sumido num saco, aguentava ás costas um tronco de pinheiro. A fila crescia sempre, sempre a desdobrar-se, por entre homens e mulheres ajoelhados ás portas das casas terreas, por entre archotes que lambiam as fachadas de clarões, que povoavam as sombras de relampagos e agitavam rondas de espectros por vielas e encruzilhadas. E das janelas, dos parapeitos pobres sem vidraças, das varandas ricas de frontões brazonados pendiam candeias, alçavam-se candieiros de três bicos, alumiando os que sufocavam na mortalha e na penitencia, caiam prantos, ululavam angustias, num tragico vozear de Juizo Final.

O martir S. Sebastião, eriçado de setas, de pé no seu andor, cambaleava ao balanço cadenciado de quatro colunas humanas. Debaixo do andôr, em roda do andôr, num abatimento de condenados, comprimiam-se velhos e novos, gente do pôvo e gente fidalga em ar de suplica.

Sucedia-se outra fila de penitentes. a rastejar de joelhos, a sangrar da carne flagelada, a arquejar sob marras de ferro, a gemer sob trancas de arrôbas. Fechava o prestito sinistro, em que havia espasmos de agonia e transes de delirio, como entidade simbolica do martirio numa procissão de martires, o Senhor dos Passos dobrado no seu andor, a cruz ao hombro, a face sangrenta, entre padres, vassalos, e escravos, vencido nessa hora levantado a vencedor, — tendo por vassalos os maiores da vila, tendo por escravos a arraia miuda do burgo e das cercanias, uns e outros a entoarem o *Misérere.* E á frente do Senhor dos Passos, o Manoel Porteiro, a andar para traz, face a face do andôr, todo de branco, a barba intonsa pojando da cercadura do lençol, batia o joelho em terra, perfilava-se de rompante, erguia nas mãos e oferecia a Jesus o calix da amargura.

Os sinos dobravam sempre. Os archotes desenhavam no espaço garras de chama, braços em ansias. cabeleiras revôltas, atitudes possessas. A' distancia, nos corredores penumbrentos das ruas. as candeias acesas eram lagrimas rolando das orbitas das janelas. E os candieiros de três bicos, á altura das cabeças desoladas, davam ás figuras das varandas aureolas de espinhos candentes e vagas aparencias de fantasmas.

Penitentes e devotos, serpeando, atingiram a igreja de S. João, cuja porta projectava no escuro a profundidade negra duma cavérna. Entraram aos magotes, a empurrarem-se como rebanho á boca do redil. Entraram a cantar. a bradar o *Misérere,* que trespassava a noite fria. E lá dentro. onde o *Misérere* morrera, todos esses vultos, todos esses seres feridos de pavor — patuleias-maçons e miguelistas-apostolicos — se prostraram de joelhos, rastejaram diante das nove cruzes da Via-Sacra, clamando em côro:

— Cruz de Cristo, salvai-nos! Cruz de Cristo, protegei-nos! Cruz de Cristo. defendei-nos! A cruz de Cristo vence! A cruz

de Cristo reina! A cruz de Cristo impera! Pelo sinal da Cruz — traçaram, zumbindo, sobre a testa, a bôca e o peito, o sinal da Cruz — livrai-nos, Senhor, desta peste!

— Pater-Noster! — ressoou, no silencio momentaneo, a voz sepulcral do abade.

Um sôpro largo, um largo soluço, ruflou as azas, arrastou o Padre-Nosso.

Leandro, e o feitor, e o filho do feitor, volveram á quinta quando os penitentes dispersaram. A noite, de céo nublado e escuridão opaca, parecia espia-los do seio enigmatico da treva. Aturdido por aquela scena tragica de fim de mundo, ele nem atentava na escuridão — todo absorvido na convulsiva amargura de que fôra pouco antes molecula flutuante.

Emudecido e surdo, não ouvia sequer as raras palavras que de longe a longe o Antonio Melro trocava com o filho. Tinha a sensação estonteante de que o cortejo o acompanhava — ou de que ele acompanhava o cortejo, a desenrolar-se, a perder-se de vista caminho de Sidrô fóra, galgando os cimos corcovados do Montenegro, assomando aos planaltos hirsutos de Além-Douro. Apenas, sem sinos a badalar, sem uivos de contrição, sem suplicas das janélas — donde se estendiam, para S. Sebastião e o Senhor dos Passos, em desesperos de naufragio, as luzes votivas — a sua marcha se fazia em silencio, no silencio duma sombra no encalço doutra sombra. E em vez do Senhor dos Passos, no andor da rectaguarda era o fidalgo vivo que se balouçava, espiando-o com o olhar em braza — era o seu rôsto glabro, a sua cabeça severa, o seu arcaboiço rigido que sangravam sob a corôa de espinhos, que se dobravam sob a cruz do martirio. Era o Roque quem lhe oferecia o calix expiatorio. Por baixo do manto dos penitentes eram as pupilas desvairadas da Olimpia que fulgiam e choravam.

Encolhia-se ao ruido dos seus pés topetando nas pedras. Alarmava-se ao estrugir de azas voando das arvores proximas.

E ao vêr o fidalgo no andor, fechou os olhos, amparou-se ao braço do feitor.

Quanto maior era a sua inquietação, quanto mais cerrava os olhos, melhor via o cortejo lugubre, os penitentes ansiados, o morto vivo.

Depois, em frente da quinta cimeira, confrangeu-se e gaguejou certo de que descobrira o vulto do Padre Francisco a saltar o muro, e a enfileirar na procissão. Logo abaixo deteve-se, no espanto das filas macabras, todas cobertas de branco, a serpearem em torno da casa, a passearem sobre o rio, a estenderem-se ao longo das escarpas — e o rio tinha o tom baço de caudal de sangue num leito de chumbo, e as escarpas flamejavam como parêdes de fornalha enrubescidas. E além disso, o cortejo, silencioso lá em cima, cá em baixo rugia, na tonalidade profunda de multidão a prantear-se num subterraneo — multidão de vivos arrastada na fuga duma multidão de mortos,

Não era um homem. Leandro, ele proprio, era um mórto, que p'r'ali ia, torcido de pavor, a reboque de força oculta que pretendia servir-se o prazer de o aturdir naquele pranto, de o afogar naquele sangue.

Pelas alturas da cardenha o Melro solicitou-lhe licença. Cortava p'lo carreiro, e chegava de duas «canchas» a casa, que a sua devia 'star mais morta que viva... desconfiada de que tivesse caído por lá redondo como um tôrdo.

Tranziu-o a idêa de ficar só com o Narciso. Quiz dizer-lho — não atinou com as palavras. Agarrou-se ao braço do rapaz, tropego e incerto, no hesitar dum cégo e no tentear dum menino.

Nisto, ao dobrarem do quinteiro para a rampa da cosinha, o Narciso estacou, sentindo que ele lhe largava o braço, que recuava de repente.

— O fidalgo! — grunhiu Leandro, alteando a cabeça, como

se a figura de D. Antonio, de pé e gigantesca, se perdesse no espaço.

O filho do feitor, em tremura de caimbras, cerrou os olhos. E daí a nada ouviu um grito surdo, um surdo e rapido baque na agua em gorgolejos.

Entreabriu as palpebras, olhou de redor, numa mudez aflicta. Encorajou-se ao vêr o pai, que vinha de cima, que preguntou admirado.

— O patrão?

— O patrão... — cacarejou, ainda a tremer: — eu cá... não sei dêle...

O Melro chamou-o á porta da cosinha. Respondeu de dentro a Januaria. O patrão ainda não 'stava. E a snr.ª Inacinha, ouvindo aquilo, acudiu alvoroçada, perguntou se o seu Leandro não viera da vila co'ele.

— Veiu comigo até ao caminho da cardenha. Dali p'ra baixo veiu cô'o rapaz.

Chamaram-no. Procuraram-no. Trouxeram candeias. Acenderam archotes. Apalermado, interrogado segunda vez pela snr.ª Inacinha, o Narciso disse pela segunda vez o que sentira, o que vira e ouvira.

— Ah, o chapeu! — apregoou o Melro, apontando um chapeu á beira do terreiro, que era quasi a beira do rio—do rio tôrvo e escachoante, que os archotes sulcavam de labarêdas.

— Leandro! — gritou ainda a snr.ª Inacinha, abatendo-se sobre o chapeu.

Ao outro dia sondaram as aguas, esquadrinharam os fraguedos. Não havia duvidas possiveis — tinha-o engulido a torrente. E isto soube-se logo na vila. E ao correr da nóva, de porta em porta, a Maria do Adro fincou a mão na anca, resumiu sem azedume:

—Não que Deus não peleja, mas dá castigo qu'aleja. Alem de que... dantes faziam-nas os avós e pagavamo-las nós. Agora, nós as fazemos, nós as «paguemos».

Uma visinha da Maria do Adro, a Joaquina Pilrita, tipo anavalhado de pitonisa, debruou os sobrólhos de reveladas certezas, comentando:

— Tambem foi dos maçons. Anda que eles diziam que já não havia Deus. Mas, em vez dum, agora ha dois: — um p'ra de dia e outro p'ra de noite.

Os credores de Leandro fizeram-lhe cerco ao espolio. Lotaram-lhe os haveres. Ratearam-nos na partilha — conseguindo a viuva, a grande custo, e no desejo de fugir da Pesqueira, já livre do ceifar da peste, que lhe deixassem intacta a quinta de Gouvães. Pouco mais dum ano decorrido, a Aninhas casou com o Ernesto. Não contavam dois anos sobre a morte de Leandro quando foram viver, o Ernesto, a Aninhas e a mãe, para a quinta que sobejara do banquete sofrego dos onzeneiros.

E sob o esforço viril do Ernesto, mirando-se no Douro, ali desafogado e manso, orgulhôso da vassalagem do rio Pinhão e do rio Torto, a jusante da quinta do Noval, á ilharga da quinta da Eira-Velha, avó centenaria de todas as vinhas durienses, a quinta de Gouvães cresceu, multiplicou-se em pampanos rechonchudos, em folhas louçãs, em cachos sadios, em vinhos travessos, em manhãs promissoras e dias abençoados!

XXIV

No entanto, como se assim estivesse escrito, a desgraça renascia. A maldição biblica tombava e realisava-se no solo cristão do Douro — escolhido para saldar os pecados do mundo.

«As terras serão estereis como se fossem de bronze e ferro!» — anunciara o Senhor, dentre as nevoas presagas do Deuteronomio. E como se de facto o fossem já, na terra inclemente do Douro, bronze e ferro, o corpo patricio das videiras mirrava-se, enlanguescia, abatia-se em tristeza e morria em esterilidade.

Preludiada pelo *oïdium* e pela *mangra*, de que o suor e a fé do homem triunfaram, vinte anos depois a profecia baixava sobre a região vinhateira no bruto pêso das fatalidades sem remedio — e toda a região vergava, arfando de cançasso, fugindo de terrôr, morrendo de fome.

— A filoxera! — era o pregão que reboava no ar e era a divisa do inimigo.

Converte-se em fiada de necropoles o velho paiz encantado da opulencia e da alegria — por onde o oiro rolara em catadupas, com as aguas do rio e com o vinho das cubas. A's encostas frescas, onde as vides se balouçavam, sucediam-se os declives requeimados, sem penugem vêrde ou ramo de estimação. A faina bravia das surribas, a apoteose dionisiaca das vindimas e das lagaradas tinham o mais dolorido contraste no exodo em massa, na amargura elegiaca dos que deixavam os schistos das suas quíntas pelas incertezas da terra alheia —

dos que não souberam enceleirar, megalomanos da opulencia e ostentação, para cobrir os *deficits* das crises de penuria. A alegria trasbordante das quebradas. nos periodos das fainas, tornava mais austero, para os que a sentiram, o silencio de cripta que pesava sobre os socalcos desertos. E o fervilhar dos barcos no rio parara quasi de subito — porque, de subito, esgotadas as reservas dos armazens, não tinham para transportar senão desertores em fuga, principes arruinados, vivendo das sobras das baixelas de prata e das louças da India, dos quadros celebres e dos panos de Arraz, dos moveís suntuosos e dos rosarios de joias entregues a penhoristas desalmados.

Como espalhada por um Demonio semeador, de azas velozes, a praga invadia, em marcha forçada, toda o zona heraldica dos vinhos preciosos — o Baixo Douro, o Alto Douro, o Douro Superior. Desde a Rêde á quinta dos Frades, trepando, ziguezagueando, insinuando-se pelas quebradas do Roncão e das Carvalhas, da Valeira, do Seixo, do Vezuvio, dominava, ressequia, sorvia a seiva e a alma dos vidonhos, a saude e a vida dos povoados.

— E' a estiagem! E' a estiagem! — psalmeavam os viticultores abatidos, de olhos no céo implacavelmenfe risonho, atribuindo o flagélo aos invernes sêcos. ás longas soalheiras calcinantes.

Mas chega o maio de 77. As chuvas cáem das nuvens. as aguas alagam o solo, estrebucham nos ribeiros, engrossam e enraivecem o rio. E o mal recrudesce e alastra, resistindo á força dos que lutam, zombando da esperança dos que se esfalfam, concluindo a ruina dos que se iludem.

Entre a Rêde e Barca de Alva, e despenhadeiros circumjacentes, daí a pouco não ha mais do que vertentes desoladas, socalcos vasios, solares desabitados, atitudes confrangidas. gestos de desespero — a natureza morta, o homem, vago se-

nhor de dominios malditos, refugiando-se na deserção, ou esperando a hora final no cemiterio da sua opulencia.

— A fome! A fome! — choram, espapaçados de desanimo, os que foram tão ricos que nunca a haviam entrevisto nos seus sonhos de nababos.

A tristeza sufoca. A miseria assume aspectos de tragedia. O solo abandonado escancára guelas calcinadas de sêde. As quintas sem cultivo tomam o ar de ruinas dum vasto incendio. Os solares escalavrados assumem a gravidade egipciaca dos mausoleus perdidos nos desertos. E os ciprestes, acolitos pelo costume e pela tradição dos frios logares da morte, perfilados junto dos solares, ou marcando as curvas dos caminhos por onde outr'ora choutearam liteiras garrulas, guizalharam récuas vistosas, formigaram trêdas vindimadeiras, semelham linguas de maldição, emudecidas de raiva, contra o céo e contra Deus.

Fala-se na vinda proxima do comboio — um monstro de aço, de sangue fervente, de entranhas de fôgo, a andar por si só e a devorar leguas em minutos. Os velhos arregalam os olhos pávidos, fitam os ouvidos inquietos. Os novos aguardam, o coração a bater na desordem da incerteza. Já sulca as varzeas tenras do Pôrto; já rasga as pedreiras negras de Valongo; já torcicola, rumorejante, sobre a aresta fraguenta do rio. A que vem o comboio, porem, naquela hora de agonia, áquela terra de desolação — áquela pobreza, áquela angustia, áquele deserto?

E os velhos, de punhos crispados, de maxilas contraídas, de pupilas fuzilantes, turvadas pela dôr e pelo desespero, mais uma vez averbam á responsabilidade dos embaixadores de Satanaz — a constituição politica, as estradas novas, os caminhos de ferro — as pragas que os afixiam. São o castigo do Senhor. São a confusão de Babel — o homem arrogante tenta de novo a escalada do céo. O céo confunde-o, arrasa-lhe a casa, seca-lhe as fontes, queima-lhe os fructos.

Antes de se entregar a essas abominações demoniacas as vinhas desentranhavam-se em uvas, os anos corriam amigos, o trabalho florescia em risos, o Douro espumejava de vinhos.

A quinta de Gouvães não fôra poupada pelo inimigo. Ernesto moireja ainda—fazendo das fraquezas dos cincoenta as forças dos vinte anos. Dia a dia, ele mesmo, de joelhos, sondando e suando, escava cautelosamente as raizes, videira por videira, á procura das nodosidades em que se instala o ofidio malefico — um nada microscopico que compõe a tragedia dessa miseria ciclopica. Dia a dia, curvado e ansioso. examina os rebentos, haste por haste—e verifica a lentidão do seu crescer. e que dum verde fluido ao nascerem, se tornam dum amarelo esclerotico, onde logo surgem nodoas rubras de sangue, pouco depois placas negras de morte.

— Não posso! Eu não posso mais cô' esta canceira! — confessa, desalentado.

Apezar disso persiste, blinda as raizes de estrumes azotados, rasga o solo mais fundo, procura novos leitos ás videiras doentes. vende moveis para adquirir sulfurêto. tira sob hipoteca para sustentar a familia. O mal não cede. A sentença cumpre-se. Nas folhas salvas surgem «galhas» — lobulos ôcos onde o microbio trabalha. As uvas nascem anemicas, não atingem a maturação. E no ano imediato, irremediavelmente, as varas intizicadas, como corpos tocados pela ética, emagrecem, mirram-se, pendem, até tombar ressequidos.

— Não posso, mulher! — geme, amarfanhado no escano da cosinha. — Trespassado seja eu do sono á cóva p'ra não vêr mais esta desgraça!

Aninhas, de olhos lacrimosos nos três filhos, para quem sonhara as felicidades asseguradas pela quinta aumentada — o mais velho, um rapagão de vinte anos, recolhera dos estudos, á falta de recursos para lhos custearem — admoesta-o, suplica-lhe que não diga heresias, que até Nosso Se-

nhor o póde castigar. E o que haviam de fazer, se entregassem aquilo aos credores? P'ra onde haviam de ir, que mais valessem? E a mãe, a caír de velha, que não tinha animo de se desapegar da quinta, p'ra onde haviam de a mandar?

—Mandamo-nos todos p'r'ó inferno! Ha-de ser melhor do que isto, mulher! — ruge surdamente.

— Ai Virgem! Nosso Senhor te não ouça! E deixa vêr o que responde o nosso Duarte. O nosso Duarte 'stá rico, não lhe ha-de fazer minga mandar alguma coisinha... Como hemos de ir aguas alem, com toda esta «gentiaga»?

Correspondendo ao apêlo da irmã, Duarte, realmente, passa a mandar-lhes mezada. E' a estrela de alva a diluir a escuridão noturna que os amortalha. Ernesto, porem, na sêde de vencer, na ansia de ganhar, consome, gasta, lança á esterilídade da quinta quanto lhe vem do Brazil — comprando videiras doutras regiões, obtendo injectôres para o sulfurêto, replantando os socalcos esquelecticos, revolvendo o solo á profundidade maxima. E como a desgraça não tenha ouvidos para o arquejar do seu peito, não tenha olhos para o suor do seu suplicio, cada um desses impulsos de combatente é como um gesto de piedade atirado ás furias do mar bravio, como uma semente de trigo lançada a um areal abrasado.

— Vai-te «habelitando» para sairmos daqui, Aninhas — decidiu, num dia de prostração, na amargura de quem se aparta do côrpo querido dum filho môrto. — E' preciso escrever ao Duarte e embarcarmos p'r'ó Brazil.

A mulher baixou á cabeça. Lá no fundo. á beira do rio sente-se o cantar dos ferros nas brenhas agrestes, abrindo trilho ao comboio que já serpea até Covelinhas; ouve-se o ulular da malta dos operarios da linha, os «lafraus» esticando cordas donde pendem, suspensos sobre as aguas, os brocadores da rocha para a dinamite. E ela, recebendo em

cheio esse rumor de vida naquela região de morte — uma ou outra vez arrepiada pela locomotiva de serviço, a apitar ao longe, a quebrar o silencio funerario das ravinas — estremece como ao pressagio de novos males, de novos horrores a imporem-lhes a partida. Parecia-lhe que os operarios em porfiada luta com as vertentes hostis, que o comboio, e as suas correrias, e os seus gritos, em vez de plenipotenciarios de Satanaz, eram aviso e auxilio de Deus para que fugissem tambem. E baixou mais a cabeça, e dispoz-se a escrever ao irmão, a saír da quinta, a separar-se do torrão. a apartar-se da mãe, a ausentar-se do Douro — «que os filhos, esses, 'stava como o outro que diz... seriam filhos onde eles fossem mãe e pai.»

Ora precisamente na tarde de outono — um amodorrado novembro — em que o Ernesto, junto de Aninhas, fixava a saída da quinta para o Porto, o embarque do Porto para o Rio, embora Duarte nada tivesse respondido ao apêlo da irmã, o cão ladra no terreiro, a arremeter contra alguem que se aproxima.

— Quem será? — inquire Ernesto. desabituado de visitas.

— Quando Deus quer... é a pobresinha de Provezende. Mal sabe ela que tomaramos nós p'r'ós nossos.

Chegou á sala o tropear de cavalgaduras. Aninhas ergueu-se, debruçou-se da janela. Ernesto, intrigado, debruçou-se a par da mulher.

— Ah, bô! E é gente da fina. . — disse para o marido, mais intrigada do que ele na presença do sujeito de bigodes brancos, de capa á hespanhola, á frente duma senhora de chapeu de palha claro e capa côr de pinhão, entalada no aro

recurvo dumas «andilhas». que subiam o caminho a cavalo, no decalque dos passos dum guia.

— Quem serão? — interrogou o Ernesto.

— Sei lá? Não conheço.

Deixaram a janela e desceram á cosinha. Ao chegarém, a snr.ª Inacinha, dobrada em aduela, a cabeça enfarinhada no moer dos anos e dos cuidados, amparava-se a um dos netos, á porta aberta para o terreiro — emquanto o máis velho sofreava o cão. E todos, aglomerados no encaixe da porta, surprezos do grupo enigmatico que se abeirava, esperavam, emudecidos.

— Nosso-Senhor lhes dê muito boas tardes! — saudou o guia, de chapeu na mão. — Aqui é que é a quinta de Gouvães que foi do fidalgo de Provezende, não é?

— E' aqui mesmo... — respondeu Ernesto, taramelando.

O cavaleiro desmontou. E não prefaziam ainda a conta dos dêdos das mãos os passos do seu avanço no terreiro, a face da snr.ª Jnacinha iluminou-se, o seu côrpo vigorisou-se, os seus braços estenderam-se, clamando, não se sabe se com angustia se com amôr:

— Ele é o meu Duarte!

— Sou o seu Duarte! — confirmou o que vinha de fóra, desprendendo-se da capa, adeantando-se a correr, amparando-a nos braços, cingindo-a de lagrimas, cobrindo-a de beijos,

O que se seguiu, é facil de prevêr. Aninhas caíu sobre os dois com a lesta sofreguidão dalguem que fôsse a apartar uma bulha. Maria do Rosario, desmontando a custo, com o auxilio do guia, olhava atento para aquele bloco, que palpitava, que murmurava, que chilreava, e não sabia se acudir tambem, se confiar á fadiga o encargo de os separar. Ernesto, as palpebras humedecidas, o rôsto comovido, o queixo a tremer, coçava a cabeça, engulia um nó que parecia querer sufoca-lo. E os três filhos do casal, o mais velho de vinte anos, de dez anos o mais novo, admiravam aquela scena — tão sin-

gular na mecanica monotonia duma região desabitada — sem perceberem nada do que os olhos lhes mostravam, pois que, o que lhe mostravam os ouvidos, eram soluços, beijos abafados, exclamações incontidas.

— Agora... vejam a minha Maria do Rosario. Como se conserva frêsca! Nem que tivesse saído hontem da Valeira — e Duarte, tomando-lhe a mão inerte, apresentou á mãe e á irmã a sua Maria do Rosario, de cabêlos ligeiramente embranquecidos, a pele da face ainda viçosa, os olhos escuros, ainda dois sois a fulgirem em céos de pulcro esmalte, a capa de veludo a franjar em leque sob a apojadura da *tournure*.

Novos abraços, novos beijos, novas lagrimas a envolveram — menos sofregos, é bem verdade, que uma senhora sempre é uma senhora. e não poderia com a sofreguidão de ha pouco.

— E os teus filhos? O que é dêles? — interpela a snr.ª Inacinha, solta dos abraços da nóra, apenas o filho acabou de abraçar e beijar os sobrinhos.

— Ficaram no Rio. Logo lhes contarei o que ficaram a fazer, o que são, como vivem. Agora... vamos a tratar de nós.. vamos lavar-nos e comêr. Trazemos uma fome de jacarés... — E como notasse que a Aninhas e o Ernesto se entreolharam, constrangidos, acrescentou: — O' guia, depressa! Volta a verificar se veem ou não as bagagens. Trazemos de tudo.... até um pouco de alegria para esta região agora tão triste!

Antes de entrar alçou olhos carínhosos á casa, muito sua conhecida de outros tempos, como a cumprimenta-la e achou-a a mesma doutr'ora, no seu aspecto modesto. no seu andar corrido de janelas envidraçadas, á esquerda encostada ao armazem e aos lagares, assistida noite e dia pelos quatro ciprestes taciturnos que delimitam o terreiro da vinha sêca e do pomar descuidado. Entraram pela cosinha, apesar dos protestos do Ernesto. que queria abrir-lhes a porta nobre do centro. E ao poisarem pé no ultimo degrau da escada que os pôz na

antiga sala dos visitantes. mesmo antes de se desempoarem, mesmo ántes de se lavarem, vieram outra vez as preguntas, satisfizeram-se afinal as curiosidades—Duarte falou das duas filhas casadas no Rio; Maria do Rosario contou proezas dos dois filhos entregues do estabelecimento comercial do pai; um e outro explicaram a razão porque não responderam á carta em que lhe pediam colocação no Brazil.

As bagagens chegaram. O fôgo crepitou na lareira, Pelo guia mandou Duarte procurar galinhas e criadas nos povoados proximos — não queria sua mãe na cosinha, não queria sua irmã a esfalfar-se.

Depois das curiosidades ácerca dos de lá, refluiram, jorraram as noticias e os comentarios ácerca dos de cá — a morte de Frei José e da Tomazia em Lobrigos; a morte do João Caetano e do Zé da Riça na Regôa; o assassinio do Roque na Regôa, na *Feira dos Vinhos;* a resistencia da tia D. Isabel Maria, que se mantinha no solar duns parentes de Santa Marta, vivendo da mezada que recebia do Rio, e que tencionavam transferir para a velha casa de Gouvães. E esgotadas as novidades relativas á familia, foi a filoxera, a miseria do Douro, o Douro epico da abastança e do ruido, tornado Douro funebre da fome e da mudez, que se projectaram na conversa.

— Só se encontram «mortorios» por'i acima! — acentuou Ernesto, dolorido. — Não se enxergam senão «mortorios»!

— «Mortorios»? — interpelou o cunhado, sem compreender.

Aninhas esclareceu o irmão. E' que o pôvo, a chorar aquela calamidade, chamava «mortorios» ás quintas mortas. E quer não, que não 'stavam bem mortas, sem uma videira p'ra amostra. os moradores fugidos como de lôbos. Aquilo é que tinha sido uma praga! Já não havia ninguem rico por aquelas redondezas. Todos os dias, às portas dos tribunais, os leiloeiros apregoavam por cinco o que dantes valia quinhentos — e nem assim havia quem lhe pegasse.

— Pegar-lhe p'ra quê, se não valem agua? — observou Ernesto abatido.

— E o governo? O que faz o Fontes p'la região?

Ora, a governo! O que havia de fazer a tamanha desgraça? O governo não atava nem desatava. O Fontes, iam procurá-lo á Côrte, e era mais dificil falar-lhe do que a Deus Nosso-Senhor...

Duarte recordou uma conversa surpreendida na Regôa a respeito da filoxera. Ouvira dizer que o dr. Joaquim Pinheiro, de Provezende, se propunha vencer o flagelo numa das suas quintas, replantando-a de videiras importadas da America.

Maria do Rosario estremeceu, uma nevoa côr de rosa aqueceu-lhe a face — e reconstituiu, de momento, o episodio romanesco da sua fuga da Valeira, protegida pelo violino do primo Joaquim Pinheiro a suspirar e a cantar.

— Bem sei... — disse o Ernesto. — Começou a plantar, ali em Vale-de-Mendiz, umas videiras a que chama americanas. Pede por aquilo a dez moedas o milheiro. E quant'a resultado... hemos de vê-lo na arrebentação...

— Compra-se o americano! — afirmou Duarte, impondo fé ás palavras. — Havemos de experimentar, de tentar, de lutar!

Foram para a mêsa, que rescendia. E Duarte quiz noticias da Pesqueira, desde que de lá saíra. Escreviam-lhas para o Rio, lia-as no *Nacional*, mas isso não o satisfazia.

Então, como aguas de açude que se rompe, os três, a snr.ª Inacinha, Aninhas, Ernesto precipitaram-se, cheíos de novidades, umas do seu tempo na vila, outras trazidas á quinta por amigos e conhecidos.

Abriram o inventario pela «malina da colera», com a morte simultanea do pai — a snr.ª Inacinha levou o lenço aos olhos, donde brotaram lagrimas. Emparcelaram as casas fechadas, por morte dos moradores, os lances tragicos, as scenas lancinantes.

— Ah, sabes? O cirurgião Teixeira, do Lodeiro, agora é

barão dos Casais — informou Aninhas. — Deram-lhe o titulo, p'los modos, por 'môr da malina. Trabalhou como um moiro... ele, o dr. Francisco Ferreira, o dr. Julio Ferreira... que mandou deitar abaixo a igreja de S. Pedro, não sei se já sabias...

A proposito recordaram o assassinato do dr. Julio Ferreira, ao regressar da casa do Cabo, numa manhã de S. Pedro. Fôra o grito das almas em toda a vila. Duarte lamentou o camarada de Coimbra, o companheiro do batalhão patuleia, sob o comando do Vilas-Bôas, o homem que tanto se interessara pela felicidade da sua terra.

— E o naufragio do Forrester? — interpelou Maria do Rosario, comovida. — Era tão nosso amigo!

Foi Aninhas que prefaciou o relatorio do naufragio do barão de Forrester, contado por terceiros — pois a esse tempo já não estavam na Pesqueira, havia seis anos, p'ra mais, que não p'ra menos.

— Deu-se num domingo .. — acrescentou o Ernesto. — «Alembro-me» como se fosse hontem. Era dia de eleições. O Torres, marido da Ferreirinha da Regoa vinha cô'o familia da quinta do Vesuvio, onde 'stivera atratar das eleições de Fozcôa. Até me «alembro» do mez. Foi em maio. O Torres guerreava as eleições do Loulé, que tinha jurado p'la pele ao contracto dos Tabacos. Apresentou por Fozcôa, contra o Loulé, o mesmo filho do Loulé, o conde da Azambuja, casado co'a filha da Ferreirinha, sua «não filha».

Lá dessas «giga-jogas» é que não sabia nada — interrompeu Aninhas. O que sabia, isso sim, que o ouvira a quem andara no barco, é que o rio vinha de monte a monte. Só nessa semana, no cachão da Valeira, houvera p'ra mais de doze naufragios. O barco descia muito veloz. E ao chegar em frente da pedra do altar, zás, uma turra, e fôra tudo ao «pégo». O Torres ficára a «batujar» na agua, a careca de fóra. Depois agarrara-se a um barril de azeite, e assim viera a terra. O

conde de Azambuja salvara-se agarrado ás canas da armação do barco. A Ferreirinha ficára á tona do cachão, por'môr do balão da saia — usavam-se, nessa data, as saias de balão...

— Tão feias! — sublinhou Maria do Rosario.

— Feias? — interveiu a snr.ª Inacinha. — E' bonito tudo o que é moda.

Fôra o Cavacas, o barqueiro da Abrulha, e o Zé Nevoeiro, o sobrinho do Cardôso — oh, «alembravam-se»... — quem na puxara p'r'á barca. A condessa «arrigaram-na» do rio «alçapremando-a» p'los cabêlos, que ia já a modos que afogada. O Forrester, um nadador de truz, esse descera o cachão a nadar. Mas um «palheiro de agua» vem de lá, e arrima-lhe á cabeça cô'um mastro partido. E ele, tau, ao fundo... ninguem lhe puzera mais os olhos em cima. Afogara-se tambem o criado do Torres, o José Maria, e uma criada...

Comentaram o facto do cadaver do Forrester não ter aparecido mais, apezar dos mergulhadores que bateram o rio a procura-lo — o que se atribuia ao pêso dum cinto lardeado de libras, atribuindo-se ainda a um barqueiro a habilidade de o tirar da agua, de o aliviar das libras, de o sepultar em terra.

— Ah bô! — resmuneou a snr.ª Inacinha, a face amarfanhada e turva de amargura: — Quantos lá teem ficado, e mesmo sem cintos com libras não teem dado mais sinal de si!

Depois, sempre na mesma fluencia, uns querendo antepôr-se aos outros, contaram a morte do eremita do Ermo, Frei João, quando ia para Linhares em visita a alguem que ao seu amôr florira em filhos; pormenorisaram os efeitos da *sapa*, arrastando para o Douro a casa dos feitores e parte do solar, transformando o amago das hortas da Gregoria num fundo ribeiro — e as obras que reduziram o solar, e cortaram ao meio, por um caminho para o rio, o antigo terreiro; por ultimo lamentaram a ruina da casa do Cabo, vendida, como a Valeira, ao visconde de Fragozela.

— Conheço o visconde, conheço-o do Rio — acrescentou

Duarte. — E quem havia de dizer, que uma casa daquelas, tão rica que os fidalgos iam de liteira a Lisboa, em quinze dias, dormindo apenas uma vez fóra de propriedades suas, cairia assim na falencia e na derrocada!

—Já se deixa vêr... quem gasta mais do que tem, a pedir vem... — comentou a snr.ª Inacinha. — Aquilo eram bailes de reis, eram festas dia e noite, até companhias de comicos e gente de cavalos trouxeram á Pesqueira só p'ra regalo do pôvo...

— Mas, melhor gente, não torna á vila! — disse Aninhas, dolorida.—Ninguem que tivesse continuação cô'eles se arrependeu disso.

—E' o destino de todas as grandes casas de Portugal — observou Maria do Rosario. — Morrem... porque estão condenadas a morrêr,

Oito dias transcorridos, por uma tarde macia e assoalhada de dezembro, D. Isabel Maria, afogada em ondas revôltas de lã, arrumada ao braço forte de Duarte, bafejada pela alegria quente de Maria do Rosario, regressava ao perdido dominio de seus pais, á velha quinta de Gouvães.

— Olha! E parece que não me apartei daqui ha mais de uns mezes... — respirou. satisfeita, passeando a luz dos seus olhos desbotados, dum tom aguado de alga, pelo aposento que lhe destinaram para moradia.—Quando vim de Braga... foi essa a sala em que dormi...

— Ha quantos anos, tia D. Isabel Maria? — sindicou Maria do Rosario, risonha.

— Ha quantos? Faz-lhe a conta... Eu tinha... e sua Magestade Imperial o snr. D. Miguel — genuflectiu á memoria do seu rei — não me julgava nenhuma peste... Eu tinha trinta e um ou trinta e dois anos. Estive lá quando foi do cêrco do Porto acs *malhad...* — olhou Duarte, emendou: — aos liberais. Este ano é o de... — tropeçou no esquecimento

do ano, anotou: — Ai, os meus trabalhos! Até a memoria me tolheram...

— E' o ano de 1881.

— Porisso, vê lá... Mas não ha consôlo maior do que prolongar a cruz da vida no serviço do Senhor.

Em quatro anos, revolvidos a dinamite e fecundados a ferro os flancos da encosta; amansada a braveza do schisto para recebêr amoravelmente a estrangeira prometedora, a videira americana, a quinta de Gouvães ressurge, ressumando rebentos, triunfando da molestia.

Numa manhã de maio, quente e movimentada, Duarte, cobrindo sob o seu guarda sol a cabeça satisfeita do Ernesto, fiscalisa com o cunhado o trabalho da ranchada de cavadores. O calor aperta. O sol, na policromia das lages laminadas de schisto, é chumbo em fusão, oiro a derramar-se, basalto fulgurante. Toda a quinta vapora ardencias de lava — e é como se da terra a arder se ergam linguas de fôgo, que vibram no espaço em estos de tremulina, que envolvem os corpos em labaredas calcinantes. O rio, no sopé da ravina, a espreguiçar-se, largo e desafogado — assistido de montanhas de cumes boleados como seios em apojadura, de vertentes em refêgos figurando impressões digitais, colossalmente ampliadas — é uma placa de metal candente, reverberando calores de fornalha. Mas a vinha desentranha-se do solo. Dos socalcos levanta-se a graça bucolica das cepas. Dos valados mortos a vida ressuscita — parecendo uma batalha, para a conquista das eminencias sobranceiras, aquele arquejar de faina rural, semelhando uma fuzilaria rija o morder das enxadas na leiva pedregosa, lembrando um fumo de tiroteio a poeira da terra sacudida, a que ao longe, das obras da linha ferrea, respondem, como canhões de sitio, os tiros dos fraguêdos.

Duarte revê-se nessa obra de reconquista, sorri desvanecido. Na face oleosa de Ernesto espalha-se, num diluculo divino, a confiança e a fé.

Um grupo de mulheres, á frente dos cavadores, liberta as videiras dos rebentos inuteis, cata-os, lança-os no chão.

— Or'olha, ó Joana... — intima Ernesto, escrupuloso.— Não «esladroaste» bem aquela vide. — E para outra, a bocejar, a esticar os braços doridos da sólheira :—O' tu que fumas! Não ha que fazer ?

Um cavador côxo, aproveitando o momento em que uma das mulheres — uma rapariga robusta e agil — lhe fica perto, estende o braço, abarca-a pela cinta. Estruge no ar parado o reboar duma gargalhada.

As companheiras dão-se por convidadas para as bôdas proximas.

— Toma lá! — replica a rapariga numa visagem de ironia, olhos fixos no côxo. — Bem bonda se Nosso Senhor os manca na loja. Agora já mancos... nanja eu!

Moirejam resfólegando. O *rei*, á direita, largo e herculeo, cáva fundo. O *rainha*, no extremo oposto, cumpre a obrigação. E os *vassalos*, dobrados sobre a leiva, manteem regular a linha de atiradores. Ao meio dia o *rei* alça o busto atletíco, tira o chapeu, brada a plenos pulmões :

— Seja louvado Nosso Senhor Jesu-Cristo!

— P'ra sempre louvado seja! — glosa a ranchada, descoberta como o *rei*, atirando ao largo o vozeirão.

As mulheres riem e comentam. Agora, que os patrões põem hervanças e bacalhau na panela, p'r'ó pessoal aguentar o calor, a «ranchada» era o que se ouvia, a «dar o Cristo e a acção de graças». Que, quant'ao inverno, em que só havia caldo, não dizia senão :

— Ah comer!

E emquanto riem, e emquanto folgam, Ernesto sente refluir a certeza do triunfo, Duarte louva o destino que o

arrastára ao Brazil, para vir sêr, na hora propria. a providencia salvadora. E como Ernesto, ao caminharem para casa, lembrasse o dito da snr.ª Inacinha: — «Bem hajam os que porfiam, que lá lhes chegará a sua bôa hora»; e como se referisse ao contraste dos socalcos vestidos de americano, fecundados pelo dinheiro do Brazil, com as ravinas crestadas pela filoxera. engeitadas pelos fugitivos, Duarte acentuou com segurança, com energia:

— Meu amigo. Fomos nós que descobrimos a America. Fomos nós que fizemos a America. A America refaz-nos. E' justo. E' logico.

Lisboa — Sexta-feira — Junho — 1917.

Escaparam muitos erros tipograficos á revisão das provas. Não se corrige nenhum, porém, pela dificuldade de os acusar a todos — esperando da bondade do leitor a mercê de os acusar e corrigir na leitura.